

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

JESSICA DANIELLE DE CARVALHO

BISSEXUALIDADE EM PAUTA: CAMINHOS PARA PRÁTICAS JORNALÍSTICAS
MONODISSIDENTES

PONTA GROSSA
2024

JESSICA DANIELLE DE CARVALHO

BISSEXUALIDADE EM PAUTA: CAMINHOS PARA PRÁTICAS JORNALÍSTICAS
MONODISSIDENTES

Dissertação apresentada para a obtenção
do título de mestre na Universidade
Estadual de Ponta Grossa, Área de
Jornalismo

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Graziela Soares
Bianchi

PONTA GROSSA
2024

C331 Carvalho, Jessica Danielle de
Bissexualidade em pauta: caminhos para práticas jornalísticas
monodissidentes / Jessica Danielle de Carvalho. Ponta Grossa, 2024.
195 f.

Dissertação (Mestrado em Jornalismo - Área de Concentração: Processos
Jornalísticos), Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Graziela Soares Bianchi.

1. Bissexualidade. 2. Teoria - enquadramento. 3. Jornalismo - subjetividade.
4. Jornalismo decolonial. 5. Jornalismo interseccional. I. Bianchi, Graziela Soares.
II. Universidade Estadual de Ponta Grossa. Processos Jornalísticos. III.T.

CDD: 070.4

JESSICA DANIELLE DE CARVALHO

**BISSEXUALIDADE EM PAUTA: CAMINHOS PARA PRÁTICAS JORNALÍSTICAS
MONODISSIDENTES**

Dissertação apresentada para obtenção de título de mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Área de concentração: Processos de Produção Jornalística.

Ponta Grossa, 8 de maio de 2024.

Banca examinadora

Documento assinado digitalmente



GRAZIELA SOARES BIANCHI
Data: 26/02/2025 16:42:20-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora: Graziela Soares Bianchi
Doutora em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Documento assinado digitalmente



PAULA MELANI ROCHA
Data: 28/02/2025 09:22:56-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora: Paula Melani Rocha
Doutora em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Carlos
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Documento assinado digitalmente



TAMIRES FERREIRA COELHO
Data: 26/02/2025 23:51:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Professora: Tamires Ferreira Coêlho
Doutora em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais
Universidade Federal do Mato Grosso

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Declaração de Compromisso Ético com a Originalidade Científico-Intelectual

Eu, Jessica Danielle de Carvalho, responsabilizo-me pela redação do trabalho intitulado “BISSEXUALIDADE EM PAUTA: CAMINHOS PARA PRÁTICAS JORNALÍSTICAS MONODISSIDENTES “, atestando que todos os trechos que tenham sido transcritos de outros documentos (publicados ou não) e que não sejam de minha exclusiva autoria estão citados entre aspas, com a devida indicação da fonte (autor e data) e a página de que foram extraídos (se transcritos literalmente), ou somente indicados autor e data (se utilizada a ideia do autor citado), conforme normas e padrões da ABNT vigentes. Declaro, ainda, ter pleno conhecimento de que posso ser responsabilizada legalmente caso infrinja tais disposições.

Ponta Grossa, 8 de maio de 2024

 Documento assinado digitalmente
JESSICA DANIELLE DE CARVALHO
Data: 11/03/2025 11:48:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Jessica Danielle de Carvalho
R.A 3100121011018

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Graziela Soares Bianchi, cuja parceria é, para mim, uma escola de humanidade. Como mulher neurodivergente e terceiromundista, foi um desafio imenso conciliar a academia com os trabalhos remunerados e ainda encontrar força para colocar as minhas ideias no mundo. Não fosse pela guiança sensível dessa professora, que se mostrou capaz de ver além do tempo das instituições, este trabalho não teria sido possível.

Agradeço à Ingrid Stein Fernández da Silva, a quem eu conheci no tempo desta dissertação e me deu o apoio emocional e burocrático necessário durante esta caminhada.

Agradeço às professoras Paula Melani Rocha, Cíntia Xavier e Tamires Coêlho, que estiveram na minha banca de qualificação e me motivaram a encontrar bons caminhos.

Agradeço a Ana Paula Mendes, Fernanda Coelho, Vitória Régia da Silva, Dani Vas, Inácio Saldanha, Letícia Lujan, Nick Nagari, Elizabeth Sara Lewis, Catarina Lopes Oliveira e Talitta Cancio, que compartilharam conosco suas reflexões sobre a bissexualidade.

Agradeço à Frente Bissexual Brasileira e à Rede Brasileira de Estudos sobre Bissexualidade e Monodissidência por serem espaços de acolhimento e construção coletiva.

Agradeço a Ananda Paganucci, Aline Kubrak e Eli Rosa, que participaram da feitura deste trabalho, mas, sobretudo, são amores que me acompanham em diferentes etapas da vida.

Agradeço, em especial, às jornalistas Márcia Veiga da Silva e Fabiana Moraes, que me inspiram a fazer do jornalismo e da pesquisa ofícios críticos e amorosos ao mesmo tempo.

Não se trata de criar um fato;
se trata, antes, de fazer esse fato emergir
a partir da desnaturalização das coisas.

Fabiana Moraes
A pauta é uma arma de combate

RESUMO

Nesta dissertação, mobilizamos pesquisadores e pesquisadoras como Marília Moschkovich (2022), Julia Shaw (2023) e Inácio Saldanha (2023) para compreender a bissexualidade como identidade sexual completa e legítima, além de conhecer o histórico do movimento bissexual brasileiro. Em seguida, refletimos sobre como as vivências bissexuais são enquadradas pelo jornalismo brasileiro, a partir de autores e autoras como Gaye Tuchman (2016), Teresa Sádaba (2008), Márcia Veiga da Silva (2010, 2019) e Fabiana Moraes (2019, 2022). Visando propor caminhos para que a imprensa brasileira promova enquadramentos afirmativos sobre a comunidade bi, dialogamos, por meio de entrevistas semiestruturadas, com seis pessoas que atuam no movimento bissexual brasileiro. Por fim, consolidamos o conhecimento acumulado ao longo desta pesquisa em um material propositivo: um Guia de boas práticas para coberturas jornalísticas sobre bissexualidade, produto apresentado ao longo deste trabalho.

Palavras-chave: Bissexualidade. Teoria do enquadramento. Jornalismo de subjetividade. Jornalismo decolonial. Jornalismo interseccional.

ABSTRACT

In this work, we mobilized researchers such as Marília Moschkovich (2022), Julia Shaw (2023) and Inácio Saldanha (2023) to understand bisexuality as a complete and legitimate sexual identity, in addition to learning about the history of the Brazilian bisexual movement. We then reflect on how bisexual experiences are framed by Brazilian journalism, based on authors such as Gaye Tuchman (2016), Teresa Sádaba (2008), Márcia Veiga da Silva (2010, 2019) and Fabiana Moraes (2019, 2022). Aiming to propose ways for the Brazilian press to promote affirmative framings about the bi community, we dialogued, through semi-structured interviews, with six people who work in the Brazilian bisexual movement. Finally, we consolidated the knowledge accumulated over the course of this research into propositional material: a Guide to good practices for journalistic coverage of bisexuality, a product presented in the appendices of this work.

Keywords: Bisexuality. Framing theory. Subjectivity journalism. Decolonial journalism. Intersectional journalism.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1: Grandes áreas.....	48
TABELA 2: Trabalhos em comunicação.....	49
TABELA 3: Entrevistados.....	52
TABELA 4: Manchetes.....	53
TABELA 5: Primeiro questionário semiestruturado formulado para a pesquisa.....	54
TABELA 6: Mapeamento de boas práticas, categoria pauta.....	93
TABELA 7: Mapeamento de boas práticas, categoria apuração.....	94
TABELA 8: Mapeamento de boas práticas, categoria fontes.....	96
TABELA 9: Mapeamento de boas práticas, categoria enquadramento.....	98
TABELA 10: Mapeamento de boas práticas, categoria termos.....	99
TABELA 11: Mapeamento de boas práticas, categoria divulgação.....	100

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 OBJETIVOS.....	16
1.1.1 Objetivo geral.....	16
1.1.2 Objetivos específicos.....	16
2 GÊNERO, SEXUALIDADE E BISSEXUALIDADE.....	17
2.1 GÊNERO E SEXUALIDADE.....	17
2.2 BISSEXUALIDADE.....	24
2.3 BIFOBIA E MONOSSEXISMO.....	29
3 JORNALISMO DECOLONIAL, INTERSECCIONAL E SUBJETIVO.....	34
3.1 JORNALISMO E ENQUADRAMENTO.....	34
3.2 JORNALISMO DE SUBJETIVIDADE.....	37
3.3 JORNALISMO DECOLONIAL E INTERSECCIONAL.....	42
4 METODOLOGIA.....	46
4.1 ENTREVISTAS.....	51
5 DIÁLOGOS.....	57
5.1 ENTREVISTA #1: INÁCIO SALDANHA.....	57
5.2 ENTREVISTA #2: DANI VAS.....	64
5.3 ENTREVISTA #3: FERNANDA COELHO.....	70
5.4 ENTREVISTA #4: VITÓRIA RÉGIA DA SILVA.....	77
5.5 ENTREVISTA #5: LETÍCIA LUJAN.....	85
5.6 ENTREVISTA #6: ANA PAULA MENDES.....	88
5.7 BÔNUS: SENABI.....	91
5.8 BOAS PRÁTICAS.....	93
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	101
REFERÊNCIAS.....	104
GLOSSÁRIO.....	111
APÊNDICE A - GUIA DE BOAS PRÁTICAS PARA COBERTURAS JORNALÍSTICAS SOBRE BISSEXUALIDADE.....	114
APÊNDICE B - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO GOOGLE, 2022....	134
APÊNDICE C - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO GOOGLE, 2023....	141
APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA CAPES, 2022.....	144
ANEXO A - AUTORIZAÇÃO PADRÃO ASSINADA PELOS ENTREVISTADOS.....	181
ANEXO B - REPORTAGENS MENCIONADAS NO CAPÍTULO 5.....	182

1 INTRODUÇÃO

Em 2022, a GLAAD (2022), sigla para Aliança Gay e Lésbica Contra Difamação, divulgou a 18ª edição de seu tradicional relatório anual sobre a representação da comunidade LGBTQ+ na produção audiovisual americana, intitulado “Onde estamos na TV”, em tradução livre. Ao investigar as principais séries originais de entretenimento que estrearam entre 1º de junho de 2021 e 31 de maio de 2022, nos canais abertos, a cabo ou plataformas de conteúdo on-line, o instituto descobriu que personagens bissexuais representavam 29% dos personagens LGBTQ que figuram nessas produções, número que não representa a realidade fora das telas. De acordo com o The Williams Institute (Gates, 2011), da Universidade da Califórnia, pessoas bissexuais compõem 52% da comunidade LGB mundial. Um estudo mais recente, da Gallup, aponta que esse número cresceu para 55% em 2021 (GALLUP *apud* GLAAD, 2022).

Em reflexão sobre esses dados, o relatório da GLAAD menciona os impactos que a sub-representação de pessoas bissexuais, seja no entretenimento ou no jornalismo, produz. “Essa invisibilidade, junto com mal-entendidos fundamentais ao retratar personagens bi+, prejudica a forma como a sociedade em geral entende a bissexualidade e contribui para a hesitação que as pessoas bi+ podem sentir em se assumir para familiares e amigos” (GLAAD, 2022, p. 34, tradução nossa¹). Dados produzidos pela própria organização revelam que pessoas bi+ são as que menos “saem do armário”²: apenas 28% dessa população assume publicamente sua identidade sexual, contra 77% dos gays e 71% das lésbicas.

Assim, na visão da GLAAD, criadores de conteúdo audiovisual de entretenimento têm nas mãos a oportunidade de oferecer ao público uma variedade maior de histórias de pessoas bi+, ajudando a audiência a desmistificar essa população e construindo sociedades mais seguras para esse grupo. No entanto, boa parte das produções ainda trata pessoas bi+ de maneira estigmatizante, reproduzindo clichês bifóbicos. O relatório traz alguns exemplos:

- Tratar a atração de um personagem por mais de um gênero como um dispositivo de enredo temporário que se move um episódio ou uma sequência curta de episódios adiante e então nunca é referenciado novamente.

¹ Do original: “This invisibility coupled with fundamental misunderstandings when portraying bi+ characters undermine how the wider society understands bisexuality and contributes to the hesitance which bi+ people may feel in coming out to family and friends” (GLAAD, 2022, p. 34).

² Durante o nosso percurso de pesquisa, nos deparamos com o termo “sair do armário” várias vezes – ele apareceu em pesquisas e obras citadas, além de estar presente nas entrevistas que veremos adiante, na fase empírica deste trabalho. Portanto, consideramos importante oferecer uma reflexão crítica sobre esse armário a partir da perspectiva de Pedro Augusto Elias Cardoso Pereira (2022), que problematiza o sentido de sujeição que a expressão popularmente carrega consigo, destacando que ela não se resume à ideia ocidental e cristã de confissão. Sair do armário, para o autor, é um processo de elaboração crítica da própria subjetividade, da própria identidade, servindo à descolonização do eu. Além disso, “sair do armário” não se resume a um momento específico. Este é um processo contínuo atravessado, sobretudo, pela violência LGBTfóbica.

- Personagens bissexuais+ cujas identidades são tratadas como inválidas por seus parceiros românticos, uma trama que surgiu particularmente em torno de homens bi+ que namoraram mulheres nos últimos anos.
- Descrever personagens bissexuais+ como inerentemente indignos de confiança, adúlteros, intriguentos, obsessivos ou como tendo comportamentos autodestrutivos.
- Representar personagens ou relacionamentos bissexuais+ como transacionais, a serviço de obter algum benefício ou informações, e não por interesse genuíno.
- Apagamento bi, incluindo personagens bi e histórias que nunca são explicitamente rotulados ou discutidos como bissexuais. Enquanto algumas pessoas preferem não usar um rótulo, o número descomunal de personagens bi+ que nunca chegam a possuir sua própria história ou usar uma palavra específica para si mesmos (seja bi, pansexual, queer, fluido ou outro) é um problema antigo na mídia (GLAAD, 2022, p. 34, tradução nossa³).

No Brasil, o IBGE investigou a orientação sexual da população brasileira, em caráter experimental, pela primeira vez em 2022. A partir de dados coletados em 2019, o instituto estima que 2,9 milhões de adultos se autodeclararam homossexuais ou bissexuais no país, número que representa 1,8% da população adulta maior de 18 anos. Um recorte de 0,7% dessa população se autodeclara bissexual (IBGE, 2022). Porém, o próprio instituto de pesquisa admite que os resultados podem estar subnotificados, mencionando o estigma e o preconceito como fatores capazes de fazer com que as pessoas não se sintam seguras em fazer sua autodeclaração de orientação sexual no Brasil (Poder 360, 2022).

Não são realizados estudos similares ao da GLAAD em território nacional, no entanto, como mulher bissexual nascida no Brasil dos anos 1990, o que posso dizer é que cresci com pouca referência. A primeira vez que me lembro de ter visto uma personagem bissexual na televisão foi em 2003, com a estreia da novela *Celebridade*⁴. O enredo contava a história de Laura (Cláudia Abreu), que se relacionava com Renato (Fábio Assunção), mas a certa altura também se envolvia com Dora (Renata Sorrah), só que de maneira instrumental, a fim de

³ Do original: “• Treating a character’s attraction to more than one gender as a temporary plot device which moves an episode or short run of episodes forward and then is never referenced again.

• Bisexual+ characters whose identities are treated as invalid by their romantic partners, a plot which has cropped up particularly around bi+ men who date women in recent years.

• Depicting bisexual+ characters as inherently untrustworthy, adulterous, scheming, obsessive, or as having self-destructive behaviors.

• Portraying bisexual+ characters or relationships as transactional in service of gaining some benefit or information, rather than out of genuine interest.

• Bi erasure, including bi characters and stories which are never explicitly labelled or discussed as bisexual. While some people do prefer not to use a label, the outsized number of bi+ characters who never get to own their own story or use a specific word for themselves (whether it be bi, pansexual, queer, fluid, or another) is a longrunning problem in media” (GLAAD, 2022, p. 34).

⁴ *Celebridade* é uma telenovela brasileira produzida pela TV Globo e exibida de 13 de outubro de 2003 a 26 de junho de 2004, em 221 capítulos, sendo a 64ª "novela das oito" exibida pela emissora. “Escrita por Gilberto Braga, com a colaboração de Marília Garcia, teve a co-autoria de Leonor Bassères, Sérgio Marques, Márcia Prates, Maria Helena Nascimento, Denise Bandeira e Ângela Chaves; com o falecimento de Leonor Bassères, Ricardo Linhares passou a integrar a equipe de roteiristas da novela. A direção foi de Amora Mautner e Vinícius Coimbra, com direção geral de Marcos Schechtman e Dennis Carvalho, também diretor de núcleo” (*Celebridade* (telenovela), WIKIPÉDIA, disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Celebridade_\(telenovela\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Celebridade_(telenovela))).

roubar de Maria Clara (Malu Mader) um importante contrato. Hoje percebo como esse enredo reproduz bifobia, reforçando a ideia de que a bissexualidade da personagem é perversa e movida por interesses. Uma fase de transição, e não um afeto/desejo genuíno.

De modo geral, me vejo inserida em uma cultura monossexista que empurra identidades como a minha para o fosso da invisibilidade e da estigmatização. Eu mesma só pude compreender minha identidade sexual na vida adulta, em um processo totalmente entrelaçado com o exercício da minha profissão. Como jornalista, tive a sorte de poder pautar a bissexualidade em veículos independentes e afeitos a um jornalismo diverso, a exemplo do Jornal Plural⁵, do Portal Catarinas⁶ e da Agência Diadorim⁷. (Chamo de sorte porque, como veremos adiante, os enquadramentos afirmativos sobre bissexualidade são escassos nos portais jornalísticos brasileiros).

Embora inicialmente não tivesse a intenção de trazer a bissexualidade também para o centro da minha pesquisa acadêmica, enquanto percorria os módulos que compõem o Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, comecei a questionar o tratamento dado pela imprensa a essa pauta e não encontrei respostas satisfatórias em trabalhos e artigos já publicados no campo do jornalismo. Mais uma vez, o que encontrei foi uma lacuna. Então, como resposta, comecei a produzir ciência sobre jornalismo e bissexualidade. O meu primeiro experimento foi um artigo intitulado “Bissexualidade existe?: monossexismo e bifobia no jornalismo”, entregue à disciplina de Metodologia de Pesquisa. O trabalho tinha como proposta analisar reportagens publicadas pelo Universo UOL⁸ e discutir o tratamento dado à bissexualidade dentro do portal, costurando diálogos entre teóricos *queer*, pesquisadores decoloniais, Bourdieu (2004) e seu conceito de *habitus*, além das brasileiras Fabiana Moraes (2019) e Márcia Veiga da Silva (2010, 2019), que inauguraram o jornalismo de subjetividade como conceito epistemológico.

Na ocasião, ficou demonstrado que mesmo se propondo a trazer pautas como gênero e sexualidade para o noticiário, o Universo UOL opera com escassez de conteúdos voltados para a representação das bissexualidades – e quando o tema é pautado, os conteúdos são produzidos sob uma lente monossexual e reverberam bifobia, herança colonial incorporada ao

⁵ Jornal independente de Curitiba (PR) criado em 2019, “cuja principal preocupação é o interesse público, o desejo de que o cidadão possa tomar decisões informadas e o apego à precisão e aos fatos” (Quem Somos, PLURAL, disponível em: <https://www.plural.jor.br/quem-somos/>).

⁶ Jornal independente e feminista criado em 2016, em Florianópolis, Santa Catarina (Nossa história, CATARINAS, disponível em: <https://catarinas.info/nossa-historia/>).

⁷ A Diadorim é uma agência de jornalismo independente, sem fins lucrativos, engajada na promoção dos direitos da população LGBTQIA+. (Quem somos, DIADORIM, disponível em: <https://adiadorim.org/quem-somos/>).

⁸ Plataforma “feminina” lançada pelo UOL, “maior empresa brasileira de conteúdo, tecnologia, serviços e meios de pagamentos digitais”, em 2018. Universo nasceu para substituir o UOL Estilo “com a missão de ser referência de jornalismo e conteúdo para as mulheres brasileiras” (UOL, 2018).

habitus da redação. Nas considerações finais, a proposta de um jornalismo de subjetividade que rompe com as noções de neutralidade e universalidade, preconizando a humanização que nos foi negada pela ciência positivista – fonte de onde bebe o jornalismo hegemônico –, foi apontado como caminho possível para uma prática jornalística anti-bifobia.

Em seguida, produzi o artigo intitulado “Os enquadramentos da bissexualidade no jornalismo”, apresentado à disciplina de Teorias do Jornalismo. O estudo toma como ponto de partida a teoria do enquadramento e traz uma breve coleta empírica para ilustrar a discussão: conteúdos publicados em portais jornalísticos que fazem menção direta ou indireta às identidades sexuais de Lucas Penteado e Marcela Mc Gowan – ambos ex-participantes bissexuais do Big Brother Brasil⁹ –, denotaram, mais uma vez, uma tendência à composição de quadros monossexistas, pois apesar de se posicionarem publicamente como bissexuais, ambos são chamados pela imprensa de gay e lésbica, respectivamente.

Dessas produções, ficou a vontade de aprofundar o tema dentro dos estudos em jornalismo, dialogando com o público que é diretamente afetado pelos enquadramentos jornalísticos da bissexualidade (ou a ausência deles): as pessoas bissexuais. A escuta e o diálogo me pareceram premissas fundamentais para esta investigação, e para além de problematizar, eu também queria ser propositiva. Foi quando tive a ideia de criar um material de consulta para jornalistas, com o objetivo de colaborar para a construção de um jornalismo mais plural, diverso e respeitoso com as sexualidades em dissidência¹⁰ no Brasil.

Nesta dissertação, apresentamos as raízes dos conceitos de gênero e sexualidade e de que formas eles estão interligados. No capítulo 2, “Gênero, sexualidade e bissexualidade”, a partir de autores e autoras contemporâneos como Judith Butler (2015, 2018) e Paul Preciado (2019), entre outros nomes que fizeram história nas ciências sociais, a exemplo de Simone de Beauvoir (1967), Pierre Bourdieu (2004) e Silvia Federici (2017), investigamos a violência patriarcal que relega mulheres e corpos em dissidência à subalternidade desde a antiguidade, ideia que foi reforçada pela ciência ao longo dos séculos, resultando no discurso cisheteronormativo que segue vivo na ciência e produz inúmeras violências de gênero e sexualidade até os dias de hoje, como é o caso da bifobia. Em seguida, tratamos especificamente da bissexualidade, fazendo um breve resgate histórico do termo. A definição

⁹ Big Brother Brasil (BBB) é a versão brasileira do reality show Big Brother, produzido e exibido pela TV Globo. Sua primeira edição iniciou em 29 de janeiro de 2002 (Big Brother Brasil, Wikipedia, disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Big_Brother_Brasil).

¹⁰ Durante o processo de qualificação desta dissertação, a professora doutora Tamires Ferreira Coêlho questionou o uso do termo “dissidências”, argumentando que ele poderia servir à cristalização do discurso da diferença. Por entender que não estamos descolonizados, como sugere Ochy Curiel (Rinque et al, 2023), optei pelo uso do termo “em dissidência”. A diferença está marcada no momento presente, mas essa lógica pode ser transformada.

de bissexualidade que melhor nos contempla é contemporânea, construída pelo movimento bissexual brasileiro: a de que a bissexualidade é uma identidade sexual¹¹ legítima, completa e não binária, ou seja, para pessoas bissexuais, o gênero não é um fator determinante da atração afetivo-sexual. A partir dessa perspectiva – comungada por Marília Moschkovich (2022), Inácio Saldanha (2023), Dani Vas (2020) e Julia Shaw (2023) –, discutimos os preconceitos que atravessam essa população e resgatamos os caminhos do movimento bissexual brasileiro.

Para falar do jornalismo e seu papel social, no capítulo 3, intitulado “Jornalismo decolonial, interseccional e subjetivo”, trazemos teóricos do enquadramento como Gaye Tuchman (2016), Teresa Sádaba (2008) e Erving Goffman (2012), que debatem os enquadramentos de mundo criados pelos jornalistas e de que forma eles impactam no seu entorno. Depois, combinamos as perspectivas de Márcia Veiga da Silva (2010, 2019) e Fabiana Moraes (2019, 2022), pesquisadoras brasileiras que reivindicam o jornalismo de subjetividade como ferramenta para a construção de um jornalismo pautado pela justiça social. Por fim, delineamos os conceitos de jornalismo decolonial e interseccional, indispensáveis a uma prática jornalística insurgente, que enquadre afirmativamente a bissexualidade. Para isso, acionamos autores como Afonso de Albuquerque (2022), Dayana K. Melo da Silva e Carlos Eduardo Souza Aguiar (2023).

No capítulo 4, “Metodologia”, empreendemos uma pesquisa exploratória no Google, principal buscador utilizado pelos brasileiros (Ivo, 2022), em busca de obter um panorama preliminar do tratamento dado pela imprensa brasileira à bissexualidade. Em 2022, pesquisamos palavras-chave como “bissexualidade” e “bissexuais” no buscador principal do Google e organizamos os resultados em quatro categorias: explicativo (26 resultados), pesquisa (27 resultados), celebridades (10 resultados) e entretenimento (3 resultados). Nos deparamos com a alta incidência de textos publicados no dia 23 de setembro (12 resultados), data sazonal dedicada à visibilidade bissexual, e de conteúdos veiculados em junho (8 resultados), mês do orgulho LGBTI+, além dos muitos textos relacionados a uma única pesquisa do IBGE. Mas o que mais nos chamou a atenção foi o número de textos explicativos sobre bissexualidade. Esta amostra denota que o tema é pautado pelo agendamento e os conteúdos geralmente são carregados de discussões superficiais e exotificantes.

Em 2023, repetimos a pesquisa exploratória nos mesmos moldes e os achados foram similares, com exceção dos textos classificados como “pesquisa”, que caíram de 24 para 4, já

¹¹ Neste trabalho citamos várias vezes o termo “identidade sexual” por entender que a orientação sexual de um indivíduo também pode constituir uma camada de sua identidade. “Se compreende por identidade sexual a maneira como uma pessoa compreende a si mesma em termos de por qual gênero se é sexualmente e romanticamente atraída” (Freitas, p. 2, 2022).

que o buscador principal do Google deixou de priorizar o estudo do IBGE – em 2022, ele apareceu em 24 resultados, e em 2023, ele apareceu apenas uma vez durante a busca.

A fim de obter um panorama similar no campo da produção científica, buscamos os mesmos termos-chave no portal da CAPES, em 2022, e tabelamos os trabalhos que apareceram como resultado. A busca deu origem a uma base de dados com 318 trabalhos catalogados, sendo que 101 são pesquisas que focam especificamente na bissexualidade e/ou em pessoas bissexuais, ou seja, 31,7% do total – e nenhuma delas foi realizada dentro de um Programa de Pós-graduação em Jornalismo, o que testemunha a urgência desta dissertação. Embora existam dissertações no campo da comunicação que abordem a bissexualidade como fenômeno de pesquisa, nenhuma se propõe a articular processos e práticas jornalísticas.

As últimas etapas desta pesquisa consistiram em selecionar, dentro da amostra coletada por meio da pesquisa exploratória que realizamos no buscador principal do Google, três reportagens publicadas em portais jornalísticos pertencentes à mídia hegemônica. São eles: CNN, Estadão e IG. Em seguida, saímos em busca de seis pessoas que participam do movimento bissexual organizado e/ou pesquisam a bissexualidade no âmbito acadêmico, levando em conta critérios como localização geográfica (encontramos representantes das cinco regiões brasileiras), raça/cor e identidade de gênero – o nosso objetivo era tornar esse momento o mais rico e diverso possível dentro das limitações de tempo e espaço que o mestrado impõe. As pessoas selecionadas foram entrevistadas a partir de questionários semiestruturados, em videochamadas que duraram, em média, uma hora cada. Durante os diálogos quisemos conhecer as interseccionalidades que perpassam cada vivência e depois falamos de jornalismo e bissexualidade, instigando essas pessoas a analisarem os três conteúdos previamente selecionados, que enviamos a elas antes das entrevistas, para que pudessem ler e refletir com calma. Também aproveitamos para colher suas impressões sobre a maneira como a bissexualidade é enquadrada pelo jornalismo brasileiro de modo geral. As contribuições extraídas das entrevistas foram analisadas no capítulo 5, “Diálogos”.

Como resultado desta pesquisa, oferecemos um Guia de boas práticas para coberturas jornalísticas sobre bissexualidade, material apresentado nos apêndices. Este manual foi escrito de maneira acessível e concisa e oferece ferramentas para jornalistas repensarem suas práticas profissionais, visando a construção de enquadramentos afirmativos sobre bissexualidade. O guia contém a definição atualizada do que é bissexualidade, explica como opera a bifobia, traz boas práticas para a cobertura jornalística e sugestões de fontes, além de um glossário.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

- Analisar de que forma as bissexualidades são retratadas pelo jornalismo brasileiro, observando, a partir do diálogo com o público (pessoas bissexuais), quais são os pontos fortes da cobertura, lacunas, equívocos e preconceitos, a fim de sugerir um manual de boas práticas para coberturas jornalísticas relacionadas ao tema.

1.1.2 Objetivos específicos

- Conhecer a percepção das pessoas bissexuais a respeito da maneira como essa identidade sexual é retratada pelos jornais brasileiros e de que formas – diretas e indiretas – elas se sentem afetadas pelo noticiário on-line.
- Compreender quais práticas jornalísticas são bifóbicas e/ou monossexistas e quais seriam as melhorias sugeridas pelo grupo para a construção de um jornalismo mais inclusivo.
- Observar em quais circunstâncias a bissexualidade entra em pauta nos portais jornalísticos brasileiros e que tipo de discussão é pautada pelos veículos.

2 GÊNERO, SEXUALIDADE E BISSEXUALIDADE

Por muito tempo a história da humanidade foi contada a partir de uma perspectiva masculina, cisheteronormativa e pretensamente universal. As críticas à diferença entre os sexos começaram a ser tecidas somente na modernidade, após a ascensão do movimento feminista, que denuncia a opressão patriarcal e produz conhecimento “formal” desde o fim do século XIX, como veremos neste capítulo. Nas próximas páginas, iremos nos debruçar sobre os estudos de gênero e sexualidade, discussões que foram tratadas como interdependentes ao longo da história, compreendendo que há pelo menos cinco discursos normatizadores a serem observados nesse processo: o grego, o judaico-cristão, o biológico, o psicanalítico e o jurídico.

Depois, traçaremos as perspectivas modernas e contemporâneas de gênero e sexualidade, bebendo das obras de Judith Butler (2015, 2018), Paul Preciado (2019), entre outros(as) teóricos(as). Por fim, vamos nos aproximar da bissexualidade, mergulhando em sua construção histórica e os desdobramentos no contexto brasileiro, a partir de Marília Moschkovich (2022), Inácio Saldanha (2023) e Dani Vas (2020).

2.1 GÊNERO E SEXUALIDADE

Ao buscarmos na história ocidental a construção inicial do discurso da diferença entre os sexos, chegamos à antiguidade, com o pensamento médico/filosófico grego, que atribuía às mulheres uma “debilidade” natural e congênita que legitimaria sua sujeição.

Aristóteles, ao analisar a diferença entre machos e fêmeas no mundo animal, ao tomar como objeto de análise o homem e a mulher, transforma diferença em desigualdade. Segundo ele, entre outras tantas diferenças, a mulher possui um cérebro menor que o homem e como todo ser inferior, morre antes. Platão inaugura a “natureza feminina” que é apresentada como uma evidência dada. O primeiro desvio é o nascimento de uma fêmea. Para Hipócrates a matriz (útero) que circula no corpo da mulher é a sede dos problemas, centro de doenças femininas. A mulher é uma eterna doente (Colling, 2004, p. 33).

Em *Problemata*, texto atribuído a Aristóteles, o autor sugere que os homens seriam quentes e secos, enquanto as mulheres seriam, binariamente e antagonicamente, frias e úmidas. Por conta de sua natureza seca, os homens teriam a capacidade de “resistir com mais sucesso à violência do eros (amor erótico), tendo em vista que este teria um efeito mais suave e liquefeito” (Bernardino, 2021, n.p.). Já nas mulheres o calor se alocaria internamente, especialmente no coração e no fígado, resultando em uma maior propensão às paixões. Em decorrência dessa ideia, havia a crença de que as mulheres seriam impulsivas e incapazes de manter o equilíbrio, e por conta disso deveriam se tornar alvos de desconfiança masculina.

A subalternização feminina também se dava por meio da sexualidade. Eram as distinções sociais que determinavam de que maneira as mulheres serviriam aos homens, e a necessidade de tais designações torna evidente que elas não constituíam o grupo hegemônico.

Segundo Demóstenes, influente orador ateniense, seguindo ainda uma retórica masculina, certas mulheres, *etairoi*, serviriam para o deleite (intelectual) masculino nos banquetes, já outras, as escravas, para as necessidades sexuais, e as *gyne*, isto é, mulheres casadas com filhos, tinham a atribuição de administrar o *oikos*, chefiado pelo *kyrios* (senhor), ou o homem da casa. Além dessas, também pode-se mencionar a *kore*, ou menina ainda não casada, nem ao menos noiva, e a *nimphe*, ou ninfa, jovem mulher que está prestes a se casar, ou já se casou, mas ainda não tem filhos (Bernardino, 2021, n.p.).

Nos primeiros séculos depois de Cristo, com o surgimento do discurso judaico-cristão e seu famoso mito da criação, que corrobora a ideia de sujeição propagada pelos gregos, a mulher passou a ser vista como parte do homem e como única responsável pela expulsão da humanidade do paraíso, resultando em uma estigmatização do feminino viva no imaginário coletivo até a contemporaneidade. O matrimônio e a maternidade como vocações femininas também fazem parte da mitologia cristã, bem como a virtude pela recusa da carne, que transforma em pecado a sexualidade feminina (Perrot *apud* Colling, 2004, p. 33).

Quando o cristianismo se tornou a religião estatal de Roma, no século IV, o clero “reconheceu o poder que o desejo sexual conferia às mulheres sobre os homens e tentou persistentemente exorcizá-lo, identificando o sagrado com a prática de evitar as mulheres e o sexo” (Condren *apud* Federici, 2017, p. 80). Nos séculos seguintes, foram construídos os manuais penitenciais, que ofereciam um verdadeiro catecismo sexual à população, prescrevendo posições sexuais proibidas e com quem era permitido fazer sexo.

A supervisão sexual se agravou no século XII, e aqui destacamos o terceiro Concílio de Latrão, de 1179, quando a igreja intensificou seus ataques à “sodomia”, dirigindo-os especialmente aos homossexuais e ao “sexo não procriador”, condenando, pela primeira vez, a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo. “Com a adoção desta legislação repressiva, a sexualidade foi completamente politizada” (Boswell *apud* Federici, 2017, p. 82).

Em meados do século XV, também a bruxaria passou a ser considerada ameaça para a Igreja, e assim ocorreram os primeiros julgamentos de bruxas na Itália, na Suíça, na Alemanha e no sul da França. A feitiçaria foi declarada como heresia e crime máximo contra Deus, contra a Natureza e contra o Estado (Monter *apud* Federici, 2017, p. 296).

Na perspectiva de Federici, não há dúvidas de que a caça às bruxas na Europa foi um ataque às mulheres “em virtude de sua sexualidade, de seu controle sobre a reprodução e sua capacidade de cura” (2017, p. 305-306), tornando-se marco de uma nova ordem patriarcal,

onde os corpos das mulheres, seu trabalho e poderes sexuais e reprodutivos foram colocados sob o controle do Estado e transformados em recursos econômicos.

A história de Marie le Marcis, que escandalizou a França no século XVII, é ilustrativa das dinâmicas de poder da época. Marie, que foi criada como menina, se apaixonou por sua empregada e mostrou a ela que tinha um pênis, logo, deveria ser reconhecida como homem. No entanto, ao tentar se casar com a mulher por quem havia se apaixonado, Marie foi condenada pelo crime de sodomia. Quem a salvou de ser queimada na fogueira foi o Dr. Jacques Duval, que ao examiná-la, esfregou seu “órgão sexual” até que dele saísse um “sêmen espesso masculino”, provando que se tratava de um pênis. Com esse novo achado, o tribunal determinou que ela seguisse usando roupas femininas até os 25 anos e não se relacionasse sexualmente com ninguém até lá.

Apesar da óbvia preocupação da corte com órgãos, a questão central era se alguém que não nasceu para uma situação mais elevada, alguém que viveu a vida toda como mulher, tinha o necessário para desempenhar legitimamente o papel de homem e, em termos mais gerais, se a “pessoa” tinha direito a um certo lugar na ordem social (Laqueur, 2001, p. 172).

Nos interessa olhar em retrospecto para a maneira como o cristianismo influenciou as percepções sobre gênero e sexualidade na Europa porque a partir do século XV os países do hemisfério norte colonizaram os países do hemisfério sul, deixando um rastro de violência: “(...) a América não era uma entidade existente para ser descoberta. Foi inventada, mapeada, apropriada e explorada sob a bandeira da missão cristã” (Mignolo, 2017, p. 4).

No Brasil, a colonização portuguesa ocorreu entre os séculos XV e XVIII, quando munidos de uma lógica de superioridade, os colonizadores se apropriaram de territórios já habitados pelos povos indígenas brasileiros e impuseram suas normas sociais. Assim, a matriz colonial de poder ficou engendrada em nossa cultura. Mignolo (2016) enumera alguns “nós histórico-estruturais” resultantes desse processo, dos quais destacamos três: o racial, que privilegia o padrão estético europeu; o de gênero/sexo, que autoriza violências patriarcais; e o epistêmico, que universalizou o conhecimento ocidental (Ibidem p. 11).

Mais tarde, entre os séculos XVIII e XIX, surgiram correntes científicas como a neurobiologia, a neuropsicologia, a sociologia genética e o darwinismo social, que delegam aos “aspectos biológicos inatos a primazia pelas definições das características psicológicas e subjetivas dos indivíduos” (Roudinesco *apud* Tilio, 2014, p. 128). Ou seja, entendem que dos sexos biológicos macho/fêmea decorrem os gêneros masculino/feminino, e que corpos natural, biológica e anatomicamente diferentes carregam consigo características psicológicas, sociais e

comportamentais distintas. O sexo biológico, na visão do médico legista francês Ambroise Tardieu, era "pura questão de fato, que pode e deve ser solucionada pelo exame anatômico e fisiológico da pessoa em questão" (Tardieu *apud* Laqueur, 2001, p. 172).

O resultado da chamada diferença biológica dos sexos foi o reforço dos papéis de gênero e de vivência da sexualidade: esperava-se que pessoas com vagina fossem mulheres cisheterossexuais e pessoas com pênis fossem homens cisheterossexuais.

A partir do século XIX, a expressão carne utilizada pelos teólogos passou a ser substituída para a recém-criada expressão sexualidade, compreendida como um regime de saber e poder sobre os indivíduos (*scientia sexualis*) e não como um regime de produção de prazer (*ars erotica*). Tal *scientia sexualis* enfatizava as ligações entre sexo biológico e identidade de gênero, cujos desvios conduziram às doenças físicas e mentais – daí a necessidade de controlar e vigiar a libertinagem e a violência (incluindo a sexual) entre homens e mulheres. O casal heterossexual e monogâmico unido pelo casamento pretendendo a reprodução adquire o status de padrão modelar e ideal da sexualidade (Tilio, 2014, p. 137).

Partindo desses pressupostos ditos médicos e científicos, pessoas que não se enquadravam nos padrões cisheteronormativos começaram a ser consideradas perigosas e se tornaram alvo de perseguições, controle e cerceamento. A quem transgredisse as normas estava reservado o expurgo e a punição médica e jurídica.

Foucault (1997) esclarece que os principais resultados desta medicalização foram, a saber: o controle da sexualidade infantil (antes aceita e considerada normal), a especificação das perversões (a norma sexual seria o casal heterossexual e monogâmico cujas relações sexuais visavam à reprodução biológica e não o prazer), a medicalização como nova esfera de poder (tudo o que é da ordem da sexualidade também é do campo da saúde/doença) e a acentuação da vigilância sobre os indivíduos, principalmente dos desviantes destas prédicas (Foucault *apud* Tilio, 2014, p. 137).

Em seu estudo histórico sobre as relações entre homens e mulheres na Europa do século XIX, Alain Corbin destaca que entre os principais divulgadores dos padrões de conduta social e sexual continuava a figurar a Igreja Católica, que o fazia por meio do discurso moralizante. O objetivo seria “estruturar e assegurar tanto a reprodução biológica quanto a reprodução (simbólica) dos papéis sociais e sexuais no seio da família formada pelo casamento” (Corbin *apud* Tilio, 2014, p. 129).

Já no século XX, nasceu a psicanálise. Ao beber de uma historiografia patriarcal, Sigmund Freud inaugurou, em seus escritos, a histeria como doença feminina, entre outros discursos estigmatizantes, emprestando um novo caráter científico à delimitação dos papéis sexuais (Colling, 2004). O psicanalista acreditava que a inveja do falo levaria as mulheres a nutrir um profundo sentimento de inferioridade. Tal sentimento surgiria com a descoberta da “castração”, ou, em outras palavras, da ausência do pênis.

A descoberta da castração, para Freud, é determinante na menina: seja em direção à neurose, seja em direção a um problema de complexo de virilidade ou em direção à sexualidade normal. Determinará também seu afastamento da mãe, pois seu amor era dirigido a uma mãe fálica, não a uma castrada. Esta descoberta leva a menina à renúncia da masturbação clitoriana e à atividade fálica; liga-se então ao pai, primeiro desejando um pênis daquele que o possui; depois se estabelece a situação edipiana normal, passando a desejar um filho substituto do pênis. No brincar, a menina brinca de bonecas, identificando-se inicialmente com a mãe ativa, mas logo esta boneca representa o filho do pai. Depois, a inveja do pênis é satisfeita pelo nascimento de uma criança, sobretudo se for do sexo masculino (Folberg; Silva, 2008, n.p.).

No século XXI, quando afirmou que não se nasce mulher, torna-se, Simone de Beauvoir (1967) colocou em cheque as categorias binárias, oposicionais e estanques de sexo. Além de destituir os sexos feminino e masculino de seu cariz universal, pretensamente sustentado pelo essencialismo biológico, a filósofa abriu caminhos para a popularização dos estudos de gênero a partir de uma perspectiva social.

Depois dela, outros estudiosos se dedicaram a refutar a legitimidade dos discursos biológico e científico, que ainda hoje empurram pessoas compulsoriamente para as categorias de sexo feminino/masculino a partir da observação e/ou do estudo da genitália. Entre os nomes mais proeminentes está Michel Foucault. Para o autor, o corpo só ganha significado por meio do discurso, e o discurso que categoriza homens e mulheres a partir do sexo foi produzido em um contexto de afirmação de poder.

(...) a noção de “sexo” tornou possível agrupar, numa unidade artificial, elementos anatômicos, funções biológicas, condutas, sensações e prazeres, e isso possibilitou o uso dessa unidade fictícia como um princípio causal, um significado onipresente: o sexo tornou-se assim capaz de funcionar como significante único e significado universal (Foucault *apud* Butler, 2018, n.p.)

Nos anos 1980, Joan Wallach Scott propôs uma nova definição para o conceito de gênero e sexualidade. Inspirada por frentes distintas do movimento feminista e pelos estudos de poder de Foucault, a teórica definiu o gênero como o “conjunto dos sentidos dinâmicos (não biologicamente determinados) construídos nas relações de poder que sustentam as relações entre homens e mulheres” (Scott *apud* Tilio, 2014, p. 133). Para ela, a diferença sexual natural, que se refere ao material biológico dos humanos, existia, mas não havia relação entre características biológicas e psicológicas. Por consequência, “o gênero não seria a diferença sexual, mas sim as representações e as relações (de poder) produzidas a partir da constatável diferença sexual e, portanto, passíveis de alteração” (Tilio, 2014, p. 134).

Sua obra foi diversas vezes questionada por teóricos do movimento LGBTQIA+, inclusive por Judith Butler (2018). Diferente de Scott, ela não entende o gênero como um efeito da diferença sexual, mas a diferença sexual como resultado das relações de poder e dos

discursos sobre gênero e sexualidade. Butler questiona a naturalidade implícita no discurso biológico ressaltando que “a aliança médico-legal que emergiu na Europa do século XIX gerou ficções categóricas” (2018, n.p.). Em diálogo com Foucault, ela sugere que as categorias biológicas feminino/masculino não foram naturalmente dadas, e sim construídas por representantes de uma elite intelectual europeia, atendendo aos seus próprios interesses.

(...) quando “o corpo” é apresentado como passivo e anterior ao discurso, qualquer teoria do corpo culturalmente construído tem a obrigação de questioná-lo como um construto cuja generalidade é suspeita. Essas concepções têm precedentes cristãos e cartesianos, os quais, antes do surgimento da biologia vitalista no século XIX, compreendiam “o corpo” como matéria inerte que nada significa ou, mais especificamente, significa o vazio profano, a condição decaída: engodo e pecado, metáforas premonitórias do inferno e do eterno feminino (Butler, 2018, n.p.).

Da mesma forma, Monique Wittig (1992) criticou o discurso dos sistemas teóricos modernos, adicionando que, a partir do “pensamento hétero”, eles desenvolvem uma “interpretação totalizante da história, da realidade social, da cultura, da linguagem e simultaneamente de todos os fenômenos subjetivos”, produzindo violência contra as pessoas em dissidência (Wittig, 1992, n.p.).

Segundo ela, a sociedade hétero não pode funcionar economicamente, simbolicamente, linguisticamente ou politicamente sem o diferente, e assim aqueles que são socialmente dominantes relegam os dominados ao papel de outros, revestindo-se de universalidade.

Não há nada de abstrato acerca do poder que as ciências e as teorias têm de agir materialmente e na realidade sobre os nossos corpos e as nossas mentes, mesmo se é abstrato o discurso que produz esse poder. É uma das formas de domínio, a sua própria expressão. Eu diria, alternativamente, um dos seus exercícios. Todos os oprimidos conhecem este poder e têm de lidar com ele. É aquele que diz: não tens o direito de falar porque o teu falar não é científico e não é teórico, estás a um nível errado de análise, estás a confundir discurso e realidade, o teu discurso é ingênuo, compreendes mal esta ou aquela ciência. (Wittig, 1992, n.p.).

Nos anos 1990, a teórica defendeu o abandono das categorias homem e mulher, sublinhando que ao se enquadrarem dentro das classificações impostas pelo pensamento heterossexual, lésbicas e homossexuais estariam colaborando, de forma instrumental, para a manutenção da heterossexualidade, pois a linguagem também tem sentido político. Daí vem a afirmação mais célebre de sua obra: “As lésbicas não são mulheres” (Wittig, 1992, n.p.), em referência ao discurso feito por Sojourner Truth em 1851, durante uma convenção de mulheres realizada em Akron, Ohio, nos Estados Unidos, quando as sufragistas demandavam o direito de votar e tinham sua autonomia questionada por homens que as chamavam de “sexo frágil”. Sojourner Truth, uma mulher negra, se levantou para perguntar: “Não sou eu uma mulher?”.

“Arei a terra, plantei, enchi os celeiros, e nenhum homem podia se igualar a mim! Não sou eu uma mulher? Eu podia trabalhar tanto e comer tanto quanto um homem – quando eu conseguia comida – e aguentava o chicote da mesma forma! Não sou eu uma mulher? Dei à luz treze crianças e vi a maioria ser vendida como escrava e, quando chorei em meu sofrimento de mãe, ninguém, exceto Jesus, me ouviu! Não sou eu uma mulher?” (Davis, 2016, n.p.).

Butler, ao compreender o gênero como performatividade, foi ainda mais longe, sugerindo que seria possível “renomear o(s) sexo(s) para redistribuir os discursos e práticas sobre a sexualidade, alterando discursos e práticas vigentes que sustentam exclusões” (Butler *apud* Tilio, 2014, p. 139). No entanto, sua colocação foi refutada por aliados da teoria *queer* que sustentavam que a identidade de gênero de um indivíduo não muda somente em decorrência de deliberadas performances individuais – entre eles, Paul Preciado (2019).

Em *Testo Junkie*, Preciado conta que começou a administrar testosterona em 2008, e para poder ter acesso ao hormônio, que é considerado masculino, teve que se autodeclarar disfórico de gênero. Um de seus principais objetivos com a experiência foi empreender o que chamou de “genealogia política dos hormônios”, para compreender de que forma o gênero, para além de sua construção social, sofre interferências dos processos biotecnológicos.

O que parece ficção científica é, na realidade, um terreno político. Hoje o nosso terreno político não é mais os debates sobre identidade, mas esse. À pergunta sobre quais são os processos de construção das identidades sexuais e de gênero não podemos responder apenas performativamente, devemos interrogar, também, os processos técnicos e biológicos de construção política (Preciado, 2010, p. 7).

Defensor de um processo de desidentificação crítica com os corpos e gêneros tradicionais, Preciado passou a se autodeterminar um “dissidente do sistema sexo-gênero”, negando as categorias homem/mulher ou heterossexual/homossexual/bissexual. “Sou a multiplicidade do cosmos encerrada num regime político e epistemológico binário gritando diante de vocês”, ele escreveu em sua obra mais recente, *Um Apartamento em Urano* (Preciado, 2019, p. 28).

Neste trabalho, compreendemos gênero e sexualidade como construções sociais. Assim, defendemos a autodeterminação como fator essencial para classificar tanto o gênero quanto a sexualidade de um indivíduo, considerando tanto os gêneros não binários quanto as sexualidades monodissidentes possíveis e legítimas. Cabe enfatizar que este também é um direito celebrado na legislação brasileira, que reconhece a autodeterminação sexual como direito fundamental de todo cidadão (Cabral; Rangel, 2019), de modo que as diferentes orientações sexuais e transições do sexo masculino para o feminino e vice-versa são consideradas legítimas pela medicina e pelo sistema judiciário brasileiros, diferente do que ocorre em países como Sudão, Irã, Arábia Saudita, Iêmen, Mauritânia, Afeganistão, Paquistão,

Catar, Emirados Árabes Unidos, Iraque, partes da Síria, partes da Nigéria e partes da Somália (Bianchin, 2021).

Apesar dos avanços teóricos e empíricos em torno do tema, ainda vivemos em uma cultura altamente cisheteronormativa, que empurra as existências em dissidência da norma para a marginalidade. Não à toa, ainda que hoje a transfobia seja criminalizada no Brasil, este é o país que mais mata pessoas transexuais em todo o mundo (Benevides, 2024).

É neste contexto que abrimos a nossa discussão sobre bissexualidade, entendendo que esta é uma identidade sexual revolucionária que rejeita o pensamento binário imposto pelo patriarcado, e por isso mesmo enfrenta um tipo de violência complexo: a bifobia.

2.2 BISSEXUALIDADE

De acordo com a pesquisadora brasileira Melissa Jaeger (2018), o comportamento bissexual é relatado desde a antiguidade na história da humanidade. “Tanto na antiguidade grega, japonesa e romana, como em alguns povos indígenas e tribos isoladas, as práticas sexuais não se davam exclusivamente entre pessoas do sexo oposto. Muitas pessoas se relacionavam com homens e mulheres simultaneamente ou alternadamente” (Jaeger, 2018, p. 31). No entanto, o termo “bissexualidade” só passou a ser adotado para se referir às práticas e desejos sexuais das pessoas a partir do fim do século XIX, sendo incorporado pela ciência no século seguinte. Antes disso, em 1800, a terminologia já existia, mas definia a “condição anatômica” ou “estado de espírito” de quem se expressava como “mulher e homem” ao mesmo tempo, conforme a definição de Freud (Callis, 2009).

O pesquisador brasileiro Inácio Saldanha (2023) destaca que o “comportamento bissexual” já vinha sendo observado e estudado quando a famosa “Escala Kinsey”, que classifica a sexualidade humana em seis estágios entre heterossexual e homossexual, foi publicada, em 1948. Na época, o pesquisador Alfred Kinsey e seus colaboradores descobriram que 46% das pessoas se engajavam em práticas sexuais com homens e mulheres, mas hesitaram quanto ao uso do termo “bissexual”, pois na biologia a bissexualidade costumava ser acionada para descrever características anatômicas (Saldanha, 2023, p. 53). Talvez o estudioso mais ousado da virada do milênio tenha sido Havelock Ellis, que na terceira edição de seu livro “Inversão Sexual”, lançada em 1927, décadas antes da Escala Kinsey nascer, escreveu: “Aqueles pessoas que se sentem atraídas por ambos os sexos agora são chamadas de ‘bissexuais’, um termo mais conveniente do que ‘hermafrodita psicosecual’, que era usado anteriormente” (Shaw, 2023, p. 51). Décadas depois, em 1975, Margaret Mead também publicou um ensaio reivindicando o reconhecimento da

bissexualidade como “forma normal de comportamento humano” (Saldanha, 2023, p. 55).

A perspectiva de bissexualidade trabalhada nesta pesquisa é mais recente, contemporânea à construção do movimento bissexual organizado. Nos anos 1970, nasceram os primeiros coletivos bissexuais nos Estados Unidos, a exemplo do Bissexual Forum, em Nova Iorque, e o Bissexual Center, em São Francisco (Jaeger et al., 2019, p. 5). O movimento bi estadunidense ganhou ainda mais força nas décadas seguintes – 1980 e 1990 –, em resposta à bifobia que cresceu durante a epidemia da aids. “Houve medos arraigados de que homens bissexuais estavam pegando aids no mundo homossexual *pervetido* e trazendo-a para o mundo heterossexual *respeitável*” (Shaw, 2023, p. 60). Segundo Julia Shaw (2023), as mulheres bissexuais também eram – e seguem sendo – vistas como se estivessem “em cima do muro” pela comunidade lésbica, ao serem “percebidas como uma ameaça à causa feminista” (Ibidem, p. 61) devido à sua associação com homens. Esse cenário criou o que a autora descreve como uma dupla estigmatização contra pessoas bissexuais, vinda tanto de grupos heterossexuais quanto de lésbicas e gays.

Marília Moschkovich (2022) parte da perspectiva de que isso ocorreu porque historicamente a bissexualidade ameaça o monopólio gay-lésbico-hetero sobre as práticas e desejos homem-homem, mulher-mulher e homem-mulher, e por isso produz aversão entre pessoas monossexuais, inclusive gays e lésbicas, já que essas são identidades que se pautam pela mesma polarização que produz as opressões de gênero.

A homossexualidade, dentro desse sistema que é a Matriz Heterossexual, rompe com uma das suas continuidades normativas, mas preserva o princípio fundamental da mononormatividade. Isso de modo algum significa dizer que ser homossexual é ruim, contrarrevolucionário, ou mesmo conservador. Mas o fato é que a homossexualidade cabe nesse sistema que produz a sua própria opressão. Do mesmo modo que a categoria "mulher" também cabe nesse sistema que produz a sua própria opressão. A bissexualidade não cabe (Moschkovich, 2022, p. 53).

Em sua investigação sobre a bissexualidade, a socióloga resgata o conceito de Matriz Heterossexual, proposto por Judith Butler, para mostrar como ela opera a partir de três dimensões. A primeira diz respeito à classificação de sexo dentro da matriz simbólica ocidental, realizada a partir da observação da genitália. Embora se diga que essa determinação está ligada a uma condição genética e/ou cromossômica, raramente são feitos testes cromossômicos antes que uma vida seja enquadrada dentro das categorias “feminino” ou “masculino”. Como vimos anteriormente, o próprio discurso genético está baseado em uma ideia binária que antecede as formulações sobre “sexo”.

Esse discurso foi elaborado a partir de uma ideia que já existia no senso comum em

relação ao que é “sexo”, ao que é a diferença sexual, ao que é homem, mulher, macho, fêmea, ao que é uma genitália supostamente feminina ou masculina, e assim por diante. Portanto, ainda que justifiquem suas classificações recorrendo à genética como prova inequívoca de uma verdade auto-evidente, as pessoas têm seu olhar balizado fundamentalmente pela Matriz Heterossexual, anterior a esse esquema de pensamento que, por sua vez, a reforça (Moschkovich, 2022, p. 35).

A segunda dimensão é a da identidade e expressão de gênero. Na perspectiva da autora, a Matriz Heterossexual não compreende contradições, apenas linearidades e continuidades, e por isso, para o senso comum, que opera a partir dos princípios dessa norma, identidade e expressão de gênero são a mesma coisa. Logo, uma pessoa que se veste de maneira lida como “feminina” tem sua identidade de gênero automaticamente enquadrada: trata-se de uma mulher. Existe, inclusive, uma cobrança social para que os indivíduos correspondam, em seu comportamento, ao sexo que lhes foi atribuído.

A expressão de gênero é uma forma de comunicação – seja para pessoas cisgênero, pessoas trans, travestis, não-binárias ou qualquer outra construção de identidade de gênero. A identidade nunca se configura com um ato encerrado no próprio sujeito; mas sim como um diálogo entre expressão e reconhecimento (Moschkovich, 2022, p. 41).

A terceira dimensão citada por Moschkovich atua sobre a esfera do desejo e da prática sexual, um bloco que não permite distinção entre prática e desejo. Isso significa que se uma pessoa nasceu com uma genitália identificada como feminina e se expressa como tal, é pressuposto que ela só deverá sentir atração e experimentar práticas sexuais para e com pessoas cuja genitália foi identificada como masculina e a expressão de gênero é condizente com o gênero “oposto”: homem.

Essa é a norma heterossexual prevista ao longo de todas as dimensões da matriz, que a nomeia. É a realização máxima daquilo que as próprias categorias binárias de masculino e feminino, sexo masculino e sexo feminino, homem e mulher prenunciam: a completude desse sistema exige ambos os supostos polos do binário, exige que não possam ser concomitantes, e que precisam ser fixos, imutáveis. A “heterossexualidade” que dá nome à norma não é apenas a atração sexual, ou o desejo e a prática voltados ao polo supostamente oposto do binário masculino-feminino, mas a própria existência desses polos enquanto polos. Esse é o único modelo que cabe na norma (Moschkovich, 2022, pgs. 47-48).

É por isso que, assim como os gêneros não binários, a bissexualidade é entendida como revolucionária pela autora: porque ela não comporta apenas determinações estanques. “A bissexualidade se baseia numa simultaneidade e numa diversidade impossíveis em um sistema polarizado como a Matriz Heterossexual” (Moschkovich, 2022, p. 49).

Também por isso importa distinguir desejo e prática: se uma mulher bissexual se relaciona com um homem, ela não passa a ser heterossexual por conta de sua prática – há de

se levar em conta o desejo, e não apenas uma transa ou relação pontual.

As percepções de Julia Shaw e Marília Moschkovich encontram ressonância no Manifesto Bissexual publicado em uma das primeiras edições da revista *Anything that moves: Beyond the Myths of Bisexuality*, uma publicação segmentada para o público bi que circulou de 1990 até 2002 e colaborou significativamente para fazer as pautas bissexuais ganharem espaço e notoriedade nos Estados Unidos. A seguir, reproduzimos o texto em tradução livre.

Nós estamos cansados de sermos analisados, definidos e representados por outras pessoas que não somos nós mesmos, ou ainda pior, não considerados de todo. Nós estamos frustrados com a imposição do isolamento e a invisibilidade vindas da expectativa de anunciar ou escolher uma identidade homossexual ou heterossexual. Monossexualidade é um ditame heterossexista usado para oprimir homossexuais e para negar a validade da bissexualidade. Bissexualidade é um todo, identidade fluída. Não assuma que a bissexualidade é naturalmente binária ou poligâmica: que nós temos “dois” lados ou que nós precisamos estar envolvidos simultaneamente com dois gêneros para sermos seres humanos completos. De fato, não assuma que existem apenas dois gêneros. Não interprete nossa fluidez como confusão, irresponsabilidade, ou inabilidade de assumir compromisso. Não equipare promiscuidade, infidelidade, ou comportamento sexual inseguro com bissexualidade. Esses são comportamentos humanos que atravessam todas as orientações sexuais. Nada deve ser presumido sobre a sexualidade de ninguém, incluindo a sua. Nós estamos irritados com aqueles que se recusam a aceitar nossa existência; nossas questões; nossas contribuições; nossas alianças; nossas vozes. É hora da voz bissexual ser ouvida (Manifesto bissexual, Ava Adore, 2017, n.p.)¹².

No Brasil, o movimento bissexual começou a ganhar força somente na década de 1990, evidenciando o apagamento histórico da bissexualidade no país. Antes disso, pessoas bissexuais já circulavam nos espaços de luta reservados a gays e lésbicas, mas eram vistas como “bichas” enrustidas ou simplesmente “giletas”, gíria direcionada aos indivíduos que “cortam para os dois lados” e se relacionam com homens e mulheres (Saldanha, 2023).

Um dos primeiros coletivos bissexuais brasileiros foi a Rede Bis-Brasil, criada por Fernando Seffner entre 1995 e 2000, que operava em três eixos: intervenção social, divulgação e produção científica e ações preventivas à aids (Vas, 2020). Em 2004, também surgiu o Espaço B da Associação da Parada GLBT¹³ de São Paulo, que operou até 2008 promovendo formação política e acolhimento a pessoas bissexuais. Em 2005 nasceu o Núcleo

¹² Do original: “We are tired of being analyzed, defined and represented by people other than ourselves—or worse yet, not considered at all. We are frustrated by the imposed isolation and invisibility that comes from being told or expected to choose either a homosexual or heterosexual identity. Monosexuality is a heterossexist dictate used to oppress homosexuals and to negate the validity of bissexuality. Bissexuality is a whole, fluid identity. Do not assume that bissexuality is binary or dougamous in nature; that we must have “two” sides or that we MUST be involved simultaneously with both genders to be fulfilled human beings. In fact, don’t assume that there are only two genders. Do not mistake our fluidity for confusion, irresponsibility, or an inability to commit. Do not equate promiscuity, infidelity, or unsafe sexual behavior with bissexuality. Those are human traits that cross ALL sexual orientations. Nothing should be assumed about anyone’s sexuality—including your own. We are angered by those who refuse to accept our existence; our issues; our contributions; our alliances; our voice. It is time for the bisexual voice to be heard” (Manifesto bissexual, Ava Adore, 2017, n.p.).

¹³ Na época, a tradicional Parada LGBT se chamava Parada GLBT (Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros).

de Bissexuais de Brasília, popularmente conhecido como Núcleo Bis, que tinha o mesmo propósito. Ainda em 2005, foi criado o Coletivo Brasileiro de Bissexuais (CBB), oficialmente o primeiro coletivo nacional de bissexuais, que chegou ao fim dois anos depois, em 2007, após as tentativas constantes de deslegitimação do movimento fragilizarem o emocional das lideranças (Vas, 2020).

Na contemporaneidade, quatro coletivos estaduais formados por pessoas bissexuais se destacam na luta: o Bi-Sides, de São Paulo; o Coletivo BIL, de Minas Gerais; a Combi, de Santa Catarina; e o Coletivo Amora, do Rio Grande do Sul. Em 18 de agosto de 2020, esses quatro grupos se reuniram com outros militantes independentes e fundaram a Frente Bissexual Brasileira (FBB), a fim de agitar e organizar a militância bissexual nacionalmente.

Em 26 de setembro de 2020, a Frente Bissexual Brasileira organizou a primeira edição do Festival Bi+, no formato on-line, por conta das restrições impostas pela pandemia de Covid-19. Foram “quase 9 horas de programação cultural ininterrupta, planejada, produzida e protagonizada inteiramente por pessoas bissexuais na frente e atrás das telas” (FBB, 2020).

A segunda edição do festival, que ocorreu no ano seguinte, contou também com a primeira leitura ao vivo do Manifesto Bissexual Brasileiro, texto que começa assim:

Lutamos. A luta bissexual não é recente e tampouco silenciosa. Há décadas batalhamos por nossos direitos contra as muitas opressões que buscam apagar a nossa existência. Lutamos para nos vermos, nos cuidarmos e nos orgulharmos de quem somos. O monossexismo impõe um padrão que privilegia monossexuais (heterossexuais, lésbicas e gays) em detrimento das pessoas bissexuais. É dele que deriva a bifobia: a opressão social que tem como alvo a não-monossexualidade. Este sistema reforça oposições binárias e a norma cisheterossexual e machista, limitando as possibilidades do ser (FBB, 2021, n.p.).

No percurso desta pesquisa, pude estar presente no I Encontro Nacional do Movimento Bissexual Brasileiro, promovido pela FBB em Brasília, em 2023, onde reunimos assinaturas para para protocolar, na Câmara dos Deputados, com o apoio da mandata de Daiana Santos (PCdoB-RS), o projeto de lei que busca instituir o Dia Nacional do Orgulho Bissexual, a ser celebrado em 26 de setembro, em alusão à primeira edição do Festival BI+. A Carta de Brasília, resultante das discussões empreendidas ao longo do encontro, sistematiza outras reivindicações, e aqui destacamos a urgência dos “investimentos em ações de resgate, construção, registro e difusão, da memória do movimento bissexual brasileiro e das personalidades que não foram reconhecidas na construção do movimento LGBTI+ brasileiro” (FBB, 2023, n.p.), pois ao longo do desta pesquisa ficou evidente o quanto tais iniciativas são escassas no país.

Em consonância com o movimento bissexual brasileiro, adotamos, para guiar nossas reflexões, a definição de bissexualidade formulada pela Frente Bissexual Brasileira, após amplo debate, que descreve: “Bissexuais são pessoas para quem o gênero não é um fator determinante da atração sexual ou afetiva” (FBB, 2021, n.p.). Ou seja, partimos da compreensão de que a bissexualidade não é intrinsecamente binária, e isso implica dizer que pessoas bissexuais podem sentir atração por homens e mulheres cisgêneros e transgêneros, pessoas não binárias etc. Além disso, adotamos a bissexualidade como termo guarda-chuva usado para agregar diferentes identidades não monossexuais, ou seja, indivíduos que sentem atração sexual e/ou afetiva por pessoas de dois ou mais gêneros, a exemplo das pessoas pansexuais, queer e fluidas (Flanders, 2017; Shaw, 2023).

2.3 BIFOBIA E MONOSSEXISMO

Monossexualidade é o termo usado para classificar a experiência de uma pessoa que sente atração apenas por indivíduos de um determinado gênero, logo, a heterossexualidade, as homossexualidades e as lesbianidades são monossexuais (Jaeger et al., 2019; Ross; Dobinson; Eady, 2010).

Assim, monossexismo e bifobia são termos umbilicalmente interligados, já que monossexismo se refere à “crença social de que as monossexualidades” são “superiores e mais legítimas do que as não monossexualidades” (Jaeger et al., 2019, p. 7). Ou seja, o monossexismo deslegitima as identidades bissexuais, o que resulta em bifobia – termo análogo a outro amplamente difundido: homofobia.

Decorre da imposição desse binarismo heterossexualidade/homossexualidade, a exclusão da bissexualidade enquanto orientação sexual “digna”, ou legítima. Impera a ideia da monossexualidade enquanto norma, isto é, a atração sexual por apenas um sexo ou gênero, enquanto a bissexualidade se revela enquanto uma afronta a essa norma, ou seja, a atração sexual por dois sexos ou gêneros (Luna, 2016, n.p.).

Fala-se menos em bifobia do que em homofobia e lesbofobia justamente por conta do monossexismo, mas a violência perpetrada contra pessoas bissexuais não deixa de existir, e muitas vezes parte de indivíduos da própria comunidade LGBTQIA+, como vimos no tópico anterior.

De acordo com Ulrich Gooß (2008), o termo bifobia está relacionado ao processo de invisibilização e deslegitimação das experiências bissexuais, sendo usado para descrever reações negativas de pessoas heterossexuais, lésbicas e gays em relação às bissexualidades. Apesar desse entendimento ser amplamente empregado por pessoas que se entendem como bissexuais, é comum lésbicas e gays questionarem sua legitimidade por considerarem que bissexuais só sofrem discriminação quando estão

em um relacionamento com uma pessoa do mesmo gênero. Nesse sentido, algumas pessoas lésbicas e gays têm sugerido que a discriminação sofrida por bissexuais seja resumida nos termos da homofobia ou da lesbofobia (Gooß *apud* Jaeger et al., 2019, 6-7).

O pensamento decolonial, que vem ampliado como perspectiva de estudos e se expandindo em um maior número de pesquisas latinoamericanas de comunicação e jornalismo, oferece algumas pistas para pensarmos a construção da bifobia e do monossexismo, pois conforme aponta a teórica feminista decolonial Maria Lugones (2020), “toda forma de controle do sexo, da subjetividade, da autoridade e do trabalho existe em conexão com a colonialidade” (2020, p. 57).

É sabido que “a cultura ocidental, mais especificamente o colonialismo, impõe um modo de ser e estar no mundo focado em mono temas, mono afetos, mono deus, mono sexualidades, mono gamias” (Jaeger et al., 2019, p. 7).

A partir dessa perspectiva, as lógicas oposicionais que validam algumas identidades em detrimento de outras, como o monossexismo, são intrinsecamente coloniais – e quando as experiências de pessoas bissexuais são observadas a partir de uma lente monossexual e colonial, o sofrimento causado pela bifobia não chega a ser reconhecido e/ou validado.

O apagamento é uma estratégia de ação política não só direcionada aos grupos que pretende apagar, mas também, e especialmente, volta-se para si, garantindo que as fronteiras do território da propriedade privada identitária estejam salvaguardadas dos invasores, das pretensas ameaças. Dessa forma, o saldo da economia em desmerecer pessoas bissexuais retorna em elogio de si, ilustramos: se pessoas bissexuais são vetores de doença, as monossexuais são “limpas”; se pessoas bi não são confiáveis, as monossexuais o são; se bissexuais são confusas, a certeza se localiza nas monossexuais e assim por diante. Tem-se aqui, então, a operação que faz com que as não monossexualidades – dentre elas, a bissexualidade - atuem como o “exterior constitutivo” da monossexualidade. Isto é, o resto ontológico que sobra da composição do “nós”, em que aquilo que se nega é paradoxalmente parte de sua constituição (Ibidem, p. 8).

Também é possível entrelaçar as lentes monossexuais que produzem a bifobia ao conceito de *habitus*, que tem uma longa história nas ciências humanas, passando pelos escritos de pensadores como Aristóteles, Émile Durkheim e especialmente Pierre Bourdieu.

Nas décadas de 1960 e 1970, Bourdieu imbricou etnologia e sociologia ao estudar duas sociedades rurais europeias: béarn, na França, e cabila, um povo que habita o nordeste da Argélia. Em entrevista ao etnólogo Pierre Lamaison, ele explica que o objetivo do estudo era “objetivar o ato de objetivação e o sujeito objetivante” (Bourdieu, 2004, p. 78), desconstruindo a premissa de que o cientista deve permanecer distante de seu trabalho, porque isso reduziria a percepção crítica do objeto e faria com que o resultado fosse menos

sensível e mais sistemático.

É nesse rompimento com o paradigma estruturalista da etnologia que ele trabalha o conceito de *habitus*. Na prática, isso quer dizer que ao estudar a sociedade cabila, um etnólogo poderia inferir que as “regras de parentesco” ditavam a maneira como aquelas pessoas se casavam. Entenda-se “regras” num sentido jurídico “mais ou menos conscientemente produzido e dominado pelos agentes” ou “como um conjunto de regularidades objetivas que se impõem a todos aqueles que entram num jogo”. Mas, para o autor, seria possível ter em mente um “terceiro sentido, o de modelo, de princípio construído pelo cientista para explicar o jogo” (Ibidem, p. 79). Inclusive, ele passa a adotar o termo “estratégias”, recuperando o senso prático do jogo.

A partir de sua experiência, Bourdieu infere que as pessoas da sociedade cabila escolhem quem escolhem para se casar pelo senso prático do jogo, não porque obedecem a uma regra. Esses sujeitos crescem em um mesmo ambiente e isso produz uma espécie de sentido social, então eles “jogam o jogo”. “O *habitus* como sentido do jogo é o jogo social incorporado, transformado em natureza”, define (Ibidem, p. 82).

Partindo dessa perspectiva, se o monossexismo está engendrado na cultura dos povos colonizados, ele não precisa operar como regra explícita para se manifestar, pois está presente nas subjetividades socializadas, o *habitus*, já que “as coações e as exigências do jogo, ainda que não estejam reunidas num código de regras, impõem-se àqueles e somente àqueles que, por terem o sentido do jogo, isto é, o senso da necessidade imanente do jogo, estão preparados para percebê-las e realizá-las” (Ibidem, p. 82).

Tal compreensão remete ao uso da palavra “normatividade” nos estudos de gênero, entendida como “padrão que, baseado em um conjunto de valores socioculturais historicamente constituídos, funda as normas que regem os comportamentos e relações sociais” (Silva, 2010, p. 16). E é justamente por não se tratar de uma regra dada explicitamente, mas de uma norma incorporada ao *habitus*, que o monossexismo nem sempre está evidente para o sujeito que o pratica.

Judith Butler (2015), conhecida por sua vasta pesquisa sobre gênero e sexualidade, também escreveu o livro “Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?”, que reúne cinco ensaios escritos entre 2004 e 2008, cuja principal discussão é: por quem nos comovemos? A provocação da autora tem a ver com problemáticas frequentemente levantadas pelos movimentos sociais contemporâneos: por que algumas vidas são passíveis de luto e outras não? Por que o enquadramento social de violência é seletivo? Por que algumas

precariedades são mais legitimadas do que outras?

Logo no início da publicação, ela dá algumas pistas para responder a essas perguntas.

Afirmar que uma vida é precária exige não apenas que a vida seja apreendida como uma vida, mas também que a precariedade seja um aspecto do que é apreendido no que está vivo. Do ponto de vista normativo, o que estou argumentando é que deveria haver uma maneira mais inclusiva e igualitária de reconhecer a precariedade (Butler, 2015, p. 30).

De acordo com a filósofa, a vida humana é inevitavelmente precária, mas é a partir do reconhecimento da precariedade de uma vida que se criam mecanismos para mantê-la. Quem não é visto não é cuidado – e a morte de uma pessoa socialmente invisível não suscita sentimento de luto. “Apenas em condições nas quais a perda tem importância o valor da vida aparece efetivamente. Portanto, a possibilidade de ser enlutada é um pressuposto para toda vida que importa” (Ibidem, p. 32).

Como forma de ilustrar sua problematização acerca dos enquadramentos de guerra, Butler pergunta: “Por que sentimos horror e repulsa moral diante do atentado suicida e nem sempre sentimos a mesma coisa diante da violência promovida pelo Estado?” (Ibidem, p. 68). O objetivo da autora não é estabelecer equivalência entre as mortes, mas pensar como os julgamentos morais conformam a maneira como apreendemos a notícia e enquadrados o luto.

Se, por exemplo, alguém mata ou é morto na guerra, e a guerra é patrocinada pelo Estado, investido por nós de legitimidade, então, consideramos a morte passível de luto, triste, desafortunada, mas não radicalmente injusta. No entanto, se a violência for perpetrada por grupos insurgentes considerados ilegítimos, nossa comoção invariavelmente muda (Ibidem, p. 68).

Os ensaios de Butler nos oferecem algumas possibilidades de reflexão sobre a invisibilidade sistematicamente atribuída à bissexualidade. Conforme citado anteriormente, é comum que a bifobia seja apagada pelo monossexismo, que classifica quaisquer violências praticadas em nome de um ideal moral de heteronormatividade como intrinsecamente homofóbicas ou lesbofóbicas, ainda que sejam perpetradas contra pessoas bissexuais.

Quando esse entendimento parte da própria comunidade LGBTI+, recai em homonormatividade¹⁴ e tal lógica excludente denota uma crença de superioridade implícita.

(...) se o enquadramento das experiências e vidas das pessoas bi é realizado a partir de uma lente monossexual, o sofrimento dessas pessoas não chega a ser reconhecido. Isto é, a bifobia não é reconhecida. Para assegurar o não reconhecimento e a deslegitimação dessa expressão da sexualidade, é preciso que se fale dela sempre ou quase sempre desde um olhar de chacota e de menosprezo (Jaeger et al., 2019, p. 9).

¹⁴ A homonormatividade “tem sido descrita como uma incorporação das normas heterossexuais e das práticas reguladoras nos próprios movimentos lésbicos e gays” (Oliveira *apud* Jaeger et al., 2019, p. 12).

Também é preciso se perguntar por que alguém se sente no papel de definir o que é ou não uma violência legítima e de que forma ela opera. Uma hipótese a ser considerada é que o enquadramento de violência do sujeito muitas vezes é autorreferente.

Para Butler, uma saída possível reside na prática do pensamento crítico.

Qual é nossa responsabilidade em relação àqueles que não conhecemos, em relação àqueles que parecem testar nosso senso de pertencimento ou desafiar normas disponíveis de semelhança? Talvez pertençamos a eles de uma forma diferente, e nossa responsabilidade para com eles não resida, de fato, na apreensão de similitudes pré-fabricadas. Talvez essa responsabilidade só possa começar a ser internalizada por meio de uma reflexão crítica a respeito das normas excludentes de acordo com as quais são constituídos os campos da possibilidade do reconhecimento (Butler, 2015, p. 61).

Jaeger, Longhini, Oliveira e Toneli (2019) mencionam a escuta como via de expansão do próprio quadro e solução para a construção de parcerias políticas mais saudáveis dentro da comunidade LGBTQIA+. Nós também consideramos a escuta elemento fundamental para a construção de um jornalismo que combata a bifobia, como veremos adiante.

3 JORNALISMO DECOLONIAL, INTERSECCIONAL E SUBJETIVO

Neste capítulo, vamos acionar a teoria do enquadramento, a partir de Gaye Tuchman (2016), Teresa Sádaba (2008) e Erving Goffman (2012), para mostrar como o jornalismo é capaz de modular a maneira como a sociedade enxerga os fatos sociais. Depois, trataremos do conceito de jornalismo de subjetividade, de Márcia Veiga da Silva (2010, 2019) e Fabiana Moraes (2019, 2022), pesquisadoras contemporâneas e feministas do campo que reivindicam um jornalismo ativista e posicionado em favor dos direitos humanos, engajado na promoção de justiça social. Por fim, vamos falar de jornalismo decolonial e interseccional como vias de acesso a uma prática jornalística humanizadora, articulando autores como Afonso de Albuquerque (2022), Dayana K. Melo da Silva e Carlos Eduardo Souza Aguiar (2023).

3.1 JORNALISMO E ENQUADRAMENTO

O jornalismo de origem positivista, guiado pela ciência e pela verdade, comprometido em reportar os fatos de maneira neutra e objetiva, vem sendo amplamente questionado nas teorias do jornalismo, sobretudo na contemporaneidade, como veremos a seguir.

Nos anos 1920, o conceito de “definição da situação”, introduzido por William Isaac Thomas no âmbito da sociologia interpretativa, já refutava esse ideal ao prever que antes de atuar, o sujeito recorre às próprias ideias sobre uma determinada situação, consultando seu repertório previamente adquirido. Logo, nada está naturalmente dado – diferentes seres humanos respondem de formas diversas aos mesmos estímulos porque têm vivências distintas. É desta fonte que bebem os teóricos do enquadramento (Sádaba, 2008).

Em 1955, o antropólogo Gregory Bateson começou a trabalhar o conceito de quadro dentro do campo da psicologia. Em seus estudos de recepção de mensagens, ele acionava a metáfora do quadro que delimita a tela, permitindo distinguir a pintura da parede, para se referir ao “contexto ou quadro de interpretação pelo qual as pessoas se atêm a alguns aspectos da realidade e descartam outros” (Sádaba, 2008, p. 30, tradução nossa)¹⁵.

Para Bateson, os quadros são instrumentos da psique, com os quais ele investiga as diferenças que encontramos nas coisas. Seu interesse não está nas coisas em si, mas no que ele chama de "circuitos" de formas diferenciais que extraímos das coisas e que residem na mente. Portanto, sua definição de estrutura pode ser enquadrada na psicologia (Sádaba, 2008, p. 31, tradução nossa)¹⁶.

¹⁵ Do original: “(...) contexto o marco de interpretación por el que la gente se detiene en unos aspectos de la realidad y desestima otros” (Sádaba, 2008, p. 30).

¹⁶ “Para Bateson, los marcos son instrumentos de la psique, con los que se ahonda en las diferencias que encontramos en las cosas. Su interés no reside en las cosas mismas, sino en los por él denominados "circuitos" de formas diferenciales que extraemos de las cosas y que residen en la mente. De aquí que su definición de marco se pueda encuadrar en la psicología” (Ibidem, p. 31).

Na década de 1970, o sociólogo Erving Goffman se apropriou da terminologia e passou a descrever o enquadramento como “um quadro que designa o contexto da realidade e um esquema ou estrutura mental que incorpora dados externos objetivos” (Sádaba, 2008, p. 33, tradução nossa)¹⁷. Ou seja, ele agregou os níveis social e individual de significação, “já que a mesma realidade adquire significados particulares para quem a observa, mas também há um sentido comum sobre ela” (Sádaba, 2008, p. 33, tradução nossa)¹⁸.

Pressuponho que as definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos - pelo menos os sociais - e nosso envolvimento subjetivo neles; quadro é a palavra que uso para me referir a esses elementos básicos que sou capaz de identificar. Esta é a minha definição de quadro. Minha expressão "análise de quadros" é um slogan para referir-me ao exame, nesses termos, da organização da experiência (Goffman, 2012, p. 38).

Foi Goffman quem fez as primeiras análises de enquadramento de jornais, inspirando, posteriormente, as escolas de comunicação. Em seu livro “Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise”, lançado originalmente em 1974, ele traz anedotas publicadas pela imprensa da época, classificando-as como “descrições esclarecedoras, fantasias de quadro que conseguem, através das centenas de liberdades tomadas pelos seus narradores, celebrar nossas crenças sobre o funcionamento do mundo”. Na visão do autor, até mesmo os redatores mais afáveis cometiam “violências editoriais” cotidianas (Goffman, 2012, p. 38).

Nossa compreensão do mundo precede essas histórias, determinando quais delas os repórteres selecionarão e como serão contadas aquelas que foram selecionadas. As histórias de interesse humano são uma caricatura da evidência no próprio grau de seu interesse, fornecendo uma unidade, uma coerência, uma nitidez, uma resolução própria e uma dramaticidade apenas toscamente sustentadas, se é que o são, pela vida cotidiana. Cada uma delas é uma combinação entre o experimentum crucis e um espetáculo de feira. É esse o seu objetivo e sua graça. O formato destes acontecimentos relatados responde plenamente às nossas expectativas - que não são de fatos, mas de tipificações. Sua narração demonstra a capacidade de nossas compreensões convencionais de enfrentar os estranhos potenciais da vida social, os limites extremos da experiência (Goffman, 2012, p. 38).

Nas últimas três décadas, o enquadramento se tornou mais popular no campo da comunicação, ganhando estudos específicos. Sua chegada aos estudos do jornalismo abriu uma série de discussões sobre os processos de produção e recepção da notícia.

Em geral, os autores localizam os frames no interior dos sistemas de mídia, incluindo as relações entre os jornalistas e o ambiente das redações; junto aos receptores das mensagens midiáticas; e entre os atores, grupos e organizações dos

¹⁷ “(...) un marco que designa el contexto de la realidad y un esquema o estructura mental que incorpora los datos externos objetivos” (Ibidem, p. 33).

¹⁸ “(...) puesto que una misma realidad adquire significaciones particulares para quienes la observan, pero también existe un significado común sobre ella” (Ibidem, p. 33).

diferentes campos sociais. Em termos de análise, os frames operam em níveis cognitivos e textuais ou como padrões de discursos que aparecem em uma condição pública (Antunes, 2009, p. 87).

A teoria do enquadramento responde à maneira como as pessoas conhecem e atribuem sentido ao seu meio social. “Uma resposta que, neste momento, passa necessariamente por uma leitura do que está acontecendo no mundo a partir dos meios de comunicação” (Sádaba, 2008, p. 55, tradução nossa)¹⁹. Fatos históricos ganham notoriedade por meio da imprensa, mas não só – a maneira como a mídia os retrata também vai influenciar como passarão a ser percebidos socialmente.

A capacidade da mídia de atingir a massa torna uma prioridade mergulhar nos quadros que o público considera após ser exposto a eles. O enquadramento da mídia, afirma-se, gera significados com os quais as pessoas negociam e são gerenciadas no mundo (Sádaba, 2008, p. 55-56, tradução nossa)²⁰.

A objetividade jornalística se mostra impraticável sob esse viés teórico. Quem se aprofunda no tema é a socióloga Gaye Tuchman (2016), uma das pioneiras na apropriação do conceito dentro do campo da comunicação. Ela entende a objetividade jornalística como um ritual estratégico invocado como forma de proteção da atividade profissional.

Para os jornalistas, como para os cientistas sociais, o termo <<objectividade>> funciona como um baluarte entre eles e os críticos. Atacados devido a uma controversa apresentação de <<factos>>, os jornalistas invocam a sua objectividade quase do mesmo modo que um camponês mediterrânico põe um colar de alhos à volta do pescoço para afastar os espíritos malignos (Tuchman, 2016, p. 75).

A partir da compreensão de que as subjetividades do sujeito do discurso e a construção social constituem a narrativa jornalística, que mais tarde vai ajudar a (re)construir a própria realidade social, é possível refletirmos sobre a perpetuação da bifobia dentro do noticiário jornalístico e suas implicações, uma vez que “as notícias definem um enquadramento que orienta um entendimento específico do assunto retratado e, por consequência, constroem a realidade” (Pozobon e Schaefer, 2015, p. 123 *apud* Tuchman, 1978).

Gaye Tuchman não é a única a partir desse pressuposto. Para Teresa Sádaba, “os meios de comunicação não refletem passivamente uma realidade, mas fazem parte de uma realidade social para a qual contribuem com seus próprios enquadramentos” (Sádaba, 2008, p.

¹⁹ Do original: “Una respuesta que, en esta época, pasa obligatoriamente por una lectura de lo que sucede en el mundo desde los medios de comunicación” (Sádaba, 2008, p. 55)

²⁰ Do original: “La capacidad de los medios para llegar a públicos masivos hace que se considere prioritario profundizar en los encuadres que la audiencia considera tras su exposición ante ellos. Los encuadres de los medias, se afirma, generan significados con los que los hombres tratan y se manejan en el mundo (Ibidem, p. 55-56).

70, tradução nossa)²¹.

Consideramos imperativo refletir sobre o papel social do jornalismo, que por meio de seus quadros tem o poder de influenciar a opinião pública sobre os mais diversos temas, inclusive gênero e sexualidade. Acreditamos que o jornalismo tem também condições de colaborar para combater preconceitos, a exemplo da bifobia, com informação qualificada.

3.2 JORNALISMO DE SUBJETIVIDADE

Em sua célebre dissertação de mestrado, intitulada “Masculino: o gênero do jornalismo – um estudo sobre os modos de produção das notícias”, a jornalista e pesquisadora Márcia Veiga da Silva (2010, 2019) se dedicou a buscar traços de heteronormatividade na maneira como o jornalismo brasileiro é produzido. Apoiada pelo método da observação participante, ela acompanhou os bastidores do jornalismo da RBS TV ao longo de onze semanas, a partir de fevereiro de 2009, e deu à luz um estudo que consideramos fundamental para pensar as intersecções entre gênero, sexualidade e jornalismo na contemporaneidade.

Para embasar suas reflexões, ela bebeu dos estudos construcionistas do jornalismo, corrente teórica que “rechaça a visão instrumentalista das notícias, reconhece a centralidade do jornalista com seus valores incidindo na produção das realidades sociais justamente pela compreensão das complexas relações destes com a sociedade”; e dos estudos feministas pós-estruturalistas, que amplificam as discussões sobre gênero, tirando-as da centralidade homem-mulher e seus papéis e funções sociais para refletir também sobre as instituições, as leis e políticas construídas e atravessadas por representações do masculino-feminino (Silva, 2010, p. 25).

Um dos momentos mais emblemáticos acompanhados pela pesquisadora, na redação da RBS TV, foi a produção de uma matéria sobre a vida noturna nos parques de Porto Alegre, marcada por atividades sexuais. Durante a captação, um repórter que ela nomeou como Kauã entrevistou pessoas que classificou como homossexuais e retornou à redação dizendo que sentiu medo de contrair aids enquanto estava em campo, pois “essas pessoas cospem quando falam” (Silva, 2010, p. 166). Ao ouvirem o relato, os demais trabalhadores pareceram compartilhar da mesma lente socialmente normativa que o colega, manifestando estranhamento e jocosidade em relação aos entrevistados que ele descreveu.

De acordo com a autora, as percepções e valores de Kauã marcaram todo o seu

²¹ Do original: “Los medios no están reflejando una realidad pasivamente, sino que son parte de una realidad social a la que contribuyen con sus propios marcos” (Sádaba, 2008, p. 70).

trabalho – elas apareceram nas escolhas de perguntas que ele fez aos entrevistados; nos trechos das entrevistas que escolheu usar na edição, construindo uma narrativa condizente com sua própria visão dos fatos; e ao atribuir, a partir dessas e outras escolhas, um tom de obscurantismo e subalternização aos personagens, impondo a eles um quadro estigmatizante. Após a publicação da dissertação de Veiga da Silva, o conteúdo foi tirado do ar.

Em seu diário de campo, a pesquisadora anotou um dos diálogos que teve com Kauã numa das ilhas de edição da RBS TV. Ele mostrou a ela as imagens dos entrevistados andando e afirmou que eram os tais homossexuais. Ela perguntou se ele tinha certeza sobre a identidade sexual daquelas pessoas e o repórter respondeu que sim, pois os homens estariam “se punheteando”. Em seguida, em uma sonora, um dos entrevistados disse que ninguém os via, ao que o repórter respondeu, enquanto assistia à fita: “Isso é bom” (Ibidem, p. 171).

O repórter e editor parecia já saber a identidade sexual das pessoas sem entrevistá-las, apenas pelo gestual, como justificou no caso acima, pela masturbação que diz ter visto. Atribuir uma identidade a um sujeito é algo complexo, e em geral está carregado de valores. Há muita discussão sobre identidades, e pelas perspectivas teóricas às quais me filio, a identidade tem a ver com as formas através das quais o sujeito se auto-identifica, o que não guarda relação, necessariamente, com as suas práticas sexuais: uma coisa é a identidade, outra são as práticas sexuais, que nem sempre são convergentes. No caso da homossexualidade, há distinção entre pessoas que se auto-identificam como homossexuais e aquelas que não se entendem desse modo, apesar de fazerem sexo com pessoas do mesmo sexo. Mas, sem dúvida, essa não é uma discussão que perpassa o senso comum e a sociedade de um modo geral, ficando mais restrita aos movimentos sociais específicos e a estudos acadêmicos (Ibidem, p. 172).

Posteriormente, ela também acompanhou a decupagem da entrevista que o repórter fez com Marcelly Malta, travesti e presidenta da ONG Igualdade. Na sonora, a entrevistada fazia observações importantes quanto ao uso da nomenclatura “travesti” como uma questão identitária, mas nos bastidores o repórter a chamava de “traveco” sem pudores.

A despeito da explicação da entrevistada, Kauã afirma que não vai fazer distinção entre as identidades sexuais referentes aos diversos grupos que frequentam o parque. A ideia de que são “tudo puto igual” permanece, e do mesmo modo parece que prevalecerá quando veiculado para o restante da sociedade (Ibidem, p. 174).

No texto de conclusão de sua pesquisa, além de apontar que a reportagem sobre os parques reverberou as condições em que foi produzida, ou seja, serviu à reprodução de preconceitos de gênero e sexualidade, a pesquisadora também afirmou que as concepções e valores de gênero e sexualidade que balizaram aquele trabalho refletiam o que ela chama de “norma mais geral da sociedade” ao longo de toda a sua dissertação: a heteronormatividade. Veiga da Silva se mostrou surpresa com o quanto os valores sociais dos jornalistas são

constituídos de gênero e com o quanto esses valores incidem sobre sua prática profissional.

Acompanhando as rotinas jornalísticas na pesquisa de campo, percebi que os valores das notícias estavam muito relacionados às visões de mundo de meus interlocutores, e que esses valores em muito correspondiam às convenções de gênero e à heteronormatividade. A subjetividade das escolhas superava a ingerência dos valores da própria empresa – cujas diretrizes não chegavam a cercear ou comprometer, de forma evidente, a criação profissional no processo de produção das notícias, e muitas vezes iam ao encontro das visões dos próprios profissionais (Ibidem, p. 165).

É a partir desse percurso de pesquisa que nos anos seguintes ela inaugurou, ao lado da também jornalista e pesquisadora Fabiana Moraes (2019, 2022), a subjetividade jornalística como conceito epistemológico, questionando as bases fundantes do jornalismo, herdadas da ciência positivista, que preveem a objetividade como ideal a ser perseguido pelos jornalistas.

Ambas as autoras acreditam que a subjetividade é negada ao jornalista quando ele precisa agir de maneira impessoal em busca de “neutralidade, totalidade e valor de verdade”. Para elas, a objetividade jornalística está “assentada em uma racionalidade que se coloca como universalista” e reproduz a violência colonial (Moraes, 2022, p. 15).

Assim, as pesquisadoras defendem que o “caminho para desestabilizar os modos redutores de representação perpetrados pela imprensa” é a adoção do jornalismo de subjetividade, “denominação que carrega alguma provocação ao sublinhar justamente aquilo que sempre foi negado pela prática, apesar de estar em seu bojo, entranhada pela epistemologia regente” (Moraes; Silva, 2019, p. 13).

Em seu livro “A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza”, publicado em 2022, Fabiana Moraes aprofunda suas reflexões em torno do jornalismo de subjetividade, defendendo que toda reportagem carrega consigo elementos selecionados a partir de escolhas políticas e muitas vezes arbitrárias dos sujeitos envolvidos em sua produção.

Segundo a jornalista, embora o jornalismo tenha a tradição de se apresentar como neutro, ele “faz parte de um projeto bem realizado e articulado, responsável pela estigmatização de pessoas e grupos e, conseqüentemente, por seus apagamentos” (Moraes, 2022, p. 21).

Toda pauta organiza e desorganiza visibilidades e invisibilidades, toda pauta hierarquiza e deshierarquiza vozes e representações, toda pauta estrutura e desestrutura discursos. Toda pauta é uma arma e, sendo assim, toda pauta também pode ser uma arma de combate: ela pode servir para ir de encontro a uma desumanização também alimentada pelo próprio jornalismo. É uma tecnologia à disposição de um agir (Moraes, 2022, p. 10).

Como exemplo, ela cita o papel fundamental da imprensa no processo de

transformação das diferenças em desigualdades, sobretudo no período pós-escravidão brasileiro, quando os jornais serviram para endossar “uma nova ordem na qual era preciso superar o pensamento e o comportamento vistos como selvagens e brutos das populações não brancas” (Moraes, 2022, p. 17). As reportagens publicadas durante a Guerra de Canudos, que ocorreu entre 1896 e 1897, na Bahia, evidenciam essa dinâmica desigual.

Por meio dela [a imprensa], o Brasil ficava sabendo de seres “atrasados” e estranhos aos novos tempos, estes representados pela República. Essa cobertura, assim como aquelas trazendo as longas estiagens e os males causados pela seca, é importante para pensar em como até hoje resiste a imagem do Nordeste como lugar refratário ao moderno e mesmo ao conhecimento complexo. No carioca *Jornal do Commercio* (janeiro de 1878), um editorial intitulado “Secca do Norte” afirmava que a população local se “constitue um elemento negativo da prosperidade e progresso nacionaes” (Neves *apud* Moraes, 2022, p. 17).

De modo similar, observamos a estigmatização da bissexualidade na cobertura realizada pela imprensa brasileira durante a epidemia da aids, nas décadas de 1980 e 1990. Um exemplo é a manchete do *Jornal do Brasil*, publicada em 1986, resgatada pelo pesquisador Inácio Saldanha (2023), que diz: “AIDS deixa grupo de risco e atinge mulher e criança: bissexuais são responsáveis pela disseminação indiscriminada do vírus”. A notícia indicava que 20% dos pacientes atendidos em hospitais do Rio de Janeiro eram bissexuais, porcentagem dez vezes maior do que a apresentada em hospitais da Europa e dos Estados Unidos, criando a impressão de que a bissexualidade era uma espécie de “epidemia latina” a ser combatida (Parker, 1991 *apud* Saldanha, 2023, p. 74).

Moraes articula cinco frentes de ação indispensáveis a uma ação transformadora da prática jornalística, que em nossa visão, também contribuem para a construção de enquadramentos afirmativos sobre a bissexualidade. São elas: “1) reflexividade contínua sobre ensino e prática; 2) crítica aos valores-notícia; 3) capacidade criativa/criadora; 4) dimensão ativista e sensibilidade hacker; 5) interseccionalidade” (Moraes, 2022, p. 106).

Sua primeira sugestão é uma reforma no ensino da prática de jornalismo nas universidades. Ela pontua que é perfeitamente possível fazer uma cobertura preconceituosa seguindo todas as regras do jogo e, portanto, é necessário refletirmos criticamente sobre as raízes nas quais essas regras estão assentadas – raízes iluministas, que miram um “esclarecimento” que desconsidera pessoas, culturas e saberes.

Depois, a pesquisadora critica os valores-notícia, que guiam todo o trabalho jornalístico há centenas de anos, mas também foram construídos a partir de uma visão universalista e, por consequência, heteronormativa. Ela enfatiza que todos os critérios de

noticiabilidade “vão ser mais ou menos destacados a partir de valores sociais – e o racismo e o classismo, para citar alguns, operam fortemente aí” (Moraes, 2022, p. 123), fazendo menção especial a três valores-notícia: personalidades, nações de elite e proximidade.

Moraes questiona o que torna alguém uma “personalidade”, citando marcadores sociais comuns a quem ganha destaque na mídia, como a pele clara, os estereótipos de beleza e a riqueza.

Assim, cabe pensar, e não somente a partir do recorte de raça, mas de classe, gênero e território, quem são as pessoas proeminentes e com cadeiras quase cativas na imprensa, gente dotada de “qualidades” absorvidas como supostos dons naturais. Para mim, a quase inexistência de análises no âmbito do jornalismo que associem esse atributo a uma estrutura social classista e racializada fala bastante alto e explica parte de nossa produção jornalística outrofóbica. Podemos mesmo ser antirracistas ou anticlassistas ou antitransfóbicos enquanto continuamos a nos guiar fortemente por esses critérios de seleção? Não tenho dúvida de que não. (Ibidem, p. 119).

Ela ainda observa que as “nações de elite” eleitas pela imprensa são, de modo geral, brancas e dotadas de poder econômico, e o valor-notícia “proximidade” é pautado pelos mesmos critérios. Afinal, como falar de proximidade sem saber de onde se olha? Fato é que o jornalismo hegemônico observa o mundo a partir dos centros das grandes economias.

Sobre o terceiro eixo, que Moraes nomeia como “capacidade criativa/inovadora”, ela sugere uma aproximação entre jornalismo e arte que vá além do jornalismo literário.

A arte pode ser um caminho, mesmo por uma via explicitamente mais subjetiva, de promover um contato maior do jornalismo com seu entorno, de restaurar sua credibilidade e garantir audiências mais amplas a uma área do conhecimento especialmente desacreditada na atualidade. Se o campo jornalístico procurou se afastar de qualquer possibilidade ficcionalizante para se fazer valer como espaço de credibilidade, adotando práticas relacionadas às chamadas ciências duras, ele hoje se vê obrigado à reinvenção, já que essas mesmas práticas (também de caráter ideológico, é claro) foram confrontadas por fenômenos como, por exemplo, as fake news (Ibidem, p. 139).

Já o quarto eixo, que propõe trazer uma “dimensão ativista” para o jornalismo, consiste em fazer da pauta um meio de agir contra as injustiças sociais, destituindo o termo “ativismo” de suas interpretações persecutórias. Grupos antidireitos costumam acusar o jornalismo que se posiciona em favor dos direitos humanos de ser parcial e subjetivo, portanto, ativista. Como vimos, a imparcialidade e a objetividade cabem a toda e qualquer produção jornalística, já que a imparcialidade e a objetividade são ideais impossíveis de se alcançar – mesmo assim, certos grupos universalistas dizem que detêm essas qualidades.

A jornalista defende um ativismo aliado à prática reflexiva na rotina das redações – a “sensibilidade hacker” de fazer jornalismo posicionado contra a desumanização.

(...) entendo que a sensibilidade e a atuação hacker podem se dar para além do uso ou do domínio de programações e técnicas associadas a uma tecnologia física: penso-a como uma atitude posicionada relacionada ao conhecimento do funcionamento interno (o software?) dos veículos de imprensa, uma atenção às suas especificidades e possíveis barreiras de forma a conseguir, em diferentes graus, driblá-las. Essa sensibilidade também está relacionada à produção reflexiva do material noticioso: ele pode muitas vezes subverter o que o próprio veículo costuma produzir. Quero dizer que a sensibilidade hacker é antes de tudo um posicionamento reflexivo da jornalista, que pode se utilizar de maneira tática dos meios nos quais atua para produzir contranarrativas e desestabilizar naturalizações (Ibidem, p. 151).

Por fim, ela oferece a interseccionalidade como via de análise das pautas, visando uma prática jornalística que desnaturalize os preconceitos. Para Moraes, é preciso manter o olhar sensível para o entrecruzamento de marcas transformadas em desigualdades, em especial as interações entre pobreza, gênero, raça e territórios, visando promover reparação histórica.

Importante destacar que o jornalismo de subjetividade preza pelos critérios objetivos que guiam uma boa apuração, tais como a oitiva de fontes qualificadas e a checagem rigorosa de dados. Assim como Moraes e Veiga da Silva, acreditamos que a objetividade e a subjetividade jornalísticas não são mutuamente excludentes, e sim complementares.

(...) é preciso dizer que a subjetividade sobre a qual nos referimos neste jornalismo se situa em questões extremamente pertinentes e presentes no mundo sensível: na necessidade de observarmos posições de classe, gênero, geográficas, raciais e grupais dos jornalistas e daqueles que por estes são enquadrados; na obrigatoriedade de levar em conta a estrutura social circundante (em nosso caso, a brasileira, fraturada pelo classismo, pelo machismo e pelo racismo); na procura de um olhar miúdo para entender como essas questões se traduzem nas pessoas, em como são devolvidas ao mundo; na fissura de representações previamente dadas (ou fatos previamente dados); finalmente, em uma autocrítica do próprio campo assentado em bases positivistas e também que privilegia narrar a partir de um enquadramento espetacular e/ou exotificante (Moraes; Silva, 2019, p. 13).

Acreditamos que o jornalismo de subjetividade não rejeita o compromisso do jornalismo com os fatos. Ele assume que a imprensa não é a dona da verdade.

3.3 JORNALISMO DECOLONIAL E INTERSECCIONAL

Desde a virada do milênio, pesquisadores latinoamericanos da epistemologia decolonial refletem sobre as marcas que os povos europeus engendraram nas culturas dos povos colonizados no Hemisfério Sul, a partir do século 15, como ocorreu com o Brasil.

O jornalismo assume papel fundamental na consolidação da chamada “colonialidade do poder”, descrita como um “processo de dominação que perpetua o colonialismo e suas formações sociais para além do período histórico” colonial, e reverbera “o legado contínuo do colonialismo na forma de múltiplas discriminações” (Aguiar; Silva, 2023, p. 96).

Os discriminados são aqueles vistos como antítese da figura consagrada como o padrão universal: o homem branco europeu, pretense detentor da cultura e do saber. De maneira binária e oposicional, as existências desviantes da norma são resumidas a “outro”, embora constituam uma diversa comunidade de mulheres, pretos, indígenas, LGBTIs e mais.

Segundo Moraes, ao beber de uma teoria do jornalismo com raízes positivistas, a imprensa hegemônica brasileira colabora para disseminar essa visão de mundo ocidentalizada.

É importante demarcar que colonialidade e objetividade não surgem em separado, pelo contrário: fazem parte de um mesmo projeto de outremização – ou seja: de transformar tudo o que não cabe nos modelos predeterminados de existência em um outro estranho, exótico ou mesmo descartável (Moraes, 2022, p. 36).

De modo similar, o pesquisador brasileiro Afonso de Albuquerque (2022) afirma que “é preciso cultivar um distanciamento crítico em relação às narrativas dominantes sobre o jornalismo”, emprestadas das elites globais (Albuquerque, 2022, p. 13).

Porém, para o autor, não basta olhar para um passado de colonização europeia, já que a “colonização é um processo em andamento no presente, conduzido primariamente pelos Estados Unidos” e sua agenda neoliberal (Albuquerque, 2022, p. 17).

Albuquerque destaca o pioneirismo da Folha de S.Paulo em fazer uma “virada neoliberal” no jornalismo brasileiro, por meio dos manuais de jornalismo que publicou nos anos 1980, visando romper com o “atraso” das práticas jornalísticas vigentes no Brasil da época – elas estariam “atrasadas” porque ainda não seguiam o modelo estadunidense.

Esses manuais — que por muitas vezes foram usados como material didático nos cursos de jornalismo do país — apresentam uma concepção essencialmente neoliberal da atividade jornalística. Em primeiro lugar, ela é exercida por organizações jornalísticas (entendidas como empresas) e seu vínculo com o leitor é essencialmente comercial. Além disso, a compra de exemplares pelo leitor é o que legitima o mandato concedido ao jornal. Na visão dos manuais da Folha, os jornalistas são profissionais apenas no que concerne ao seu dever — com o leitor e com a empresa —, mas não contam com direitos ou autonomia (Albuquerque, 2022, p. 15).

Na análise que fazem do Portal Geledés²² e do Nós, mulheres da periferia²³, Aguiar e Silva (2023) argumentam que decolonizar o jornalismo consiste em mirar “além da dimensão instrumental que interpreta a comunicação jornalística como ferramenta de disseminação da visão de mundo colonial/moderna/ocidental” (Aguiar; Silva, 2023, p. 98).

²² O Portal Geledés é um produto jornalístico desenvolvido pelo Geledés – Instituto da Mulher Negra, organização que tem como fundadora a pensadora e ativista brasileira Sueli Carneiro. As mulheres negras estão no centro do noticiário (Aguiar; Silva, 2023, p. 104).

²³ Criado em 2014, nas periferias de São Paulo, o portal Nós, mulheres da periferia coloca a tríplice raça, classe e território no centro do noticiário (Aguiar; Silva, 2023, p. 105).

Para isso, é preciso inverter a lógica do valor-notícia e trazer “a narrativa de pretos, pardos, indígenas, pobres, mulheres cis e trans, entre outras, outros e outres”, a exemplo da população bissexual, para o centro do noticiário (Aguiar; Silva, 2023, p. 107).

Os dois veículos jornalísticos analisados pelos autores são exemplos de como as iniciativas decoloniais muitas vezes partem dos próprios grupos subalternizados, e oferecem como diferencial o diálogo com a sociedade. O Portal Geledés dialoga com personalidades negras da academia e das artes, mas também ouve as “pessoas comuns”. O Nós, mulheres da periferia tem uma sessão específica para falar das vivências de mulheres negras – algumas célebres e outras anônimas – com base nas percepções dessas próprias mulheres.

Ambas as iniciativas transmitem o conhecimento construído de modo coletivo.

Na concepção dos pensadores críticos da América Latina, a comunicação é um processo constitutivo do humano e do social, preexiste aos meios que a transmitem ou amplificam e supõe a construção de um com-saber (um “conhecimento com o outro”) em uma relação recíproca de natureza dialógica e convivial que deve ser realizada dentro de uma estrutura de direitos (Torrico, 2019 apud Aguiar; Silva, 2023, p. 100).

O diálogo que busca o “com-saber”, ainda escasso na prática jornalística, está presente nas reflexões teóricas do campo desde os anos 1980, quando Cremilda Medina (1986) defendeu uma “interação social criadora” entre repórteres e fontes, validando a sensibilidade e a emoção como atributos que enriquecem a relação dos jornalistas com o mundo.

De maneira complementar, entendemos que o jornalismo interseccional é uma maneira sensível de olhar para o “singular que se encontra nessas encruzilhadas de opressões que são as pessoas” (Cabral et al., 2021, p. 55).

Enquanto a perspectiva decolonial nos instiga a desafiar as estruturas de poder dominantes, abrindo espaço para construções coletivas, a interseccionalidade coloca uma lupa no entrecruzamento de vulnerabilidades que os indivíduos experienciam.

O termo “interseccionalidade” foi usado pela primeira em 1989, pela feminista estadunidense Kimberlé Williams Crenshaw. A autora estava descrevendo a interação entre diferentes tipos de discriminação, pensando especificamente na intersecção de opressões experienciada pelas mulheres negras nos Estados Unidos, que são vítimas não apenas do racismo, mas também do sexismo. Ao longo dos anos, o pensamento interseccional passou a abranger outras opressões, como as de sexualidade e gênero (Kyrillos, 2020, np).

O feminismo negro brasileiro também foi pioneiro na elaboração da interseccionalidade, pois a pesquisadora Lélia Gonzalez já havia teorizado o conceito, sem usar o termo “interseccionalidade”, no trabalho “A mulher negra na sociedade brasileira:

uma abordagem político-econômica”, apresentado em 1979 na Califórnia. Ela falava de uma “tripla opressão” que as mulheres negras brasileiras sofrem ao serem vítimas do sexismo, do racismo e de ambas as discriminações combinadas (Aguiar; Silva, 2023, p. 103).

Quando aplicada ao jornalismo, a interseccionalidade nos auxilia a humanizar o noticiário, abrangendo as dimensões individual e coletiva de questões estruturais.

Pensar o Jornalismo Interseccional é, também, reconhecer e evidenciar um sistema de opressões, perceber que as coisas estão e não são e que o jornalismo pode e, se acreditamos na profissão, deve ser pensado para além do modo como as coisas estão. É perceber, ainda, utilizando ideias de um Feminismo Decolonial, que mostrando as situações o jornalismo também pode evidenciar um sistema que oprime, explora e invisibiliza pessoas que são essenciais para seu funcionamento (Vergès, 2020 apud Cabral et al., 2021, p. 56).

Acreditamos na potência de aplicar ambas as lentes para reportar as experiências bissexuais – comunitárias e individuais – a partir de enquadramentos afirmativos. Dentro de uma perspectiva decolonial, observamos a bissexualidade como uma identidade sexual que rompe com a lógica binarista e oposicional da colonialidade, por isso costuma ser outremizada e exotificada. Já a perspectiva interseccional problematiza as generalizações estigmatizantes, e com isso nos instiga a investigar as muitas bissexualidades possíveis.

A população bissexual é feita de pessoas brancas, pretas, amarelas, indígenas, cisgêneras, transgêneras e não binárias. São indivíduos com ou sem deficiência, que exercem ou não a parentalidade e estão presentes em todas as classes sociais e localizações geográficas. Suas demandas de saúde, educação, segurança e cultura são diversas, e afirmar a existência dessas pessoas a partir de uma perspectiva de direitos é um ato decolonial.

4 METODOLOGIA

Quando começamos a dar corpo a esta dissertação, optamos por empreender um movimento exploratório de pesquisa que pudesse nos aproximar empiricamente de nosso fenômeno de estudo, a bissexualidade, no contexto do jornalismo brasileiro.

As ações de pesquisa exploratória implicam investir em planejamento, construção e realização de sucessivas aproximações ao concreto empírico, a partir de várias angulações possíveis – angulações que interessam ao problema/objeto em construção. Os procedimentos de pesquisa exploratória podem ser diversos, desde o recurso a dados secundários até a observação direta de fenômenos empíricos concernentes à problemática investigada (Bonin, 2008, p. 125).

Para obter um panorama preliminar do tratamento dado pela mídia à bissexualidade, recorremos ao buscador principal do Google, ferramenta de busca mais utilizada pelos brasileiros (Ivo, 2022). Estamos cientes de suas limitações, sobretudo no que diz respeito ao direcionamento algorítmico de resultados a partir da localização geográfica do usuário – na ocasião, eu estava em Curitiba, no Paraná. Mas também compreendemos que o Google tem capacidade de definir significados e demarcar ideologias a partir da seleção algorítmica, portanto, nos interessa observar como a bissexualidade é enquadrada pela ferramenta.

No dia 14 de junho de 2022, busquei pela palavra-chave “bissexuais” e segui compilando dados até a décima página de resultados, selecionando os conteúdos publicados em portais jornalísticos. Ao todo, foram 37 textos encontrados.

Convém ressaltar que na primeira página da busca do Google pelo termo “bissexuais”, o único resultado de cunho jornalístico encontrado foi uma reportagem da Agência Mural intitulada “Visibilidade Bissexual: o que você precisa saber para não reproduzir preconceitos”, um texto que classifiquei como explicativo. O dado é relevante porque os brasileiros tendem a não avançar nas páginas de pesquisa no Google, conforme ficou evidenciado no levantamento “O Cenário do SEO na América Latina”, realizado pela agência Sherlock, que apontou os principais padrões de comportamento dos usuários na internet dentro das seis maiores economias da região: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México e Peru. Mais de 41% dos entrevistados responderam que aceitaram a primeira resposta que aparece na tela ao realizarem uma busca – tendência chamada de “zeroclick search”. No Brasil, 45% afirmaram se contentar com as informações geradas automaticamente na primeira página, enquanto 19% assumiram clicar em mais links para checar as informações (Oréfice, 2021).

No dia seguinte, 15 de junho de 2022, segui compilando dados, desta vez a partir da busca pelo termo “bissexualidade”. Foram encontrados 23 novos resultados de cunho jornalístico até a décima página, totalizando 61 conteúdos tabelados ao longo do processo.

Todos os textos identificados foram dispostos em uma tabela de Excel com os seguintes campos: veículo, título, editoria, encaminhamento, data, assinatura e termo de busca. No campo “encaminhamento”, classifiquei os textos em quatro categorias: explicativo (26 resultados), pesquisa (27 resultados), celebridades (10 resultados) e entretenimento (3 resultados).

Os conteúdos classificados como explicativos são aqueles que explicam a bissexualidade e levantam práticas bifóbicas, enquanto os textos de celebridades são listas de pessoas bissexuais famosas e entrevistas com pessoas públicas que se autodeterminam bissexuais e comentam sua identidade sexual. Já as publicações de entretenimento versam a respeito de músicas, séries, novelas e outros produtos voltados ao entretenimento que têm personagens bissexuais ou que abrangem a temática de alguma forma. Os conteúdos com encaminhamento de pesquisa divulgam estudos relacionados a à população bissexual. Todos os textos que foram mapeados dentro desse campo tratam da pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) citada no início deste trabalho.

Um ano depois, repetimos a busca para obtermos um panorama atualizado da veiculação de notícias sobre bissexualidade nos portais jornalísticos brasileiros. Em 8 de julho de 2023, pesquisei novamente pelas palavras-chave “bissexuais” e “bissexualidade” no buscador principal do Google, a partir de Curitiba, e compilei os resultados das dez primeiras páginas de resultados para cada termo. Desta vez, foram 37 resultados no total, 39,3% a menos do que no ano anterior. Percebi que a queda se deu porque os resultados classificados como “pesquisa” caíram bruscamente (de 24 em 2022 para 4 em 2023), pois a pesquisa do IBGE deixou de ganhar destaque na ferramenta – apenas um resultado relacionado ao estudo do IBGE, publicado pela Agência Brasil, foi localizado na pesquisa feita em 2023, enquanto em 2022 todos os 24 resultados categorizados no campo “pesquisa” tinham relação com esse estudo. Já os textos explicativos da bissexualidade seguiram sendo maioria (26 em 2022 e 19 em 2023), e os conteúdos de celebridades cresceram – de 8 em 2022 para 13 em 2023. Localizei apenas um texto de entretenimento em 2023, enquanto em 2022 foram 3.

Dada a alta incidência (12 resultados em 2022 e 6 em 2023) de textos publicados no Dia da Visibilidade Bissexual²⁴, ou de conteúdos veiculados em junho (8 resultados em 2022 e

²⁴ O Dia da Celebração Bissexual foi criado em 23 de setembro de 1999, por iniciativa de Wendy Curry, Michael Page e Gigi Raven Wilbur, na Conferência Mundial da Associação de Gays e Lésbicas, em Joanesburgo, na

4 em 2023), mês do orgulho LGBTQ+, além dos muitos textos relacionados a uma única pesquisa do IBGE ou simplesmente explicativos da bissexualidade, fatos que denotam que o tema é pautado pelo agendamento e os conteúdos geralmente são carregados de esclarecimentos básicos e por vezes exotificantes, buscamos obter também um panorama do tratamento dado ao tema nos estudos científicos, que diferentemente do que ocorre no jornalismo, têm um tempo de produção mais longo e maior possibilidade e aprofundamento.

No dia 4 de agosto de 2022, busquei os termos “bissexualidade” e “bissexuais” também no catálogo de teses e dissertações do portal da CAPES. Optamos por buscar apenas termos em português porque estamos pensando o jornalismo brasileiro neste trabalho. Os resultados foram tabelados de forma a contemplar: título do trabalho; ano de publicação; programa; universidade; grande área; título, resumo e palavra-chave; direcionamento em bissexualidade. Os dois últimos campos respondem a dois questionamentos: os termos relacionados à bissexualidade aparecem no título, resumo e/ou palavra-chave? O trabalho em questão tem como foco pesquisar essa identidade sexual ou ela aparece como coadjuvante?

No dia 21 de agosto, busquei também pelo termo “bissexual” e repeti o processo. A busca deu origem a uma base de dados com 318 trabalhos catalogados, sendo que 101 são pesquisas que focam especificamente na bissexualidade e/ou em pessoas bissexuais, ou seja, 31,7% do total. Já os que apresentam os termos “bissexualidade”, “bissexual” e/ou “bissexuais” no título, no resumo e/ou nas palavras-chave totalizam 111, o equivalente a 34,9% da base. Não foi possível verificar se os termos-chave constam em 194 trabalhos, pois os mesmos não estão disponíveis na Plataforma Sucupira.

Ficou evidenciado que as principais grandes áreas de conhecimento a avançarem nos estudos sobre bissexualidade são as ciências da saúde, seguidas das ciências humanas.

TABELA 1: Grandes áreas

Grandes áreas	Número de trabalhos
Ciências da Saúde	131
Ciências Humanas	112
Ciências Sociais Aplicadas	32
Ciências Biológicas	27
Linguística, letras e artes	13
Ciências Agrárias	2
Interdisciplinar	1

Fonte: CAPES (2022)

África do Sul. Na ocasião, também foi apresentada publicamente pela primeira vez a bandeira bissexual (Vas, 2021).

Dos 131 trabalhos realizados no campo da saúde, 88 versam a respeito de doenças sexualmente transmissíveis, representando 67,1% do total de pesquisas coletadas nessa área. O dado é emblemático porque historicamente pessoas bissexuais são estigmatizadas como mais propensas a doenças sexualmente transmissíveis – preconceito que ficou evidenciado durante a epidemia da aids, como vimos no primeiro capítulo.

Outros temas que parecem fugir ao jornalismo também aparecem repetidas vezes entre os trabalhos mapeados, a exemplo do termo “políticas públicas”, mencionado em seis títulos distintos, sendo que quatro deles foram publicados na gestão Bolsonaro (2018-2022). Ainda cabe destacar as pesquisas que correlacionam bissexualidade e os ambientes escolares e universitários: são 24 no total. Em um contexto histórico-político marcado pela negação à educação sexual nos ambientes de formação (Pessoa, 2022), os efeitos que o apagamento produz na comunidade bissexual certamente são do interesse dessa comunidade.

Porém, nenhum dos trabalhos localizados foi produzido dentro de um Programa de Pós-Graduação em Jornalismo. Oito foram realizados em Programas de Pós-graduação em Comunicação, contudo, apenas um deles teve a bissexualidade como foco.

“REPRESENTAÇÃO CULTURAL E RECONHECIMENTO DA BISSEXUALIDADE: uma análise de Minha Mãe É Uma Peça 2 e The Bisexual”, de Fernanda Santos Rossi, é uma dissertação realizada dentro do Mestrado em Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, em 2020. Conforme aponta o título, a pesquisa se dedica a analisar os significados culturais da bissexualidade na representação do filme Minha Mãe é uma Peça 2 e da série The Bisexual. Os autores mobilizados para discutir os conceitos de representação e reconhecimento são Stuart Hall e Axel Honneth, respectivamente. Shiri Eisner é a principal autora a tratar da bissexualidade.

TABELA 2: Trabalhos em comunicação

(continua)

Título	Autoria	Ano	Programa	Universidade	Título, resumo e palavras-chave	Direcionamento em bissexualidade
As representações sobre cidadania de gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais no discurso jornalístico da Folha e do Estadão	Vicente William da Silva Darde	2012	Doutorado em Comunicação e Informação	Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Sim	Não

TABELA 2: Trabalhos em comunicação

(conclusão)

Título	Autoria	Ano	Programa	Universidade	Título, resumo e palavras-chave	Direcionamento em bissexualidade
Da esfera cultural à esfera política: a representação de grupos de sexualidade estigmatizadas nas telenovelas e a luta pelo reconhecimento	Ângela Cristina S. Marques	2003	Mestrado em Comunicação Social	Universidade Federal de Minas Gerais	Trabalho anterior à Plataforma Sucupira	Não
JORNAL DO NUANCES - A prática midiática de uma ONG de Porto Alegre - RS para o confronto político entre o "GAY CLASSE MÉDIA" e a "BICHA BAFONA"	Fernando Luiz Alves Icon Barroso	2007	Doutorado em Ciências da Comunicação	Universidade do Vale do Rio dos Sinos	Trabalho anterior à Plataforma Sucupira	Não
Quando o afeto ganha a esfera midiática: casos de sujeitos homoeróticos e estratégias jornalísticas para enquadrar as vozes de leigos e especialistas	Roberto Alves Reis	2004	Mestrado em Comunicação Social	Universidade Federal de Minas Gerais	Trabalho anterior à Plataforma Sucupira	Não
A mulher e o poder da heteronormatividade: uma discussão no contexto escolar	Lisis Fernandes Brito de Oliveira	2010	Mestrado em Educação, Cultura E Comunicação	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Trabalho anterior à plataforma sucupira	Não
Os efeitos de personagens LGBTs de telenovelas na formação de opinião dos telespectadores sobre a homossexualidade	Welton Danner Trindade	2010	Mestrado em Comunicação e Semiótica	Pontifícia Universidade Católica De São Paulo	Trabalho anterior à plataforma sucupira	Não
Representação Cultural E Reconhecimento Da Bissexualidade: uma análise de Minha Mãe É Uma Peça 2 e The Bisexual	Fernanda Santos Rossi	2020	Mestrado em Comunicação Social	Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais	Sim	Sim

Fonte: CAPES (2022)

Por fim, destacamos que 106 dos títulos tabelados foram publicados nos últimos 10 anos, entre 2013 e 2022 – ou seja, 33,3% do total. Assim, percebe-se que a academia tem se debruçando sobre o tema na contemporaneidade, mas ainda há escassez de estudos dentro do campo do jornalismo, dado que testemunha a urgência desta dissertação, já que o único trabalho do campo da comunicação que tem a bissexualidade como foco é voltado para o cinema, e não reflete criticamente sobre as práticas jornalísticas.

4.1 ENTREVISTAS

Uma das minhas buscas, enquanto pesquisadora, é a de me despir de quaisquer pretensões de universalidade, não me deixando esquecer que existem pessoas ativistas e pesquisadoras construindo uma epistemologia bissexual no Brasil desde a década de 2000.

No entanto, não seria possível, no curto espaço de uma dissertação, ouvir as muitas vozes que contribuíram e contribuem para uma revolução bissexual brasileira. A princípio, pensamos em fazer um grupo focal com pessoas bissexuais, onde elas seriam convidadas a analisar conjuntamente algumas reportagens selecionadas e fazer suas contribuições em diálogo. Porém, após as contribuições da banca de qualificação, decidimos recalculer a rota por perceber que, partindo de uma premissa interseccional, nos interessa conhecer as particularidades de cada indivíduo entrevistado, e o grupo focal não seria o espaço mais adequado e acolhedor para que cada pessoa tivesse o devido tempo e espaço para falar de si.

Esta reflexão delineou a nossa escolha por fazer entrevistas com pessoas que se dedicam às construções coletivas, participando de grupos de pesquisa e/ou do movimento social organizado, na tentativa de encontrar reflexões já amadurecidas pelo diálogo com outras pessoas bissexuais que se organizam coletivamente.

Escolhemos a entrevista semiestruturada para guiar nossos diálogos, método que consiste em pré-conceber perguntas apoiadas em teorias e hipóteses que se relacionam com o tema de pesquisa. Consideramos essa modalidade de entrevista adequada porque ela abre precedentes para que novas hipóteses surjam e sejam exploradas em profundidade ao longo das entrevistas, já que o investigador-pesquisador tem a possibilidade de se manter consciente e atuante ao longo de todo o processo. Ou seja, trata-se, antes de mais nada, de uma “interação social” face a face (Manzini, 2004, p. 9), com muitas vantagens. Triviños (1987) defende que as entrevistas semiestruturadas favorecem “não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade” (Triviños, 1987, p. 152).

Geralmente a entrevista é indicada para buscar informações sobre opinião, concepções, expectativas, percepções sobre objetos ou fatos ou ainda para

complementar informações sobre fatos ocorridos que não puderam ser observados pelo pesquisador, como acontecimentos históricos ou em pesquisa sobre história de vida, sempre lembrando que as informações coletadas são versões sobre fatos ou acontecimentos (Manzini, 2004, p. 4).

Tanto Triviños quanto Manzini defendem que as perguntas elaboradas pelo pesquisador devem ser “básicas”. Assim, o roteiro serviria “como um meio para o pesquisador se organizar para o processo de interação com o informante”, e não como um instrumento rígido, que não permite desvios (Manzini, 2004, p. 2).

Participar do I Encontro do Movimento Bissexual Brasileiro, evento mencionado no primeiro capítulo desta dissertação, me deu as ferramentas necessárias para mapear bons entrevistados, levando em conta critérios como: atuação acadêmica e/ou política em torno do tema, diversidade geográfica, racial e de gênero.

Ao todo, foram selecionadas seis pessoas entrevistadas, das cinco regiões do Brasil, com quem fiz pouco mais de sete horas de entrevistas via Google Meet. Infelizmente, devido à distribuição geográfica, não foi possível entrevistá-las pessoalmente, e escolhemos as ligações de vídeo, com câmera ligada, para preservar o máximo possível do caráter “olho no olho” das entrevistas semiestruturadas. Também é preciso assumir, de antemão, as limitações do recorte, porque seis pessoas certamente não dariam conta de contemplar toda a diversidade contida na população brasileira, tampouco seria possível esgotar as reflexões construídas pelo movimento bissexual brasileiro ao longo de duas décadas em sete horas de diálogo.

A seguir, apresentamos as pessoas entrevistadas.

TABELA 3: Entrevistados

Nome	Gênero	Idade	Estado	Região	Raça
Vitória Régia da Silva	Mulher cis	27	Alagoas	Nordeste	Negra
Ana Mendes	Mulher cis	38	Santa Catarina	Sul	Branca
Fernanda Coelho	Mulher cis	40	Minas Gerais	Sudeste	Parda
Dani Vas	Não binário	29	São Paulo	Sudeste	Branca
Letícia Lujan	Mulher cis	31	Brasília	Centro-Oeste	Branca
Inácio Saldanha	Homem cis	26	Pará	Norte	Negra

FONTE: Arquivo pessoal da autora, 2023

Para guiar essas conversas, selecionamos três reportagens²⁵ da pesquisa exploratória que realizamos no Google, no início deste trabalho. Importante destacar que o trabalho não fará uma análise das reportagens, uma vez que o nosso interesse está na análise e nas percepções apresentadas pelas pessoas entrevistadas. Decidimos selecionar três reportagens porque consideramos que este seria o mínimo de material necessário para subsidiar as entrevistas sem sobrecarregar as pessoas entrevistadas com leituras e informações variadas. Durante o processo de escolha, priorizamos conteúdos publicados em portais jornalísticos nacionalmente reconhecidos e que contêm entrevistas e análises. Além disso, tínhamos a hipótese de que as três manchetes escolhidas poderiam ser estigmatizantes. Foram elas:

TABELA 4: Manchetes

Título	Veículo	Ano
Bissexuais namoram menos pessoas do mesmo gênero do que outros LGBT+ ²⁶	IG	2023
Ser bissexual é uma tendência para o futuro? ²⁷	Estadão	2016
Bissexuais usam cannabis com mais frequência para lidar com adversidades, diz estudo ²⁸	CNN	2023

FONTE: CNN, 2016; Estadão, 2023; IG queer, 2023

A partir desses conteúdos, desenvolvemos um questionário semiestruturado com 16 questões que contemplam questões interseccionais que consideramos essenciais para compreender de que lugar essas pessoas falam, além de reservarmos um espaço para análise das reportagens escolhidas. Cada pessoa entrevistada as recebeu com antecedência, para que pudesse ler e elaborar sua análise crítica. O primeiro questionário ficou organizado da seguinte forma:

²⁵ Os prints das reportagens estão entre os anexos do trabalho.

²⁶ Disponível em:

<https://queer.ig.com.br/2023-02-02/bissexuais-namoram-menos-pessoas-do-mesmo-sexo-do-que-outros-lgbt-html>. Acesso em: 13 de abril de 2024.

²⁷ Disponível em:

<https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/ser-bissexual-e-uma-tendencia-para-o-futuro/>. Acesso em: 13 de abril de 2024.

²⁸ Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/saude/bissexuais-usam-cannabis-com-mais-frequencia-para-lidar-com-adversidade-s-diz-estudo/>. Acesso em: 13 de abril de 2024.

TABELA 5: Primeiro questionário semiestruturado formulado para a pesquisa

Perguntas	Blocos temáticos
1. Nome e pronomes	Investigação pessoal e interseccional
2. Idade	
3. Território (onde nasceu, onde viveu a maior parte da vida e onde vive atualmente)	
4. Raça	
5. Classe	
6. Autodeterminação de gênero	
7. É PcD?	
8. Como se descobriu bissexual?	
9. Como/quando começou a se autodeclarar bissexual?	
10. Pode me falar mais sobre sua atuação em torno da pauta? (É ativista/pesquisadore?)	
11. Você se considera uma pessoa leitora de jornais? Como é a sua relação com o jornalismo produzido no seu território?	
Discussão das três reportagens enviadas	Análise do noticiário
12. Costuma ver a bissexualidade retratada nos jornais?	
13. Que tipo de conteúdo sobre bissexualidade você gostaria de acessar nos jornais?	
14. Lembra de alguma notícia emblemática sobre bissexualidade que viu/leu? O que te chamou a atenção?	
15. O que você indicaria como boa prática para uma cobertura respeitosa com as bissexualidades, em específico?	
16. Quer acrescentar algo mais?	

FONTE: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Seguindo as recomendações de Manzini (2004), começamos pelas perguntas básicas e menos complexas; optamos por usar termos de fácil compreensão; e dividimos a entrevista em blocos temáticos, primeiro tratando das questões pessoais e interseccionais que competem a cada pessoa entrevistada e depois adentrando a análise do jornalismo.

Após as duas primeiras entrevistas, percebemos que a pergunta 11 gerava confusão entre as pessoas entrevistadas. Os primeiros entrevistados responderam que não cumpriam o estereótipo do leitor de jornal – aquela pessoa que acompanha diariamente o jornal impresso. Assim, decidimos alterar a pergunta para “Você costuma ler portais jornalísticos?”, focando na natureza dos veículos cujos conteúdos seriam analisados na sequência.

A respeito das reportagens escolhidas, traçamos perguntas como:

- Qual é a sua impressão geral?
- Como você avalia o título?
- O que você pensa sobre as fontes escolhidas?
- E as fotos, que pensamentos/sensações geram?
- Você considera que a bissexualidade foi abordada de maneira adequada?

Perguntas assim são classificadas como “avaliativas” porque “perseguem estabelecer juízos de valor sobre os fenômenos sociais” (Triviños, 1987, p. 151).

Cabe ressaltar que sou uma pessoa bissexual e as pessoas entrevistadas foram informadas disso antes ou durante as entrevistas. Penso que a minha identidade sexual perpassa a maneira como vejo o mundo e estabeleço trocas com outras pessoas bissexuais, além de atravessar a minha relação – que não é neutra – com o meu fenômeno de pesquisa.

Na etapa de análise, escrevi relatos cartográficos sobre os seis diálogos, de modo a registrar também as minhas reflexões sobre o processo. De acordo com Nísia Martins do Rosário e Adriana Pierre Coca (2018), “o termo cartografia na tradução do latim quer dizer carta escrita (*charta*, que significa carta; *graph*, que significa escrever)”. As pesquisadoras descrevem a cartografia aplicada às pesquisas em comunicação um método em constante atualização que “pode revelar diferentes cenários sociais, trocas simbólicas ou mesmo fluxos comunicacionais, não podendo, assim, seguir protocolos normalizados previamente, uma vez que cada paisagem é única” (Coca; Rosário, 2018, p. 38). Este método considera, também, as minhas subjetividades colocadas no processo de pesquisa.

Não é possível, por exemplo, considerar o sujeito com quem se vai fazer a pesquisa como um informante apenas, ele será o sujeito com quem se vai desenvolver a investigação, com quem se vai construir conhecimento. Neste ponto, é relevante considerar que a cartografia opera sobre o coletivo, extrapolando as disciplinas, as dimensões hierárquicas entre pesquisador e pesquisado (Coca; Rosário, 2018, p. 40).

Por fim, olhamos para todas essas reflexões agrupadas, tecendo pontes entre as pessoas entrevistadas e as nossas reflexões cartografia ao longo do processo, em busca de

extrair as guias que serviram de base para a elaboração do produto final: o Guia de boas práticas para coberturas jornalísticas sobre bissexualidade²⁹.

Já existem guias de comunicação que trazem propostas de como abordar a bissexualidade, como o Manual de comunicação LGBTI+ (2021), realizado pela Aliança Nacional LGBTI e pela rede GayLatino; e o Minimanual do Jornalismo Humanizado (2017). No entanto, o primeiro não tem como foco a cobertura jornalística e tem um caráter generalista, resumindo-se a trazer uma definição binária e desatualizada do que se trata a bissexualidade, além de indicar o Dia da Visibilidade Bissexual celebrado nos Estados Unidos, em 23 de setembro, sem diálogo com o movimento bissexual brasileiro. O segundo dedica mais espaço a tratar da bissexualidade: são 6 páginas, no total. Porém, replica a mesma lógica binária ao definir a bissexualidade e aborda o tema de maneira mais superficial do que estamos nos propondo a abordar, já que o nosso foco é exclusivamente a bissexualidade.

Serviram de referências para a elaboração do nosso guia o “Manual Universa para Jornalistas: Boas Práticas na Cobertura da Violência Contra a Mulher” (Universa, 2020) e o guia “Boas práticas de cobertura feminista sobre aborto no Brasil” (Catarinas, 2023), cuja redação eu assino.

A última etapa, antes da diagramação do material, foi dividi-lo com duas pessoas bissexuais que fizeram uma revisão crítica do material, firmando o nosso compromisso em fazer desta pesquisa um processo coletivo. Foram elas: Vitória Régia da Silva, uma das entrevistadas desta pesquisa e Gerente de Jornalismo da Gênero e Número, e Eli Rosa, mestre e doutorando em Educação pela Universidade Federal do Paraná e pesquisador de gênero e sexualidade.

²⁹ Disponível nos apêndices deste trabalho.

5 DIÁLOGOS

A seguir, traçamos relatos cartográficos sobre as entrevistas realizadas com as seis pessoas entrevistadas escolhidas, via Google Meet, entre os dias 9 de outubro e 23 de novembro de 2023. Eles foram dispostos em ordem temporal (ou seja, na mesma ordem em que foram realizadas as entrevistas) para que as pessoas leitoras pudessem receber as informações e análises contidas nesses relatos na mesma sequência em que recebemos.

Também trago um relato sobre a minha participação no II Seminário Nacional de Estudos Bissexuais, o Senabi, em 7 de dezembro de 2023, quando pude discutir a minha pesquisa com outros comunicadores e pesquisadores em bissexualidade.

Por fim, todos os relatos foram analisados para subsidiar o Guia de boas práticas para coberturas jornalísticas sobre bissexualidade, produto final desta dissertação.

5.1 ENTREVISTA #1: INÁCIO SALDANHA

Escolhi começar esta série de entrevistas conversando com o pesquisador Inácio Saldanha, que conheci pessoalmente durante o I Encontro Nacional do Movimento Bissexual Brasileiro e que gentilmente me convidou a participar da Rede Brasileira de Estudos sobre Bissexualidade e Monodissidência (REBIM), criada em 2023, a partir da experiência do Grupo Amazônida de Estudos sobre Bissexualidade (GAEBI), este fundado em 2019. Inácio participou da fundação de ambos os grupos e também atua na Frente Bissexual Brasileira como ativista independente. Ou seja, é uma pessoa que se dedica à pauta na academia e dialoga com a sociedade civil organizada, esforço de construção coletiva que valorizo pessoalmente e considero estratégico para esta pesquisa, que também busca construir pontes.

Foram quase duas horas de conversa. Após a entrevista, trocamos ideias sobre os rumos desta dissertação e pensamos em criar um grupo de trabalho dentro da REBIM para discutir boas práticas em comunicação com outros pesquisadores bissexuais, a partir da experiência de cada um, que muitas vezes se dá em outras áreas da comunicação, como cinema e publicidade e propaganda, não se restringindo ao jornalismo.

A entrevista ocorreu no dia 9 de outubro de 2023, e depois dela, pensei no que conversamos. No dia seguinte, ainda com as ideias frescas, comecei a escrever este texto, como forma de criar um memorial que pudesse resistir aos efeitos do tempo. Nos próximos dias eu tomei um tempo para editar e polir o texto, também adicionando novas percepções, processo que busquei repetir após as demais entrevistas.

Inácio dos Santos Saldanha nasceu em 1997, em Ananindeua, na Região Metropolitana de Belém, no Pará. Hoje, ele mora em Campinas – a mudança se deu quando, após finalizar a licenciatura em História na Universidade do Estado do Pará, ele ingressou no Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Estadual de Campinas, em busca de pesquisar a bissexualidade sob orientação da pesquisadora Regina Facchini.

Sua dissertação, cujo título é “Categorias em trânsito: classificações da sexualidade e a emergência da ‘bissexualidade’ em Belém nos anos 1980 e 90”, foi defendida e aprovada no início de 2023, ano em que ele também passou no doutorado, na mesma instituição.

Em entrevista, ele disse que é de origem pobre, tendo passado fome em diversos momentos da vida, inclusive quando já estava na universidade. Quando morava com a mãe, no Pará, a renda de sua família era de um salário mínimo. Agora, ele vive com a bolsa de doutorado: R\$3.100, com a correção proposta no terceiro mandato de Luiz Inácio Lula da Silva, no início de 2023. Com essa renda, Inácio paga aluguel, vestuário, alimentação e ajuda a família. Ele viaja para participar de eventos usando sua Identidade Jovem, documento que lhe permite ter “acesso a vagas gratuitas ou com desconto no sistema de transporte coletivo interestadual, conforme disposto no Decreto nº 8.537, de 5 de outubro de 2015”³⁰.

A respeito de sua autodeclaração racial, Inácio expressou desconforto.

Eu sou uma pessoa de ascendência indígena. Tipo, a minha família viveu em comunidades, em ilhas, desde sempre, mas a gente não tem um pertencimento étnico. Para fingir estatística, eu entro como pardo, mas é muito complicado dizer que sou pardo porque, enfim, isso normalmente conta como negro de ascendência africana, né? Mas a palavra que existe é essa (Saldanha, 2023).

Quanto à sua identidade sexual, o entrevistado me contou que se descobriu bissexual aos 17 anos, quando entrou para a universidade e passou a acessar cotidianamente a internet. Antes, tinha dificuldade de entender sua atração por homens e mulheres, como se esses desejos fossem mutuamente excludentes. Durante a graduação, os amigos de Inácio notaram que ele se interessava por pessoas de gêneros diversos, e sugeriram que ele poderia ser panssexual. Foi a partir de pesquisas em blogs e da relação com pessoas não binárias no Twitter que o entrevistado compreendeu melhor a bissexualidade e hoje se autodeclara bissexual. Ele me contou que quando era mais jovem costumava ver fotos de coletivos bissexuais em São Paulo, mas as discussões em torno da bissexualidade, com um tom mais “politizado”, não chegavam até ele, no Pará. A primeira vez que Inácio se lembra de ter lido sobre o apagamento da bissexualidade no movimento LGBTI+ foi em um blog

³⁰ Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/idjovem>

fundamentalista cristão, que usava dessa disputa para acusar a comunidade LGBTI+, que “prega” o amor e o respeito, de não se respeitar internamente ao não reconhecer e acolher as bissexualidades.

De modo geral, Inácio diz que é uma pessoa discreta, que não costuma falar de sua sexualidade publicamente, porque passou a compreender o tema como "assunto de trabalho", e nos momentos de socialização prefere manter conversas mais “leves”.

O entrevistado descreveu o seu processo de autodeclaração bissexual em três etapas. Primeiro, ele contou que é bissexual para um grupo de amigas, e notou um tom de surpresa, mas ao mesmo tempo uma compreensão mais ágil e respeitosa. Ele pensa que isso aconteceu porque elas estavam imersas em discussões sobre feminismo e interseccionalidades, o que as teria aproximado de uma visão mais diversa sobre sexualidade. Seus amigos homens, por outro lado, tiveram uma postura bifóbica. Inácio disse que, quando falou para os colegas da universidade sobre sua identidade sexual, eles passaram a isolá-lo para afastar quaisquer investidas afetivo-sexuais.

No âmbito familiar, ele lembrou que sempre teve uma relação difícil com a mãe, e que as pessoas do bairro comentavam sobre sua orientação sexual.

Um dia eu tava vendo um filme, eu acho, e ela veio me perguntar se eu era gay. Eu falei, bom, vou mentir para quê, né? Aí eu disse pra ela: não, eu sou bissexual. Ela: como assim? Aí eu expliquei assim, de um jeito bem simples, que eu gostava de homens e de mulheres, e ela disse que ela não tava criando filho – eu tinha 18 anos, né? – ela não tava criando filho nem para ser bandido e nem ser gay. E aí começou um período de constrangimentos dentro de casa, d’ela não querer mais que eu lavasse nem uma louça que seja, porque eu já não sabia mais se eu era homem ou se era mulher, se eu gostava de homem ou de mulher (Ibid).

A certa altura, ele chegou a perguntar diretamente à mãe se ela era preconceituosa, e ouviu “sim” como resposta. Durante nossa conversa, ele ponderou o medo da mãe de ter “fracassado” na criação dos filhos, pois ela foi mãe solo e teve sua experiência de maternidade atravessada também pela pobreza e pela fome.

Hoje, o entrevistado percebe que ele e a mãe não costumam falar de sexualidade e têm uma relação de ambivalências. Por um lado, ele sente que a mãe expressa orgulho de sua trajetória acadêmica, visto que a maior parte da família nunca completou o ensino médio. Por outro, ele não a percebe satisfeita com seu fenômeno de pesquisa: a bissexualidade. Isso ficou evidente quando o pesquisador esteve em Brasília para falar no I Encontro Nacional do Movimento Bissexual Brasileiro. Ele disse que a família se emocionou ao saber que ele estaria na capital federal, mas receber as fotos dele com a bandeira bissexual desagradou a mãe.

Findadas as primeiras perguntas, que tinham como finalidade conhecer melhor o contexto de Inácio, considerando marcadores interseccionais como raça e classe, que, como vimos, resultam em uma sobreposição de vulnerabilidades que atravessam a maneira como o pesquisador percebe o mundo, quis entender como ele percebe o jornalismo.

Inácio me disse que definitivamente não se considera um leitor de jornal. Ele me explicou que já teve o hábito de ler jornais impressos e assistir TV com frequência, mas hoje recebe, de maneira passiva, notícias por meio das redes sociais e as consome, mas não costuma seguir páginas jornalísticas, tampouco compartilhar conteúdos jornalísticos, porque pressupõe que seu grupo de amigos se informe pelas mesmas fontes que ele.

Eu acho que acabei perdendo o hábito de ir atrás de notícia, sentar e ler, sabe, eu vejo mais o que é compartilhado, e essa é a razão pela qual normalmente nem compartilho notícias, porque o que acaba chegando até mim já é de pessoas que de certa forma eu acho que vão acessar os mesmos veículos e tal. Eu nem acho que vale a pena. Ai, aconteceu uma catástrofe e tem essa imagem aqui. Normalmente eu nem compartilho porque as pessoas que me seguem já vão ver, né? Já estão vendo. Então, eu não sou exatamente essa pessoa, mas já fui (Ibid).

O entrevistado não apresentou afinidade particular com o jornalismo produzido em Belém, e ponderou que a Amazônia é relevante para o debate público contemporâneo no Brasil, mas não costuma ser reportada por quem vive no território. Nas palavras de Inácio, “quando a gente tá na Amazônia, a maior parte das notícias já são de fora, e mesmo a imprensa local não se dedica totalmente a notícias e temas locais, é como se fosse muito específico” (Saldanha, 2023).

Quanto à incidência de conteúdo sobre bissexualidade na imprensa brasileira, ele acredita que houve um crescimento nos últimos anos, e cita o caso de Lucas Penteado, ex-participante bissexual do Big Brother Brasil que foi duramente atacado pelos demais participantes do programa quando beijou outro homem, em 2021. O ex-brother teve sua intencionalidade questionada com comentários bifóbicos e sofreu tanto que acabou desistindo do *reality*. Segundo Inácio, o episódio mobilizou um forte debate público sobre bifobia.

Eu também fiz parte desse debate. O caso ocorreu em 2021, ano em que escrevi um artigo intitulado “Os enquadramentos da bissexualidade no jornalismo”³¹, onde resgato conteúdos de portais jornalísticos, publicados entre 2020 e 2021, que falam da sexualidade de Lucas Penteado e de Marcela Mc Gowan, que participou do BBB no ano anterior, analisando-os sob a luz da teoria do enquadramento. Como resultado, constatei uma tendência

³¹ Apresentado à disciplina de Teorias do Jornalismo, no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, em 2021.

à composição de quadros monossexistas, pois Lucas foi chamado de gay e Marcela de lésbica diversas vezes pela imprensa, ainda que ambos se autodeclarem bissexuais.

O entrevistado também comentou que é estranho acompanhar a cobertura do Mês da Visibilidade Bissexual, setembro, e perceber que os conteúdos invariavelmente falam de invisibilidade bi.

Eu acho que não dá mais para ficar noticiando só que bissexuais são invisíveis, porque isso acaba virando um mantra. Eu tenho medo de isso estar acontecendo, de isso já ter acontecido – é a impressão que eu tenho, realmente, da forma como isso tá sendo incorporado pela imprensa. É quase como se fosse uma novidade, do jeito que é enunciado, e não é (Ibid).

Na visão de Inácio, a cobertura poderia ser mais propositiva, divulgando eventos, publicações e dados produzidos pela comunidade bissexual, sem criar uma imagem vitimista que pode acabar prejudicando o próprio movimento bissexual. Ele também reconhece que os ativistas e outras pessoas que falam sobre bissexualidade, muitas vezes, partem de um tom vitimista, então, é preciso repensar a forma como o movimento bissexual se comunica.

Perguntei se ele se lembrava de algum conteúdo jornalístico emblemático sobre bissexualidade. Ele resgatou uma publicação de 2005 do The New York Times, intitulada “Straight, Gay or Lying? Bisexuality Revisited”³² (em tradução livre: “Hetero, gay ou mentiroso? Bissexualidade revisitada”). O texto discute um estudo conduzido por um time de psicólogos estadunidenses em busca de compreender se existem mesmo homens bissexuais. A metodologia consistia em expor um grupo de homens cisgêneros que se identificavam como bissexuais, heterossexuais ou homossexuais à “falometria”, enquanto eles assistiam a conteúdos pornográficos diversos. A pesquisa concluiu que a bissexualidade não existia, pois não havia padrão na resposta fisiológica dos homens pesquisados, ou seja, eles não ficavam com os pênis igualmente eretos ao verem cenas de sexo com homens e mulheres.

Para o entrevistado, o estudo é “problemático” porque parte de um ponto de vista “monossexual”, ou seja, tenta provar, mais uma vez, que apenas pessoas heterossexuais e homossexuais existem, deslegitimando vivências monodissidentes. Além disso, na percepção de Inácio, o The New York Times colaborou para legitimar a pesquisa ao publicá-la.

Antes de iniciarmos a nossa conversa, enviei a ele três conteúdos jornalísticos distintos. O primeiro, publicado em 2023 pela CNN Brasil, enuncia: “Bissexuais usam cannabis com mais frequência para lidar com adversidades, diz estudo”. O texto fala de um estudo conduzido por psicólogos da Washington State University, que analisaram dados de

³² Disponível em: <https://www.nytimes.com/2005/07/05/health/straight-gay-or-lying-bisexuality-revisited.html>

pesquisa de quase 4.700 estudantes universitários estadunidenses que compõem minorias sexuais. Em entrevista, um dos autores, Kyle Schofield, se mostra surpreso com o resultado: pessoas bissexuais estão mais propensas a usar maconha (e também apresentam os níveis mais altos de todos os problemas de saúde mental analisados no estudo). A reportagem ouviu apenas mais uma fonte, outro pesquisador à frente do estudo, Carrie Cuttler. Ele supõe que os bissexuais usem mais cannabis porque são mais criativos e abertos a novas experiências.

A percepção de Schofield chamou a atenção do meu entrevistado. Ele comentou que se a reportagem tivesse ouvido um pesquisador da bissexualidade no Brasil, talvez soubesse que pessoas bissexuais estão, de fato, mais propensas a ter vícios, achado científico que não é nenhuma surpresa, e pudesse direcionar melhor a pauta. Inácio ficou incomodado com o título da matéria, e ponderou que ao ser compartilhada nas redes sociais, sem um contexto mais amplo, ela poderia dar a entender que a bissexualidade é um fator de risco para um estilo de vida “ruim”, já que usuários de drogas também são socialmente estigmatizados.

A segunda reportagem, cuja manchete pergunta: “Ser bissexual é uma tendência para o futuro?”, foi publicada em 2016 pelo Estadão. O texto mostra que, de acordo com uma pesquisa realizada pela J. Walter Thompson, 65% da geração Y (pessoas entre 21 e 30 anos) se identifica como heterossexual, contra 48% da geração Z (13 e 20 anos). A porcentagem de homossexuais continuou a mesma em ambas as gerações, de 6%. O número de pessoas “que afirmam ter algum grau de bissexualidade” é que teria crescido. Para avaliar o estudo, a reportagem ouviu o psicólogo Oswaldo Rodrigues Jr., diretor do Instituto Paulista de Sexualidade. Ele atribuiu esse crescimento ao “rótulo bissexual” transitório dos entrevistados, que em sua percepção estariam experimentando e poderiam mudar de ideia em 5 ou 10 anos, mas em outro momento da entrevista afirmou que bissexuais não são indecisos. Também há entrevistas de dois jovens bissexuais, que falam de preconceito, autodescoberta e ensinam sobre bissexualidade. São falas repletas de lugares comuns, sem embasamento científico – e na visão de Inácio, ilustram a problemática de uma “representatividade” rasa.

Em especial nesta reportagem, a escolha das fontes incomodou o entrevistado, que se queixou de os especialistas brasileiros não serem ouvidos, frisando que existe uma entidade nacional focada na pesquisa da bissexualidade e das monodissidências, mas a REBIM raramente é procurada pela imprensa para falar do tema de sua especialidade.

Inácio também apontou o contraste entre o conteúdo da reportagem e o título, que lhe pareceu “caça-cliques”. Para o entrevistado, o texto não dá conta – e não parece se propor – a responder à pergunta que levanta. Eu imagino que o título tenha sido inspirado pela fala de um entrevistado, para quem (sem dados de apoio) a bissexualidade “será mais aceita” no

futuro – percepção que corrobora a problematização sobre representatividade do meu interlocutor. Afinal, nem toda pessoa bissexual é especialista em bissexualidade.

A terceira reportagem que enviei a Inácio foi publicada no início de 2023 pelo IG Queer, ou seja, a editoria especializada em diversidade sexual do portal IG. O título aponta: “Bissexuais namoram menos pessoas do mesmo gênero do que outros LGBTQ+”. Enquanto falávamos, percebi que na URL do conteúdo, a palavra “sexo” aparece no lugar de “gênero”, o que me sugere que o enunciado foi alterado depois da publicação, mas não há aviso de edição que explique o motivo. O texto traz os resultados do relatório de namoro LGBTQ+ do Hinge, um aplicativo de relacionamento. De acordo com a plataforma, pessoas bissexuais têm “três vezes mais chances de nunca terem tido uma experiência de namoro queer do que outros membros da comunidade LGBTQIAPN+” (IG queer, 2023). O portal traz duas fontes: o CEO do aplicativo e o músico Grant Knoche, reproduzindo um trecho de sua entrevista ao Gay Times, onde ele defende a importância de falar sobre sua sexualidade de forma clara nos aplicativos de relacionamento, a fim de não causar confusões futuras em seus pretendentes.

Inácio se pergunta se esse conteúdo, em específico, deveria ter virado notícia.

Isso abre margem para muitos discursos que baseiam a experiência de pessoas bissexuais em relacionamentos, como se relacionamentos pudessem medir uma incidência de violência ou de aceitação ou não. Então, quando se fala de pessoas bissexuais se relacionarem menos com pessoas do mesmo gênero, parece um pouco dizer que pessoas bissexuais são menos LGBTQs (Ibid).

O entrevistado também comentou que a foto de capa da reportagem, que traz a imagem de uma pessoa se escondendo atrás de uma bandeira LGBTQI+, reforça essa ideia.

Por fim, Inácio questionou o uso do termo “namoro queer”, defendendo que categorias criadas para classificar a experiência de pessoas não deveriam ser aplicadas para classificar práticas. Segundo ele, o movimento bissexual vem adotando a descrição como estratégia: em vez de “namoro gay”, fala-se em “namoro entre dois homens”. Ou ainda: em vez de “maternidade lésbica”, fala-se em “dupla maternidade”.

Antes de fecharmos, sistematizamos, juntos, três boas práticas essenciais para a construção de um jornalismo monodissidente:

- Fontes: ouvir representações do movimento organizado brasileiro e pesquisadores que estão trabalhando com o tema na atualidade, no Brasil, pois a bibliografia sobre bissexualidade está em constante produção e atualização – e o que é produzido fora nem sempre diz respeito à realidade e a demandas das pessoas bissexuais no Brasil
- Combater a criação de uma imagem vitimista do movimento bissexual

- Diversificar as pautas e formas de abordar o tema, sem se ater à invisibilidade

Sobre o último tópico, penso que uma estratégia para superar o “mantra da invisibilidade” nos conteúdos jornalísticos que falam da experiência bissexual seria construir contranarrativas que afirmem a existência de pessoas bissexuais.

Como jornalista bissexual, percebo que temos um longo caminho a percorrer no resgate da memória do movimento bissexual brasileiro, pesquisando dados sobre saúde, educação e outros temas que permeiam a vivência de pessoas bi, e que carecemos de retratar a comunidade bissexual para além da dor.

Assim, acrescento:

- Optar por pautas que afirmem a existência bissexual, tratando de temas essenciais para a vida dessas pessoas, como saúde e educação
- Falar da experiência bissexual para além da narrativa da dor, mostrando também as vivências positivas da bissexualidade

Acrescento, ainda, outras ideias que tive durante a nossa conversa:

- Não pressupor a identidade sexual de um indivíduo, sempre perguntar
- Não atribuir identidade/orientação sexual a práticas e objetos, por exemplo – categorias como gays, lésbicas e bissexuais são reservadas a pessoas
- Tratar de pautas sobre bissexualidade para além dos limites do agendamento, isto é, acompanhar as demandas da comunidade para além de setembro
- Perguntar-se: esta pauta/manchete tem potencial estigmatizante? Se tiver, escolher outra abordagem, de preferência em diálogo com pesquisadores e ativistas bissexuais
- Tomar cuidado com a mensagem que a imagem escolhida pode passar. Perguntar-se: esta imagem pode ser estigmatizante?
- Apoiar o processo de letramento do leitor, dando conteúdo a palavras como “monodissidência” e “bifobia”, por exemplo

5.2 ENTREVISTA #2: DANI VAS

Conversar com Dani Vas foi uma indicação de Inácio, por duas razões: Dani é bastante ativo no movimento bissexual e também na academia – ele compõe o Bi-Sides e cunhou o termo “monodissidências”. Aceitei prontamente a sugestão, Inácio fez a ponte e marcamos

uma chamada de vídeo via Google Meet, no dia 20 de outubro de 2023. A entrevista durou 1h28.

Dani me contou que nasceu e vive em São Paulo, capital, tem 29 anos, é uma pessoa branca e não binária – ou “gênero fluido”. Ele se sente contemplada pelos pronomes neutros, masculinos e femininos. Em entrevista, me disse que gosta especialmente da mistura, então decidi experimentá-la neste texto. Ele foi criada por uma família rica, e ainda se reconhece como uma pessoa rica, mas já não consegue, com o próprio salário, manter o padrão de vida de seus pais, por isso está de mudança da Zona Leste para a Zona Norte de São Paulo.

Eu tô indo mudar para a periferia para facilitar a pagar as contas, por mais que eu ganhe bem para a média brasileira. Mas ao mesmo tempo, eu sei que se eu precisar de ajuda dos meus pais, tipo, puta, apertou o pagamento de não sei o quê, ajudam? Sem problemas. Então, instabilidade financeira não é algo com que eu convivo. É muito curioso, né? Dá para dizer que eu ainda sou rico (Vas, 2023).

Dani é uma pessoa neurodivergente, diagnosticada com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), fator que considera “estruturante” de sua personalidade. Ele me explicou que foi uma típica “criança viada”, termo popularmente usado para descrever meninos que são socialmente lidos como “afeminados”. Suas primeiras experiências sexuais foram com meninos, mas na adolescência, passou a se relacionar também com meninas.

Entre os 9 e os 19 anos, ele treinou ginástica competitiva, ambiente que descreveu como “muito homofóbico” e ao mesmo tempo “muito homoerótico”. U entrevistade confessou que sentia desejo pelos colegas de esporte, mas buscava reprimir essa atração por conta do preconceito. Durante muito tempo achou que sentia apenas desejo sexual por homens, enquanto sentia atração afetivo-sexual por mulheres. Porém, Dani namorou um homem pela primeira vez aos 20 anos, já na época da faculdade, e pouco a pouco essa divisão foi deixando de fazer sentido.

Quando ingressou no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), na graduação, Dani começou a conhecer a militância LGBTI+ e se aproximou de uma amiga lésbica, que o ajudou a contar às pessoas que ele é bissexual – conversar com os amigos, segundo Dani, foi tranquilo, mas falar com a família, nem tanto. Ele marcou um jantar com os pais em 2013, fez o anúncio e os próximos cinco anos foram difíceis, marcados pela bifobia. Subitamente, o pai e a mãe delu passaram a lamentar porque não teriam netos, embora ele sempre tenha afirmado o seu desejo de viver a experiência da parentalidade por adoção.

Foi muito difícil durante muito tempo, até o meu último namoro. Uma pessoa que eu namorei em 2018, terminou no final do ano passado, todos os meus melhores amigos ainda moram junto com ele. Mas ele era mais pé na porta, e aí ele confrontou os meus pais. E aí meus pais pararam para cuidar. Que tipo de relação eu quero ter com o meu filho e com o namorado dele? Então, eles pararam para cuidar, sabe, fazer terapia (Ibid).

Em 2014 Dani entrou para o seu primeiro coletivo LGBTI+, dentro da USP. A experiência não durou muito porque ele percebeu que aquele espaço era muito “monossexual”, “especialmente gay”. Seu primeiro contato com conteúdo qualificado sobre bissexualidade, assim como ocorreu com Inácio, foi pela internet. Ela me disse, inclusive, que republicava muito do que lia nas redes sociais, e outras pessoas bissexuais passaram a enviar mensagens agradecendo pelas referências.

Em 2015, a entrevistada decidiu fundar um “grupo de acolhimento” para pessoas bissexuais na USP, experimento que durou cerca de um ano e meio – chamar de “grupo de acolhimento” foi estratégico, pois a militância não era bem vista na época, em sua visão.

Em 2017, ele conheceu Natasha Avital, uma das fundadoras do Bi-Sides, e assim também passou a integrar a coletiva de militância bissexual, da qual faz parte até hoje.

Dani cunhou o termo “monodissidências”, e atualmente o descreve como “ferramenta político-comunitária que contempla todas as pessoas que se atraem por mais um gênero” (Vas, 2023). O termo ganhou tanta amplitude que ela decidiu fortalecê-lo também pela via acadêmica, ingressando no mestrado em Psicologia Experimental da USP, em 2019, em busca de estreitar os laços entre militância e academia. Sua dissertação, intitulada “Militância enquanto convite ao diálogo: o caso da militância monodissidente”, foi publicada em 2021³³.

Dani disse que segue os “grandes veículos” nas redes sociais, citando como exemplos G1, Estadão e Folha de S.Paulo, além de jornais independentes como o Mídia Ninja.

Ele não relatou nenhuma relação especial com o conteúdo jornalístico produzido em seu território, embora os veículos mencionados estejam, em grande parte, sediados na capital paulista. “Isso cada vez faz menos sentido, né, com o uso das redes sociais. Comprar jornal é para fazer trabalho manual, digo, o jornal físico” (Vas, 2023).

Esta resposta me deixou particularmente intrigada. Assim como Inácio, a pergunta “você se considera um leitor de jornal?” fez com que Dani pensasse automaticamente nos jornais impressos, como se o leitor de jornal fosse apenas o sujeito que compra o impresso na banca e faz sua leitura diária enquanto toma café da manhã. Considerando que interessa a esta

³³Disponível em:

https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-09112021-140959/publico/vas_corrigida.pdf

pesquisa saber se os entrevistados acompanham portais jornalísticos, resolvi alterar a pergunta para “você costuma acompanhar portais jornalísticos?” nas próximas entrevistas.

Como conteúdo jornalístico emblemático sobre bissexualidade, ele citou a capa da Istoé de outubro de 1995³⁴, cujo título é: “Bissexuais. Nem gays. Nem heteros. Talvez o sexo do futuro”. A foto traz um casal composto por duas mulheres e um homem jovens, todos brancos e magros. Para a minha entrevistada, este é “um documento histórico muito interessante sobre retratação da mídia acerca da bissexualidade”, porque mostra como a bissexualidade é sempre retratada como algo novo e completamente inusitado (Vas, 2023).

Dani gostaria que a bissexualidade fosse retratada com a mesma “naturalidade” que outras sexualidades, e disse que sente falta de reportagens que trabalhem as demandas reais dessa população, citando dois exemplos. O primeiro é o sofrimento mental que as pessoas bissexuais vivenciam – ele gostaria de ler críticas a profissionais de saúde que patologizam pessoas bissexuais, distribuindo diagnósticos de borderline, por exemplo, por conta da bifobia (ele mesmo diz ter sido erroneamente diagnosticado). O segundo tem a ver com o fato de que o movimento bissexual teve seu primeiro trio elétrico na Parada do Orgulho LGBT de São Paulo em 2023, embora o evento seja realizado desde 1997. “Os jornais poderiam ter ajudado muito nisso, se isso tivesse virado um tema”, falou Dani, completando: “O jornal pode servir como veículo de apoio para a causa” (Vas, 2023).

Quanto às reportagens que enviei, Dani ficou incomodado com a palavra “adversidades” citada no título da CNN: “Bissexuais usam cannabis com mais frequência para lidar com adversidades, diz estudo”. Para ele, o termo não dá conta de traduzir o real problema e a manchete pode colaborar para estigmatizar ainda mais as pessoas bissexuais, dando a impressão de que são “drogadas”, já que o uso de maconha ainda é malvisto no Brasil. Apesar disso, Dani ficou positivamente surpresa porque o conteúdo aborda o sofrimento mental de pessoas bissexuais, e gostou de uma declaração de Kyle Schofield, um dos autores do estudo noticiado, que disse: “Para pessoas bissexuais, pode haver ainda mais tipos diferentes de estresse, uma vez que podem enfrentar discriminação de comunidades gays e heterossexuais, e estresse adicional pode levar a resultados negativos de saúde mental” (Vas, 2023). Segundo a entrevistada, a reportagem foi bem sucedida ao mencionar a exclusão de pessoas bissexuais do movimento LGBTI+ sem atacar pessoas homossexuais. “Quem escreveu nitidamente fez uma pesquisa, teve cuidado” (Vas, 2023).

³⁴Pode ser vista em:

https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-1795544623-revista-istoe-1359-gal-leticia-spiller-pareja-bissexual-1995-_JM

Outro ponto forte, para ela, foi a metodologia da pesquisa, que classifica as pessoas pesquisadas como bissexuais pela atração por dois gêneros, e não porque se identificam como bissexuais. “Eu defendo que bifobia não é só sobre bissexualidade, é sobre vivências não monossexuais no campo da atração” (Vas, 2023).

De modo geral, a entrevistada achou a reportagem bem escrita e problematizou, além do título, apenas a falta da palavra lésbica, apontando como “um movimento estadunidense” esse de usar apenas a palavra “gay” para se referir a todas as pessoas não-heterossexuais.

Quanto à segunda reportagem, “Ser bissexual é uma tendência para o futuro?”, Dani disse que o enunciado faz parte do *modus operandi* da imprensa brasileira, que “redescobre” a bissexualidade a cada 20 anos – curiosamente, o texto foi publicado em 2016, cerca de 21 anos depois da capa da Istoé que ela mencionou pouco antes.

Sobre o intertítulo, que diz: “É comum que pessoas que sentem atração por mais de um sexo sejam vistas como ‘indecisas’ e ‘libidinosas’”, a entrevistada manifestou desconforto e o classificou como “bifobia padrão”, por reforçar a ideia de que a bissexualidade é um estado de incerteza e uma identidade de pessoas promíscuas.

Dani também questionou as afirmações do “especialista” trazido para a discussão – o psicólogo Oswaldo Rodrigues Jr., diretor do Instituto Paulista de Sexualidade – de que o “rótulo bissexual” pode ser transitório, podendo mudar em 5 ou 10 anos. “Ninguém fala isso de homem hetero, né?”, perguntou a entrevistada, de maneira retórica (Vas, 2023).

Como pontos positivos, ela apontou as entrevistas feitas com pessoas bissexuais, que tiveram espaço para falar de suas vivências. “Eu não sinto muita distorção na voz dessas pessoas”, disse (Vas, 2023). Dani também aprovou o uso da imagem da bandeira bissexual como capa, mas observou que seria interessante indicar na legenda que se trata da bandeira bissexual, pois nem todo mundo sabe disso.

Para ela, o recorte da reportagem é interessante, ou seja, a proposta de mostrar que pessoas mais jovens estão mais abertas para experimentar relações com homens e mulheres. No entanto, a execução deixou a desejar.

Chegamos à última reportagem analisada: “Bissexuais namoram menos pessoas do mesmo gênero do que outros LGBTQ+”. Para o entrevistado, a manchete é suficientemente “neutra” e cumpre o papel de informar. A respeito da gravata, ela teceu elogios à amostragem robusta da pesquisa do Hinge, que é de 14 mil pessoas, mas sentiu falta de uma explicação mais detalhada sobre a metodologia ao longo do texto. Em suas palavras, uma pesquisa como esta é “um prato cheíssimo” para a psicologia sexual.

A respeito da foto de capa, ele disse que não foi uma boa escolha, porque não diz nada sobre pessoas bissexuais, e sim sobre LGBTs se escondendo – o que poderia, inclusive, dar a impressão de que pessoas bissexuais não gostam de pessoas LGBTs.

Enquanto navegava pela notícia, Dani reparou que havia um *hiperlink* na palavra “bifobia”, clicou e foi levado para uma reportagem intitulada “Ex-Malhação se assume como uma pessoa trans não-binária e adota novo nome”³⁵. Ele demonstrou bastante insatisfação e comentou que é um problema grave misturar não binariedade e bissexualidade, pois não se trata do mesmo tema e o *hiperlink* pode confundir os leitores.

Outro ponto sensível apontado pelo entrevistado foi o uso do termo “namoro *queer*”, que, para ele, restringe a compreensão da notícia a pessoas que conhecem a teoria *queer*, tornando o conteúdo menos acessível. Comparar pessoas bissexuais a membros da “comunidade LGBTQIAPN+” foi outro erro, na percepção de Dani, pois na sigla cabem identidades de gênero e sexuais, que deveriam constituir categorias de análise distintas. Pessoas trans podem ser bissexuais, por exemplo.

Ele sentiu falta de saber um pouco mais sobre a experiência do usuário do aplicativo Hinge, e considerou problemática a ausência de falas de pessoas bissexuais. Portanto, sugeriu que fossem ouvidos bissexuais que usam o aplicativo.

Por fim, o entrevistado apontou que a reportagem não tinha um comentário sequer de leitores, mesmo tendo sido publicada meses antes, e concluiu que parecia mais uma matéria para “bater cartão” do que um conteúdo de interesse da comunidade bissexual.

Como boas práticas, Dani elencou:

- Trazer vozes (plurais) bissexuais na primeira pessoa
- Fazer pesquisas e se preparar para a pauta, sabendo os termos básicos e um breve histórico do movimento bissexual no Brasil e no exterior
- Fazer perguntas novas, que o movimento não tenha respondido diversas vezes
- Evitar pautas que tratem da bissexualidade como modismo ou novidade
- Tomar cuidado com os títulos para não reforçar estereótipos
- Trazer dados relevantes
- Buscar especialistas bissexuais para falar da pauta
- Não confundir sexo e gênero
- Buscar definições atualizadas do que é bissexualidade
- Não dar a impressão de que bissexuais estão contra os monossexuais

³⁵<https://queer.ig.com.br/2023-02-01/ex-malhacao-se-assume-como-pessoa-trans-nao-binaria-e-adota-novo-nome.html>

A partir da nossa conversa, ainda acrescento:

- Tomar o cuidado de usar termos acessíveis, ou explicá-los ao leitor
- Usar *hiperlinks* em palavras-chave para informar sobre o tema, e não como forma de sedimentar a atenção da pessoa leitora

5.3 ENTREVISTA #3: FERNANDA COELHO

Fernanda Coelho Carvalho é uma mulher cisgênera de classe média, parda, tem 40 anos, nasceu e vive em Ipatinga, Minas Gerais. Eu também a conheci durante o I Encontro Nacional do Movimento Bissexual Brasileiro, onde a ouvi falar sobre sua extensa trajetória de militância no movimento bissexual. No dia 24 de outubro de 2023, a entrevistei durante pouco mais de uma hora.

Em entrevista, ela me contou que se apaixonou por uma mulher quando tinha 20 anos, e por um breve período achou que fosse lésbica, mas depois se deu conta de que a palavra bissexualidade existia e descrevia melhor sua experiência. Nos próximos anos, Fernanda manteve essa informação apenas para si mesma e suas amigas mais próximas. Em 2010, quando entrou no segundo namoro com uma mulher, ela se assumiu bissexual publicamente.

A família reagiu melhor do que Fernanda esperava, mas levou anos para compreender totalmente do que se tratava – segundo a entrevistada, isso ocorreu porque naquele momento ela estava se relacionando com uma mulher e, para a família, a relação parecia mais relevante do que sua identidade sexual. Porém, com o tempo, eles passaram a compreendê-la melhor.

A primeira namorada de Fernanda também nunca tinha se relacionado com uma mulher antes, e ambas transitavam em ambientes bastante heteronormativos, talvez por isso nunca tenham conversado sobre orientação sexual. A segunda namorada era assumidamente lésbica, e se tornou uma aliada da luta bissexual ao longo da relação.

Fernanda se aproximou do chamado “direito homoafetivo” durante sua graduação em Direito, pela Universidade Federal de Ouro Preto. Em seu trabalho de conclusão de curso, orientado pela professora Rita de Cássia Melo e entregue em 2006, ela falava sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo realizado no exterior e as possibilidades de registrá-lo no Brasil. Depois, ela passou a frequentar eventos sobre a temática.

Em 2011, a entrevistada estreitou os laços com o movimento LGBTI+ ao provocar a fundação de uma Comissão Especial da Diversidade Sexual na Ordem dos Advogados do Brasil, dentro da subseção Ipatinga. Eram os gays que mais participavam, mas foi por meio

desse trabalho que ela conheceu também o movimento de lésbicas. Entre 2011 e 2013, Fernanda fez parte da Liga Brasileira de Lésbicas e Bissexuais, e ao sair, fundou o Coletivo BIL – Coletivo de Mulheres Bissexuais e Lésbicas Trans e Cis. “A gente inverte essa ordem usualmente trazida no movimento justamente para marcar que não seria um espaço onde a bifobia seria tolerada ou a bissexualidade seria apagada de nenhuma forma” (Coelho Carvalho, 2023).

Em 2020, o Coletivo BIL também ajudou a fundar a Frente Bissexual Brasileira, consolidando seu lugar de referência na pauta bissexual no Brasil.

Em 2013, quase todos os grupos eram de lésbicas e mulheres bissexuais, mas só falavam de lesbianidade. Então, como a gente também falava de bissexualidade, isso chama muita atenção e as pessoas começam a chamar o coletivo BIL para construir uma série de coisas – oficina em Brasília, enfim, de saúde, e aí a gente começa a se destacar nacionalmente. Isso que quando a gente começa, se pretende um grupo do Vale do Aço, em Minas Gerais, mas as coisas acabam saindo dessa previsibilidade e a gente vai para outras regiões de Minas Gerais e depois vai para outros estados no Brasil e acaba se projetando muito sobretudo pela pauta da bissexualidade, que em outros grupos vinha se fortalecendo, mas eram grupos que estavam fora do movimento LGBT, de uma forma geral. Tinha o Bi-Sides, que se organizava ali em São Paulo, mas não tinham outros espaços específicos, e a gente vai somando forças (Coelho Carvalho, 2023).

Em 2014, o Coletivo BIL colaborou para mudar a sigla do Seminário Nacional de Lésbica e Mulheres Bissexuais de SENALE para SENALESBI – as bissexuais já constavam no nome por extenso, mas a sigla não havia acompanhado essa mudança. “Isso nos dá mais projeção ainda, porque parecia que era algo assim super revolucionário quando a gente tava só mudando uma sigla de um nome por extenso que já tinha mudado”, comenta a entrevistada (Coelho Carvalho, 2023).

Também foi o Coletivo BIL que deu início a uma articulação nacional para que o Conselho Federal de Psicologia criasse uma resolução específica para o acolhimento de pessoas bissexuais, convidando coletivos de todo o Brasil para somar à luta por meio de uma nota conjunta por uma psicologia anti-bifobia. O resultado é a resolução nº 8 de 2022, que orienta psicólogos e psicólogas para o acolhimento de pessoas bissexuais³⁶.

Ainda cabe citar que o Coletivo BIL ajudou na construção da Política Estadual de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais – LGBT, em Minas Gerais. Segundo Fernanda, hoje, Minas Gerais é o único estado brasileiro que destina recursos para a implementação da política. “Ano passado destinou 24 milhões de reais para todo o estado, para implementação dessa política na atenção primária” (Coelho Carvalho, 2023).

³⁶ Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-n-8-de-17-de-maio-de-2022-401069557>

Atualmente, o Coletivo BIL atua no controle social de políticas públicas, promove ações de visibilidade e empoderamento e oferece uma rede de apoio para pessoas bissexuais.

Perguntei a Fernanda se ela costuma acessar portais de notícias e ela prontamente respondeu que sim. Porém, assim como os dois primeiros entrevistados, ela disse que não tem nenhuma afinidade específica com a produção jornalística de seu território e costuma acessar mais os portais de notícias nacionais, que, em sua visão, raramente falam de bissexualidade.

Quando a bissexualidade entra em pauta, segundo a entrevistada, muitas vezes é retratada de maneira “ok”, contudo, outras vezes é retratada de maneira desatualizada em relação ao que o movimento bissexual vem reivindicando. É “uma perspectiva muito binarista, muito de dois gêneros, homem e mulher, uma perspectiva muito atrelada a práticas sexuais, uma perspectiva também muito branca e cisgênera”, define Fernanda (Coelho Carvalho, 2023).

A entrevistada diz que gostaria de ver nos jornais os avanços conquistados por meio da luta do movimento bissexual, a exemplo da Resolução do Conselho Federal de Psicologia. Ela também gostaria de ver o Manifesto Bissexual Brasileiro, somado a uma definição de bissexualidade que dialogue com o entendimento da sociedade civil organizada. Ela ainda gostaria de ver uma face mais diversa do movimento retratada, “que saia desse lugar branco, cis e de classe média, principalmente” (Coelho, 2023).

Durante a entrevista, Fernanda relembrou a capa da *Veja* de dezembro de 2005, que traz uma foto da cantora Ana Carolina com a seguinte manchete: “‘Sou bi. E daí?’ A cantora que vendeu 800.000 discos em 2005 é ícone de uma geração que não liga para os rótulos sexuais e nem faz disso uma bandeira política”³⁷. Fernanda disse ter “odiado” esse conteúdo.

Eu li numa perspectiva de desdém aquele ‘e daí?’, principalmente no contexto do que ela fala – ela não tava dando um grande foco a isso. Foi a primeira notícia que eu me lembro, e foi uma notícia que a forma como foi feita, de forma sensacionalista, foi o que mais me chamou atenção – negativamente, inclusive (Ibid).

Em seguida, começamos a falar das reportagens que enviei a ela. Fernanda achou o título da CNN “sensacionalista”. De acordo com a entrevistada, é perigoso associar o uso da cannabis à bissexualidade em um país onde o uso do entorpecente ainda é ilícito. Além disso, ela observou que a correlação com a bissexualidade não era exatamente o foco do estudo.

A entrevistada considerou problemática a escolha dos pesquisadores de classificarem pessoas bissexuais a partir de suas práticas sexuais, e não da autodeterminação, e também teve

³⁷ Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1utISVI6RsaDSHzJq6SlwTyLI0oUeVI50/view>.

a sensação de que a bissexualidade foi retratada como uma mistura da heterossexualidade e da homossexualidade, noção que, em sua visão, precisa ser rechaçada.

Apesar dos problemas, Fernanda achou a temática da reportagem relevante e ponderou que replicar uma pesquisa feita no Norte global como se desse conta do contexto brasileiro poderia ser perigoso, mas disse que provavelmente o Brasil ainda não tem uma pesquisa que relacione cannabis e bissexualidade. Além disso, segundo ela, há uma tendência de os estudos brasileiros corroborarem estudos internacionais quando o assunto é bissexualidade, apesar da distância cultural e geográfica. As fontes consultadas pela redação – os autores do estudo – também lhe pareceram adequadas, mas, novamente, ela falou da importância de buscar especialistas brasileiros para corroborar ou acrescentar informações e dados à discussão.

Para ela, o uso do termo “minorias sexuais” também foi infeliz, pois as pesquisas sobre a população LGBTI+ são subnotificadas no Brasil e não é possível afirmar que essa comunidade é, de fato, uma minoria. Em casos como esse, de forma geral, a expressão “minoria” se refere a uma posição de representatividade, num contexto heteronormativo, e não a um quantitativo. A entrevistada sugeriu usar o termo “dissidências” ou nomear todos os grupos, sendo que a segunda opção, na sua opinião, seria a mais adequada.

A reportagem do Estadão, publicada em 2016, também a incomodou por falar da bissexualidade como um “modismo”. “A gente tá no futuro, né? Estamos em 2023, e acho que essa manchete poderia vir numa outra matéria também, não acho que tenha saído desse lugar” (Coelho Carvalho, 2023). De acordo com a entrevistada, a bissexualidade não é nenhuma tendência, é apenas mais uma forma de expressão da sexualidade humana – talvez mais livre, talvez não.

Para ela, os jovens ouvidos como fontes estão adequados à propostada da reportagem, mas o contraponto seria bem-vindo: Fernanda acredita que entrevistar também uma pessoa bissexual mais velha teria tornado o texto mais interessante.

Quanto ao especialista consultado, ela observou que ele fala de uma perspectiva muito pessoal, e para coletivizar, seria importante trazer dados e/ou ouvir o movimento bissexual.

Quando a gente constroi o movimento, esse lugar de fala, esse lugar da primeira pessoa, ele é importante, mas é importante a gente entender que não se encerra só na gente, essas vivências. E eu acho que o acúmulo do movimento poderia dar um outro olhar, seria uma forma de fazer isso, além de trazer outras pesquisas, outros dados também (Ibid).

Em sua visão, o especialista também falha ao dizer: “Não é uma fase de transição. Nunca foi. E para os que se identificam assim nunca será uma transição” (Estadão, 2016, np). Isso porque a afirmação não está amparada em dados – existem, sim, pessoas que transitam

entre identidades ao longo da vida. Algumas podem se entender como bissexuais durante um período de descoberta e depois se sentirem mais confortáveis dentro de uma identidade monossexual, e vice-versa.

É importante dizer que não é uma fase, que não é uma transição, mas essa afirmação categórica me incomodou e principalmente porque veio de um psicólogo, né? Veio uma pessoa que tá no lugar de saber, é uma afirmação que, teoricamente, não se refutaria, mas eu acho ela muito problemática (Ibid).

Tendo esse cenário em vista, ela reforça a necessidade de ouvir pessoas especialistas em bissexualidade, e não apenas sexualidade de modo geral, como é o caso do entrevistado, para falar sobre bissexualidade, pois, por melhor intencionada que a fonte esteja, se não estiver tratando de um tema no qual é especialista, corre o risco de reproduzir o senso comum.

Outro ponto de destaque, para Fernanda, foi a fala de Cláudia, a entrevistada que disse que os homens bissexuais se assumem menos. A minha entrevistada apontou que não caberia à fonte fazer essa alegação sem dados, e que isso não é, necessariamente, uma realidade.

No fim da reportagem, há uma galeria com fotos de celebridades, cujo título é: “Artistas que se assumiram bissexuais”. Fernanda notou que o rosto de Daniela Mercury estava lá e comentou que a artista não se identifica como uma pessoa bissexual. Juntas, olhamos para a legenda da imagem: “Antes de assumir o namoro com a jornalista Malu Veçosa, Daniela teve dois casamentos heterossexuais. A cantora está no relacionamento desde 2013 e elas pensam em ter filhos” (Estadão, 2016, n.p.).

Essa nomenclatura, ela é muito ruim, né? Embora eu imagino que ela se identificasse enquanto heterossexual naquele momento, mas essa ideia de nomear como casamentos e relacionamentos heterossexuais ou lésbicos, nunca vão nomear um relacionamento de bissexual, né? Quando na verdade a bissexualidade se expressa dessa forma. A gente fica com pessoas do mesmo gênero, de um gênero diferente, gênero neutro, enfim, a bissexualidade, ela tá nesses lugares que são lidos de forma majoritária como monossexuais. Então, quando a gente nomeia os relacionamentos a partir desses lugares, é muito problemático. Uma pessoa que futuramente se entenderia não-heterossexual, ela tava mesmo num relacionamento hetero? Eu questiono isso fortemente (Ibid).

Fernanda também defende que relacionamentos não têm orientação sexual – quem tem orientação sexual são as pessoas. Assim, seria mais adequado dizer “namoro entre mulheres” em vez de “namoro lésbico”, por exemplo. Ela recomenda sempre perguntar a identidade sexual da pessoa entrevistada, nunca presumir. Em outras palavras, Fernanda acredita que duas mulheres lésbicas podem dizer que vivem um relacionamento lésbico, e o jornalista pode respeitar a subjetividade das entrevistadas, nomeando-as da maneira que elas escolherem. Contudo, ao presumirmos a sexualidade de alguém a partir de suas relações, corremos o risco

de apagar sua real identidade. Apesar do erro do Estadão, Fernanda disse acreditar que um conteúdo como esse pode impactar positivamente a vida de uma pessoa bissexual que está se sentindo muito sozinha, carente de referências.

Quando chegamos à última reportagem analisada, Fernanda teceu críticas ao título.

É lógico que bissexuais vão namorar menos pessoas do mesmo gênero do que lésbicas, gays, porque são bissexuais, né? Porque não são monossexuais. Então eu acho que aí já é meio ridículo esse título, e ele reforça uma concepção muito bifóbica, né? Do imaginário de que bissexuais, ficando mais confortáveis em relacionamentos com pessoas de gêneros diferentes teriam uma passabilidade maior na sociedade heteronormativa, enfim, esse título, ele é muito ruim (Ibid).

Em seguida, ela problematizou também o nome da editoria: “IG Queer”. “Enquanto movimento, eu gosto de problematizar isso, faz muito sentido fora do Brasil, mas a gente também tem os nossos termos ressignificados que dizem das nossas vivências, da nossa cultura. A gente tem viado, bicha, sapatão, a gente tem outros lugares” (Coelho, 2023).

Para Fernanda, o termo “*queer*”, cuja tradução literal é “estranho”, causa confusão quando estamos discutindo políticas públicas – como exemplo, ela menciona a Secretaria Nacional dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+, que faz parte do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania desde o início do 3º mandato do presidente Lula, iniciado em 2023.

O uso do termo *queer*, principalmente quando a gente vai pensar, por exemplo, na secretaria que se cria. Eu não entendi quando entrou aquele “Q” ali, a gente está falando de políticas públicas, a gente está falando de uma construção que vem dos movimentos, né, que se organizam politicamente, a gente não tá falando de pessoas individualmente que se nomeiam de algum lugar, a gente tá falando de um grupo de pessoas que se organiza, pauta as suas demandas, traz as suas reivindicações políticas, e a partir daí a política se constrói. Eu sei o que são políticas públicas para lésbicas, para gays, para bissexuais, para travestis, mulheres trans, homens trans, pessoas intersexo, até assexuais, que estão se movimentando, se organizando mais recentemente. O que é uma política pública para *queer*, pensando no Brasil? Eu não sei essa resposta, até porque é um termo muito amplo (Ibid).

De modo geral, a entrevistada não gostou do texto e manifestou o seu desconforto diversas vezes. Ela disse que o tema poderia ter sido abordado de outra forma, tratando, por exemplo, dos problemas que pessoas bissexuais têm em aplicativos quando dizem que são bissexuais – a fetichização; as abordagens de pessoas em busca de *ménages*; a estigmatização pelas lésbicas, que muitas vezes se recusam a ficar com mulheres bissexuais... Para ela, falta uma fonte bissexual que seja usuária desses aplicativos para dizer por que algumas pessoas preferem não se nomear como bissexuais nesses espaços.

Ela se queixou da falta de padronização para a sigla no veículo, pois somente no texto analisado constam três variações: LGBT, LGBTQIAPN+ e LGBTQ+. Perguntei a Fernanda

como o movimento bissexual definiu a sigla adotada e primeiro ela citou a 3ª Conferência Nacional de Políticas Públicas de Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais - LGBT, que tinha representantes intersexo, panssexuais, assexuais, porém, alterar o nome do evento não entrou como proposta, moção ou diretriz. Assim, manteve-se pactuada a sigla LGBT. Em seguida, Fernanda disse que desde então muita coisa mudou, e o movimento tem como prática ouvir o movimento social.

Segundo a entrevistada, hoje é uma demanda do movimento intersexo brasileiro estar na sigla, enquanto no movimento assexual essa discussão ainda é muito incipiente. Fernanda explica que por isso a Frente Bissexual Brasileira adotou o uso da sigla LGBTI+, de modo a reconhecer os grupos que se organizam politicamente e ao mesmo tempo, com o “+”, buscar contemplar outras vivências dissidentes de gênero, sexo e orientação sexual. Ou seja, sua principal recomendação é observar o que cada movimento diz de si.

Outra questão levantada por Fernanda é que no texto as pessoas trans e não binárias são citadas, mas não há menção a quais são as identidades sexuais das pessoas que pertencem a esses grupos. A entrevistada reforçou que isso causa confusão no leitor, que já não tem mais condições de saber se a pesquisa trata de gênero ou orientação sexual.

Quanto à foto, ela disse que, associada ao título, dá a impressão de que pessoas bissexuais estão se escondendo atrás da bandeira LGBT.

Antes de finalizar, Fernanda sistematizou algumas boas práticas que recomenda para profissionais engajados com um jornalismo monodissidente:

- Não presumir que pessoas bissexuais são cisgêneras
- Não partir de uma perspectiva branca e de classe média – essas pessoas não representam a maior parte do Brasil
- Buscar fontes e referências que não sejam exclusivamente do Rio de Janeiro e de São Paulo, pela mesma razão acima citada
- Buscar não reforçar preconceitos que já são associados à bissexualidade
- Lembrar que a LGBTfobia é crime no Brasil, e isso inclui a bifobia – o jornalismo precisa se responsabilizar pelo que é publicado
- Prestar mais atenção às pessoas bissexuais que se organizam coletivamente
- Combater as *fake news* sobre bissexualidade, a exemplo da história de que o 23 de setembro, Dia da Visibilidade Bi, foi escolhido a partir do aniversário do Freud – isso é mentira

- Disseminar a data de luta que vem sendo reivindicada pelo movimento bissexual brasileiro desde 2021: o 26 de setembro³⁸
- Divulgar a resolução nº 8 de 2022 do Conselho Federal de Psicologia

Em paralelo, sistematizei outras questões que surgiram ao longo da nossa conversa:

- Encontrar consenso editorial sobre qual sigla usar
- Evitar achismos; sustentar análises com dados
- Relacionamentos não têm orientação sexual – quem tem orientação sexual são as pessoas
- Sempre perguntar a identidade sexual da pessoa entrevistada, nunca presumir
- Buscar retratar o contexto brasileiro, inclusive nos termos usados
- Não falar em “minorias sociais” sem dados que sustentem essa afirmação – usar “grupos minorizados”, “dissidências” ou nomear todos os grupos são opções
- Não falar de bissexualidade como tendência – ela não é um modismo
- Observar o que cada movimento social diz de si
- Não confundir gênero e orientação sexual, que são categorias distintas

5.4 ENTREVISTA #4: VITÓRIA RÉGIA DA SILVA

Vitória Régia da Silva é uma mulher cisgênera negra de 27 anos. Ela nasceu no município de Atalaia, em Alagoas, mas há oito anos vive na capital do Rio de Janeiro. Hoje, ela trabalha como Gerente de Jornalismo da Gênero e Número e se considera uma pessoa de classe média alta.

Eu a conheci em 2022, quando estive em uma exibição do documentário “Verde Esperanza: Aborto Legal na América Latina”, produzido pela Gênero e Número, em Florianópolis, representando o Portal Catarinas. Vitória foi quem apresentou o filme, e nos cumprimentamos brevemente no cinema.

Em 2023, durante o I Encontro do Movimento Bissexual Brasileiro, soube que ela fazia parte do Grupo de Apoio Organizacional da Frente Bissexual Brasileira, e trocamos

³⁸ Em 2023, a deputada federal Daiana Santos (PCdoB-RS) protocolou na Câmara dos Deputados o projeto de lei que busca instituir o Dia Nacional do Orgulho Bissexual, a ser celebrado em 26 de setembro, em alusão à primeira edição do Festival BI+, organizado pela Frente Bissexual Brasileira em 2021, no formato on-line, por conta das restrições impostas pela pandemia de Covid-19. Apesar de o PL ser uma conquista, Fernanda frisa que reivindicar um dia para si deve ser uma decisão do próprio movimento. Fonte: <https://catarinas.info/colunas/procura-se-pessoas-bissexuais-para-andar-em-companhia/>.

contatos em Brasília. Na volta, marcamos uma conversa. Sua aproximação tanto do jornalismo quanto do movimento bissexual foi o que me despertou o desejo de entrevistá-la.

Durante a entrevista, que ocorreu no dia 1º de novembro de 2023 e durou pouco mais de uma hora, ela contou que desde a infância sabia que gostava de mulheres, mas por fazer parte de uma família cristã, negou esse desejo durante a maior parte da vida.

Vitória se mudou para o Sudeste para cursar Jornalismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro, graduação concluída em 2018. Foi na universidade que ela se aproximou dos movimentos sociais, inclusive do movimento LGBTI+, e só então conheceu as pautas e reivindicações do movimento bissexual brasileiro. Nesse ambiente a entrevistada começou a entender que havia espaço para a sua atração por mulheres, mas que os seus desejos não se encerravam aí – ela já entendia a bissexualidade como uma sexualidade que abarcava todos os gêneros.

Nessa época, ela “saiu do armário”. A decisão se deu por duas razões: a entrevistada começou a se relacionar com outra mulher cis (que hoje é seu marido, um homem trans) e também conquistou a independência financeira, e com isso entendeu que não ficaria desamparada caso a família reagisse mal. O primeiro a saber foi o seu melhor amigo gay, e depois dele, a sua mãe. Vitória tinha o medo de que sua mãe, uma migrante nordestina, mãe solo e conservadora, não reagisse bem a essa informação. De fato, foi o que ocorreu.

Até a adolescência, a entrevistada foi testemunha de Jeová. Aos 14 anos, quando percebeu que a igreja era intolerante com a comunidade LGBTI+, mesmo sem saber que era bissexual, ela deixou de frequentar o templo. A mãe, por outro lado, nunca deixou a religião.

Após Vitória falar publicamente sobre sua sexualidade, ela e a mãe passaram alguns meses sem conversar, até que, pouco a pouco, foram retomando o contato. Durante muito tempo esse foi um assunto sensível. Vitória tem duas irmãs, ambas mais novas. A irmã do meio também se assumiu bissexual – e a mãe culpou Vitória por oferecer uma referência “ruim” à família. Em seguida, a irmã mais nova se assumiu bissexual, e nesse caso a aceitação foi mais rápida. A entrevistada concluiu que houve um avanço na família em relação à pauta LGBTI+.

Quanto à militância bissexual, Vitória disse que conheceu Nick Nigari e outros ativistas bissexuais na internet e juntos eles começaram a organizar piqueniques no Rio de Janeiro. Entre 2016 e 2017, as pessoas que continuaram aparecendo nos encontros, com disponibilidade e consciência política para fazer uma construção coletiva, fundaram um coletivo de mulheres bissexuais na cidade, o Bisibilidades. “Não porque a gente não quisesse

incluir pessoas não binárias e nem homens, era mais porque quem estava construindo naquele momento eram mulheres e principalmente mulheres negras” (Silva, 2023).

A primeira ação do coletivo foi a criação de um cineclubes temático, e nos anos seguintes foram organizadas ações culturais e políticas no Mês da Visibilidade Bi, setembro. O Bisibilidades também ganhou espaço na Parada LGBT do Rio de Janeiro, organizando um bloco bissexual, o que, de acordo com Vitória, nunca tinha acontecido até então.

Durante a pandemia, a entrevistada entrou para a Frente Bissexual Brasileira como representante do Bisibilidade, e hoje participa do Grupo de Apoio Organizacional como militante autônoma, pois o coletivo carioca está desativado no momento.

Vitória me disse que se considera uma leitora de portais jornalísticos, desde os tradicionais até os independentes, muito por conta de seu trabalho. Também por não trabalhar com um foco territorial, ela afirmou que acompanha mais o noticiário nacional e não tem preferência por veículos de Alagoas ou do Rio de Janeiro.

A entrevistada explicou que não necessariamente concorda com a linha editorial dos jornais que acompanha, mas costuma acessar O Globo, UOL, Folha de S.Paulo, Alma Preta, Diadorim e Portal Catarinas. Com menor frequência, também acessa o Marco Zero e o InfoAmazônia.

Na mídia hegemônica, na mídia tradicional, assim, eu ainda vejo a bissexualidade sendo muito pautada a partir de uma lógica mais de *hard news*, né? Que é a lógica dos dias, né, tipo, no Dia da Bissexualidade é quando vai aparecer algum conteúdo lembrando a data e trazendo as demandas, mas são conteúdos também que conforme os anos vão passando, eles também não estão acrescentando tanta coisa, né? Porque são conteúdos que passam a ser muito repetitivos, porque é falar da importância de uma data e falar das demandas daqueles grupos, sem uma profundidade (Silva, 2023).

Segundo Vitória, não existem muitos conteúdos nos grandes veículos que discutam políticas públicas e saúde para pessoas bissexuais, por exemplo. Os poucos conteúdos que existem costumam passar uma visão da bissexualidade que a entrevistada considera errônea. Ela explicou que por isso, no Manifesto Bissexual Brasileiro, a Frente Bissexual Brasileira decidiu trazer sua própria definição da bissexualidade – porque os jornais trazem definições muito distintas entre si, e que quase sempre reproduzem o senso comum, testemunhando a falta de apuração dos profissionais de imprensa. Assim, a ideia era que o texto do movimento bissexual também servisse de consulta.

Já nos veículos independentes, ela percebe uma lacuna, pois costumam ser mídias especializadas que não entendem a bissexualidade como um tema transversal.

E aí, geralmente, a gente vai ter uma cobertura mais aprofundada nos veículos que se comprometem a fazer cobertura de gênero, raça, sexualidade, como é o caso da Gênero e Número, que eu faço parte, do Catarinas, da Revista Azmina ou da Diadorim, que aí já é um veículo especializado na questão LGBT (Ibid).

Na visão da entrevistada, os jornais poderiam colaborar para desmistificar a bissexualidade, fazendo um trabalho necessário de validação dessa identidade. Eles também poderiam aprimorar a cobertura de temas como o estupro corretivo, que costuma ser retratado como uma violência cometida contra mulheres lésbicas, o que apaga as mulheres bissexuais, grupo que, em sua percepção, seria o principal alvo do problema, visto que essas mulheres se relacionam mais com homens, os principais autores desse tipo de violência. Outro tema citado por Vitória foi a saúde mental da população bissexual, que está fragilizada e carece de informação qualificada e crítica a respeito.

A entrevistada compartilhou comigo as perguntas que a Frente Bissexual Brasileira recebeu de um grande veículo antes do último 23 de setembro, para uma entrevista. Ela disse que se sentiu espantada com o quanto os questionamentos eram básicos e acabavam por denotar o desconhecimento da repórter a respeito da pauta. Primeiro, a jornalista pediu por uma definição da bissexualidade, ponto que Vitória considerou positivo. Depois, ela fez as seguintes perguntas: “Mesmo a pessoa sendo bissexual, ela pode ter preferência por um dos sexos?” e “Uma pessoa pode deixar de ser bissexual após passar muito tempo em um relacionamento sério com outra pessoa?”.

Eu até fiquei preocupada em que tipo de conteúdo ia ser feito a partir dessas perguntas, porque é isso, a gente está em 2023, e eu acho que a definição da bissexualidade é uma das coisas que está mais em disputa e o movimento bissexual se coloca nesse lugar de contribuir para as pessoas não terem uma visão binarista da bissexualidade, mas assim, você perguntar se a pessoa deixa de ser bissexual, deixa de ter uma identidade, uma orientação sexual, são coisas muito básicas, né? E que eu acho que falta essa apuração do jornalista, que muitas vezes procura um movimento social para fazer um trabalho que ele não conseguiu fazer. E aí pode ser por tempo, correria pelo *hard news*, mas o movimento também não tem essa obrigação de ficar respondendo coisas que já estão sendo pautadas há muito tempo (Ibid).

Vitória também se queixou da falta de cuidado da profissional para não reproduzir preconceito por meio de suas perguntas, e do contato imediatista, realizado via e-mail, sem espaço para um diálogo em tempo real, que poderia facilitar a compreensão de alguns pontos.

Por outro lado, ela citou o esforço que alguns repórteres vêm fazendo em “*hackear*” o jornalismo para falar de bissexualidade – em geral, essas pessoas são bissexuais, mas o jornalismo não é feito apenas por pessoas bi, logo, todos os profissionais precisam estar alinhados.

Sobre a reportagem da CNN, intitulada “Bissexuais usam cannabis com mais frequência para lidar com adversidades, diz estudo”, Vitória disparou: “‘Adversidades’ não transmite o suficiente, não transmite muita coisa sobre o que é isso. A gente tem o nome para essa adversidade específica que é bifobia, e isso é importante ser colocado” (Silva, 2023).

Assim como outros entrevistados, ela também problematizou a maneira como o estudo noticiado categoriza pessoas bissexuais a partir de suas práticas sexuais, e não de sua autodeclaração, e pontuou que cabe ao jornalismo lançar um olhar crítico sobre a metodologia empregada em uma pesquisa que está sendo reportada e, por consequência, os dados obtidos.

Segundo a entrevistada, o texto ficou parecendo um *release*, sem outros contrapontos. Ela também destacou que não faz sentido falar de maconha sem mostrar que são as populações minorizadas, a exemplo de pessoas negras e LGBTQs, que fazem uso da cannabis por conta do estresse de minorias e acabam encarceradas por isso.

Vitória lembrou que a realidade sociopolítica estadunidense é muito diferente da brasileira, a começar pelo fato de que uso de maconha é ilegal no Brasil, e são os grupos marginalizados que mais sofrem os efeitos da criminalização.

Sobre o trabalho de fontes, ela classificou como precário e disse que o Brasil tem excelentes fontes nos movimentos sociais e na academia, onde tem crescido o número de pessoas pesquisando a bissexualidade.

Uma coisa que eu senti nessa matéria e senti nas outras também é que às vezes o jornalista, ele busca por pessoas mais conhecidas para falar sobre bissexualidade, por influenciadores que são pessoas que estão mais em volta, mas que não necessariamente têm um acúmulo dessa discussão e nem representam ali o movimento bissexual, muitas vezes influenciadores falam a partir da experiência deles, o que é um pouco perigoso quando você tá falando publicamente sobre isso, né? É perigoso no sentido da responsabilidade, da falta de responsabilidade. Geralmente movimentos sociais têm mais cuidado com relação a isso, né? Porque todas as coisas são muito bem discutidas (Ibid).

Para a entrevistada, *influencers* e outras pessoas que falam a partir da própria experiência até podem ser fontes, mas não podem ser a única voz ouvida pelo jornalista.

Sobre a imagem de capa, Vitória comentou que não fala sobre bissexualidade e sim sobre *cannabis*, e que a questão imagética é complexa quando o assunto é bissexualidade, porque é preciso evitar a ideia de binariedade (homens e mulheres, rosa e azul). Além disso, ela mencionou que o jornalismo, hoje, produz menos fotografias, e que geralmente os jornais recorrem aos bancos de imagens, o que impõe algumas restrições às produções, pois os bancos disponíveis no Brasil ainda não dão conta de retratar a bissexualidade.

Quanto à reportagem do Estadão, Vitória disse que, diante das limitações imagéticas anteriormente comentadas, trazer a imagem da bandeira bissexual foi uma boa saída. Já sobre a manchete, a entrevistada foi enfática: dizer que a bissexualidade é uma tendência coloca as pessoas bissexuais em um lugar que elas nunca se colocaram. Para ela, o título “Ser bissexual é uma tendência para o futuro?” dá a impressão de que essa é uma identidade superior.

O movimento bissexual sempre cobrou o entendimento e a validação da bissexualidade como as outras identidades, a gente nunca pautou que a todas as pessoas deveriam ser bissexuais, todo mundo nasce bissexual, esse tipo de coisa é muito ladainha, sabe, isso nunca foi uma demanda e uma pauta do movimento bissexual, a gente sempre buscou por respeito e nunca nesse lugar de ser tendência ou de falar que essa sexualidade é melhor do que as outras identidades, pelo contrário, a gente sempre teve um respeito por outras identidades, sempre construiu o movimento junto com outras identidades, né? O problema é que às vezes outras identidades não valorizam esse trabalho em conjunto. Mulheres bissexuais vêm construindo o movimento de mulheres lésbicas há muito tempo, o movimento de mulheres lésbicas foi pautado, foi construído com mulheres bissexuais que depois se separaram. O movimento bissexual anda de mãos dadas com movimento trans no Brasil (Ibid).

Ela ainda apontou que se as novas gerações têm se entendido bissexuais com maior facilidade, como a reportagem sugere, as abordagens possíveis para o tema são muitas, e seria mais interessante buscar entender o porquê de os jovens se sentirem mais livres para dizerem que são bissexuais do que presumir que ser bissexual é “descolado”.

Na visão da entrevistada, os personagens ouvidos pela reportagem também não foram “bem trabalhados”, pois há poucas falas de cada um, o que passa a impressão de que estão ali para cumprir uma formalidade. Vitória ainda comentou que poderiam ter sido convidados pesquisadores da bissexualidade para falar, inclusive, a partir de um ponto de vista histórico.

Segundo a entrevistada, quando diz que “muitos podem se encontrar no rótulo bissexual nesse momento porém podem mudar daqui a 5 ou 10 anos” (Estadão, 2016, np), o especialista ouvido pela reportagem coloca a bissexualidade em um lugar de indecisão, e não há contraponto. Ela frisa que todos estão sujeitos a mudar sua identidade sexual ao longo da vida, não só bissexuais, e a reportagem poderia ter questionado o especialista nesse sentido, para aprofundar a discussão em vez de reproduzir um ponto de vista estigmatizante.

Por fim, falamos do carrossel que aparece no rodapé da matéria, com fotos de celebridades que “se assumiram” bissexuais. Vitória notou que a apresentadora Fernanda Gentil estava entre as pessoas listadas, mas não se identifica como bissexual. A partir dessa informação, ela problematizou a livre atribuição de identidades feita por jornalistas, citando como exemplo Marielle Franco, cuja identidade sexual é descrita como “LGBT” e “lésbica”

em diversos veículos jornalísticos, embora a ex-vereadora do Rio de Janeiro fosse assumidamente bissexual. Em linhas gerais, Vitória atribuiu o erro à falta de apuração.

Quanto ao conteúdo do IG Queer, a entrevistada disse que demorou a entender a manchete:

“Bissexuais namoram menos pessoas do mesmo gênero do que outros LGBT+”. Primeiro que quando a gente fala de pessoas trans, pessoas trans têm diferentes sexualidades que inclusive podem ser bissexuais, né? Então se a gente for só comparar entre LGB, é claro que bissexuais vão ser as pessoas que se relacionam com... São as pessoas que se relacionam com outros gêneros também. Quando eu li isso, sabe aquele meme dos números e tal? Para mim era tipo, gente, mas ué, é uma matéria sobre isso, que é uma coisa óbvia? E aí, quando eu li o primeiro parágrafo, que é o lide, que eu entendi o que a matéria estava falando e que não tem nada a ver com isso, e que era isso que deveria estar, por uma questão de clareza, né, transparência, no título, que é essa questão de que bissexuais têm três vezes mais chance de nunca terem tido uma experiência de namoro *queer* que outros membros da comunidade (Ibid).

No segundo parágrafo, a reportagem aponta que isso ocorre por conta da bifobia – e para Vitória, a bifobia deveria aparecer em primeiro plano, no título ou na gravata, e não como apenas um detalhe da reportagem. A partir daí, assim como Fernanda Coelho, ela problematizou também o nome da editoria, IG *Queer*, pois “*queer*” é um termo que “não dialoga com a forma que o movimento LGBT é construído no Brasil” (Silva, 2023).

Quanto à expressão “namoro *queer*”, ela retomou outra questão apontada pelos entrevistados anteriores: descrever relacionamentos a partir de identidades sexuais que pertencem a pessoas. Para a entrevistada, seria mais adequado falar em relacionamento entre pessoas do mesmo gênero, entre duas mulheres, entre dois homens e assim por diante.

Essa lógica também contribui para a bifobia, né? Porque essa ideia de que pessoas bissexuais, a depender do tipo de relacionamento que elas estão, elas podem ser mais ou menos bissexuais, e pessoas bissexuais estão em relacionamento. E aí pode ser que uma pessoa do mesmo gênero, do gênero diferente, do gênero oposto, milhões de possibilidades possíveis, sabe? Então eu não gosto desse tipo de coisa, de categorização de namoro. E namoro *queer* eu acho que é ainda pior porque as pessoas que estariam lendo não entendem, o que que é isso? O que é namoro *queer*? Se você não explica isso, não é uma coisa que a população brasileira tem um aprofundamento, sabe? (Ibid).

Vitória também ressaltou o seguinte trecho: “Os pesquisadores do software atribuíram o resultado parcialmente à bifobia” (IG Queer, 2023, np). Novamente, ela apontou a falta de apuração.

Como que é justificativa para um problema que você está trazendo na matéria cabe em uma linha? Não tem nenhum aprofundamento, não explica o que é bifobia, não explica por que é parcialmente, quando eu li, eu falei: ‘mas por que parcialmente e não totalmente? Quais são as outras coisas que justificam isso?’. Eu não sei quais são, sabe, e a matéria tá se propondo a explicar o estudo pra gente, então eu achei que ficou faltando isso (Ibid).

Quanto à foto de capa, a jornalista se incomodou com o fato de que a bandeira do movimento LGBT foi escolhida para ilustrar a reportagem, e não a bandeira bissexual. Ela ressaltou que a imagem pode passar a mensagem de que pessoas bissexuais estão se escondendo, não são tão comprometidas e/ou não são tão LGBTs assim.

Por fim, a entrevistada fez as seguintes sugestões, pensando no guia:

- Trazer uma definição da bissexualidade atualizada no manual resultante desta dissertação, que contribua para combater uma visão binária dessa identidade sexual
- Listar o que a bissexualidade não é: não é a atração somente por homens e mulheres cis, e também não é uma identidade sexual transfóbica
- Trazer um glossário com termos essenciais para falar de gênero e sexualidade, como o próprio conceito de gênero atualizado
- Sugerir fontes qualificadas para pesquisa e entrevistas, pessoas de áreas como saúde, história, movimentos sociais e afins
- Criar um material didático, a ser compreendido por jornalistas que cobrem diferentes áreas e precisam compreender questões básicas rapidamente – uma estratégia seria resgatar reportagens e apontar erros e acertos, algo similar à dinâmica proposta durante as entrevistas realizadas nesta dissertação

Outras boas práticas que sistematizei a partir da nossa conversa:

- Nomear a bifobia e explicar os seus efeitos
- Manter um olhar crítico sobre os dados
- Não usar pesquisas internacionais como se representassem a realidade brasileira
- Buscar o movimento social para falar
- Influencers e outras pessoas que falam a partir da própria experiência não devem ser a única voz ouvida pelo jornalista
- Evitar a ideia de binariedade no texto e também nas fotografias (homens e mulheres, rosa e azul)
- Trazer contrapontos ao que as fontes dizem
- Evitar expressões em outras línguas (não podendo evitar, explicar)

5.5 ENTREVISTA #5: LETÍCIA LUJAN

Letícia Lujan de Freitas é uma mulher cisgênera e branca de 31 anos que nasceu em Brasília e hoje mora na cidade satélite de Sobradinho. Ela é formada em psicologia e trabalha como autônoma, por isso se autodescreve como “trabalhadora precarizada”.

Letícia também esteve no I Encontro Nacional do Movimento Bissexual, em Brasília, e na ocasião, decidiu reunir um grupo de apoio para pessoas bissexuais na capital federal. Eu estava em busca de uma pessoa ativista ou pesquisadora que atuasse na região Centro-Oeste, onde há um deserto de coletivos bissexuais, quando soube de sua iniciativa a partir da indicação de Fernanda Coelho. Agendamos a nossa entrevista para o dia 18 de novembro.

Em entrevista, Letícia me contou que já tinha “pensado” em outras mulheres na adolescência, mas se autodeclarou bissexual pela primeira vez durante o ensino médio. Na ocasião, ela e uma amiga foram abordadas por uma menina que parecia interessada em ambas e, ao ser questionada sobre sua orientação sexual, Letícia respondeu que é bissexual.

Depois que a gente saiu de perto delas e a gente foi caminhando juntas para casa, ela chegou para mim e ficou: “gente, por que que você falou que você é bi, agora elas vão querer ficar com você” e não sei o quê. Eu fiquei: “eu falei a verdade”. E aí assim, essa minha amiga, no final, acabou que a gente acabou ficando com essas meninas, né, que davam em cima da gente. E aí eu cheguei para ela e falei assim: “por que que você só não falou antes que você era também, sabe, qual que é a dificuldade disso?” E aí ela ficou: “ah, não sei, eu fiquei com medo”, e aí foi muito engraçado. Hoje a gente se entende como bissexual mesmo e tá tudo bem, mas foi um processo tanto meu quanto dela (Lujan de Freitas, 2023).

Na época, Letícia sentiu a necessidade de compartilhar essa informação com a mãe, que se mostrou arredia à conversa e, antes de deixá-la falando sozinha, respondeu: “Que decepção”. Elas nunca mais tocaram no assunto, o que ainda causa desconforto à entrevistada.

Letícia cresceu se sentindo “um ET”, e por isso não costumava falar sobre sua sexualidade com outras pessoas. Ela ficava com meninos, meninas e pessoas não binárias, especialmente na época da faculdade, quando se abriu para novas experiências. Porém, evitava dizer que era bissexual perto dos colegas psicólogos, pois se sentia desacreditada.

A entrevistada conheceu o movimento bissexual por meio de Fernanda Coelho, durante a 17ª Conferência Nacional de Saúde, da qual participou como sindicalista.

Cheguei a falar com ela porque ela tava com a bandeira bi nas costas, como se fosse uma capa. (...) Por coincidência, a gente tava na mesma sala de votação das pautas e aí eu fui cumprimentar e falar que, caraca, adorei a bandeira. E aí ela chegou já falando um monte de coisas para mim, me apresentando o movimento, mas de uma maneira mais resolutiva, né? Tipo assim: ah, a gente já fez isso e isso, várias coisas. E aí eu, beleza, guardei essa informação, ficou por isso mesmo. Depois houve esse encontro nacional, né? E aí nesse encontro nacional do movimento bissexual eu comecei a me aproximar e comecei a me empolgar (Ibid).

A entrevistada me disse que acompanha temas que a interessam em portais jornalísticos, mas também não tem afinidade específica com veículos locais. Em geral, ela gosta de se informar sobre a militância bi, mas raramente se depara com reportagens sobre bissexualidade. “É muito difícil, são raros os momentos, e mesmo quando eu vejo, é citado, sabe, existe uma citação ali. Ah, Fulano é bissexual e nananã. Só”, diz (Lujan de Freitas, 2023).

Ela compartilhou que gostaria de se informar mais sobre bissexualidade e saúde mental, e sobre a sensação de não pertencimento que as pessoas bissexuais carregam porque não reproduzem a heteronormatividade, tampouco são reconhecidas pela comunidade LGBTI+. Outro tema sugerido pela entrevistada foi a intersecção entre bissexualidade e formas diversas de se relacionar, sobretudo os arranjos não monogâmicos, pois esse “combo”, em sua visão, pode ser instrumentalizado para reforçar o estereótipo de que pessoas bissexuais são promíscuas.

A entrevistada foi positivamente impactada pela reportagem da CNN, que explora a relação entre bissexualidade e uso de cannabis, porque se identificou com o conteúdo. Segundo ela, de fato, em seu núcleo de amigos, as pessoas bissexuais recorrem à maconha com frequência. Porém, ela gostaria que no título a palavra “cannabis” fosse substituída por “maconha”, para que o conteúdo ficasse mais acessível, embora pondere que “cannabis” tem um apelo científico que serve ao conteúdo apresentado – um estudo científico.

Eu acho que todo mundo sai perdendo quando a gente usa o academiquês, digamos assim, para descrever coisas e ainda mais notícias, né, que a notícia tem que ser para todo mundo, né? Todo mundo tem que entender. Então, quando fala, sei lá, cannabis, para que cannabis, fala logo uma maconha, sabe? Enfim, é uma maneira de elitizar as coisas, sabe? (Ibid).

Letícia também comentou que achou “para lidar com adversidades” uma frase forte, chamativa, assim como a foto de capa da matéria – um pé de maconha.

Quando ela fala da maconha, assim, eu acho que ela tenta ser muito, ai, tem uma palavra... Sensacionalista, sabe assim? Eu tive um pouco essa impressão de ser uma parada bem apelativa para as pessoas prestarem atenção nisso, sabe? Acho que fala muito mais da maconha do que dos bissexuais, né? (Ibid).

Já a reportagem do Estadão, ela classificou como “problemática”, especialmente por conta do título, que para ela dá a entender que a bissexualidade é um modismo. Porém, gostou dos relatos que leu ao longo do texto e se identificou com os entrevistados. “Eu gosto dos relatos porque os relatos, eles aproximam a gente, né?”, comenta (Lujan de Freitas, 2023).

Quando fala da descoberta e da aceitação, por exemplo, eu também fiquei muito pensativa nisso, porque a minha experiência, ela foi muito apagada, eu acho, sabe? Porque a maneira que as pessoas aceitam isso é completamente diferente dos relatos que eu já vi de pessoas que saem do armário sendo lésbicas, sendo gays ou sendos enfim, até trans, né, então a minha saída do armário foi muito tipo: “tá, não quero falar sobre isso, é um assunto incômodo. Tipo assim, deixa para lá, sabe? (Ibid).

A entrevistada também apreciou o carrossel com artistas bissexuais no rodapé da matéria. “Eu entendi que foi uma tentativa do Estadão de colocar essa representatividade, sabe, um pouquinho mais perto”, fala (Lujan de Freitas, 2023). Ela ainda elogiou a foto de capa – a bandeira bissexual – defendendo que essa é uma forma de popularizar esse símbolo de luta.

Quanto ao último conteúdo, do IG Queer, Letícia comentou que o título segrega ainda mais pessoas bi da comunidade LGBTI+, como se não fossem pertencentes – e que provavelmente pessoas bissexuais se relacionam menos com pessoas do mesmo gênero justamente por conta da falta de acolhimento que encontram entre os demais grupos que compõem a sigla. A imagem de capa, segundo sua percepção, reforça essa segregação.

Somente neste último conteúdo ela apontou falta de fontes adequadas. Para Letícia, faltaram relatos de experiência e também faltou “o outro lado”. “Cadê o olhar da pessoa que se relaciona para dizer o que que tá acontecendo?”, questiona (Lujan de Freitas, 2023).

Por fim, ela citou como boas práticas:

- Sair do lugar de observador distante e de fato ouvir a comunidade bi
- Não exotificar pessoas/experiências bi
- Evitar imagens sensacionalistas
- Compreender que pessoas bi também são perpassadas por questões de classe e raça, por exemplo

Ao longo de nossa conversa, também anotei:

- Evitar segregar pessoas bi da comunidade LGBTI+

- Problematizar o apagamento que pessoas bi vivem
- Oferecer representatividade
- Símbolos: tornar a bandeira bi conhecida
- Usar termos mais acessíveis e menos acadêmicos
- Não reforçar estereótipos

5.6 ENTREVISTA #6: ANA PAULA MENDES

Ana Paula Mendes é uma mulher cisgênero branca, de classe média, que tem 38 anos e vive em Florianópolis, Santa Catarina. Ela é ativista da Combi/SC (Coletiva de Mulheres e Pessoas Não Binárias Bissexuais de Santa Catarina) e ocupa a cadeira de presidente do Conselho Municipal LGBT de Florianópolis (mandato 2023-2025). Eu também a conheci no I Encontro Nacional do Movimento Bissexual, do qual ela era uma das organizadoras. Durante todo o evento sua contribuição foi notada e reconhecida, pois Ana é produtora de cinema e emprestou sua força de trabalho para concretizar esse primeiro encontro histórico. Marcamos uma hora de conversa no dia 21 de novembro de 2023 – esta foi minha última entrevista.

Em entrevista, Ana me contou que passou por um longo processo de assimilação de sua identidade sexual. Até os 33 anos de idade, ela ainda se relacionava exclusivamente com homens e “muito bem, obrigada”, mas hoje reconhece que durante a maior parte da vida negligenciou sua atração por mulheres, entendendo que eram apenas desejos pontuais. Com o tempo, ela percebeu que esses desejos faziam parte do seu cotidiano e buscou uma psicóloga para conversar sobre o assunto. Foi quando ela se deparou com a bissexualidade como possibilidade e passou por um doloroso, porém transformador processo de reconhecimento.

Um ano depois, Ana se autodeclarou bissexual publicamente pela primeira vez, quando um companheiro de militância do Piauí pediu para que ela escrevesse sobre a experiência de ser bissexual e esse conteúdo foi compartilhado nas redes sociais. Hoje, ela lembra que o nervosismo foi grande, mas essa publicação inaugurou um novo momento em sua vida, que nos últimos cinco anos foi totalmente atravessada pela militância bissexual.

Acho que uma das maneiras com que eu lidei assim com o processo da minha assimilação tardia foi meio que mergulhar em tudo que tivesse a ver com bissexualidade. Então eu saí lendo muita coisa, pesquisando muita coisa, procurando grupos de pessoas com quem eu pudesse conversar, atuar (Mendes, 2023).

O primeiro espaço de atuação política na pauta que a entrevistada encontrou foi dentro de seu partido, o PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) de Santa Catarina, onde atuou para

reativar o setorial LGBT que estava adormecido. Perto de setembro, Mês da Visibilidade Bi, ela foi em busca de pessoas catarinenses que falassem sobre bissexualidade, e assim encontrou as pesquisadoras Geni Nuñez e Melissa Jaegger, que também vivem no território. Foi Melissa quem a apresentou à Combi, que na época, conforme lembra Ana, era mais um grupo de acolhimento. Desde então ela constrói a coletiva também enquanto espaço político junto com outras bissexuais catarinenses..

Em 2020, com a chegada da pandemia, os coletivos passaram a se dedicar aos encontros on-line e Ana teve a ideia de buscar outros coletivos bissexuais ativos para dialogar com a Combi. A primeira reunião recebeu 11 coletivos e várias pessoas ativistas autônomas – ao longo de duas horas, uma média de 70 pessoas se manteve on-line, foram cerca de 130 inscritos. Esta ação fomentou outras reuniões que deram origem à atual Frente Bissexual Brasileira, que ainda em 2020 organizou o Festival Bi+.

Fortalecida por essas experiências coletivas, a entrevistada também decidiu formalizar a Combi para poder disputar uma cadeira no Conselho Municipal de Direitos LGBT de Florianópolis, e segue na presidência até hoje.

O nosso vice, que é o Marcello [Lucena] também é transmasculino, não binário e bissexual, então hoje a gente tem uma configuração interessante aqui que é essa presidência e vice-presidência ocupada por duas pessoas bissexuais, né? Acho que é uma configuração talvez inédita (Ibid).

Quanto ao jornalismo, Ana disse acompanhar portais jornalísticos independentes por meio das redes sociais e a mídia hegemônica por meio dos telejornais, sobretudo a Globo News. Ela também não demonstrou ter nenhuma afinidade específica com veículos locais, embora tenha comentado que costuma acessar o Portal Catarinas.

Os conteúdos sobre bissexualidade, em sua visão, seguem escassos no jornalismo, a não ser em momentos específicos do ano, como os meses de junho e setembro, em função do Mês do Orgulho LGBT e do Mês da Visibilidade Bi, respectivamente. Somente nesses períodos a Frente Bissexual Brasileira costuma ser acionada pelos veículos jornalísticos, que, segundo ela, geralmente retratam a bissexualidade como uma identidade sexual incompreendida.

Eu acho que tem ainda muito assim uma coisa de curiosidade, né, do tipo: como é ser bissexual? O que é ser bissexual? Acho que ainda é uma coisa assim nesse lugar de querer entender ou de querer definir, enfim, muito ainda uma coisa que eu diria bastante básica, enquanto a gente tem tantas coisas que a gente poderia estar pautando, mas eu acho que a maioria ainda vem desse lugar assim de como é ser bissexual, o que é essa bissexual, como é lidar com invisibilidade, você lida com invisibilidade? Tipo essas coisas assim dos estereótipos e também desses lugares comuns da sexualidade, né? (Ibid).

Ana gostaria de ler mais conteúdos que falem sobre bissexualidade e saúde física e mental, além de questões relacionadas a políticas públicas. A principal contribuição que o jornalismo tem a oferecer ao movimento bissexual, para ela, é justamente uma sair dos lugares comuns e colaborar para difundir informação qualificada, trazendo dados para mostrar que, sim, a bifobia existe e pessoas bissexuais compõem um grupo vulnerável.

Começamos a análise do noticiário pelo conteúdo da CNN, que aborda a relação das pessoas bissexuais com a maconha. A entrevistada disse que a reportagem a impactou positivamente, pois, segundo ela, outros estudos também mostram que pessoas bissexuais são as que mais fazem uso de álcool e drogas para lidar com questões de saúde mental, isolamento e apagamento. Assim, a abordagem lhe pareceu adequada ao que os dados apontam, não restando nenhuma problematização a fazer.

Em seguida, discutimos a reportagem do Estadão, que retrata a bissexualidade como uma tendência para o futuro. Nesse caso, ela manifestou desconforto sobre o fato de o tema já ser “batido” e apontou problemas como o uso do termo “sexo” em vez de “gênero” – no entanto, Ana ponderou que o conteúdo foi publicado em 2016 e portanto está desatualizado. Apesar desses pontos frágeis, ela considerou as falas do psicólogo entrevistado bastante adequadas e também ficou satisfeita com a foto de capa que traz a bandeira bi.

Por último, Ana disse que a chamada do IG Queer – “Bissexuais namoram menos pessoas do mesmo gênero do que outros LGBT+” – não favorece pessoas bissexuais, pois acaba por reforçar a ideia de que esse é um grupo que “não saiu do armário” e/ou tem dificuldade de assumir relações com pessoas do mesmo gênero, mantendo apenas relações casuais, sem compromisso. Ela também estranhou a foto de capa, pois além de reforçar a ideia de que pessoas bissexuais não teriam coragem de se assumir, a menina que aparece na imagem, se escondendo atrás da bandeira LGBT, lhe pareceu uma criança.

Por ser uma matéria, não sei, talvez sobre um site de pegação, talvez coloque muito isso de que as pessoas bissexuais estão ali disponíveis para as coisas que não têm compromisso, assim, né? Então, não sei, ele fala que nunca tiveram experiência de namoro *queer* por não terem se assumido para família ou amigos, vai largando as coisas assim, não desenvolve muito, né? Então acho que acaba deixando umas coisas soltas e ajudando a reforçar certos estereótipos (Ibid).

Por fim, Ana citou como boas práticas:

- Não presumir monossexualidade, ou seja, não atribuir uma identidade sexual a alguém com base na relação que aquela pessoa está vivendo no momento

- Sempre nomear tanto a bissexualidade quanto a bifobia – para ela, a palavra “homofobia” não contempla a experiência bissexual
- Fugir do reforço de estereótipos pejorativos sobre bissexualidade, como a ideia de que bissexuais não assumem compromisso
- Fazer afirmações com base em dados
- Evitar termos como “namoro lésbico” e “beijo gay”, que podem contribuir para o apagamento de pessoas bi

Com base na fala da entrevistada, acrescento, ainda, a necessidade de fazer uma reflexão crítica sobre o que se reporta, sem usar de uma suposta objetividade para ancorar conteúdos superficiais, sem aprofundamento, que podem reverberar na estigmatização de pessoas bi.

5.7 BÔNUS: SENABI

No dia 7 de dezembro de 2023, apresentei um artigo sobre os enquadramentos da bissexualidade no jornalismo no II Seminário Nacional de Estudos Bissexuais, o Senabi. Fiz parte do Grupo de Trabalho I, intitulado “Jornalismo, representação e produção de notícias”, que teve a pesquisadora Elizabeth Sara Lewis, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, como debatedora. Também estiveram presentes as pesquisadoras Talitta Oliveira Cancio, da Universidade de São Paulo, e Catarina Alessandra Lopes Oliveira, da Universidade Federal da Bahia, apresentando o artigo “Femme fatale, promíscua e vítima imperfeita: uma análise da bissexualidade da Amber Heard em notícias”, além de outros ouvintes, a exemplo do comunicador Nick Nagari, estudante da Universidade de Campinas.

Ao fim das apresentações, aproveitei o espaço para abrir um debate sobre possíveis boas práticas para um jornalismo que respeite as monodissidências.

Catarina Alessandra Lopes Oliveira usou como exemplo o caso de Amber Heard³⁹, que foi vítima de bifobia inúmeras vezes enquanto era julgada por difamação contra o ex-marido Johnny Depp, para demandar mais criticidade ao reportar. Na percepção da pesquisadora, os veículos jornalísticos foram irresponsáveis ao reproduzir a imagem de Amber Heard como “promíscua” vendida pela defesa de Depp, muitas vezes sem ouvi-la.

³⁹ Amber Heard é uma atriz norte-americana nascida em 1986 que se autodeclara bissexual. Em 2016, ela acusou o ex-marido, Jhonny Depp, de tê-la agredido e pediu o divórcio. Após um acordo entre as partes, ela retirou a queixa. Porém, em 2022, Heard foi obrigada pela justiça americana a pagar um milhão de dólares para o ator, que a processou por difamação.

Que lados podem falar, sabe? Que coisas a gente pontua: aqui não, isso é perigoso, dizer esse tipo de coisa é o que leva a esses dados aqui que mostram que mulheres bissexuais são mais vulneráveis a abusos em relacionamentos íntimos. Acho que é mais isso, assim, é ter atenção a quem tá dominando a conversa quando você tá cobrindo alguma coisa (Oliveira, 2023).

Elizabeth Sara Lewis ofereceu um contraponto ao dizer que tem observado, nos últimos anos, pessoas bissexuais dizerem que são problemáticos os estereótipos da bissexualidade, inclusive o da promiscuidade, e que tem a impressão de que “está sendo criada uma narrativa sobre como ser o bissexual aceitável” (Lewis, 2023).

Eu fico preocupada com isso porque eu quero que todas as maneiras de vivenciar a bissexualidade sejam visibilizadas, né? Um exemplo é um vídeo que eu vi no YouTube, agora não lembro qual era o canal, mas enfim, eram diversas pessoas bissexuais dizendo: odiamos aquela pergunta sobre qual gênero gostamos mais, enfim, não importa, eu gosto igual, ou nem vejo o gênero. Eu acho isso ótimo, temos que ouvir isso sim, mas ao mesmo tempo, e se tiver a pessoa bissexual que realmente tem uma tendência maior a gostar de um certo gênero, um certo tipo de performance de gênero ou enfim, ou qualquer aspecto que é mais importante para ela? Aí fiquei pensando sobre como temos que ouvir todas essas formas de vivenciar a bissexualidade. Inclusive as coisas que têm a ver com a promiscuidade, porque depois de (...) tanta luta feminista conseguimos expressar nossa sexualidade sem vergonha, sem repressão, na verdade, eu quero conseguir ouvir uma mulher bissexual dizendo que ela adora viver livremente a sexualidade dela ao mesmo tempo que eu sei que isso pode ter outro efeito de reforçar o estereótipo (Lewis, 2023).

Para ela, uma boa prática seria visibilizar as diversas formas de ser bissexual “sem colocar as pessoas numa caixinha de pessoa bissexual aceitável” (Lewis, 2023).

Talitta Cancio chamou a atenção para o apagamento promovido por jornalistas que presumem que pessoas falecidas eram lésbicas ou gays a partir do gênero da pessoa com quem estavam se relacionando. Ela mencionou como exemplo o caso Marielle Franco⁴⁰, que era bissexual, mas após ter sido assassinada, foi chamada diversas vezes de lésbica pela imprensa, porque se relacionava com Monica Benicio na época do crime.

Nick Nagari também teceu críticas às reportagens que “tiram pessoas do armário” quando elas se relacionam publicamente com homens e mulheres, como se a bissexualidade fosse um diagnóstico – bissexualidade não é diagnóstico. Em sua visão, o jornalismo deveria apresentar a bissexualidade como uma identidade sexual criativa e diversa, em vez de reforçar a falácia de que basta apresentar determinados sintomas, como já ter relacionado com homens e mulheres, para ser chamado de bissexual.

⁴⁰ Marielle Franco foi vereadora do Rio de Janeiro pelo Partido Socialismo e Liberdade. Seu mandato começou em 2017 e foi interrompido no ano seguinte, quando ela e seu motorista, Anderson Gomes, foram assassinados. Em 2024, os irmãos Domingos Brazão e Chiquinho Brazão, juntamente com o delegado Rivaldo Barbosa, foram presos, acusados de serem os mandantes do atentado. Marielle era bissexual e se relacionava com Monica Tereza Benicio.

5.8 BOAS PRÁTICAS

Após entrevistar Inácio Saldanha, Dani Vas, Fernanda Coelho, Vitória Régia da Silva, Letícia Lujan e Ana Paula Mendes, e ouvir também as perspectivas de Nick Nagari, Talitta Cancio, Elizabeth Sara Lewis e Catarina Alessandra Lopes Oliveira, mapeamos boas práticas e as organizamos em seis categorias distintas: pauta, apuração, fontes, enquadramento, termos e divulgação.

Fabiana Moraes descreve a pauta como “a consolidação do conceito, da abordagem e das perguntas que uma profissional de imprensa (e da comunicação, de maneira mais ampla) faz das coisas do mundo” – uma espécie de “coluna vertebral” da notícia (Moraes, 2021, p.10). Segundo a pesquisadora, enquanto elaboramos a pauta, temos à nossa frente a oportunidade de escolher o enquadramento que será dado a determinado fato, e por isso é tão importante refletir criticamente sobre essa etapa. Na categoria “pautas”, mapeamos 11 boas práticas citadas pelas pessoas entrevistadas, que traçaram sugestões valiosas para pensarmos em pautas mais inclusivas, que não partam de premissas e estereótipos bifóbicos.

TABELA 6: Mapeamento de boas práticas, categoria pauta

(continua)

Boas práticas mapeadas	Quem	Categoria
Diversificar as pautas e formas de abordar o tema, sem se ater à invisibilidade	Inácio	Pauta
Optar por pautas que afirmem a existência bissexual, tratando de temas essenciais para a vida dessas pessoas, como saúde e educação	Inácio	Pauta
Tratar de pautas sobre bissexualidade para além dos limites do agendamento, isto é, acompanhar as demandas da comunidade para além de setembro	Inácio	Pauta
Perguntar-se: esta pauta/manchete tem potencial estigmatizante? Se tiver, escolher outra abordagem, de preferência em diálogo com pesquisadores e ativistas bissexuais	Inácio	Pauta
Fazer perguntas novas, que o movimento não tenha respondido diversas vezes	Dani	Pauta
Evitar pautas que tratem da bissexualidade como modismo ou novidade	Dani	Pauta
Disseminar a data de luta que vem sendo reivindicada pelo movimento bissexual brasileiro desde 2021: o 26 de setembro	Fernanda	Pauta
Divulgar a resolução nº 8 de 2022 do Conselho Federal de Psicologia	Fernanda	Pauta

TABELA 6: Mapeamento de boas práticas, categoria pauta

(conclusão)

Boas práticas mapeadas	Quem	Categoria
Não falar de bissexualidade como tendência – ela não é um modismo	Fernanda	Pauta
Listar o que a bissexualidade não é: não é a atração somente por homens e mulheres cis, e também não é uma identidade sexual transfóbica	Vitória	Pauta
Problematizar o apagamento que pessoas bi vivem	Letícia	Pauta

FONTE: Arquivo pessoal da autora, 2023.

As pessoas entrevistadas reivindicaram novas possibilidades para falar da própria experiência, sem alimentar velhos clichês como a falácia de que a bissexualidade é uma questão nova ou um modismo – ela não é. Tanto as construções do movimento bissexual quanto a produção científica em torno do tema já somam décadas de história no Brasil. Um dos primeiros passos para difundir informação qualificada sobre bissexualidade é reconhecer o conhecimento acumulado por pesquisadores e ativistas da bissexualidade, ouvindo-os.

Para além das abordagens mais comuns, que consistem no anúncio de que alguma celebridade é bissexual ou nas (muitas) explicações acerca da bissexualidade, que acabam por alimentar uma espécie de “outrofobia” em relação às existências bissexuais, como vimos em nosso primeiro movimento exploratório de pesquisa, foram sugeridos temas como saúde – sobretudo a mental, citada como uma das principais mazelas dessa população – e educação para a diversidade. Estas são questões que podem e devem ser trabalhadas de maneira afirmativa pelo jornalismo o ano todo, e não apenas durante o Mês da Visibilidade Bi.

Também na perspectiva de Fabiana Moraes, tão importante quanto uma boa pauta é uma boa apuração – esta sim calcada na objetividade que ancora o jornalismo profissional. Fazem parte de uma boa apuração a articulação de dados junto ao estudo do contexto e a checagem. Extraímos das entrevistas 18 boas práticas relacionadas à “apuração”.

TABELA 7: Mapeamento de boas práticas, categoria apuração

(continua)

Boas práticas mapeadas	Quem	Categoria
Não pressupor a identidade sexual de um indivíduo, sempre perguntar	Inácio	Apuração
Fazer pesquisas e se preparar para a pauta, sabendo os termos básicos e um breve histórico do movimento bissexual no Brasil e no exterior	Dani	Apuração
Trazer dados relevantes	Dani	Apuração

TABELA 7: Mapeamento de boas práticas, categoria apuração

(conclusão)

Boas práticas mapeadas	Quem	Categoria
Lembrar que a LGBTfobia é crime no Brasil, e isso inclui a bifobia – o jornalismo precisa se responsabilizar pelo que é publicado	Fernanda	Apuração
Combater as fake news sobre bissexualidade, a exemplo da história de que o 23 de setembro, Dia da Visibilidade Bi, foi escolhido a partir do aniversário do Freud – isso é mentira	Fernanda	Apuração
Evitar achismos; sustentar análises com dados	Fernanda	Apuração
Sempre perguntar a identidade sexual da pessoa entrevistada, nunca presumir	Fernanda	Apuração
Criar um material didático, a ser compreendido por jornalistas que cobrem diferentes áreas e precisam compreender questões básicas rapidamente – uma estratégia seria resgatar reportagens e apontar erros e acertos, algo similar à dinâmica proposta durante as entrevistas realizadas nesta dissertação	Vitória	Apuração
Nomear a bifobia e explicar os seus efeitos	Vitória	Apuração
Manter um olhar crítico sobre os dados	Vitória	Apuração
Não usar pesquisas internacionais como se representassem a realidade brasileira	Vitória	Apuração
Trazer contrapontos ao que as fontes dizem	Vitória	Apuração
Sair do lugar de observador distante e de fato ouvir a comunidade bi	Letícia	Apuração
Compreender que pessoas bi também são perpassadas por questões de classe e raça, por exemplo	Letícia	Apuração
Não presumir monossexualidade, ou seja, não atribuir uma identidade sexual a alguém com base na relação que aquela pessoa está vivendo no momento	Ana	Apuração
Fazer afirmações com base em dados	Ana	Apuração
Não presumir identidade sexual a partir de relações	Talitta	Apuração
Não tirar as pessoas do armário	Nick	Apuração

FONTE: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Para as pessoas entrevistadas, o jornalismo precisa assumir uma postura anti-bifobia, e isso só poderá ocorrer a partir da desnaturalização das lentes monossexuais e da violência bifóbica. Fabiana Moraes comunga dessa visão ao afirmar que o jornalismo pode contribuir para a desnaturalização do preconceito ao trabalhar para que o aparentemente “normal” ou aceitável ganhe “outro status frente à opinião pública” (Moraes, 2021, 183).

Nesse sentido, reportar a partir dos dados foi fortemente recomendado durante as entrevistas. Também é uma boa prática perguntar à fonte sobre sua identidade sexual, e não

presumir, como se a bissexualidade pudesse ser “diagnosticada” – considero esta uma das mais importantes guias a serem trabalhadas junto à imprensa brasileira. Pela legislação do país, cada pessoa tem direito à autodeterminação sobre sua identidade sexual e de gênero – e como disse Nick Nagari, não é papel do jornalismo “tirar as pessoas do armário”, pois esse ato pode ter implicações práticas, como o agravo da violência bifóbica.

Ainda ao longo do processo de apuração, são escolhidas as pessoas entrevistadas, documentos a serem analisados, entre outras fontes. Mapeamos 11 boas práticas sobre “fontes”, considerando esta uma categoria especialmente frágil no trabalho da imprensa brasileira em torno da bissexualidade. Na etapa de análise do noticiário, empreendida ao longo das entrevistas, observamos uma série de falas desqualificadas sobre o tema, que não acompanham os achados mais recentes nos estudos brasileiros sobre bissexualidade.

Também observamos uma tendência à abordagem de estudos internacionais, que não necessariamente falam sobre a realidade da população bissexual no Brasil, tampouco valorizam pesquisadores locais. Acreditamos que uma das formas de fazer jornalismo decolonial está justamente em ajustar os nossos critérios de seleção de entrevistados e fontes de dados para privilegiar a produção de conhecimento brasileira e latinoamericana.

TABELA 8: Mapeamento de boas práticas, categoria fontes

(continua)

Boas práticas mapeadas	Quem	Categoria
Fontes: ouvir representações do movimento organizado brasileiro e pesquisadores que estão trabalhando com o tema na atualidade, no Brasil, pois a bibliografia sobre bissexualidade está em constante produção e atualização – e o que é produzido fora nem sempre diz respeito à realidade e a demandas das pessoas bissexuais no Brasil	Inácio	Fontes
Trazer vozes (plurais) bissexuais na primeira pessoa	Dani	Fontes
Buscar especialistas bissexuais para falar da pauta	Dani	Fontes
Buscar fontes e referências que não sejam exclusivamente do Rio de Janeiro e de São Paulo	Fernanda	Fontes
Prestar mais atenção às pessoas bissexuais que se organizam coletivamente	Fernanda	Fontes
Observar o que cada movimento social diz de si	Fernanda	Fontes
Sugerir fontes qualificadas para pesquisa e entrevistas, pessoas de áreas como saúde, história, movimentos sociais e afins	Vitória	Fontes
Buscar o movimento social para falar	Vitória	Fontes
Influencers e outras pessoas que falam a partir da própria experiência não devem ser a única voz ouvida pelo jornalista	Vitória	Fontes
Oferecer representatividade	Letícia	Fontes

TABELA 8: Mapeamento de boas práticas, categoria fontes

(conclusão)

Boas práticas mapeadas	Quem	Categoria
Buscar contraponto, sempre abrindo espaço para pessoas bissexuais falarem da própria experiência, sobretudo quando estamos noticiando algo que pode prejudicar sua imagem	Catarina	Fontes

FONTE: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Nesta categoria, as reivindicações comuns foram: ouvir pessoas bissexuais; ouvir o movimento social organizado, pois ele constroi conhecimento a partir de discussões coletivas; ouvir pessoas bissexuais que se dedicam a fazer ciência no Brasil. Critérios como diversidade racial, de gênero, de classe e de posição geográfica também devem ser levados em conta.

Aqui, abrimos um parêntesis para ressaltar o quanto as falas das pessoas entrevistadas para esta dissertação encontram ressonância nos escritos de Fabiana Moraes, teórica do jornalismo que guia nossas reflexões em torno do jornalismo de subjetividade, ou de um jornalismo que humaniza. Para a pesquisadora, a interseccionalidade deve estar sempre bem posicionada no horizonte da produção jornalística, nos auxiliando a “reelaborar formas de dizer e ver” (Moraes, 2021, p. 162).

Em outras palavras, a interseccionalidade é uma agente da desnaturalização, pois tensiona questões sociais importantes, que jamais deveriam ser desconsideradas pela imprensa, tendo em vista a desigual sociedade brasileira. Afinal, o jornalismo não só retrata, mas tem a possibilidade de colaborar para a reconstrução da realidade social, como mostram os teóricos do enquadramento, também acionados na elaboração deste trabalho.

“Os meios de comunicação se consideram administradores de mediação que, ao tornar públicos determinados eventos, propõem determinados enquadramentos para a interpretação, modulando e estruturando a nossa consciência de formas política e socialmente consequentes. Os meios de comunicação não refletem passivamente uma realidade, mas fazem parte de uma realidade social para a qual contribuem com seus próprios enquadramentos (Sádaba, 2008, p. 70, tradução nossa)⁴¹.

Levando suas contribuições em conta, inauguramos o eixo “enquadramento” e mapeamos 12 boas práticas recomendadas ao longo das entrevistas.

⁴¹ Ver texto original na seção: “Jornalismo e enquadramento”.

TABELA 9: Mapeamento de boas práticas, categoria enquadramento

Boas práticas mapeadas	Quem	Categoria
Combater a criação de uma imagem vitimista do movimento bissexual	Inácio	Enquadramento
Falar da experiência bissexual para além da narrativa da dor, mostrando também as vivências positivas da bissexualidade	Inácio	Enquadramento
Não dar a impressão de que bissexuais estão contra os monossexuais	Dani	Enquadramento
Não presumir que pessoas bissexuais são cisgêneras	Fernanda	Enquadramento
Não partir de uma perspectiva branca e de classe média – essas pessoas não representam a maior parte do Brasil	Fernanda	Enquadramento
Buscar não reforçar preconceitos que já são associados à bissexualidade	Fernanda	Enquadramento
Não exotificar pessoas/experiências bi	Letícia	Enquadramento
Evitar segregar pessoas bi da comunidade LGBTI+	Letícia	Enquadramento
Não reforçar estereótipos	Letícia	Enquadramento
Fugir do reforço de estereótipos pejorativos sobre bissexualidade, como a ideia de que bissexuais não assumem compromisso	Ana	Enquadramento
Fazer uma reflexão crítica sobre o que se reporta, sem usar de uma suposta objetividade para ancorar conteúdos superficiais, sem aprofundamento, que podem reverberar na estigmatização de pessoas bi	Ana	Enquadramento
Visibilizar as diversas formas de ser bissexual, “sem colocar as pessoas numa caixinha de pessoa bissexual aceitável”	Sara	Enquadramento

FONTE: Arquivo pessoal da autora, 2023.

As pessoas entrevistadas pediram mais cuidado quanto à reprodução de estereótipos que podem prejudicar a comunidade, como a ideia de que existe um perfil de “bissexual aceitável”. As bissexualidades são diversas – não são apenas cisgêneras, nem apenas brancas, tampouco apenas monogâmicas. Além disso, pessoas bissexuais não são menos LGBTI+ do que os demais grupos que compõem a sigla, e não cabe ao jornalismo promover segregação.

Os termos adotados pela imprensa também influenciam na maneira como as bissexualidades são (ou deixam de ser) retratadas, e por isso se mostraram fortemente presentes ao longo das entrevistas. Seleccionamos 15 sugestões que correspondem a este eixo.

TABELA 10: Mapeamento de boas práticas, categoria termos

Boas práticas mapeadas	Quem	Categoria
Não atribuir identidade/orientação sexual a práticas e objetos, por exemplo – categorias como gays, lésbicas e bissexuais são reservadas a pessoas	Inácio	Termos
Apoiar o processo de letramento do leitor, dando conteúdo a palavras como “monodissidência” e “bifobia”, por exemplo	Inácio	Termos
Não confundir sexo e gênero	Dani	Termos
Buscar definições atualizadas do que é bissexualidade	Dani	Termos
Tomar o cuidado de usar termos acessíveis, ou explicá-los ao leitor	Dani	Termos
Relacionamentos não têm orientação sexual – quem tem orientação sexual são as pessoas	Fernanda	Termos
Buscar retratar o contexto brasileiro, inclusive nos termos usados	Fernanda	Termos
Não falar em “minorias sociais” sem dados que sustentem essa afirmação – usar “grupos minorizados”, “dissidências” ou nomear todos os grupos são opções	Fernanda	Termos
Não confundir gênero e orientação sexual, que são categorias distintas	Fernanda	Termos
Trazer uma definição da bissexualidade atualizada no manual resultante desta dissertação, que contribua para combater uma visão binária dessa identidade sexual	Vitória	Termos
Trazer um glossário com termos essenciais para falar de gênero e sexualidade, como o próprio conceito de gênero atualizado	Vitória	Termos
Evitar expressões em outras línguas (não podendo evitar, explicar)	Vitória	Termos
Usar termos mais acessíveis e menos acadêmicos	Letícia	Termos
Sempre nomear tanto a bissexualidade quanto a bifobia – a palavra “homofobia” não contempla a experiência bissexual	Ana	Termos
Evitar termos como “namoro lésbico” e “beijo gay”, que podem contribuir para o apagamento de pessoas bi	Ana	Termos

FONTE: Arquivo pessoal da autora, 2023.

Vitória Régia ressaltou a necessidade de trazeremos, dentro do guia, uma espécie de “glossário” que auxilie os jornalistas a construírem reportagens atualizadas no dia a dia, compreendendo que eles nem sempre têm à disposição muito tempo para pesquisa.

Várias pessoas entrevistadas falaram sobre os riscos de atribuir identidade sexual a práticas como namoro e beijos, sob o risco de apagar as bissexualidades. A presunção da cisgeneridade também apareceu nos conteúdos analisados, o que nos chamou a atenção para a

correta distinção entre sexualidade e gênero. As pessoas entrevistadas ainda pediram um jornalismo mais inclusivo, que fale com públicos diversos e não apenas com pessoas letradas. Uma boa prática seria evitar termos em outras línguas e explicar termos menos populares.

Por fim, contabilizamos 7 boas práticas relacionadas à “divulgação”.

TABELA 11: Mapeamento de boas práticas, categoria divulgação

Boas práticas mapeadas	Quem	Categoria
Tomar cuidado com a mensagem que a imagem escolhida pode passar. Perguntar-se: esta imagem pode ser estigmatizante?	Inácio	Divulgação
Tomar cuidado com os títulos para não reforçar estereótipos	Dani	Divulgação
Usar hiperlinks em palavras-chave para informar sobre o tema, e não como forma de sedimentar a atenção da pessoa leitora	Dani	Divulgação
Encontrar consenso editorial sobre qual sigla usar	Fernanda	Divulgação
Evitar a ideia de binariedade no texto e também nas fotografias (homens e mulheres, rosa e azul)	Vitória	Divulgação
Evitar imagens sensacionalistas	Letícia	Divulgação
Símbolos: tornar a bandeira bi conhecida	Letícia	Divulgação

FONTE: Arquivo pessoal da autora, 2023.

De modo geral, essas sugestões estão direcionadas às dimensões da imagem, do enunciado e da formatação do conteúdo. A principal boa prática é não reforçar estereótipos estigmatizantes por meio das fotos e artes que escolhemos, além dos títulos e hiperlinks que trazemos para dentro das nossas reportagens. Cada detalhe conta nessa construção.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o percurso desta pesquisa ficou evidenciado que a imprensa hegemônica brasileira reporta a partir de lentes cisheteronormativas, e mesmo nos casos em que se propõe a trazer a diversidade sexual e de gênero para o centro do noticiário, impõe enquadramentos limitados e equivocados às identidades não-monossexuais, a exemplo da bissexualidade. Cabe reiterar que bissexuais são pessoas para quem o gênero não é um fator determinante da atração sexual ou afetiva, conforme definição mais recente da Frente Bissexual Brasileira. Logo, os enquadramentos binaristas impostos pelos portais jornalísticos brasileiros não são suficientes para abarcar toda a diversidade de vivências que essa identidade sexual abrange, tampouco colaboram para que ela seja compreendida e naturalizada em nossa sociedade.

Este trabalho incide em três dimensões deste cenário complexo: pesquisa, prática e ensino. Ou seja, além de contribuirmos para a produção acadêmica sobre bissexualidade e jornalismo, refletimos sobre a prática jornalística e oferecemos uma ferramenta de ensino.

Começamos empreendendo uma pesquisa exploratória no Google para saber de que forma as experiências bissexuais vinham sendo enquadradas pelos portais jornalísticos e pelo próprio buscador, que também tem capacidade de definir significados e demarcar ideologias a partir de uma seleção algorítmica. Após observarmos os 98 conteúdos coletados nesta etapa, percebemos que os quadros reservados à bissexualidade são, em grande parte das vezes, exotificantes. Os conteúdos classificados como “explicativos” correspondem a 45,9% da amostra, e se restringem a explicar essa identidade sexual de maneira outremizada. Também é bastante comum que sejam difundidas informações equivocadas e estigmatizantes a respeito da bissexualidade, pois raramente os repórteres recorrem a fontes como o movimento bissexual organizado, que constrói diálogo e consenso em torno do tema. As pessoas que pesquisam a bissexualidade no Brasil também não costumam ser acionadas pela imprensa, embora produzam conhecimento acadêmico sobre o tema há pelo menos 20 anos.

Em seguida, fizemos uma pesquisa exploratória no portal da Capes, em busca de obter um panorama da produção de conhecimento acadêmico sobre bissexualidade no Brasil. Como resultado, encontramos dezenas de estudos relevantes em saúde e educação – temas que são de interesse público e poderiam pautar conteúdos jornalísticos. Por outro lado, nos deparamos com a escassez de teses e dissertações que articulem bissexualidade e jornalismo dentro dos programas de pós-graduação brasileiros, o que testemunha a urgência deste trabalho.

Tínhamos dois objetivos pessoais quando começamos este trabalho. Primeiro, o de construí-lo da maneira mais coletiva possível, ou seja, abrindo espaço para o diálogo com o

movimento bissexual organizado e as pessoas pesquisadoras da bissexualidade no Brasil. Segundo, o de fazer um trabalho propositivo, que não se restringisse à problematização do campo sem apresentar caminhos para que o monossexismo e a bifobia sejam combatidos pela imprensa brasileira. Articular essas duas frentes se mostrou um desafio devido ao tempo limitado que tínhamos à nossa frente, já que esta é uma pesquisa de mestrado. Sentimos forte o desejo de abraçar o método da observação participante e também quisemos fazer grupos focais com pessoas bissexuais, para que pudéssemos acompanhá-las em diálogo. No entanto, após ouvirmos as contribuições da banca de qualificação, decidimos fazer entrevistas semiestruturadas com um grupo seletivo de pessoas, pois assim teríamos condições de ouvi-las com cuidado, abrangendo as questões interseccionais que atravessam cada vivência.

Foi possível entrevistar seis pessoas, que representam as cinco regiões do Brasil: Norte, Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste. Conversamos com homens e mulheres cisgêneros e também uma pessoa não binária. Acolhemos pessoas brancas, negras e de ancestralidade indígena, com e sem neurodivergências, de classes baixas, médias e altas, que em comum se identificam como bissexuais e se propõem a dialogar com outras pessoas bissexuais, seja na academia, nos movimentos sociais ou em ambos. Com essa pequena amostra, não poderíamos abranger toda a diversidade contida na população bissexual brasileira, e por isso priorizamos convidar quem participa de coletivos de pessoas bissexuais. Entendemos que esta seria uma maneira de trazer ainda mais diversidade para o debate.

Para subsidiar essas conversas, levamos três exemplos de como a bissexualidade é retratada pelos portais jornalísticos brasileiros, todos pertencentes à mídia hegemônica: o IG, a CNN e o Estadão. No caso do IG, o conteúdo disponibilizado estava dentro de uma editoria denominada *Queer*, termo estrangeiro que se refere à diversidade sexual e de gênero, mas não encontra ressonância na cultura brasileira, nem é de fácil compreensão para grande parte da população brasileira, já que o inglês não é língua oficial do país. Tanto o IG quanto a CNN reproduziram pesquisas feitas nos centros globais, que não necessariamente retratam a realidade brasileira, sem ouvir especialistas brasileiros que pudessem apresentar contrapontos ou endossar os resultados encontrados pelos pesquisadores americanos. Em geral, ficou visível o quanto esse jornalismo, embora siga as regras da profissão celebradas pelos cânones, opera a partir de princípios da colonialidade e estigmatiza pessoas bissexuais, seja na reprodução de preconceitos sobre essa população, seja ao não compreender – e, por consequência, não retratar – essa identidade sexual de maneira adequada.

Uma das contribuições deste trabalho é pensar formas de tabulação de dados de entrevistas que gerem proposições para o jornalismo. Todas as problematizações trazidas

pelas pessoas entrevistadas foram anotadas, organizadas e analisadas conjuntamente, para que pudéssemos encontrar os pontos citados de maneira comum e desenvolvê-los criticamente, criando um material didático e acessível para diferentes públicos, mas sobretudo para jornalistas, cuja profissão demanda uma postura ética e responsável em relação à informação.

Como resultado, nasceu o nosso Guia de boas práticas para coberturas jornalísticas sobre bissexualidade, um material de consulta para que os profissionais possam aprender mais sobre essa identidade sexual, conhecendo erros a serem evitados, termos a serem corretamente utilizados e fontes a serem consultadas. No futuro, queremos buscar recursos para que esse material possa chegar às redações e eventos de jornalismo, e com isso ganhar popularidade.

Antes de fechar, queremos destacar que oferecer enquadramentos afirmativos sobre a bissexualidade não é uma tarefa apenas de pessoas bissexuais que transitam pelas redações. Acreditamos que falar de direitos para populações historicamente minorizadas é uma responsabilidade da profissão, e nós, jornalistas, podemos fazer da pauta uma arma de combate contra a desumanização, parafraseando Fabiana Moraes, em busca de justiça social. Além disso, defendemos que construir um jornalismo anti-bifobia não é uma tarefa centrada nos repórteres e pessoas que atuam no dia a dia da notícia. Embora essas pessoas tenham um papel central na mudança de cenário que desejamos, compreendemos que é necessário desconstruir o monossexismo nas frentes epistemológica, deontológica, curricular e de mercado dentro do jornalismo. Nesse sentido, esperamos que as contribuições teóricas articuladas ao longo desta dissertação possam contribuir para repensarmos o campo de maneira mais ampla e que inspirem outros trabalhos sobre jornalismo e bissexualidade.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, A. **O que decolonizar o jornalismo afinal quer dizer?** Lumina, Juiz de Fora, PPGCOM – UFJF, v. 16, n. 3, p. 5-19, set./dez. 2022 Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/39278/25491>. Acesso em: 09 de julho de 2023.

ANTUNES, E. Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.85-99, dez. 2009.

AVA ADORE. **Manifesto Bissexual**. Blog Medium Ava Adore, 28 jul. 2017. Disponível em: <https://medium.com/@avaadore/manifesto-bissexual-449500cd3bf>. Acesso em: 20 set. 2021.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: II a experiência vivida**. 2ª Edição. Tradução de Sérgio Milliet. Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1967.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê: Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. Brasil, 2023. Disponível em: <https://antrabrazil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>. Acesso em: 08 de abril de 2024.

BIANCHIN, Victor. Os 10 países mais perigosos para ser LGBTQIA+. SuperInteressante, 2021. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/os-10-paises-mais-perigosos-para-ser-gay/>. Acesso em: 24 de março de 2023.

Big Brother Brasil. **Wikipédia**. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Big_Brother_Brasil. Acesso em: 10 de julho de 2023.

Bissexuais namoram menos pessoas do mesmo gênero do que outros LGBT+. **IG QUEER**, 02 de fevereiro de 2023. Disponível em: <https://queer.ig.com.br/2023-02-02/bissexuais-namoram-menos-pessoas-do-mesmo-sexo-do-que-outros-lgbt-.html>. Acesso em: 15 de julho de 2023.

BI-SIDES, Sobre o Bi-Sides. Disponível em: <https://www.bisides.com/>. Acesso em: 15 de julho de 2023.

BONIN, J. A. Exploração sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, nº 37, dezembro de 2008. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4809/3613>. Acesso em: 09 de julho de 2023.

BORTOLOZZI, Ana Cláudia; CARVALHO, Leilane Raquel Spadotto. **Leituras sobre a sexualidade em filmes: identidades dissidentes e opressões**. Volume 07. Pedro e João Editores. 2020. Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/leituras-sobre-a-sexualidade-em-filmes-identidades-dissidentes-e-opressoes-vol-7/>. Acesso em 08 de abril de 2024.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p.77-96; p. 114-118.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero, Feminismo e Subversão da Identidade**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2018.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra**: Quando a vida é passível de luto? 1ª Edição. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2015.

CABRAL C. P.; RANGEL T. L. R. O direito fundamental à autodeterminação sexual. **Jornal Jurid**, 13 de setembro de 2019. Disponível em: jornaljurid.com.br/doutrina/constitucional/odireito-fundamental-a-autodeterminacao-sexual. Acesso em: 20 set. 2021.

CABRAL, L. S. C; WOITOWICZ K. J; ROCHA, P. M; AMARAL, M. E. P. **Para pensar um jornalismo interseccional: proposta epistemológicas**, Revista Latino-americana de Jornalismo, ano 8, vol. 8, nº2, p. 40 a 59. João Pessoa, Brasil, julho - dezembro de 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ancora/article/view/60870/35057>. Acesso em: 09 de julho de 2023.

CALLIS, A. S. Playing with Butler and Foucault: Bisexuality and Queer Theory. **Journal of Bisexuality**, v. 9, n. 3-4, p. 213-233. 2009.

CAPES. Catálogo de teses e dissertações. Disponível em <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acesso em 21 de agosto de 2022.

CARVALHO, J. D. Os enquadramentos da bissexualidade no jornalismo. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2021.

COLLING, Ana Maria. **Gênero e História**. Um diálogo possível? Contexto Educação - Editora UNIJUÍ - Ano 19 - nº 71/72, p. 29 - 43, janeiro - dezembro, 2004.

DAVIS, Angela. A potência de Sojourner Truth. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo 2016. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2018/11/26/angela-davis-a-potencia-de-sojourner-truth/>. Acesso em: 08 de abril de 2024.

FEDERICCI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: Mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: Coletivo Sycorax. Editora Elefante, São Paulo, 2017.

FLANDERS, C. E. Under the bisexual umbrella: diversity of identity and experience. **Journal of Bisexuality**, v. 17, n. 1, p. 1-6. 2017.

FREITAS, L. R. T. **A importância do reconhecimento social na construção da identidade sexual de mulheres não heterossexuais no sul da Bahia**. Cadernos Pagu, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/vM4Xvwpgq9w5Y4ht9sXbBNG/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 11 de abril de 2024.

GATES, G. J. **How many people are lesbian, gay, bisexual, and transgender?** The Williams Institute, UCLA School of Law, abril de 2011. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20111203055911/http://wiwp.law.ucla.edu/wp-content/uploads/G>

ates-How-Many-People-LGBT-Apr-2011.pdf/. Acesso em: 10 de julho de 2023.

GLAAD, Media Institute. **Where we are on TV**. Gilead, Compass Initiative 2021 - 2022. Disponível em: <https://s3.us-west-2.amazonaws.com/media.glaad.org/wp-content/uploads/2022/02/25203224/GLAAD-202122-WWATV-fab.pdf>.

Glossário. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE INTERSEXOS. Disponível em: <https://abrai.org.br/informacoes-e-recursos/glossario/>. Acesso em: 08 de abril de 2024.

GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. 1ª edição. Editora Vozes, Petropolis, 2012.

IBGE: 2,9 mi de brasileiros se declaram como homo ou bissexuais. **Poder 360**, 25 de maio de 2022. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/ibge-29-mi-de-brasileiros-se-declaram-homo-ou-bissexuais/#:~:text=Subnotifica%C3%A7%C3%A3o,declarar%20a%20pr%C3%B3pria%20orienta%C3%A7%C3%A3o%20sexual>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

IVO, Diego. Mecanismos de Busca: os 5 buscadores mais usados e sua participação no mercado do Brasil. **Conversion**, 06 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.conversion.com.br/blog/mecanismos-de-busca-no-brasil>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

JAEGER, M. B. **Experiência de minas bissexuais: políticas identitárias e processos de marginalização**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

JAEGER, M. B.; LONGHINI, G. N.; OLIVEIRA, J. M. de; TONELI, M. J. F. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 2, n. 11, p. 1–16, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/28011>. Acesso em: 11 set. 2021.

JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero, conceitos e termos: Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgênero, para formadores de opinião**. 2ª Edição. Brasília, 2012. Disponível em: https://cursosextenso.usp.br/pluginfile.php/858230/mod_resource/content/3/ORIENTA%C3%87%C3%95ES_SOBRE_IDENTIDADE_DE_G%C3%8ANERO_CONCEITOS_E_TERMOS_-_2%C2%AA_Edi%C3%A7%C3%A3o.pdf. Acesso em: 08 de abril de 2024.

KYRILLOS, Gabriela M. “Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade”. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 28, n. 1, e56509, 2020.

LAQUEUR, T. **Inventado o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud**. Relume, Rio de Janeiro, 2001.

LUGONES, M. Colonialidade e Gênero. In: Hollanda, Heloisa. **Pensamento Feminista Hoje**: perspectivas decolonias. Rio de Janeiro, Bazar, 2020.

LUNA, S. A. A. **A retórica da monossexualidade enquanto norma**. Anais XII CONAGES.

Campina Grande: Realize Editora, 2016. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/18356>. Acesso em: 20 set. 2021.

Manifesto Bissexual Brasileiro. FRENTE BISSEXUAL BRASILEIRA. 25 de setembro de 2021. Disponível em: <https://www.frentebissexualbrasileira.org/manifesto-bissexual-brasileiro>. Acesso em: 08 de abril de 2024.

Manual de comunicação LGBTI+. ALIANÇA NACIONAL LGBTI+; GAY LATINO. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2021. Disponível em: <https://aliancagbti.org.br/wp-content/uploads/2022/01/manual-de-comunicacao-gaylatino-V-2-021-WEB.pdf>. Acesso em: 08 de abril de 2024.

MANZINI, Eduardo José. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros, In: **Seminário Internacional Sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos**, 2, 2004, Bauru. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Instituicao/Docentes/EduardoManzini/Manzini_2004_entrevista_semi-estruturada.pdf. Acesso em: 08 de abril de 2024.

MEDINA, Cremilda A. **O diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1986.

MIGNOLO, W. **Colonialidade**: o lado mais escuro da modernidade. RBCS Vol. 32 n° 94, 2017.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. 1ª edição. Arquipélago, Porto Alegre, 2022.

MORAES, F.; SILVA, M. V. A objetividade jornalística tem raça e gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. **XXVIII Encontro Anual de Compós**, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019. Disponível em: https://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_5LFXYWCOMDTM6JSQBQBBT_28_7677_20_02_2019_17_55_17.pdf. Acesso em 20 set. 2021.

MOSCHKOVICH, M. **EBISTEME**: Bissexualidade como epistemologia. São Paulo, Editorial Linha a Linha, 2022.

Nossa História. **Portal Catarinas**. Disponível em: <https://catarinas.info/nossa-historia/>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

ORÉFICE, Giovana. Brasileiros tendem a não avançar em páginas de pesquisa. **Meio&Mensagem**, 06 de abril de 2021. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/marketing/2021/04/06/brasileiros-tendem-a-nao-avancar-em-paginas-de-pesquisa.html>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

Organizações lançam guias de boas práticas para cobertura jornalística sobre aborto. **Portal Catarinas**, 03 de maio de 2023. Disponível em: <https://catarinas.info/organizacoes-lancam-guia-de-boas-praticas-para-cobertura-jornalistica-sobre-aborto/>. Acesso em: 09 de julho de 2023.

PEREIRA, Pedro Augusto Elias Cardoso. **Vamos pertencer e nos encontrar juntos:** narrativas compartilhadas, afetos e subjetivação no projeto guardei no armário. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2022. Disponível em: <https://ppgcomufmt.com.br/wp-content/uploads/2023/04/Dissertacao-Pedro.pdf>. Acesso em: 08 de abril de 2024

PESSOA, Fernanda. Caça às bruxas na educação brasileira. **Portal Catarinas**, 30 de agosto de 2022. Disponível em: <https://catarinas.info/caca-as-bruxas-na-educacao-brasileira/>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

POZOBON, R. O.; SHAEFER, R. Perspectivas contemporâneas das pesquisas sobre enquadramento: uma proposta de sistematização conceitual. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos** 16(3):157-168, setembro/dezembro 2014. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/276322295_Perspectivas_contemporaneas_das_pesquisas_sobre_enquadramento_uma_proposta_de_sistematizacao_conceitual. Acesso em: 20 set. 2021.

PRECIADO, Paul. **Um apartamento em Urano**. São Paulo: Zahar, 2019. Quem Somos. **Plural**. Disponível em: <https://www.plural.jor.br/quem-somos/>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

Quem Somos, DIADORIM. Disponível em: <https://adiadorim.org/quem-somos/>. Acesso em 08 de abril de 2024.

Quem Somos, FRENTE BISSEXUAL BRASILEIRA. Disponível em: <https://www.frentebissexualbrasileira.org/quem-somos>. Acesso em: 15 de julho de 2023.

RINQUE, Jeane Adre; CURIEL, Ochy; CARVALHO, Jess; GUIMARÃES, Paula. O Feminismo Decolonial como Prática Contra a Desumanização. **Portal Catarinas**. Disponível em: <https://catarinas.info/o-feminismo-decolonial-como-pratica-politica-contr-a-desumanizacao/>. Acesso em: 08 de abril de 2024.

ROSA, Eli Bruno do Prado Rocha. Cisheteronormatividade como instituição total. **Cadernos Pet de Filosofia** v. 18 , n. 2, agosto de 2020. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/petfilo/article/view/68171/41349>. Acesso em: 08 de abril de 2024.

ROCHA, Lucas. Bissexuais usam cannabis com mais frequência para lidar com adversidades, diz estudo. **CNN**, São Paulo, 24 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/bissexuais-usam-cannabis-com-mais-frequencia-para-lidar-com-adversidades-diz-estudo/>. Acesso em: 15 de julho de 2023.

ROSS, L. E.; DOBINSON, C.; & EADY, A.; **Perceived determinants of mental health for bisexual people:** a qualitative examination. *Am J Public Health*. V. 100, n. 3, 2010, p. 496–502.

SÁDABA, Teresa. **Framing: el enquadre de las noticias**. El binômio terrorismo-medios. Buenos Aires: La Crujía Ediciones, 2008.

SALDANHA, Inácio dos Santos. **Categorias em trânsito: classificações da sexualidade e a**

emergência da "bissexualidade" em Belém nos anos 1980 e 90. 2023. 1 recurso online (222 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/8412>. Acesso em: 9 nov. 2024.

Ser bissexual é uma tendência para o futuro? **ESTADÃO**, 03 de julho de 2016. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/ser-bissexual-e-uma-tendencia-para-o-futuro/>. Acesso em: 15 de julho de 2023.

SHAW, Julia. **Invisibilidade:** Cultura, ciência e a história secreta da bissexualidade. 1ª edição. Cultrix, 2023.

SILVA, Dayana K. M.; AGUIAR, Carlos E. S. Jornalismo decolonial e a questão da interseccionalidade. **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v.10. e121894, p.94-108, 2023. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/21894/209209217709>. Acesso em: 08 de abril de 2024.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. Editora Atlas, São Paulo, 1987. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4233509/mod_resource/content/0/Trivinos-Introducao-Pesquisa-em_Ciencias-Sociais.pdf. Acesso em: 08 de abril de 2024.

TUCHMAN, G. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: **TRAQUINA**, Nelson (org). Jornalismo: questões, teorias e histórias. Florianópolis: Insular, 2016.

Universa lança manual de conduta para a cobertura de violência contra a mulher. **Universa**, 25 de novembro de 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/11/25/universa-lanca-manual-para-jornalistas-cobrirem-violencia-contra-a-mulher.htm>. Acesso em 09 de julho de 2023.

UOL apresenta Universa, sua nova plataforma feminina. **UOL**, março de 2018. Disponível em: <https://sobreuol.noticias.uol.com.br/imprensa/uol-apresenta-universa-sua-nova-plataforma-feminina.html>. Acesso em: 10 de julho de 2023.

VAS, Dani. **Militância enquanto convite ao diálogo:** o caso da militância monodissidente. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47132/tde-09112021-140959/publico/vas_corrigida.pdf. Acesso em: 10 de julho de 2023.

VEIGA DA SILVA, M. **Masculino, o gênero do jornalismo:** um estudo sobre os modos de produção das notícias. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/25629/000753018.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 19 fev. 2023.

WITTIG, Monique. **O Pensamento Hétero.** Boston: Beacon, 1992 Disponível em:

https://we.riseup.net/assets/162603/Wittig,%20Monique%20O%20pensamento%20Hetero_pdf
f. Acesso em: 24 de março de 2023.

GLOSSÁRIO

(continua)

TERMO	DEFINIÇÃO
Identidade sexual	“Se compreende por identidade sexual a maneira como uma pessoa compreende a si mesma em termos de por qual gênero se é sexualmente e romanticamente atraída” (Freitas, p. 2, 2022).
Identidade de gênero	“Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode concordar ou não com o gênero atribuído em seu nascimento. Difere da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas trans podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, da mesma forma que pessoas cisgênero” (Jesus, p. 14, 2012).
LGBTI+	Sigla para: lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, intersexo e mais. É a sigla adotada pela Frente Bissexual Brasileira.
Bissexual	“Bissexuais são pessoas para quem o gênero não é um fator determinante da atração sexual ou afetiva” (Frente Bissexual Brasileira, disponível em: https://www.frentebissexualbrasileira.org/manifesto-bissexual-brasileiro)
Gay	“Pessoa do gênero masculino (cis ou trans) que tem desejos, práticas sexuais e/ou relacionamento afetivo-sexual com outras pessoas do gênero masculino” (Manual de comunicação LGBTI+, p. 22, 2021).
Lésbica	“Mulher (cis ou trans) que é atraída afetiva e/ou sexualmente por pessoas do mesmo sexo/gênero (cis ou trans)” (Manual de comunicação LGBTI+, p. 23, 2021).
Heterossexual	“Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero diferente daquele com o qual se identifica”, partindo de uma perspectiva binária homem-mulher (Jesus, p. 15, 2012).
Travesti	“Uma construção de gênero feminino, oposta ao sexo biológico, seguido de uma construção física de caráter permanente, que se identifica na vida social, familiar, cultural e interpessoal, através dessa identidade” (Manual de comunicação LGBTI+, p. 31, 2021).
<i>Queer</i>	Termo em inglês que pode ser traduzido como “estranho”. É “um adjetivo utilizado por algumas pessoas, em especial pessoas mais jovens, cuja orientação sexual não é exclusivamente heterossexual” (Manual de comunicação LGBTI+, p. 31, 2021).
Não binário	“O não binário sente que seu gênero está além ou entre homem e mulher e pode defini-lo com outro nome e de maneira totalmente diferente” (ABRAI, disponível em: https://abrai.org.br/informacoes-e-recursos/glossario/).
Monossexualidade	“O termo monossexualidade é usado para se referir a sexualidade das pessoas que sentem atração por apenas um sexo e/ou gênero e a não monossexualidade, por sua vez, indica a sexualidade das pessoas que sentem atração por mais de um sexo e/ou gênero” (Ross; Dobinson; Eady, 2010 apud Jaeger et al., 2019, p. 7).

GLOSSÁRIO

(continuação)

TERMO	DEFINIÇÃO
Monossexismo	“O monossexismo é pensado, de acordo com Shiri Eisner (2013), como uma estrutura social que presume que todas as pessoas sejam monossexuais e que trata como desvio as demais modulações da sexualidade” (Eisner, 2013 apud Jaeger et al., 2019, p. 7).
Intersexo	“Pessoa, cujo corpo varia do padrão, culturalmente, tido como masculino ou feminino, no que se refere a configurações dos cromossomos, a localização dos órgãos genitais (testículos que não desceram, pênis demasiado pequeno ou clitóris muito grande, final da uretra deslocado da ponta do pênis, vagina ausente) e a coexistência de tecidos testiculares e de ovários. A intersexualidade refere-se a um conjunto amplo de variações dos corpos tidos como masculinos e femininos, que engloba, conforme a denominação médica, hermafroditas verdadeiros e pseudo-hermafroditas” (Jesus, p. 14, 2012).
Transexual	“Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento” (Manual de comunicação LGBTI+, p. 30, 2021).
Cisgênero	“Termo utilizado para descrever pessoas que não são transgênero (mulheres trans, travestis e homens trans). ‘Cis’ é um prefixo em latim que significa ‘no mesmo lado que’ e, portanto, é oposto de ‘trans’ (GLAAD, 2016). Refere-se ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o gênero atribuído ao nascer” (GLAAD, 2016 apud Manual de comunicação LGBTI+, 2021, p. 27).
Normatividade	“Padrão que, baseado em um conjunto de valores socioculturais historicamente constituídos, funda as normas que regem os comportamentos e relações sociais” (Veiga da Silva, 2010, p. 16).
Heteronorma	“Crença na heterossexualidade como característica do ser humano ‘normal’. Desse modo, qualquer pessoa que saia desse padrão é considerada fora da norma, o que justificaria sua marginalização” (ABRAI, disponível em: https://abrai.org.br/informacoes-e-recursos/glossario/).
Cisheteronorma	“A heteronormatividade só pode ter esse título porque antes é cisheteronormatividade. Todo o sistema de relações de poder baseadas na heterossexualidade dos corpos pressupõe, antes, que esses corpos são cisgêneros” (Rosa, p. 68, 2020).
Dissidentes	“As identidades dissidentes dizem respeito àquelas cuja identificação de gênero e/ou orientação sexual fogem ao que é tido socialmente enquanto norma: a cisgeneridade (se identificar com o gênero dado ao nascimento, baseado no sexo biológico/genital), a heterossexualidade (sentir-se atraído/relacionar-se afetiva e sexualmente com pessoas do gênero oposto) e a monossexualidade (relação afetiva/ sexual por apenas um gênero/sexo)” (Bortolozzi; Carvalho, p. 7, 2020). Neste trabalho, usamos o termo “em dissidência”, para acentuar o fato de que essa diferença da norma está marcada no momento presente, mas o contexto social pode ser transformado ao longo dos anos.
Monodissidentes	“Pessoas que se atraem física e/ou afetivamente por mais de um gênero” (Frente Bissexual Brasileira, disponível em: https://www.frentebissexualbrasileira.org/quem-somos).

GLOSSÁRIO

(conclusão)

TERMO	DEFINIÇÃO
Bifobia	“Opressão social que tem como alvo a não monossexualidade”, ou seja, pessoas que sentem atração afetivo-sexual por pessoas de mais de um gênero, diferente do que ocorre com héteros, lésbicas e gays (Frente Bissexual Brasileira, disponível em: https://www.frentebissexualbrasileira.org/manifesto-bissexual-brasileiro).
Lesbofobia	Discriminação em relação a lésbicas por causa de sua orientação sexual (Manual de comunicação LGBTI+, 2021).
Homofobia	Discriminação em relação a gays por causa de sua orientação sexual (Manual de comunicação LGBTI+, 2021).

**APÊNDICE A - GUIA DE BOAS PRÁTICAS PARA COBERTURAS
JORNALÍSTICAS SOBRE BISSEXUALIDADE**

GUIA DE BOAS PRÁTICAS PARA COBERTURAS JORNALÍSTICAS SOBRE BISSEXUALIDADE

**POR
JESS CARVALHO**

APRESENTAÇÃO



Bandeira bissexual.
Imagem: Istock

ESPERANÇAR UMA PRÁTICA JORNALÍSTICA QUE RECONHEÇA AS EXISTÊNCIAS BISSEXUAIS EM SUA PLURALIDADE ME TROUXE ATÉ AQUI.

O meu nome é **Jess Carvalho**, sou bissexual, jornalista e pesquisadora.

Este guia é o resultado da minha dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, onde fui generosamente orientada pela professora doutora Graziela Soares Bianchi. Nele estão reunidas boas práticas para um jornalismo anti-bifobia, mapeadas a partir de entrevistas semiestruturadas com pessoas ativistas e pesquisadoras que constroem o movimento bissexual brasileiro na contemporaneidade. São elas: Vitória Régia da Silva (FBB e Gênero e Número), Ana Paula Mendes (FBB e ComBI), Fernanda Coelho (FBB e Coletivo BIL), Dani Vas (Bi-Sides), Letícia Lujan (FBB) e Inácio Saldanha (FBB e REBIM).

Participar do I Encontro Nacional do Movimento Bissexual Brasileiro e do II Seminário Nacional de Estudos Bissexuais me aproximou de uma coletividade bissexual crítica e engajada que ampliou os meus horizontes enquanto pesquisadora da bissexualidade. Portanto, agradeço à Frente Bissexual Brasileira (FBB) e à Rede Brasileira de Estudos sobre Bissexualidade e Monodissidência (REBIM), que me abriram as portas para o diálogo. Também agradeço às jornalistas e pesquisadoras Fabiana Moraes e Márcia Veiga, que me inspiraram a pensar caminhos para uma prática jornalística insurgente, que humanize pessoas bissexuais.

O meu desejo é que este guia sensibilize pessoas comunicadoras e jornalistas. Boa leitura!

COMBATENDO AS FAKE NEWS SOBRE BISSEXUALIDADE

FALSO

“Para ser bissexual, a pessoa tem que gostar de homens e mulheres”

VERDADEIRO

A bissexualidade não é binária. Pessoas bissexuais podem sentir atração afetiva e/ou sexual por homens, mulheres, pessoas não binárias etc.

FALSO

“O Dia da Visibilidade Bi é uma homenagem ao Freud”

VERDADEIRO

Nos Estados Unidos, o 23 de setembro é lembrado como Dia da Visibilidade Bissexual desde 1999, em referência ao aniversário da ativista bissexual Gigi Raven Wilbur. Já o Dia Nacional do Orgulho Bissexual Brasileiro é celebrado em 26 de setembro, em referência à primeira edição do Festival Bi+, realizada em 2020.

FALSO

“Ser bissexual é coisa da moda, depois passa”

VERDADEIRO

A bissexualidade é documentada desde a antiguidade. Não é uma fase.

FALSO

“A bissexualidade é transfóbica”

VERDADEIRO

O movimento bissexual é aliado do movimento trans. Pessoas trans podem ser bissexuais. Pessoas bi podem sentir atração afetivo-sexual por pessoas cis, trans, não binárias, entre outras.

COMBATENDO AS FAKE NEWS SOBRE BISSEXUALIDADE

Você já tinha ouvido alguma das fake news listadas na página anterior? Elas costumam ser repetidas de maneira supostamente inocente, mas colaboram para a invisibilização da população bissexual, que reivindica o direito de contar a própria história. Nos Estados Unidos, a comunidade bissexual começou a se organizar politicamente em meados de 1970. No Brasil, o movimento bissexual nasceu na década de 1990, e os estudos sobre bissexualidade chegaram às universidades a partir dos anos 2000. Ativistas e pessoas pesquisadoras dialogaram e repensaram a bissexualidade muitas vezes nas últimas décadas, mas consagraram alguns consensos.

Entre eles, o de que a bissexualidade não deve ser encarada como uma identidade sexual intrinsecamente binária.

Em 2009, a ativista bissexual norte-americana Robyn Ochs descreveu a bissexualidade como o potencial de sentir atração afetiva e/ou sexual por pessoas de mais de um gênero, “não necessariamente ao mesmo tempo, não necessariamente do mesmo jeito, e não necessariamente no mesmo grau”.

Isso significa que não existe uma narrativa única para a bissexualidade.

**HÁ MUITOS JEITOS DE
SER BISSEXUAL.**

POR QUE CABE AO JORNALISMO NOMEAR A BIFOBIA?

Outra fake news bastante popular é a de que a bifobia não existe, uma afirmação que por si só é bifóbica, porque deslegitima uma série de violências reais.

A Frente Bissexual Brasileira define a bifobia como “opressão social que tem como alvo a não monossexualidade”, ou seja, pessoas que sentem atração afetivo-sexual por pessoas de mais de um gênero, diferente do que ocorre com héteros, lésbicas e gays.

Termos como “homofobia” e “lesbofobia” não definem a complexidade das violências praticadas contra a população bi.

Pessoas bissexuais são frequentemente discriminadas e têm seu desejo invalidado, como se estivessem em dúvida. Os índices de danos em saúde mental e uso abusivo de álcool e drogas são preocupantes entre essa população, que muitas vezes não encontra acolhimento nos consultórios psicológicos e médicos, tornando-se alvo de correção. Há décadas essas pessoas são rotuladas como promíscuas e vetores de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs). Isso tudo sem falar na incidência de violências como o estupro “corretivo” entre mulheres bi, sobretudo as negras.

FICHA TÉCNICA

PESQUISA E REDAÇÃO:

JESS CARVALHO

ORIENTAÇÃO:

GRAZIELA SOARES BIANCHI

REVISÃO CRÍTICA:

ELI ROSA

VITÓRIA RÉGIA DA SILVA

ARTE FINAL:

ALINE KUBRAK

COLABORAÇÃO:

ANA PAULA MENDES

DANI VAS

FERNANDA COELHO

INÁCIO SALDANHA

LETÍCIA LUJAN

VITÓRIA RÉGIA DA SILVA

POR QUE CABE AO JORNALISMO NOMEAR A BIFOBIA?

Nas Escolas de Comunicação, aprendemos que o jornalismo deve ser objetivo, mas raramente nos convidam a refletir sobre as subjetividades que permeiam o nosso campo. Fabiana Moraes nos ensina que “este jornalismo, que sempre se apresentou como acima das paixões, desinteressado e neutro, faz parte de um projeto bem realizado e articulado, responsável pela estigmatização de pessoas e grupos e, consequentemente, por seus apagamentos”.

Este é um convite para assumirmos a dimensão subjetiva do jornalismo, sem descartar a objetividade que guia uma boa apuração, com fontes qualificadas e checagem responsável, mas entendendo que o jornalismo tem papel social e as escolhas que fazemos reverberam no dia a dia das pessoas.

UMA DAS MANEIRAS DE FAZER UM JORNALISMO ANTI-BIFOBIA CONSISTE EM NOMEAR A BIFOBIA.

É preciso escancará-la até que ela não seja mais normalizada.

É preciso contar às pessoas que a comunidade bissexual também é discriminada e carece de políticas públicas de saúde, educação e segurança pública.

É preciso usar o jornalismo como ferramenta de transformação social, agindo para que a bifobia seja vista, discutida e problematizada até que sejam criados mecanismos para combatê-la.

COMO REPORTAR A BISSEXUALIDADE COM RESPONSABILIDADE

AMPLIE AS NARRATIVAS SOBRE BISSEXUALIDADE

“Como vivem as pessoas bissexuais? Com quem se relacionam? Ser bissexual está na moda?”. Entre 2022 e 2023, fizemos uma pesquisa exploratória, por meio do buscador principal do Google, mapeando conteúdos jornalísticos a respeito da bissexualidade – e 43% partiam de uma abordagem explicativa e exotificante, enquanto temas como educação, saúde e segurança pública não foram abordados. Precisamos ampliar as narrativas sobre bissexualidade para além da dor, da hiperssexualização ou da novidade.

TRACE CONTRAPONTO, BUSQUE PLURALIDADE

Pessoas bissexuais estão na política, exercem a parentalidade e não são apenas cisgêneras. Elas são negras, indígenas, gordas, neurodivergentes, vivendo com HIV/aids em todos os cantos do Brasil e do mundo. Elas são tão plurais que não existe uma narrativa única que as contemple. Diversifique suas fontes, lance um olhar interseccional para a sua prática profissional e ofereça representatividade. Inclusive, sempre que possível, convide pessoas bissexuais para falarem de outras coisas que não somente a bissexualidade.

BISSEXUALIDADE NÃO É DIAGNÓSTICO

Um erro comum é presumir a orientação sexual de uma pessoa a partir das relações que ela mantém. Não basta apresentar certos “sintomas”, como se relacionar com homens e mulheres, para ser reconhecido como bissexual, porque bissexualidade não é diagnóstico. Inclusive, a legislação brasileira reconhece a autodeterminação sexual e de gênero como direito fundamental de todo cidadão. Se você faz coberturas de sexualidade e gênero, este deve ser o seu mantra: nunca presumir, sempre perguntar.

COMO REPORTAR A BISSEXUALIDADE COM RESPONSABILIDADE

NÃO RELACIONE A BISSEXUALIDADE A UM ARMÁRIO

Outro problema de presumir a orientação sexual de alguém, é correr o risco de desrespeitar o processo pessoal da pessoa e ainda deixá-la exposta à bifobia. Para além de perguntar sobre a autodeclaração sexual de sua fonte, pergunte se ela gostaria que essa informação se tornasse pública.

RELAÇÕES E DEMONSTRAÇÕES DE AFETO NÃO TÊM ORIENTAÇÃO SEXUAL

“Beijo gay” e “maternidade lésbica” são alguns dos termos tensionados pelo movimento bi, porque colaboram para o apagamento bissexual, já que relações e demonstrações de afeto raramente são classificadas como bissexuais, ainda que as pessoas envolvidas se autodeclarem bissexuais. Você pode substituí-los por termos mais inclusivos como “beijo entre dois homens” e “dupla maternidade”.

NOMEIE A BISSEXUALIDADE

Como dito anteriormente, as pessoas bissexuais são frequentemente tratadas como lésbicas e gays. Um exemplo clássico dessa dinâmica são as reportagens que se referem à ex-vereadora Marielle Franco, que foi cruelmente assassinada em 2018, como uma mulher lésbica, embora ela tenha se autodeterminado bissexual diversas vezes em vida. Nomear a bissexualidade é um ato político contra o apagamento de pessoas bi.

FALE DE BISSEXUALIDADE O ANO TODO

Falar de bissexualidade em setembro, o Mês da Visibilidade Bi, é importante e afirmativo, mas essa população tem demandas e deve ser vista o ano todo.

COMO REPORTAR A BISSEXUALIDADE COM RESPONSABILIDADE

DIVULGUE AS CONQUISTAS DO MOVIMENTO BISSEXUAL

Você já conhece a resolução nº 8 de 2022 do Conselho Federal de Psicologia? Ela estabelece normas de atuação para profissionais da psicologia em relação às bissexualidades e demais orientações não monossexuais. É uma das conquistas do movimento bissexual, visando combater a violência bifóbica nos consultórios, mas foi pouco divulgada pela imprensa – como esta, existem muitas outras pautas relevantes que podem ser abordadas pelo jornalismo.

NÃO DISSEMINE ESTIGMAS

Retratar experiências em dissidência da norma demanda muita responsabilidade e prática reflexiva para desnaturalizar os preconceitos que absorvemos ao longo da vida. Todas as pessoas estão sujeitas à dúvida sobre sua orientação sexual, inclusive as bissexuais, e isso não faz da bissexualidade uma orientação sexual duvidosa. Também não é verdade que pessoas bissexuais são mais promíscuas que as demais, mas é importante se perguntar a quem interessa minar nossa liberdade sexual.

AS IMAGENS TAMBÉM FALAM

Uma fotografia comunica tanto quanto um texto, portanto, escolha a dedo as imagens que serão utilizadas para ilustrar o seu conteúdo. Evite atrelar a bissexualidade a uma ideia de binariedade, reforçando contrapontos entre rosa e azul, homens e mulheres, feminino e masculino. Em vez disso, você pode colaborar para tornar os símbolos da luta bissexual, como a bandeira bi, conhecidos.



COMO REPORTAR A BISSEXUALIDADE COM RESPONSABILIDADE

OUÇA PESSOAS PESQUISADORAS DA BISSEXUALIDADE

Nem toda pessoa heterossexual é especialista em heterossexualidade. O mesmo vale para a bissexualidade. Caso você precise de uma fonte que traga conteúdo qualificado sobre bissexualidade para a sua reportagem, ouça uma pessoa pesquisadora.

OUÇA O MOVIMENTO BISSEXUAL ORGANIZADO

A experiência de uma única pessoa bissexual não deve servir de parâmetro para todas. A bissexualidade é uma identidade sexual diversa, e uma das formas de retratar essa coletividade é buscar o posicionamento do movimento bissexual organizado, feito de pessoas que estão em constante diálogo e lutam pela causa.

EVITE ACHISMOS, SUSTENTE SUAS ANÁLISES

A checagem é uma etapa fundamental da produção de qualquer conteúdo jornalístico, e nas coberturas sobre bissexualidade, não deve ser diferente. Não replique informações como se estivessem dadas, sem consultar fontes qualificadas. Até mesmo os dados podem ser interpretados de maneira equivocada quando não exercitamos a prática reflexiva. Esteja sempre à disposição para ouvir quem sabe mais.



COMO REPORTAR A BISSEXUALIDADE COM RESPONSABILIDADE

BUSQUE RETRATAR O CONTEXTO BRASILEIRO

Vai divulgar estudos internacionais sobre bissexualidade? Não deixe de olhar para a realidade brasileira, que tem suas peculiaridades. Ao tratar de uma pesquisa produzida fora do país, busque contraponto entre pessoas pesquisadoras brasileiras.

LEMBRE-SE: LGBTFOBIA É CRIME NO BRASIL

O Supremo Tribunal Federal já equiparou a discriminação por orientação sexual e identidade de gênero aos crimes de racismo e injúria racial. Em outras palavras, LGBTfobia é crime – e isso inclui a bifobia. Tenha responsabilidade.

SEM FOGO AMIGO

O movimento bissexual quer participar das discussões e se sentir ouvido pela comunidade LGBTI+, e historicamente reivindica esse espaço que é seu por direito, mas não é de seu interesse construir uma narrativa de rivalidade.

SEMPRE QUE POSSÍVEL, SEJA ACESSÍVEL

Queremos democratizar a informação qualificada sobre bissexualidade. Termos acadêmicos ou em outros idiomas podem oferecer barreiras na compreensão de uma mensagem, por isso devem ser explicados ou substituídos por termos mais acessíveis.

EXEMPLOS PRÁTICOS

SER BISSEXUAL É UMA TENDÊNCIA PARA O FUTURO?



POR QUE MAIS PESSOAS ESTÃO DIZENDO QUE SÃO BISSEXUAIS?

Em vez de apontar a bissexualidade como um modismo, podemos perguntar a fontes especializadas por que as pessoas estão se sentindo mais confortáveis para falar abertamente de sua identidade sexual e de que forma isso impacta a população bi.

BISSEXUAIS USAM CANNABIS COM MAIS FREQUÊNCIA PARA LIDAR COM ADVERSIDADES, DIZ ESTUDO



ESTUDO SUGERE QUE BISSEXUAIS USAM MACONHA COM MAIS FREQUÊNCIA PARA LIDAR COM A BIFOBIA

O uso recreativo de maconha (termo popular) ainda é ilegal no Brasil, portanto, devemos tomar muito cuidado ao relacionar a população bi ao uso da substância, sob o risco de expor pessoas bissexuais à estigmatização e à criminalização. Uma maneira mais responsável e crítica de noticiar o estudo em questão é nomear o problema que aproxima a população bi do uso abusivo de drogas: o sofrimento causado pela bifobia.

BISSEXUAIS NAMORAM MENOS PESSOAS DO MESMO GÊNERO DO QUE OUTROS LGBT+, APONTA PESQUISA



PRECONCEITO AFASTA BISSEXUAIS DE RELAÇÕES COM PESSOAS DO MESMO GÊNERO, APONTA PESQUISA

Se os dados de uma pesquisa apontam que pessoas bissexuais se relacionam menos com pessoas do mesmo gênero, a prática reflexiva sugere perguntar a especialistas e pessoas bissexuais o porquê. Pessoas bissexuais não são monossexuais, portanto, logicamente namoram menos pessoas do mesmo gênero do que gays e lésbicas. (A transgeneridade engloba expressões de gênero e compõe outra categoria de análise). Este é um exemplo de como um dado aparentemente objetivo pode ser instrumentalizado para reforçar estigmas como o de que pessoas bi não assumem compromissos com pessoas do mesmo gênero, o que não passa de preconceito.

CHECKLIST DE BOLSO

E AÍ, BORA PARA FAZER UMA COBERTURA ANTI-BIFOBIA? A GENTE SABE QUE O DIA A DIA É PUXADO, E PARA TE AJUDAR A MAPEAR POSSÍVEIS GAFES ANTES DE PUBLICAR O SEU CONTEÚDO SOBRE BISSEXUALIDADE, CRIAMOS UMA CHECKLIST.

5 PERGUNTAS-CHAVE:

- Estou pressupondo a orientação sexual de alguém?
- Estou ouvindo especialistas em bissexualidade?
- Estou dialogando com o movimento bissexual organizado?
- Estou apostando em termos acessíveis?
- Estou disseminando estigmas e preconceitos?

IDENTIDADE SEXUAL

“Se compreende por identidade sexual a maneira como uma pessoa compreende a si mesma em termos de por qual gênero se é sexualmente e romanticamente atraída” (FREITAS, 2022).

IDENTIDADE DE GÊNERO

“Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode concordar ou não com o gênero atribuído em seu nascimento. Difere da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas trans podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, da mesma forma que pessoas cisgênero” (JESUS, 2012).

CISGÊNERO

“Termo utilizado para descrever pessoas que não são transgênero (mulheres trans, travestis e homens trans). ‘Cis’ é um prefixo em latim que significa “no mesmo lado que” e, portanto, é oposto de “trans” (GLAAD, 2016). Refere-se ao indivíduo que se identifica, em todos os aspectos, com o gênero atribuído ao nascer (GLAAD, 2016 apud Manual de comunicação LGBTI+, 2021).

TRANSGÊNERO

“Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento” (Manual de comunicação LGBTI+, 2021). Entenda-se “sexo” por “sexo biológico/genital”.

BISSEXUALIDADE

“Bissexuais são pessoas para quem o gênero não é um fator determinante da atração sexual ou afetiva” (Frente Bissexual Brasileira).

NORMATIVIDADE

“Padrão que, baseado em um conjunto de valores socioculturais historicamente constituídos, funda as normas que regem os comportamentos e relações sociais” (VEIGA DA SILVA, 2010, p. 16).

GLOSSÁRIO DE BOLSO

BIFOBIA

“Opressão social que tem como alvo a não monossexualidade”, ou seja, pessoas que sentem atração afetivo-sexual por pessoas de mais de um gênero, diferente do que ocorre com héteros, lésbicas e gays (Frente Bissexual Brasileira).

DISSIDÊNCIA

“As identidades dissidentes dizem respeito àquelas cuja identificação de gênero e/ou orientação sexual fogem ao que é tido socialmente enquanto norma: a cisgeneridade (se identificar com o gênero dado ao nascimento, baseado no sexo biológico/genital), a heterossexualidade (sentir-se atraído/relacionar-se afetiva e sexualmente com pessoas do gênero oposto) e a monossexualidade (relação afetiva/ sexual por apenas um gênero/sexo)” (BORTOLOZZI E CARVALHO, 2020).

MONOSSEXUAL

“O termo monossexualidade é usado para se referir a sexualidade das pessoas que sentem atração por apenas um sexo e/ou gênero e a não monossexualidade, por sua vez, indica a sexualidade das pessoas que sentem atração por mais de um sexo e/ou gênero” (ROSS, DOBINSON, & EADY, 2010 apud JAEGER, LONGHINI, OLIVEIRA e TONELI, 2019).

MONOSSEXISMO

“O monossexismo é pensado, de acordo com Shiri Eisner (2013), como uma estrutura social que presume que todas as pessoas sejam monossexuais e que trata como desvio as demais modulações da sexualidade” (EISNER, 2013 apud JAEGER, LONGHINI, OLIVEIRA e TONELI, 2019).

MONODISSIDÊNCIA

“Pessoas que se atraem física e/ou afetivamente por mais de um gênero” (Frente Bissexual Brasileira).

SUGESTÕES DE FONTES

Quer falar sobre a experiência de pessoas bissexuais e/ou sobre os marcos da luta bissexual no Brasil?

Escreva para a **Frente Bissexual Brasileira:**

frentebissexualbrasileira@gmail.com

Quer falar com uma pessoa pesquisadora da bissexualidade? Escreva para a **Rede Brasileira de Estudos sobre Bissexualidade e Monodissidência:**
[rede.rebim@gmail.com](mailto:rederebim@gmail.com)

REFERÊNCIAS

BORTOLOZZI, A. C.; CARVALHO, L. R. S. Leituras sobre a sexualidade em filmes: identidades dissidentes e opressões. Volume 07. Pedro e João Editores. 2020.

CARVALHO, J. D. Bissexualidade em pauta: caminhos para práticas jornalísticas monodissidentes. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2024.

FREITAS, L. R. T. A importância do reconhecimento social na construção da identidade sexual de mulheres não heterossexuais no sul da Bahia. Cadernos Pagu, 2022. .

JAEGER, M. B.; LONGHINI, G. N.; OLIVEIRA, J. M. de; TONELI, M. J. F. Bissexualidade, bifobia e monossexismo: problematizando enquadramentos. Revista Periódicus, [S. l.], v. 2, n. 11, p. 1–16, 2019.

JESUS, J. G. Orientações sobre identidade de gênero, conceitos e termos: Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgênero, para formadores de opinião. 2ª Edição. Brasília, 2012.

REFERÊNCIAS

Manual de comunicação LGBTI+. ALIANÇA NACIONAL LGBTI+; GAY LATINO. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2021.

MORAES, F. A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. 1ª edição. Arquipélago, Porto Alegre, 2022.

OBOZA, M. C. Our Fence with Wendy Curry. 2023.

Disponível em:

https://web.archive.org/web/20180224011818/http://www.binetusa.org/regional/chicago/Chicago_Bi_Newsletter_CBD2013.pdf. Acesso em: 11 de abril de 2024.

Quem Somos . FRENTE BISSEXUAL BRASILEIRA.

Disponível em:

<https://www.frentebissexualbrasileira.org/quem-somos>. Acesso em: 5 de abril de 2024

SHAW, J. Invisibilidade: Cultura, ciência e a história secreta da bissexualidade. 1ª edição. Cultrix, 2023.

VEIGA DA SILVA, M. Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2010.

APÊNDICE B - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO GOOGLE, 2022

(continua)

Veículo	Título	Editoria	Encaminhamento	Data	Assinatura	Termo de busca
Agência Mural	Visibilidade Bissexual: o que você precisa saber para não reproduzir preconceitos - Agência Mural (agenciamural.org.br)	Democratize-se!	Explicativo	23/09/21	Nathalia Nunes	Bissexuais
Rede Brasil Atual	Quase 3 milhões se declaram homossexuais ou bissexuais, mostra Pesquisa - Rede Brasil Atual	Diversidade	Pesquisa	25/05/22	Vitor Nuzzi	Bissexuais
GQ	Homens bissexuais relatam preconceitos fora e dentro da comunidade LGBTQIA+ - GQ Sexo (globo.com)	Sexo	Explicativo	24/05/22	Aline Naomi	Bissexuais
Valor	Homossexualidade é mais frequente entre homens e bissexualidade, entre mulheres, aponta IBGE Brasil Valor Econômico (globo.com)		Pesquisa	25/05/22	Lucianne Carneiro	Bissexuais
Carta Capital	Precisamos falar sobre bissexualidade - CartaCapital	Lado	Explicativo	30/09/20	Claudia C. Nunes da Costa, Lara Machado Luedemann, Fernanda S. Figueredo E Paula R. Bastos Chaves	Bissexuais
Carta Capital	2,9 milhões de adultos se declaram homossexuais ou bissexuais no Brasil, estima o IBGE - CartaCapital	Sociedade	Pesquisa	25/05/22	Redação	Bissexuais
Metrópoles	Afinal, será que todos temos tendências bissexuais? (metropoles.com)	Colunas	Explicativo	23/09/21	Luiza Barufi	Bissexuais
Splash UOL	Deborah Secco e mais 17 famosos bissexuais (uol.com.br)	Celebs	Celebridades	07/06/22	Luan Martendal	Bissexuais

APÊNDICE B - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO GOOGLE, 2022

(continuação)

Veículo	Título	Editoria	Encaminhamento	Data	Assinatura	Termo de busca
Correio Braziliense	BH tem mais homossexuais e bissexuais autodeclarados do que Minas e Brasil (correio braziliense.com.br)		Pesquisa	25/05/22	Márcia Maria Cruz	Bissexuais
Dicas de Mulher	Bissexualidade: 10 fatos e mitos para acabar com dúvidas sobre o tema (dicasdemulher.com.br)	Comportamento	Explicativo	03/06/22	Taís Miwa	Bissexuais
Istoé Dinheiro	No Brasil, 2,9 milhões se declaram lésbicas, gays ou bissexuais (istoedinheiro.com.br)	Giro	Pesquisa	25/05/22	Agência Brasil	Bissexuais
Sul 21	IBGE: 2,9 milhões de brasileiros adultos se declaram homossexuais ou bissexuais - Sul 21	Geral	Pesquisa	25/05/22	redação	Bissexuais
iG Queer	Famosos bissexuais para enaltecer o 'B' da sigla Queer iG	Web story	Celebridades	14/06/22	Miguel Trombini	Bissexuais
GZH	No RS, 1,9% se declaram homossexuais e bissexuais; em Porto Alegre, índice é de 5,1% GZH (clcrbs.com.br)		Pesquisa	25/05/22	KARINE DALLA VALLE	Bissexuais
Superinteressante	4 fatos que você deveria saber sobre a bissexualidade Super (abril.com.br)	Comportamento	Explicativo	29/05/17	Darllam Cruz	Bissexuais
Terra	1,9% dos brasileiros se dizem homossexuais ou bissexuais; é um tema sensível, afirma pesquisadora (terra.com.br)	Nós	Pesquisa	25/05/22	Roberta Jansen	Bissexuais
Bol - Observatório G	Políticos, famosos e artistas: 45 personalidades bissexuais (uol.com.br)	Cultura	Celebridades	10/06/22	Ketryn Carvalho	Bissexuais
Amazônia Real	Brasil tem 2,9 milhões de gays, lésbicas ou bissexuais, diz IBGE - Amazônia Real (amazoniareal.com.br)	Política	Pesquisa	25/05/22	redação	Bissexuais

APÊNDICE B - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO GOOGLE, 2022

(continuação)

Veículo	Título	Editoria	Encaminhamento	Data	Assinatura	Termo de busca
Mídia Ninja	2,9 milhões de adultos se declararam homossexuais ou bissexuais em 2019, aponta pesquisa inédita do IBGE	FODA	Pesquisa	25/05/22	redação	Bissexuais
Folha BV	5 mil adultos se declaram homossexuais ou bissexuais em Roraima - Folha de Boa Vista (folhabv.com.br)	Cidades	Pesquisa	25/05/22	redação	Bissexuais
Diário do Amapá	IBGE: em 2019, 16 mil amapaenses se declararam homossexuais ou bissexuais – Diário do Amapá - Compromisso com a Notícia (diariodoamapa.com.br)	Cidades	Pesquisa	25/05/22	redação	Bissexuais
CNN Brasil	IBGE: ao menos 2,9 milhões de brasileiros se declaram homossexuais ou bissexuais CNN Brasil	Nacional	Pesquisa	25/05/22	Rayane Rocha	Bissexuais
Poder 360	IBGE: 2,9 mi de brasileiros se declaram homo ou bissexuais (poder360.com.br)	Brasil	Pesquisa	25/05/22	redação	Bissexuais
ABC do ABC	IBGE: 1,9% dos brasileiros se dizem homossexuais ou bissexuais (abcdoabc.com.br)	Cultura	Pesquisa	25/05/22	Estadão Conteúdo	Bissexuais
Estadão	Ser bissexual é uma tendência para o futuro? - Emais - Estadão (estadao.com.br)	Emais	Explicativo	03/06/16	ANITA EFRAIM	Bissexuais
Bem Paraná	No Paraná, 175 mil adultos se declaram homossexuais ou bissexuais - Bem Paraná (bemparana.com.br)		Pesquisa	25/05/22	Rodolfo Luis Kowalski	Bissexuais
Istoé	Fernanda Souza, Vitão, Lucy Alves e outros: veja famosos que assumiram ser bissexuais - ISTOÉ Independente (istoe.com.br)	Gente	Celebridades	17/05/2022	Letícia Sena	Bissexuais

APÊNDICE B - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO GOOGLE, 2022

(continuação)

Veículo	Título	Editoria	Encaminhamento	Data	Assinatura	Termo de busca
Superela	6 mitos sobre os bissexuais que você precisa parar de acreditar agora (superela.com)		Explicativo	23/07/19	Karina Costa	Bissexuais
Catarinas	2,9 milhões se declaram lésbicas, gays ou bissexuais no Brasil - Portal Catarinas	Web story	Pesquisa		Daniela Valenga	Bissexuais
Buzzfeed	17 estereótipos bissexuais que as pessoas não aguentam mais ver em séries e filmes (buzzfeed.com.br)	BuzzQueer	Explicativo		Kelly Martinez	Bissexuais
O Liberal	Pará tem cerca de 113 mil gays, lésbicas e bissexuais, segundo IBGE Pará O Liberal		Pesquisa	25/05/22	Fabyo Cruz	Bissexuais
UOL	2,9 milhões de pessoas se identificam como homossexuais ou bissexuais no Brasil, diz IBGE (uol.com.br)	Notícias	Pesquisa	25/05/22	redação	Bissexuais
NH	IBGE: 1,9% dos brasileiros se dizem homossexuais ou bissexuais - País - Jornal NH	País	Pesquisa	25/05/22	Roberta Jansen - Estadão Conteúdo	Bissexuais
UOL Seleções	Visibilidade bissexual: entenda por que precisamos falar sobre o assunto (selecoes.com.br)	Especial	Explicativo	28/09/20	Felippe Spinetti	Bissexuais
Jornal do Oeste	IBGE: 1,9% dos brasileiros se dizem homossexuais ou bissexuais - Jornal do Oeste		Pesquisa	25/05/22	Estadão Conteúdo	Bissexuais
A Crítica	Na Capital, 25 mil pessoas se autodeclararam homossexuais ou bissexuais - A Crítica de Campo Grande (acritica.net)	Geral	Pesquisa	25/05/22	redação	Bissexuais
Amazonas Atual	No Amazonas, 2,3% dos adultos se declararam homossexuais ou bissexuais (amazonasatual.com.br)	Dia a dia	Pesquisa	25/05/22	redação	Bissexuais

APÊNDICE B - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO GOOGLE, 2022

(continuação)

Veículo	Título	Editoria	Encaminhamento	Data	Assinatura	Termo de busca
Bol Observatório G	Biafetivo e bissexualidade: Como saber se eu sou bissexual? (uol.com.br)	Comportamento	Explicativo	30/10/21	Ketryn Carvalho	Bissexualidade
Dicas de Mulher	Bissexualidade: 10 fatos e mitos para acabar com dúvidas sobre o tema (dicasdemulher.com.br)	Comportamento	Explicativo	03/06/22	Táís Miwa	Bissexualidade
Universa UOL	23/9 Dia da Visibilidade Bissexual: Bis querem reconhecimento (uol.com.br)	Opinião	Explicativo	23/09/21	Mariana Serrano	Bissexualidade
Não me Kahlo	Porque precisamos compreender a bissexualidade ~ Não Me Kahlo (naomekahlo.com)	Blogando	Explicativo	23/09/20		Bissexualidade
Vogue	Bissexualidade: homem que gosta de homem e de mulher é gay? - Vogue atualidades (globo.com)	Atualidades	Explicativo	23/09/21	Daniel Lenhardt	Bissexualidade
Brasil de Fato PE	Artigo A bissexualidade e a sua primavera nos dentes Opinião (brasildefatope.com.br)	Artigo	Explicativo	23/09/20	Táisa Lima	Bissexualidade
Capricho	7 mitos sobre a bissexualidade que devem ser quebrados já Capricho (abril.com.br)	Comportamento	Explicativo	23/09/19	ISABELLA OTTO	Bissexualidade
Colabora	O que precisamos entender para deixarmos de ser fiscais da bissexualidade alheia? (projetocolabora.com.br)	Diversidade	Explicativo	23/09/21	Yuri Fernandes	Bissexualidade
Omelete	Peacemaker confirma bissexualidade de personagem importante; entenda (omelete.com.br)	Séries e TV	Entretenimento	11/02/22	Caio Coletti	Bissexualidade
Purebreak	Dia da Visibilidade Bissexual: entenda o que é a bissexualidade - Purebreak	Notícias	Explicativo	23/09/21	João Maturana	Bissexualidade
Campo Grande News	Homens assumem bissexualidade e também não acreditam em héteros - Comportamento - Campo Grande News	Comportamento	Explicativo	09/12/21	Bárbara Cavalcanti	Bissexualidade

APÊNDICE B - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO GOOGLE, 2022

(continuação)

Veículo	Título	Editoria	Encaminhamento	Data	Assinatura	Termo de busca
Revista Cenarium	Bissexualidade: preconceitos, diferenciações e invisibilidade - Revista Cenarium	Diversidade	Explicativo	18/09/21	Priscilla Peixoto	Bissexualidade
Istoé	MC Soffia responde fãs sobre bissexualidade: 'Vou perder oportunidades?' - ISTOÉ Independente (istoe.com.br)	Gente	Celebridades	09/06/22	redação	Bissexualidade
iG Queer	Visibilidade Bissexual: conheça os principais estigmas acerca dessa sexualidade Queer iG		Explicativo	23/09/21	Miguel Trombini	Bissexualidade
TPM	Você já pensou sobre a bissexualidade e a bifobia? - Tpm (uol.com.br)		Explicativo	28/06/21	Paola Lins de Oliveira	Bissexualidade
GZH	Luísa Sonza conta como conversou sobre bissexualidade com os pais: "Um pouco de vergonha" Donna (clicrbs.com.br)	Donna Gente	Celebridades	13/12/21	redação	Bissexualidade
Folha F5	Kefera Buchmann fala sobre bissexualidade: 'frio na barriga' - 31/07/2021 - Celebridades - F5 (uol.com.br)	Celebridades	Celebridades	31/07/21		Bissexualidade
Terra Nós	Lucy Alves sobre bissexualidade: 'É tão estranho isso ainda chocar pessoas' (terra.com.br)	Vênus Podcast	Celebridades	17/05/22		Bissexualidade
Notícias da TV	Antes de Ilana em Um Lugar ao Sol, bissexualidade já era pauta na TV · Notícias da TV (uol.com.br)	Atitude	Entretenimento	19/2/22	Kelly Miyashiro	Bissexualidade
Evangélicxs	Iguais e transversais: como é ser bissexual e cristã – Evangélicxs Pela Diversidade (evangelicxs.com)		Explicativo		Bê Moraes	Bissexualidade

APÊNDICE B - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO GOOGLE, 2022

(conclusão)

Veículo	Título	Editoria	Encaminhamento	Data	Assinatura	Termo de busca
Correio 24 horas	[Artigo]: Precisamos falar sobre a bissexualidade Me Salte (correio24horas.com.br)	Blog Me Salte	Explicativo	23/09/19	Mirian Hapuque e Adelayá Magnoni	Bissexualidade
Agência Brasil	IBGE divulga 1º levantamento sobre homossexuais e bissexuais no Brasil Agência Brasil (ebc.com.br)	Direitos Humanos	Pesquisa	25/05/22	Mariana Tokarnia	Bissexualidade
Agência Brasil	Dia da Visibilidade Bissexual combate adjetivos contra segmento LGBTI Agência Brasil (ebc.com.br)	Direitos Humanos	Explicativo	23/09/17	Letycia Bond	Bissexualidade
Rolling Stone	10 músicas que falam sobre bissexualidade - e que você provavelmente não notou [LISTA] - Rolling Stone (uol.com.br)	Música	Entretenimento	09/01/21	Redação	Bissexualidade

APÊNDICE C - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO GOOGLE, 2023

(continua)

Veículo	Título	Editoria	Encaminhamento	Data	Assinatura	Termo de busca
Extra	Sou bi, e daí?': Relembre a trajetória de famosos bissexuais e como eles se assumiram	Famosos	Celebridades	12/03/2023	Redação	bissexuais
Agência Brasil	IBGE divulga 1º levantamento sobre homossexuais e bissexuais no Brasil	Geral	Pesquisa	25/05/2022	Mariana Tokarnia	bissexuais
Dicas de Mulher	Fatos sobre a bissexualidade para conhecer e mitos para quebrar já	Relacionamentos	Explicativo	24/06/2022	Taís Miwa	bissexuais
CNN	Bissexuais usam cannabis com mais frequência para lidar com adversidades, diz estudo	Saúde	Pesquisa	24/01/2023	Lucas Rocha	bissexuais
Terra	7 jovens galãs bissexuais orgulhosos que você precisa conhecer	Nós (diversidade)	Celebridades	27/05/2023	Adrielle Farias	bissexuais
Azmina	Qual a diferença de ser bi ou panssexual?	Comportamento	Explicativo	01/03/2023	Natália Sousa	bissexuais
Nexo	Como pessoas bissexuais vivenciam o direito à cidade	Acadêmico	Pesquisa	12/01/2023	Hortência Brito	bissexuais
Estadão	Ser bissexual é uma tendência para o futuro?	Emails	Explicativo	03/06/2016	Redação	bissexuais
UOL	"Nós todos somos bissexuais": Regina Braga explica sua visão sobre a sexualidade humana	Entretenimento	Celebridades	16/05/2023	Redação	bissexuais
Correio Braziliense	Gilberto Gil revela que já se relacionou com homens: "Somos todos bissexuais"	Sexualidade	Celebridades	02/06/2023	Redação	bissexuais
IG	Bissexuais namoram menos pessoas do mesmo gênero do que outros LGBT+	Queer	Pesquisa	03/02/2023	Redação	bissexuais
Agência Mural	Visibilidade Bissexual: o que você precisa saber para não reproduzir preconceitos	Democratize-se!	Explicativo	23/09/2021	Nathalia Nunes	bissexuais
El País	15 bissexuais famosos que a história quis apagar	Fotografia	Celebridades	08/08/2018	CEST	bissexuais
Universa	Bissexuais e casamento aberto: quais as regras para funcionar?	Relacionamentos	Celebridades	08/11/2022	Hysa Conrado	bissexuais
Metrópoles	Entenda o leque "bi": bissexual, birromântico e bicurioso	Colunas	Explicativo	10/10/2021	Luiza Baruffi	bissexuais

APÊNDICE C - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO GOOGLE, 2023

(continuação)

Veículo	Título	Editoria	Encaminhamento	Data	Assinatura	Termo de busca
Istoé	Assim como Rodrigo Simas, conheça outros famosos que se declararam bissexuais	Gente	Celebridades	04/03/2023	Redação	bissexuais
Gazeta do Povo	Frases da Semana: "Somos todos filhos de um pai e uma mãe, portanto, somos todos bissexuais"	Ideias	Celebridades	09/06/2023	Redação	bissexuais
Buzzfeed	17 estereótipos bissexuais que as pessoas não aguentam mais ver em séries e filmes	BuzzQueer	Explicativo		Kelly Martinez	bissexuais
Bol - Observatório G	Biafetivo e bissexualidade: Como saber se eu sou bissexual?	Comportamento	Explicativo	30/10/2021	Ketryn Carvalho	bissexuais
Carta Capital	Precisamos falar sobre bissexualidade	Lado	Explicativo	30/09/2020	Claudia C. Nunes Da Costa, Lara Machado Luedemann, Fernanda S. Figueredo E Paula R. Bastos Chaves	bissexuais
Estado de Minas	Dia da Visibilidade Bissexual: veja relatos de jovens mineiros	Gerais	Explicativo	23/09/2020	Ana Mendonça e Ana Raquel Lelles	bissexuais
Terra	Agatha Moreira sobre bissexualidade de Rodrigo Simas: "Não adianta reclamar e querer devolução"	Nós (diversidade)	Celebridades	03/07/2023	Redação	bissexualidade
G1	Bissexualidade e masculinidade: baianos falam sobre bifobia e pressão por performance de gênero	Notícias	Explicativo	23/09/2022	Natally Acioli	bissexualidade
IG	Visibilidade Bissexual: conheça os principais estigmas acerca dessa sexualidade	Queer	Explicativo	23/09/2021	Miguel Trombini	bissexualidade
Correio Braziliense	Maria Ribeiro diz que mentiu ao assumir bissexualidade e explica motivo	Famosos	Celebridades	08/05/2023	Observatório dos famosos	bissexualidade
Folha de S.Paulo	Pedro Sampaio defende bissexualidade e falar sobre isso no palco	Ilustrada	Celebridades	07/06/2023	Redação	bissexualidade

APÊNDICE C - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO GOOGLE, 2023

(conclusão)

Veículo	Título	Editoria	Encaminhamento	Data	Assinatura	Termo de busca
Metrópoles	Afinal, será que todos temos tendências bissexuais?	Colunas	Explicativo	10/10/2021	Luiza Barufi	bissexualidade
Catarinas	3 questões que o BBB23 pode nos ensinar sobre bissexualidade	Webstories	Explicativo		Jess Carvalho	bissexualidade
Brasil de Fato	A bissexualidade e a sua primavera nos dentes	Opinião	Explicativo	23/09/2020	Táisa Lima	bissexualidade
Veja	Como a bissexualidade de Rodrigo Simas atinge seu público	Gente	Celebridades	06/03/2023	Valmir Moratelli	bissexualidade
Purebreak	Explicamos por que a bissexualidade não é binária. Entenda	Notícias	Explicativo	23/09/2021	João Maturana	bissexualidade
CAMPO GRANDE NEWS	Homens assumem bissexualidade e também não acreditam em héteros	Comportamento	Explicativo	09/12/2021	Bárbara Cavalcanti	bissexualidade
Revista Cenarium	A persistente invalidação da bissexualidade pela sociedade brasileira	Diversidade	Explicativo	08/02/2021	Priscilla Peixoto	bissexualidade
Estado de Minas	Fernando Holiday assume bissexualidade e relata descoberta	Diversidade	Celebridades	15/04/2023	Vinícius Prates	bissexualidade
Universa	Bissexualidade heteroafetiva: o que significa orientação de Bruna Griphao	Notícias	Explicativo	22/01/2023	Marina Marini	bissexualidade
Revista Afirmativa	Visibilidade bissexual: um conceito que precisa ser entendido e um respeito que precisa ser colocado em prática	Notícias	Explicativo	13/10/2022	Daiane Oliveira e Patrícia Rosa	bissexualidade
Omelete	Peacemaker confirma bissexualidade de personagem importante; saiba mais	Séries e TV	Entretenimento	11.02.2022	Caio Coletti	bissexualidade

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continua)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Contribuição Ao Estudo Da Infecção Pelo Vírus Da Imunodeficiência Em Minas Gerais. Estudo Sistematizado De 549 Indivíduos Com Atividade De Risco Para A Infecção.	1989	Doutorado Em Medicina (Medicina Tropical)	Universidade Federal De Minas Gerais	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Comportamento Epidemiológico Da Infecção Pelo Vírus Da Imunodeficiência Humana Na Região De Ribeirão Preto - 1984 A 1991	1992	Doutorado Em Medicina (Medicina Preventiva)	Universidade De São Paulo/ Ribeirão Preto	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Prevalência Dos Marcadores Para O Vírus Da Hepatite B, Anticorpos Antivírus Da Hepatite Delta E Anticorpos Anti Vírus Da Hepatite C Em Pacientes Com Síndrome Da Imunodeficiência Adquirida	1992	Mestrado Em Doenças Infecciosas E Parasitárias	Universidade Federal De São Paulo	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Ter Ou Não Ter - Eis A Questão? - Contornos Do Feminino Em Freud.	1992	Doutorado Em Psicologia Clínica	Universidade De São Paulo	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Correlação Entre Os Marcadores Para Os Vírus Das Hepatites B, Tipo Delta E Tipo C, E Parâmetros Imunológicos E Epidemiológicos Em Pacientes Portadores Do Vírus Da Imunodeficiência Humana	1993	Doutorado Em Doenças Infecciosas E Parasitárias	Universidade Federal De São Paulo	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Estratégias Reprodutivas De Duas Espécies Simpatricas De Lagartos Gymnophthalmus De Roraima Brasil (Sauria, Teiidae)	1993	Doutorado Em Biologia	Instituto Nacional De Pesquisas Da Amazônia	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Concomitância De Infecção Por Treponema Pallidum E Vírus Da Imunodeficiência Humana(Hiv): Análise De Três Amostras De Indivíduos Hiv Soropositivos Da Região De Sorocaba, Estado De São Paulo, Brasil	1994	Doutorado Em Medicina (Dermatologia)	Universidade Federal De São Paulo	Saúde	Indisponível	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Aspectos Epidemiológicos, Clínicos E Imunológicos Da Tuberculose Em Portadores Do Vírus Da Imunodeficiência Humana	1994	Mestrado Em Medicina	Universidade De Brasília	Saúde	Indisponível	Não
"Fenologia, Polinização E Reprodução De Duas Espécies De Croton (Euphorbiaceae) Em Mata Semidecídua"	1995	Mestrado Em Biologia Vegetal	Universidade Estadual De Campinas	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Subsídio Ao Estudo De Incidência Do Vírus Da Imunodeficiência Humana Entre Homens Com Práticas Homossexuais E Bissexuais No Rio De Janeiro	1996	Mestrado Em Saúde Pública	Fundação Oswaldo Cruz	Saúde	Sim	Sim
Aids Em Santa Catarina: Caracterização Epidemiológica E Neuropsicológica Do Paciente Internado No Hospital Nereu Ramos, Florianópolis - Sc	1996	Mestrado Em Neurociências	Universidade Federal De Santa Catarina	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Aspectos Psicossociais E Funcionamento Psíquico Em Mulheres Portadoras Do Vírus Hiv	1996	Mestrado Em Psicologia	Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Síndrome Da Imunodeficiência Adquirida (Aids) E Pâncreas; Estudo Prospectivo De Aspectos Clínicos E Anatomo-Patológicos	1997	Doutorado Em Gastroenterologia Clínica	Universidade De São Paulo	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
O Impacto Da Comunicação Do Diagnóstico Hiv Positivo: A Ruptura De Campo Diante Da Soropositividade	1997	Mestrado Em Psicologia (Psicologia Clínica)	Pontifícia Universidade Católica De São Paulo	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Caracterização Molecular De Hiv-1 Na Bolívia: Avaliação Dos Subtipos Virais Em Amostras Obtidas De Pacientes Das Cidades De La Paz, Cochabamba E Santa Cruz	1997	Mestrado Em Biologia Parasitária	Fundação Oswaldo Cruz	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Fatores Associados À Infecção Por Hiv Em Mulheres Atendidas Em Um Centro De Orientação E Aconselhamento Anônimo, No Município De São Paulo.	1997	Mestrado Em Medicina	Universidade De São Paulo	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Caracterização De Sub-Tipos Do Vírus Da Imunodeficiência Humana Tipo 1 (Hiv-1) Pela Técnica De Mobilidade Eletroforética Do Heteroduplex, Na População De Indivíduos Homo/Bissexuais Em Belo Horizonte, Mg	1998	Mestrado Em Ciências Biológicas	Universidade Federal De Minas Gerais	Ciências Biológicas	Sim	Sim
A Construção Do Sentido Do Teste Hiv Uma Leitura Psicossocial Da Literatura Médica	1998	Mestrado Em Psicologia (Psicologia Social)	Puc Sp	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Sexo Entre Homens: Estudo Sobre Práticas Sexuais E Risco Para Infecção Pelo Hiv/Aids, Em Fortaleza	1998	Mestrado Em Saúde Pública	Universidade Federal Do Ceará	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Descrição Da Síndrome Retroviral Aguda Em Homens Que Relatam Fazer Sexo Com Homens, No Rio De Janeiro	1998	Mestrado Em Medicina (Doenças Infecciosas E Parasitárias)	Universidade Federal Do Rio De Janeiro	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Subtipagem Genômica Do Hiv-1, A Partir Do Gene Env, Em Pacientes Portadores Do Hiv-1 Ou Com Sida/Aids, Na Cidade De Belém-Pa, Brasil	1998	Mestrado Em Ciências Biológicas	Universidade Federal Do Pará	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Descrição De Outras Doenças Sexualmente Transmissíveis Em Pessoas Infectadas Pelo Vírus Da Imunodeficiência Humana Tipo 1	1998	Mestrado Em Doenças Tropicais	Universidade Federal Do Pará	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Herpes Simples E Infecção Pelo Vírus Da Imunodeficiência Humana - Análise De 650 Pacientes	1998	Doutorado Em Medicina (Dermatologia)	Universidade Federal Do Rio De Janeiro	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Sífilis Congênita. Incidência Em Recém-Nascidos	1998	Mestrado Em Doenças Tropicais	Universidade Federal Do Pará	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Síndrome De Imunodeficiência Adquirida: Estudo De 299 Casos Internados Em Uma Enfermaria De Doenças Infecciosas E Parasitárias De 1985 A 1997	1998	Mestrado Em Medicina	Universidade Federal Fluminense, Niterói	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Avaliação Do Comportamento E Das Atitudes Dos Portadores De Hiv, Doentes Ou Não: Comparação Entre Indivíduos Adultos Do Sexo Masculino E Feminino	1998	Mestrado Em Doenças Tropicais	Universidade Est.Paulista Júlio De Mesquita Filho	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Doenças Sexualmente Transmissíveis Na Penitenciária Feminina Do Espírito Santo: Prevalência, Perfil Clínico E Fatores De Risco	1998	Mestrado Em Doenças Infecciosas	Universidade Federal Do Espírito Santo	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Amores Dublados: Linguagens Amorosas Entre Homens No Filme La Ley Del Deseo	1998	Mestrado Em Psicologia	Puc Sp	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Bissexualidade - Identidade, Identificações E Comportamento Sexual: Um Estudo De Casos	1999	Mestrado Em Psicologia	Universidade Federal Do Rio De Janeiro	Ciências Humanas	Sim	Sim
Bissexualidade Masculina: Dilemas De Construção De Identidade Sexual	1999	Mestrado Em Saúde Coletiva	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Saúde	Sim	Sim
"Faca De Dois Gumes: Percepções Da Bissexualidade Masculina Em João Pessoa"	1999	Mestrado Em Sociologia	Universidade Federal Da Paraíba/João Pessoa	Ciências Humanas	Sim	Sim
As Tramas De Discurso: O Sentido Das Práticas Sexuais E Afetivas Entre Pessoas Do Mesmo Sexo Na Tramitação Ao Projeto-Lei Nº 1151-A, De 1995	1999	Mestrado Em Psicologia Social	Puc Sp	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Identificação Do Herpes Vírus Humano Tipo 8 (Hhv-8) Em Pacientes Hiv Positivos E Negativos: Associação Com Sarcoma De Kaposi, Prevalência E Fatores De Risco	1999	Mestrado Em Doenças Infecciosas	Universidade Federal Do Espírito Santo	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Incidência De Cryptosporidium Spp Em Pacientes Imunodeprimidos Internados Na Clínica De Doenças Infecto-Contagiosas No Hospital Da Posse Em Nova Iguaçu	1999	Mestrado Em Ciências Biológicas (Doenças Parasitárias)	Universidade Iguaçu	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Dinâmica Das Propriedades Da Sexualidade De 09 Pacientes Hiv-Soropositivos Em Dois Anos De Investigação	1999	Mestrado Em Psicologia Social	Universidade De São Paulo	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
"Perfil Epidemiológico Dos Pacientes Hiv+Aids Tratados No Hospital Universitário Da Cidade De Rio Grande (Rs) E Caracterização Dos Subtipos De Hiv-1 Prevalentes Na Zona Sul De Rio Grande Do Sul"	1999	Doutorado Em Parasitologia	Universidade Federal De Minas Gerais	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Pesquisa-Ação Com Mulheres Detentas Do Sistema Penitenciário Brasileiro Sobre Sexualidade, Aids-Dst E Drogas	2000	Mestrado Em Enfermagem Psiquiátrica	Universidade De São Paulo	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Casos De Aids Notificados No Estado Do Rio De Janeiro, 1991-1995: Causa De Óbito E Tempo De Sobrevida	2000	Mestrado Em Saúde Coletiva	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Ocorrência De Cryptosporidium Spp Em Pacientes Imunodeprimidos Internados Na Clínica De Doenças Infecto-Parasitárias Do Hospital Geral De Nova Iguaçu, Rio De Janeiro - Brasil	2000	Mestrado Em Ciências Biológicas (Doenças Parasitárias)	Universidade Iguaçu	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Prevalência E Fatores De Risco Para Infecção Pelo Hiv Em Uma População De Indivíduos Testados Em Centros De Aconselhamento No Sul Do Brasil	2000	Mestrado Em Medicina (Clínica Médica)	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bisssexualidade
Sarcoma De Kaposi Em Mucosa Oral De Pacientes Com Síndrome Da Imunodeficiência Adquirida: Aspectos Clínicos, Morfológicos E Viroológicos	2000	Doutorado Em Otorrinolaringologia	Universidade De São Paulo	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Frequência De Dermatoses Em Indivíduos Contaminados Plo Hiv Atendidos No Hospital Giselda Trigueiro - Natal-Rn No Período De Setembro De 1999 A Fevereiro De 2000 - Enfoque Imunológico	2000	Mestrado Em Medicina Tropical	Universidade Federal De Pernambuco	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Estudo Da Prevalência E Fatores De Risco Para A Infecção Pelo Herpesvírus Humano 8 (Hhv-8) Em Pacientes Com Hiv/Aids Do Município De Santos, Estado De São Paulo	2000	Mestrado Em Doenças Infeciosas E Parasitárias	Universidade De São Paulo	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Perfil De Risco E Avaliação Do Teste Rápido Para O Vírus Da Imunodeficiência Humana Em Voluntários Do Centro De Testagem E Aconselhamento Na Cidade De Goiânia	2000	Mestrado Em Medicina Tropical	Universidade Federal De Goiás	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Distribuição Espacial Da Aids No Município De Fortaleza E Seus Diferenciais Sócio-Econômicos	2001	Mestrado Em Saúde Pública	Universidade Federal Do Ceará	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Intervenção Psicoeducativa E Parâmetros Imunológicos Em Pacientes Hiv+	2001	Mestrado Em Imunologia E Parasitologia Aplicadas	Universidade Federal De Uberlândia	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Estudo Dos Aspectos Clínicos, Laboratoriais E Evolutivos Da Tuberculose Em Pacientes Com Aids: Série De Casos	2001	Mestrado Em Doenças Infeciosas E Parasitárias	Universidade De São Paulo	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Parâmetros Laboratoriais Para Monitoramento Da Terapia Anti-Retroviral E Avaliação Da Eficácia Terapêutica Com Inibidores Da Transcriptase Reversa	2001	Mestrado Em Farmácia	Universidade Federal De Santa Catarina	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Co-Infecção Pelo Vírus Da Imunodeficiência Humana (Hiv) E O Mycobacterium Leprae: Aspectos Imunológicos E Caracterização Anatomopatológica E Imunofenotípica De Lesões De Pele	2001	Mestrado Em Medicina Tropical	Universidade Federal De Goiás	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Estudo Soroepidemiológico Dos Vírus Da Hepatite B E Hepatite C Em Portadores Do Vírus Da Imunodeficiência Humana/Sida Na Cidade De Belém, Para - Brasil	2002	Doutorado Em Medicina (Clínica Médica)	Universidade De São Paulo	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Estudo Retrospectivo Dos Aspectos Demográficos E Das Manifestações Clínicas Bucais E Gerais, Em Pacientes Com Idade Superior A 50 Anos, Soropositivos Para O Hiv/Aids	2002	Doutorado Em Odontologia (Clínica Integrada)	Universidade De São Paulo	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Construções Sobre A Histeria E O Feminismo	2002	Mestrado Em Psicologia	Universidade Federal Do Rio De Janeiro	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Campo E Ação Das Identificações Na Constituição Da Homossexualidade Masculina	2002	Doutorado Em Psicologia	Universidade De Brasília	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
A Paranóia Em Suas Correspondências Com A Psicanálise: Da Bissexualidade Ao Narcisismo	2003	Mestrado Em Psicanálise	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Saúde	Sim	Sim

APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA CAPES, 2022

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Derivas Da Masculinidade: Representação, Identidade E Diferença No Âmbito Da Masculinidade Bissexual	2003	Doutorado Em Educação	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	Ciências Humanas	Sim	Sim
Da Esfera Cultural À Esfera Política: A Representação De Grupos De Sexualidade Estigmatizadas Nas Telenovelas E A Luta Pelo Reconhecimento	2003	Mestrado Em Comunicação Social	Universidade Federal De Minas Gerais	Ciências Sociais Aplicadas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Perfil Epidemiológico No Paciente Hiv/Aids Com Idade Superior A 60 Anos Admitido No Instituto De Infectologia Emílio Ribas No Período De Janeiro De 1989 A Dezembro De 1998	2003	Mestrado Em Ciências	Coordenadoria Controle De Doenças Da Sec Est Da Saúde De Sp	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Ecologia Do Lagarto Partenogenético Cnemidophorus Nativus (Sauria: Teiidae) Na Restinga De Guaratiba, Prado, Ba	2003	Mestrado Em Biologia (Biociências Nucleares)	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Representações Sociais Da Homossexualidade Entre Estudantes Universitários: Perspectivas Homossexuais E Heterossexuais	2003	Mestrado Em Psicologia	Universidade Federal Do Rio De Janeiro	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Estudo Da Infecção Pelo Hiv Em Pacientes Atendidos Entre 1985 A 1987 No Centro De Treinamento E Referência Em Doenças Infecciosas E Parasitárias Orestes Diniz - Ufmg/Pbh	2003	Mestrado Em Medicina (Medicina Tropical)	Instituição De Ensino: Universidade Federal De Minas Gerais	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Variabilidade Genética Do Vírus Hiv-1: Subtipagem E Associação Com A História Natural Da Infecção Em Pacientes Soroconvertidos Recentes Atendidos No Centro De Treinamento E Referência Orestes Diniz (Ctr/Dip-Ufmg/Pbh) - Belo Horizonte, Mg	2003	Doutorado Em Parasitologia	Universidade Federal De Minas Gerais	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA CAPES, 2022

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bisssexualidade
Sexualidade Na Adolescência: Perspectivas Teóricas E De Pesquisas	2003	Mestrado Em Psicologia	Pontificia Universidade Católica De Campinas	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Hiv: Padrões Epidêmicos E Especiais Na Cidade De Manaus, 1986 A 2000	2003	Mestrado Em Saúde Pública	Fundacao Oswaldo Cruz	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Quando O Afeto Ganha A Esfera Midiática: Casos De Sujeitos Homoeróticos E Estratégias Jornalísticas Para Enquadrar S Vozes De Leigos E Especialistas	2004	Mestrado Em Comunicação Social	Universidade Federal De Minas Gerais	Ciências Sociais Aplicadas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
A Nova Idade Da Aids: Um Perfil Epidemiológico De Portadores Idosos	2004	Mestrado Em Gerontologia	Pontificia Universidade Católica De São Paulo	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Identidade E Discriminação: Um Estudo Realizado Com Homens E Mulheres Homossexuais	2004	Mestrado Em Psicologia (Psicologia Social)	Universidade Federal Da Paraíba/João Pessoa	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Biologia Floral E Reprodutiva De Capparis Jacobinai Moric. Ex Eichler E Capparis Hartata L. (Capparaceae).	2004	Mestrado Em Biologia Vegetal	Universidade Federal De Pernambuco	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Os Jovens E As Dst/Aids - Nos Caminhos Da Prevenção	2004	Mestrado Em Enfermagem	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Estudo Dos Aspectos Relacionados Ao Comportamento Sexual E Conhecimento Sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis E Aids De Um Grupo De Estudantes Da Universidade De São Paulo	2004	Mestrado Em Medicina (Obstetrícia E Ginecologia)	Universidade De São Paulo	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Homossexuais, Insubmissos E Alteridades Em Transe: Representações Da Homocultura Na Mídia E A Diferença No Jogo Dos Dispositivos Contemporâneos De Normalização	2004	Mestrado Em Letras	Universidade Estadual De Maringá	Linguística, Letras E Artes	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA CAPES, 2022

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bisssexualidade
Perfil De Risco Para Aquisição Da Infecção Pelo Hiv Em Mulheres Na Fase Reprodutiva: Hospital Materno Infantil, Goiânia, Goiás	2004	Mestrado Em Medicina Tropical	Universidade Federal De Goiás	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Influência Da Infecção Com Schistosoma Mansoni Sobre A Contratilidade Vascular	2004	Mestrado Em Ciências Biológicas	Universidade Federal Do Rio De Janeiro	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Características Clínico-Epidemiológicas E Aspectos Bioéticos Relacionados À Infecção Pelo Hiv/Aids Em Mulheres Na Bahia	2004	Doutorado Em Medicina	Universidade Federal Da Bahia	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Fatores De Risco Para A Ocorrência De Viremia Pelo Herpesvírus 8 Humano (Hhv-8) Em Pacientes Com Aids E Sarcoma De Kaposi	2004	Doutorado Em Doenças Infeciosas E Parasitárias	Universidade De São Paulo	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Diversidade Sexual: Para Além De Uma Educação Sexual Escolarizada	2005	Doutorado Em Educação	Universidade Federal Do Ceará	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
O Espaço Que Ousa Dizer Seu Nome: Territórios Gltbs De Goiânia	2005	Mestrado Em Geografia	Universidade Federal De Goiás	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Do Arouche Aos Jardins: Uma Gíria Da Diversidade Sexual	2005	Mestrado Em Língua Portuguesa	Pontificia Universidade Católica De São Paulo	Linguística, Letras E Artes	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Estudo Epidemiológico Da Infecção Pelo Vírus Da Imunodeficiência Humana Adquirida (Hiv) Em Doadores De Sangue De Manaus (Am)	2005	Mestrado Em Patologia Tropical	Universidade Federal Do Amazonas	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Estudo Da Variabilidade Genética Inter E Intrapopulacional De Tityus Serrulatus (Scorpiones, Buthidae): Um Estudo Sobre Partenogênese	2005	Mestrado Em Clínica Médica	Fundação Santa Casa De Misericórdia De Belo Horizonte	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Tendências Da Epidemia De Aids No Estado De Goiás, 1990 A 2001	2005	Mestrado Em Enfermagem	Universidade Federal De Minas Gerais	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bisssexualidade
Seja Homem!': Produção De Masculinidades Em Contexto Patriarcal	2005	Doutorado Em Ciências Sociais	Pontificia Universidade Católica De São Paulo	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Prevalência De Cryptosporidium Spp. Em Pacientes Com Hiv/Aids Na Unidade Mista De Taguatinga/Df	2005	Mestrado Em Medicina Tropical	Universidade De Brasília	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Uso Do Álcool E Outras Drogas Entre Homens Que Fazem Sexo Com Homens Em Três Centros Urbanos Do Estado Do Ceará	2005	Mestrado Em Saúde Pública	Universidade Federal Do Ceará	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Fatores De Risco Para Infecção Pelo Hiv Em Mulheres	2005	Mestrado Em Medicina	Universidade Federal Da Bahia	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Avaliação Do Comportamento Sexual Em Estudantes Universitarios Da Ufmg	2005	Mestrado Em Ciências Da Saúde	Universidade Federal De Minas Gerais	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Caracterização Genotípica Do Vírus Da Imunodeficiência Humana Tipo 1 Em Pacientes Co-Infetados Com Mycobacterium Leprae Ou Vírus Da Hepatite C	2005	Doutorado Em Medicina Tropical	Universidade Federal De Goiás	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Ecologia E Conservação De Alouatta Belzebul Belzebul Na Paraíba, Brasil	2005	Doutorado Em Ecologia (Conservação E Manejo Da Vida Silvestre)	Universidade Federal De Minas Gerais	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Cercas E Pontes : O Movimento Glt E O Mercado Gls Na Cidade De São Paulo	2006	Mestrado Em Ciência Social (Antropologia Social)	Usp	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Comportamento E Conhecimento Sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis Em População Com 50 Anos E Mais De Idade	2006	Mestrado Em Enfermagem	Universidade Estadual De Maringá	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Estudo Soroepidemiológico Da Co-Infecção Pelo Vírus Da Hepatite B Em Portadores Do Hiv-1 E/Ou Com Sida/Aids No Estado Do Amapá	2006	Mestrado Em Biologia De Agentes Infeciosos E Parasitários	Universidade Federal Do Pará	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
O Drama Encenado: Assassinatos De Gays E Travestis Na Imprensa Carioca	2006	Mestrado Em Saúde Coletiva	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Habitus De Gênero E Experiência Escolar: Jovens Gays No Ensino Médio Em São Paulo	2006	Mestrado Em Educação	Universidade De São Paulo	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
A Pesquisa Fora Do Armário: Ensaio De Uma Heterotopia Queer	2006	Mestrado Em Psicologia Social E Institucional	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Estudo Do Processo De Cristalização De Heme No Intestino De Schistosoma Mansoni	2006	Mestrado Em Química Biológica	Universidade Federal Do Rio De Janeiro	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Perfil Clínico-Epidemiológico De Pacientes Com Hiv/Aids E Avaliação Do Uso De Terapia Anti-Retroviral Altamente Ativa (Haart) E Da Adesão Ao Serviço De Infectologia De Um Hospital De Ensino, Minas Gerais - Brasil	2006	Doutorado Em Medicina Tropical E Infectologia	Universidade Federal Do Triângulo Mineiro	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Análise De Sobrevida De Pacientes Diagnosticados Com Aids Na Policlínica De Especialidade Cpn, No Município De Niterói, Rj, 1993-2000	2006	Mestrado Em Saúde Pública	Fundacao Oswaldo Cruz	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Educação E Sexualidade: Vivências Sócio-Educacionais De Jovens Homossexuais (Cuiabá-Mt)	2006	Mestrado Em Educação	Universidade Federal De Mato Grosso	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Vulnerabilidade Ao Hiv/Aids De Homens E Mulheres De 50 A 59 Anos	2006	Mestrado Em Enfermagem	Universidade Federal Da Bahia	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bisssexualidade
Comportamento Sexual E Uso De Álcool E Drogas Entre Homens Que Fazem Sexo Com Homens No Ceará: Tendências E Práticas De Risco Para Dst/Aids	2006	Doutorado Em Saúde Coletiva	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Perfil De Comportamento De Risco Para Hiv?Dst Em Homens Que Fazem Sexo Com Homens (Hsh) A Partir Do Uso Da Técnica De Amostragem Time Spec Sampling (Tss) - Porto Alegre, 2006	2006	Mestrado Em Epidemiologia	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Um Olhar Sobre A Transexualidade A Partir Da Perspectiva Da Tensionalidade Somato-Psíquica.	2006	Doutorado Em Psicologia	Universidade De Brasília	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Parceiros Sorodiscordantes Na Infecção Pelo Hiv: O Uso Do Preservativo Na Prática Sexual Preventiva	2006	Mestrado Em Ciências	Coordenadoria Controle De Doenças Da Sec Est Da Saúde De Sp	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Visíveis E Invisíveis: Práticas E Identidade Bisssexual	2007	Mestrado Em Sociologia	Universidade Federal De Pernambuco	Ciências Humanas	Sim	Sim
Prevalência E Características Das Lesões Anais Mediadas Pelo Hpv Em Homens Com Hiv/Aids	2007	Mestrado Em Medicina Tropical	Universidade Federal De Pernambuco	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
A Liga Brasileira De Lésbicas: Produção De Sentidos Na Construção Do Sujeito Político Lésbica	2007	Mestrado Em História	Universidade De Brasília	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Lesbianas Em Movimento: A Criação De Subjetividades (Brasil, 1979-2006)	2007	Doutorado Em História	Universidade De Brasília	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Movimento Gltb Em Santa Catarina: A Questão Do Empoderamento	2007	Mestrado Em Sociologia Política	Universidade Federal De Santa Catarina, Florianópolis	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA CAPES, 2022

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Jornal Do Nuances - A Prática Midiática De Uma Ong De Porto Alegre - Rs Para O Confronto Político Entre O "Gay Classe Média" E A "Bicha Bafona"	2007	Doutorado Em Ciências Da Comunicação	Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos	Ciências Sociais Aplicadas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Morfo-Anatomia E Envelhecimento Acelerado Em Diásporos De Oenocarpus Bacaba Mart. - Arecaceae	2007	Mestrado Em Agronomia	Universidade Est.Paulista Júlio De Mesquita Filho/Jabotica b	Ciências Agrárias	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Estudo De Pacientes Infectados Pelo Hiv Com Idade Igual Ou Superior A 60 Anos Atendidos No Hospital Universitário Gaffrée E Guinle	2007	Mestrado Em Pesquisa Clínica Em Doenças Infecciosas	Fundacao Oswaldo Cruz	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Ativistas E Peritos No Movimento Glttb-Aids Argentino: Ciência E Política Da Identidade Sexual	2007	Doutorado Em Antropologia Social	Universidade Federal Do Rio De Janeiro	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Sexualidades Femininas E Prazer Sexual: Uma Abordagem De Gênero	2007	Doutorado Em Interdisciplinar Em Ciências Humanas	Universidade Federal De Santa Catarina	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Muito Além Do Arco-Iris. A Constituição De Identidades Coletivas Entre A Sociedade Civil E O Estado	2007	Mestrado Em Psicologia	Universidade Federal De Minas Gerais	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Sobressaltos: Caminhando E Dançando Na F(R)Esta Da Parada Do Orgulho Gay De São Paulo	2007	Doutorado Em Lingüística	Universidade Estadual De Campinas	Lingüística, Letras E Artes	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Estudo Epidemiológico Do Hiv_aids No Município De Tupã-Sp	2007	Profissionalizante Em Odontologia	Universidade Do Sagrado Coração	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Da Vulnerabilidade Ao Protagonismo: Profissionais Do Sexo E Caminhoneiros Frente À Aids	2007	Doutorado Em Enfermagem	Universidade Federal De Santa Catarina	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Perfil Epidemiológico Dos Pacientes Notificados Com Aids No Município De Sete Lagoas, Minas Gerais, Brasil	2007	Mestrado Em Promoção De Saúde	Universidade De Franca	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bisssexualidade
Comportamentos Sexuais Não Convencionais E Correlações Com Parâmetros De Saúde Física, Mental E Sexual Em Amostra De 7.022 Mulheres E Homens Das Cinco Regiões Brasileiras	2007	Mestrado Em Psiquiatria	Universidade De São Paulo	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
A Diversidade Nas Organizações Brasileiras: Estudo Sobre Orientação Sexual E Ambiente De Trabalho	2008	Doutorado Em Administração De Empresas	Fundação Getúlio Vargas/Sp	Ciências Sociais Aplicadas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Diversidade Sexual Na Escola: Um "Problema" Posto À Mesa	2008	Mestrado Em Educação	Universidade Federal Do Ceará	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Turismo Gltb Na Costa Do Cacau: Uma Alternativa Econômica Para O Sul Da Bahia?	2008	Mestrado Em Cultura & Turismo - Parceria Uesc/Ufba	Mestrado Em Cultura & Turismo - Parceria Uesc/Ufba	Ciências Sociais Aplicadas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Biologia Reprodutiva De Espécies Raras E Ameaçadas De Extinção De Dorstenia (Dorstenieae: Moraceae)	2008	Doutorado Em Botânica	Universidade Federal De Viçosa	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Entre A Universalidade E A Particularidade: Desafios Para A Consolidação Do Direito À Saúde De Transexuais	2008	Mestrado Em Antropologia	Universidade De Brasília	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Prevalência De Infecção Por Treponema Pallidum Em Pacientes Com Papilomavírus Humano De Um Ambulatório Para Doenças Sexualmente Transmissíveis No Rio De Janeiro	2008	Mestrado Em Ciências Médicas	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Atividade Profissional E Suporte Ao Enfrentamento Do Hiv/Aids. Um Estudo Com Mulheres Junto Ao Grupo Humanitário De Incentivo À Vida De Ribeirão Preto, Estado De São Paulo	2008	Mestrado Em Psicologia	Universidade De São Paulo/ Ribeirão Preto	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Ecologia E Comportamento Do Bugio-Ruivo (Alouatta Guariba Clamitans Cabrera, 1940) Em Fragmentos Florestais Na Depressão Central Do Rio Grande Do Sul, Brasil	2008	Doutorado Em Biociências (Zoologia)	Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Polinização De Espécies Nativas Da Caatinga E O Papel Da Abelha Exótica Apis Mellifera L.	2008	Doutorado Em Botânica	Universidade Estadual De Feira De Santana	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Sexualidades No Ponto.Com: Espaços E Homossexualidades A Partir De Uma Comunidade On-Line	2008	Mestrado Em Antropologia Social	Universidade Estadual De Campinas	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Vulnerabilidad Al Vih/Sida: Sociabilidad Y Trayectorias De Mujeres Jóvenes Con Prácticas Homoeróticas En Rio De Janeiro	2009	Mestrado Em Saúde Pública	Fundacao Oswaldo Cruz	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
A Política De Previdência Social E Os Direitos Lgbt No Brasil	2009	Mestrado Em Sociologia	Universidade Federal De Goiás	Ciências Sociais Aplicadas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Discursos E Práticas Funfamentalistas Na Igreja Presbiteriana Do Brasil (2002-2008) - Uma Análise Da Pretensa Posição De Qui-Distância Dos Extremos Fundamentalistas E Liberais	2009	Mestrado Em Ciências Da Religião	Universidade Metodista De São Paulo	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Comecei A Ser Uma Pessoa Que Gustava De Pessoas: Narrativas Eróticas Dissidentes E Posicionamentos Do Self Nas Redes Cotidianas De Significado	2009	Doutorado Em Psicologia (Psicologia Social) Ufpb/J.P.	Universidade Federal Da Paraíba/João Pessoa	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Religião E Sexualidade: Reflexões Sobre Igrejas Inclusivas Na Cidade De São Paulo	2009	Mestrado Em Ciências Da Religião	Universidade Presbiteriana Mackenzie	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA CAPES, 2022

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
A Trajetória Do Movimento Lgbt: A Luta Por Reconhecimento E Cidadania No Contexto Brasileiro E Baiano	2009	Mestrado Em Ciências Sociais	Universidade Federal Da Bahia	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Transcendendo O Ideário Do Arco-Íris: Da Invisibilidade À Efetivação De Direitos	2009	Mestrado Em Serviço Social	Pontifícia Universidade Católica De São Paulo	Ciências Sociais Aplicadas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Doenças Sexualmente Transmissíveis E Lesões Intraepiteliais Cervicais Em Uma Penitenciária Feminina Em São Paulo-Sp: Fatores De Risco E Presença De Alguns Tipos Oncogênicos De Hpv	2009	Mestrado Em Ciências Farmacêuticas	Universidade Federal Do Paraná	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
De Mãe Em Filha: A Transmissão Da Feminilidade	2009	Doutorado Em Psicologia (Psicologia Clínica)	Pontifícia Universidade Católica De São Paulo	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Um Estudo Dialógico Sobre Narrativas Identitárias De Mulheres Jovens No Contexto De Coletivos Lésbicos-Bissexuais Feministas	2010	Mestrado Em Processos De Desenvolvimento Humano E Saúde	Universidade De Brasília	Saúde	Sim	Sim
O Protesto Na Festa: Políticas E Carnavalização Nas Paradas Do Orgulho De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais (Lgbt)	2010	Doutorado Em Psicologia Social	Universidade De Brasília	Ciências Humanas	Sim	Sim
O Preconceito Inter Grupal Nos Grupos De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais - Lgbt: Impactos Nas Políticas Públicas Da Secretaria Especial Dos Direitos Humanos-Esdh	2010	Mestrado Em Direitos Humanos, Cidadania E Violência	Centro Universitário Euro-Americano, Brasília	Ciências Sociais Aplicadas	Sim	Sim
Attalea Phalerata E Bactris Glaucescens (Arecaceae, Arecoideae): Fenologia E Ecologia Da Polinização No Pantanal, Brasil	2010	Mestrado Em Biologia Vegetal	Fundação Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA CAPES, 2022

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
A Homossexualidade Feminina No Campo Da Saúde: Da Invisibilidade À Violência	2010	Mestrado Em Saúde Da Criança E Da Mulher	Fundação Oswaldo Cruz	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Identificação De Neoplasia Intraepitelial Anal Em Mulheres Com Neoplasia Genital	2010	Mestrado Em Ciências Em Gastroenterologia	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
A Mulher E O Poder Da Heteronormatividade: Uma Discussão No Contexto Escolar	2010	Mestrado Em Educação, Cultura E Comunicação	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Saindo Dos Armários? A Análise Das Políticas De Identidade Na Formação Da Parada Do Orgulho Glbt De São Paulo: Um Contraponto Pela Psicanálise	2010	Mestrado Em Psicologia (Psicologia Social)	Pontifícia Universidade Católica De São Paulo	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
A Sociedade Civil Fora Do Armário: Conflitos E Conquistas No Campo Dos Direitos Humanos Lgbt No Brasil	2010	Mestrado Em Direitos Humanos, Cidadania E Violência	Centro Universitário Euro-Americano	Ciências Sociais Aplicadas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
As Ações Coletivas E A Construção Do Direito No Brasil: O Paradigma Da Democracia Deliberativa	2010	Mestrado Em Políticas Sociais E Cidadania	Universidade Católica Do Salvador	Ciências Sociais Aplicadas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
"Enunciações Afetadas: Relações Possíveis Entre Homofobia E Esporte"	2010	Mestrado Em Educação Física	Universidade Estadual De Campinas	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Morfologia E Desenvolvimento Floral Em Croton L. E Astraea Klotzsch (Euphorbiaceae Sensu Stricto)	2010	Doutorado Em Ciências Biológicas (Biologia Vegetal)	Universidade Est.Paulista Júlio De Mesquita Filho/Rio Claro	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Um Estudo Sobre A Implantação Da Proteção Social Especial De Média Complexidade: Contribuição À Efetividade Do Suas: Campinas/Sp - 2002/2010	2010	Mestrado Em Serviço Social	Pontifícia Universidade Católica De São Paulo	Ciências Sociais Aplicadas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Ser Ou Não Ser:A Representação Da Virilidade Nas Capas Da G Magazine (1997-2007)	2010	Mestrado Em História	Universidade Federal De Campina Grande	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bisssexualidade
Os Efeitos De Personagens Lgbts De Telenovelas Na Formação De Opinião Dos Telespectadores Sobre A Homossexualidade	2010	Mestrado Em Comunicação E Semiótica	Pontifícia Universidade Católica De São Paulo	Ciências Sociais Aplicadas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
É Tudo Psicológico! Dinheiro... Pruuu! Fica Logo Duro!: Desejo, Excitação E Prazer Entre Boys De Programa Com Práticas Homossexuais Em Recife	2010	Mestrado Em Psicologia	Universidade Federal De Pernambuco	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Pensando Minorias Sexuais E De Gênero Na Perspectiva De Políticas Públicas E Política De Subjetivação	2010	Mestrado Em Psicologia Institucional	Universidade Federal Do Espírito Santo	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Estudo Do Processo De Cristalização De Heme Em Schistosoma Mansoni E Seu Possível Papel Como Alvo Terapêutico Na Esquistossomose Murina	2010	Doutorado Em Química Biológica	Universidade Federal Do Rio De Janeiro	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Vivências Do Desejo Feminino: A Experiência Homoafetiva	2010	Doutorado Em Psicologia	Universidade Federal Da Paraíba/João Pessoa	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Vulnerabilidade De Idosos Que Frequentam Os Centros De Convivência De Campo Grande, Mato Grosso Do Sul, À Síndrome Da Imunodeficiência Adquirida'	2010	Mestrado Em Doenças Parasitárias	Fundação Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Identidade E Alteridade Em A Confissão De Lúcio	2010	Mestrado Em Letras	Universidade Federal De Uberlândia	Linguística, Letras E Artes	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Conhecimento, Atitude E Prática De Presidiárias Quanto Ao Uso Do Preservativo Masculino E Feminino	2010	Mestrado Em Enfermagem	Universidade Federal Do Ceará	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Subtipos Do Hiv-1 E Associação Com Características Demográfico-Epidemiológicas Em Pacientes Atendidos Em Hospital De Referência Em Porto Alegre, Brasil	2010	Mestrado Em Medicina	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Manifestações Oraís Associadas Ao Hiv Após 30 Anos De Epidemia No Brasil	2010	Mestrado Em Odontologia	Universidade De São Paulo	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Estereótipos De Gênero E Cuidado Em Saúde Sexual De Mulheres Lésbicas E Bissexuais'	2011	Mestrado Em Saúde Pública	Ufsc	Saúde	Sim	Sim
Responsividade Como Recurso Relacional Para A Qualificação Da Assistência A Saúde De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais	2011	Doutorado Em Psicologia	Universidade De São Paulo/ Ribeirão Preto	Ciências Humanas	Sim	Sim
Direitos Sexuais E Políticas Públicas: O Combate À Discriminação Para A Concretização Dos Direitos Humanos De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais (Lgbt) No Estado Do Pará	2011	Mestrado Em Direito	Universidade Federal Do Pará	Ciências Sociais Aplicadas	Sim	Sim
Uma Reflexão Sobre O Direito A Diversidade Sexual Com Ênfase No Direito Civil	2011	Profissionalizante Em Inclusão Social E Acessibilidade	Universidade Feevale	Ciências Sociais Aplicadas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Desenhos Da Diferença Na Escola Verdades, Poderes, Subjetividades E A Produção De Sujeitos	2011	Mestrado Em Educação	Universidade Federal Fluminense	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Homoerotismo No Brasil Contemporâneo: Representações, Ambiguidades E Paradoxos	2011	Doutorado Em História	Universidade Federal De Uberlândia	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Direito Fundamental A Autodeterminar-Se Sexualmente Como Corolário Da Construção Constitucional Do Direito Da Personalidade	2011	Mestrado Em Sistema Constitucional De Garantia De Direitos	Instituição Toledo De Ensino	Ciências Sociais Aplicadas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Reforma De Currículo E Identidade Sexuais: Performances De Gênero Em Adolescentes De Escolas Estaduais De Ensino Fundamental Em Cuiabá	2011	Mestrado Em Educação	Universidade Federal De Mato Grosso	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA CAPES, 2022

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bisssexualidade
Biologia Floral De Duas Espécies Escandentes De Interesse No Manejo De Abelhas Para O Recôncavo Da Bahia	2011	Mestrado Em Ciências Agrárias	Universidade Federal Do Recôncavo Da Bahia	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Estudo Temporal E Dinâmica Da Diversidade Do Hiv-1 No Rio De Janeiro	2011	Mestrado Em Biologia Parasitária	Fundacao Oswaldo Cruz	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Relações De Gênero, Diversidade Sexual E Políticas Públicas De Educação: Uma Análise Do Programa Brasil Sem Homofobia	2011	Mestrado Em Educação	Universidade De São Paulo	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Diversidade Afetiva. Uma Leitura Sobre Os Movimentos Sociais Lgbt De Porto Alegre	2011	Mestrado Em Ciências Sociais	Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Os Sentidos Do Sofrimento Ético-Político Na População Lgbt Em Situação De Rua Em Um Centro De Acolhida Da Cidade De São Paulo	2011	Mestrado Em Psicologia (Psicologia Social)	Pontificia Universidade Católica De São Paulo	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Assassinatos De Homossexuais E Travestis: Estado, Sociedade E Famílias Em Face Da Violência Homo(Trans)Fóbica	2011	Mestrado Em Família Na Sociedade Contemporânea	Universidade Católica Do Salvador	Interdisciplinar	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Dinâmica Metapopulacional E Biologia Reprodutiva Do Musgo Epífilo Crossomitrium Patrisiae (Brid.) Mull. Hal. Em Floresta Atlântica	2011	Doutorado Em Biologia Vegetal	Universidade Federal De Pernambuco	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Prevalência Do Consumo De Substâncias Psicoativas Lícitas E Ilícitas Por Estudantes De Uma Universidade Pública Entre 2005 E 2009	2011	Mestrado Em Saúde	Universidade Federal De Juiz De Fora	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Participação Social E A Construção Da Equidade Em Saúde: O Conselho Nacional De Saúde E Direitos Da População - Lgbt	2011	Mestrado Em Política Social	Universidade De Brasília	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bisssexualidade
O Que Sou? Do Que Gosto? Identidades Em Análise Nas Lutas Em Defesa Ds Diversidade Sexual	2011	Mestrado Em Psicologia	Universidade Federal Fluminense	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Regras De Forrageio Empregadas Por Saguis (Callithrix Spp.) Em Cativoiro	2011	Doutorado Em Biociências (Zoologia)	Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Na Parada Do Lazer: Diagnóstico Do Campo De Atuação Profissional Em Ongs Lgbt De Belo Horizonte - Mg	2011	Mestrado Em Lazer	Universidade Federal De Minas Gerais	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Participação De Homens Que Fazem Sexo Com Homens Em Ongs Em Belo Horizonte: 2007-2009	2011	Mestrado Em Saúde Pública	Universidade Federal De Minas Gerais	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Alguns Pontos Importantes Do Travestismo Para Teoria Psicanalítica	2011	Profissionalizante Em Psicanálise, Saúde E Sociedade	Universidade Veiga De Almeida	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Prevalência E Fatores De Risco Associados À Coinfecção Do Vírus Da Hepatite B (Hbv) Em Pacientes Hiv Positivos No Estado Dop Piauí	2011	Profissionalizante Em Farmacologia	Universidade Federal Do Ceará	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Critérios Utilizados Na Seleção De Parceiras Amorosas Em Relacionamento Curto E Longo Prazo Entre Mulheres De Orientação Homossexual Em Idade Reprodutiva	2011	Mestrado Em Psicologia	Universidade Federal Do Pará	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Perfil Epidemiológico Dos Pacientes Atendidos No Ambulatório De Hiv/Aids Do Serviço De Assistência Especializada (Sae) De Conselheiro Lafaiete, Mg, Nos Anos De 2002 E 2008	2011	Mestrado Em Doenças Infeciosas E Parasitárias	Universidade De São Paulo	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Determinação Da Dose De Radiação Gama Esterilizante Pela Avaliação Dos Parâmetros Biológicos De Machos De <i>Ceratitis Capitata</i> (Diptera: Tephritidae), Linhagem Tsl - Vienna 8	2011	Mestrado Em Ciências (Energia Nuclear Na Agricultura)	Univ. De São Paulo/Centro De Energ. Nucl. Agricultura	Ciências Agrárias	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
As Representações Sobre Cidadania De Gays, Lésbicas, Bissexuais, Travestis E Transexuais No Discurso Jornalístico Da Folha E Do Estadão	2012	Doutorado Em Comunicação E Informação	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	Ciências Sociais Aplicadas	Sim	Não
“não É Uma Fase”: Construções Identitárias Em Narrativas De Ativistas Lgbt Que Se Identificam Como Bissexuais	2012	Mestrado Em Letras	Puc Rj	Linguística, Letras E Artes	Sim	Sim
A Construção Discursiva De Masculinidades Bissexuais: Um Estudo Em Linguística Queer	2012	Mestrado Em Letras	Universidade Federal De Pernambuco	Linguística, Letras E Artes	Sim	Sim
Não É Uma Fase: Construções Identitárias Em Narrativas De Ativistas Lgbt Que Se Identificam Como Bissexuais	2012	Mestrado Em Letras	Pontifícia Universidade Católica Do Rio De Janeiro	Linguística, Letras E Artes	Sim	Sim
Políticas Públicas Sobre Diversidade Sexual Na Educação E Vivências Pedagógicas De Professoras Lésbicas Na Escola: Notas Sobre A Cidade De Vitória	2012	Mestrado Em Política Social	Universidade Federal Do Espírito Santo	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
O Papel Dos Direitos De Personalidade No Combate À Discriminação Por Motivos Genéticos	2012	Mestrado Em Direito Constitucional	Universidade De Fortaleza	Ciências Sociais Aplicadas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
A Adoção Por Casais Homoafetivos Como Concretização Do Direito Ao Melhor Interesse Das Crianças E Adolescentes	2012	Mestrado Em Direito Constitucional	Universidade De Fortaleza	Ciências Sociais Aplicadas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
A Parada Lgbt E Os Espaços Públicos: A Afirmação Da Diversidade Sexual Em Campinas	2012	Mestrado Em Urbanismo	Pontifícia Universidade Católica De Campinas	Ciências Sociais Aplicadas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bisssexualidade
Movimento Lgbt De Espanha E Portugal: Um Estudo Comparativo	2012	Doutorado Em Sociologia Política	Universidade Federal De Santa Catarina, Florianópolis	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Diversidade Sexual No Currículo Do Ensino Religioso: Relações E Implicações Com Democracia, Cidadania E Direitos	2012	Profissionalizante Em Ciências Das Religiões	Faculdade Unida De Vitória	Ciências Sociais Aplicadas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Educação E Diversidade(S): Qual A Cor Da Homofobia No Arco-Íris Da Escola?	2012	Mestrado Em Educação	Fundação Universidade Federal Do Piauí	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Circulando Entre Práticas Esportivas E Sexuais: Etnografia Em Competições Esportivas Mundiais Lgbts	2012	Doutorado Em Interdisciplinar Em Ciências Humanas	Universidade Federal De Santa Catarina	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
O Lugar Do Silêncio Na Violência Homofóbica: O Dizível E O Indizível Nas Narrativas De Sofrimento	2012	Mestrado Em Saúde Coletiva	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
O Kit Anti-Homofobia E Os Discursos Sobre Diversidade Sexual	2012	Mestrado Em Educação	Universidade Federal De São Carlos	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Arco-Íris Em Disputa: A Parada Da Diversidade De Florianópolis Entre Políticas, Sujeitos E Cidadanias	2012	Mestrado Em Antropologia Social	Universidade Federal De Santa Catarina	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Norma De Gênero E Instituição Escolar: Um Estudo Sobre As Estratégias De Enfrentamento À Homofobia Nas Escolas Das Redes Públicas De Ensino Da Região Metropolitana De Belo Horizonte	2012	Mestrado Em Psicologia	Universidade Federal De Minas Gerais	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Centro De Testagem E Aconselhamento: Características Dos Usuários E Fatores Associados À Infecção Pelo Hiv	2012	Mestrado Em Enfermagem Instituição De Ensino:	Universidade Estadual De Londrina	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Heteronormatividade E Sexualidade Lgbt: Repercussões Dos Discursos Escolares Sobre Sexualidade Na Constituição Das Sexualidades Não-Normativas	2012	Doutorado Em Educação	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Regras De Forrageio Empregadas Por Saguis (Callithrix Spp.) Em Cativeiro	2012	Doutorado Em Biociências (Zoologia)	Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Estudos Taxonômicos Aprofundados De Oryctanthus (Griseb.) Eichler, Oryctina Tiegh. E Pusillanthus Kuijt (Loranthaceae)	2012	Doutorado Em Botânica	Universidade De Brasília	Ciências Biológicas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
A Questão Da Orientação Sexual Na Atenção Básica No Município De Vargem Grande Paulista	2012	Mestrado Em Enfermagem	Universidade Guarulhos	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
A Emergência De Professoras Travestis E Transexuais Na Escola: Heteronormatividade E Direitos Nas Figurações Sociais Contemporâneas	2012	Doutorado Em Psicologia	Universidade Federal De Minas Gerais	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Poliamor: Um Estudo Sobre Conjugalidade, Identidade E Gênero	2012	Mestrado Em Sociologia E Antropologia	Universidade Federal Do Rio De Janeiro	Ciências Humanas	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
A Alternância Do Diminutivo -inho/-zinho No Português Brasileiro: Uma Abordagem Pela Fonologia De Uso	2012	Mestrado Em Linguística	Universidade Federal Do Rio De Janeiro	Linguística, Letras E Artes	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não
Fatores Associados À Realização Do Teste Anti-Hiv Na População Brasileira	2012	Doutorado Em Saúde Pública	Universidade De São Paulo	Saúde	Trabalho Anterior À Plataforma Sucupira	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
“silenciadas” A Representação Cultural Do Papel Da Mulher E Sua Utilização Nos Processos De Crimes Passionais Na Cidade De Inhambupe- Bahia (1996-2006)	2013	Mestrado Em Crítica Cultura	Universidade Do Estado Da Bahia	Lingüística, Letras E Artes	Não	Não
Estudo Da Susceptibilidade A Antimicrobianos Da Neisseria Gonorrhoeae Isolada De Pacientes Atendidos Em Centro Referencial Público Para Doenças Sexualmente Transmissíveis De Belo Horizonte'	2013	Mestrado Em Infectologia E Medicina Tropical	Universidade Federal De Minas Gerais	Saúde	Não	Não
A Construção Discursiva De Masculinidades Bissexuais: Um Estudo Em Linguística Queer	2013	Doutorado Em Letras	Universidade Federal De Pernambuco	Lingüística, Letras E Artes	Sim	Sim
Incidência E Fatores De Risco Para Sífilis E Gonorréia Em Voluntários De Uma Coorte De Homens Homossexuais E Bissexuais Hiv Negativos, Projeto Horizonte, 1994-2010	2013	Mestrado Em Infectologia E Medicina Tropical	Universidade Federal De Minas Gerais	Saúde	Sim	Sim
Do Lilás Ao Roxo: Violências Nos Vínculos Afetivo-Sexuais Entre Mulheres	2013	Mestrado Em Psicologia	Universidade De Fortaleza	Ciências Humanas	Sim	Sim
Fatores Associados A Adesão, Perda E Incidência Para Infecção Pelo Hiv Entre Voluntários Acompanhados Em Coorte De Homo E Bissexuais Masculinos - Projeto Horizonte, Belo Horizonte, Mg	2013	Mestrado Em Infectologia E Medicina Tropical	Universidade Federal De Minas Gerais	Saúde	Sim	Sim
Abrir O Gás Ou Sair Para Dançar Rock: O Dilema De Nós Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais - As Múltiplas Redes Educativas Em Movimentos.	2013	Mestrado Em Educação	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Ciências Humanas	Sim	Sim

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Rituais, Práticas De Curandeirismo E Saberes Herbários: Um Estudo Comparativo Entre Curandeiras(Os) Da Comunidade Rural De Quizambú (Alagoinhas-Ba) E Das Camadas Populares Da Cidade De Salvador (Ba)	2014	Mestrado Em Crítica Cultural	Universidade Do Estado Da Bahia	Linguística, Letras E Artes	Não	Não
Impulso Sexual Excessivo E Comportamento Barebacking Em Homens Que Fazem Sexo Com Homens	2014	Mestrado Em Ciências (Fisiopatologia Experimental)	Universidade De São Paulo	Saúde	Sim	Não
Quero Poder Existir?: Contornos Da Violência Simbólica Contra Orientações Sexuais Não Binárias Entre Universitários Lgbt Da Universidade Federal De Santa Catarina	2015	Mestrado Em Saúde Coletiva	Ufsc	Saúde	Não	Não
Pessoas Trans E Atenção Primária À Saúde: Estudo De Metassíntese Na Literatura Brasileira	2015	Mestrado Em Saúde Coletiva	Ufsc	Saúde	Não	Não
Será Que Ela É?: Armário E Gaydar Através De Sociabilidades De Mulheres Bissexuais E Lésbicas	2015	Mestrado Em Sociologia	Universidade Estadual De Londrina	Ciências Humanas	Sim	Sim
Violência E Consumo De Drogas Em Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais São Paulo - Sp 2015	2015	Doutorado Em Ciências Da Saúde	Centro Universitário Saúde Abc	Saúde	Sim	Sim
Bissexualidades Femininas: Repertórios Entre Jogos De (In)Visibilidade	2015	Mestrado Em Psicologia	Universidade Federal De Pernambuco	Ciências Humanas	Sim	Sim
O Direito À Antidiscriminação De Pessoas Lgbt: Análise Das Estratégias Normativas Para O Enfrentamento Da Homofobia	2016	Mestrado Em Direito Constitucional	Universidade De Fortaleza	Ciências Sociais Aplicadas	Não	Não
Os Efeitos Das Relações De Gênero Nas Trajetórias Dos Moradores De Rua Do Município De Florianópolis (Sc), 2016	2016	Mestrado Em Saúde Coletiva	Ufsc	Saúde	Não	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Não Se Nasce Militante, Torna-Se: Processo De Engajamento De Jovens Lgbt - Panorama Histórico Na Cidade De São Paulo E Cenário Atual Em Paris	2016	Doutorado Em Educação	Usp	Ciências Humanas	Sim	Sim
Experiências De GestaçãO E Parto De Mulheres Lésbicas E Bissexuais	2016	Mestrado Em Saúde Coletiva	Universidade Federal Sc	Saúde	Sim	Sim
Direitos Humanos De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais Em Pernambuco: O Caso Do Centro Estadual De Combate À Homofobia	2016	Mestrado Em Direitos Humanos	Universidade Federal De Pernambuco,	Ciências Sociais Aplicadas	Sim	Sim
“Mentir Pra Si Mesmo É Sempre A Pior Mentira”: A Heteronormatividade Na Narrativa Da Trajetória Escolar De Mulheres Lésbicas E Bissexuais	2016	Mestrado Em Educação	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Ciências Humanas	Sim	Sim
Estudo Sociológico Sobre A Criação De Alas Estudo Sociológico Sobre A Criação De Alas Exclusivas Para Apenados Do Grupo De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais	2016	Mestrado Em Sociologia	Universidade Federal Da Paraíba	Ciências Humanas	Sim	Sim
O Conselho Nacional De Combate À Discriminação E Promoção De Direitos De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais (Cncd/Lgbt): Entraves E Possibilidades De Participação Na Elaboração E Implementação De Políticas Públicas	2016	Doutorado Em Sociologia	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Ciências Humanas	Sim	Sim
Homens Trans(Bordados): Experiências Juntas E Misturadas Na Produção De Outras Masculinidades	2017	Mestrado Em Psicologia Institucional	Universidade Federal Do Espirito Santo	Ciências Humanas	Não	Não
Literatura Juvenil Contemporânea Lgbti: Significados Sobre Identidades De Gênero E Sexuais	2017	Mestrado Em Educação	Universidade Federal Do Rio Grande	Ciências Humanas	Não	Não

APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA CAPES, 2022

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Criminalização Da Homofobia Despatologização Da Homossexualidade Congresso Nacional, Da Redemocratização À Atualidade	2017	Doutorado Em Sociologia	Universidade Federal Do Rio De Janeiro	Ciências Humanas	Sim	Não
A Experiência Da Religiosidade/Espiritualidade Em Lésbicas, Gays E Bissexuais Da Cidade De Fortaleza-Ce	2017	Mestrado Em Psicologia	Universidade De Fortaleza	Ciências Humanas	Sim	Sim
Metodologia Aplicada À Informação Em Saúde: Um Estudo De Caso Da População De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais No Brasil	2017	Mestrado Profissional Em Saúde Coletiva	Universidade De Brasília,	Saúde	Sim	Sim
A Política Nacional De Saúde Integral De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais: Trajetórias De Vida Em Torno Do Processo Transexualizador No Estado Do Paraná	2017	Mestrado Em Saúde Coletiva	Ufpr	Saúde	Sim	Sim
Sobre As Origens E Os Destinos Da Bissexualidade Psíquica Na Constituição Do Sujeito	2017	Mestrado Em Psicologia Clínica E Cultura	Universidade De Brasília	Ciências Humanas	Sim	Sim
Senhoras De Si: Problematizando As Incidências Das Biopolíticas Nos Corpos Que Sangram E Co-Produzindo Narrativas Que (Re)Inventam A Vida A Partir Da Prática Do Aborto	2018	Mestrado Em Psicologia Institucional	Universidade Federal Do Espírito Santo	Ciências Humanas	Não	Não
Elementos Discursivos Sobre Os Direitos À Saúde Para Pessoas Trans: Estudo Comparativo Nas Legislações Do Brasil, Argentina, Uruguai E Colômbia	2018	Mestrado Em Saúde Coletiva	Ufsc	Saúde	Não	Não

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Profissionais De Uma Unidade Básica De Saúde E Travestis Residentes No Território: Compreendendo Distanciamentos E Buscando Possibilidades De Aproximações Na Atenção Básica	2018	Mestrado Em Psicologia	Universidade Estadual De Maringá	Ciências Humanas	Sim	Não
Direito Internacional Arco-Íris: O Reconhecimento Do Direito À Diversidade Sexual E De Gênero No Sistema Interamericano De Direitos Humanos	2018	Mestrado Em Direito E Instituições Do Sistema De Justiça	Universidade Federal Do Maranhão	Ciências Sociais Aplicadas	Sim	Não
Atitudes Corretivas Em Relação A Pacientes Lésbicas, Gays E Bissexuais: Avaliação Dos Profissionais De Psicologia Do Brasil	2018	Mestrado Em Psicologia	Puc Rs	Ciências Humanas	Sim	Sim
Lésbicas E Mulheres Bissexuais: Uma Leitura Interseccional Do Cuidado À Saúde	2018	Doutorado Em Saúde Coletiva	Usp	Saúde	Sim	Sim
Mãe (Nem) Sempre Sabe: Existências E Saberes De Mulheres Lésbicas, Bissexuais E Transexuais	2018	Mestrado Em Psicologia	Ufsc	Ciências Humanas	Sim	Sim
Os Unicórnios No Fim Do Arco-Íris: Bissexualidade Feminina, Identidades E Política No Seminário Nacional De Lésbicas E Mulheres Bissexuais'	2018	Mestrado Em Saúde Coletiva	Universidade Federal Do Rio De Janeiro	Saúde	Sim	Sim
A Política Nacional De Atenção Integral À Saúde Da População De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais: Expressões De Justiça Social?	2018	Doutorado Em Ciências Da Saúde	Universidade De Brasília	Saúde	Sim	Sim
Universalidade? O Acesso De Lésbicas, Gays, Bissexuais E Pessoas Com Identidade De Gênero Trans Aos Serviços Públicos De Atenção Básica Em Saúde	2018	Mestrado Em Psicologia	Universidade Federal De Santa Maria	Ciências Humanas	Sim	Sim
Análise Sobre Acesso E Qualidade Da Atenção Integral À Saúde De Mulheres Lésbicas, Bissexuais, Transexuais E Travestis Na Atenção Básica De Saúde Na Cidade Do Recife, Brasil	2018	Doutorado Em Saúde Pública	Fiocruz (Centro De Pesquisa Aggeu Magalhães)	Saúde	Sim	Sim

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
A Luta É Coletiva, Mas A Resistência É Individual?: Violências Vivenciadas E Estratégias De Enfrentamento Construídas Pela Comunidade Universitária De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais	2018	Mestrado Em Saúde Coletiva	Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)	Saúde	Sim	Sim
O Racismo Como Determinante Social De Saúde: Uma Revisão Sistemática Com Meta-Análise E Metassíntese Sobre Indivíduos Pertencentes Ao Grupo Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais Ou Transgêneros - Lgbt No Contexto Das Disparidades Étnicas E De Minorias Sexuais	2018	Doutorado Em Ciências Da Saúde	Centro Universitário Saúde Abc	Saúde	Sim	Sim
Vicissitudes Identitárias: Considerações Sobre O Movimento Lgbt E A Criação Do Movimento De Bissexuais Da Paraíba	2018	Mestrado Em Sociologia	Universidade Federal Da Paraíba	Ciências Humanas	Sim	Sim
Experiência De Minas Bissexuais: Políticas Identitárias E Processos De Marginalização	2018	Mestrado Em Psicologia	Universidade Federal De Santa Catarina	Ciências Humanas	Sim	Sim
Os Unicórnios No Fim Do Arco-Iris: Bissexualidade Feminina, Identidades E Política No Seminário Nacional De Lésbicas E Mulheres Bissexuais	2018	Mestrado Em Saúde Coletiva	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Saúde	Sim	Sim
Lésbicas E Mulheres Bissexuais: Uma Leitura Interseccional Do Cuidado À Saúde	2018	Doutorado Em Saúde Coletiva	Universidade De São Paulo	Saúde	Sim	Sim
Barreiras Estruturais E Interdições Dos Corpos: Desafios Para Implantação Da Política Nacional De Saúde Integral Lgbt Na Bahia	2019	Mestrado Em Saúde Coletiva	Universidade Federal Da Bahia	Saúde	Sim	Não
Visibilidade Lésbica E Bissexual Nos Discursos De Ícones Da Música Popular Brasileira	2019	Doutorado Interdisciplinar Em Ciências Humanas	Universidade Federal De Sc	Ciências Humanas	Sim	Sim

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Implementação Da Política Nacional De Saúde Integral De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais (Lgbt) No Paraná: Uma Análise Qualitativa	2019	Mestrado Em Saúde Coletiva	Ufpr	Saúde	Sim	Sim
Afeminação E Processos De Hierarquização Em Homens Gays, Bissexuais E Que Fazem Sexo Com Homens	2019	Mestrado Em Psicologia	Fundação Universidade Federal De Sergipe	Ciências Humanas	Sim	Sim
Política Nacional De Saúde Integral De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais: Reflexões Sobre A Assistência À Saúde	2019	Mestrado Em Saúde Pública	Universidade Estadual Da Paraíba	Saúde	Sim	Sim
Ser Ou Não Parecer No Curso De Administração? Eis A Questão! A Performance De Alunos Gays E Bissexuais No Contexto De Um Curso Heteronormativo	2019	Doutorado Em Administração	Universidade Federal De Pernambuco	Ciências Sociais Aplicadas	Sim	Sim
O Nome Do Vírus É Hiv Não É Lgbt?: Vulnerabilidade Masculina Na Atenção Em Saúde De Homens Gays, Bissexuais E Trans Na Cidade De Recife, Pernambuco	2019	Doutorado Em Saúde Pública	Fiocruz (Centro De Pesquisa Aggeu Magalhães)	Saúde	Sim	Sim
O Mundo E Um Outro Mundo Reprodução Cultural E Produção Da Diferença Em Vivências Universitárias De Estudantes Lésbicas, Gays E Bissexuais Da Usp	2019	Mestrado Em Sociologia	Universidade De São Paulo	Ciências Humanas	Sim	Sim
Análise Do Perfil Dos Alunos Do Curso Ead Sobre A Política Nacional De Saúde Integral De Saúde Integral De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais Ofertado Pela Unasus Entre 2015-2017	2019	Mestrado Profissional Em Saúde Pública	Fundação Oswaldo Cruz	Saúde	Sim	Sim

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
A Gente É Muito Maior, A Gente É Um Corpo Coletivo": Produções De Si E De Mundo A Partir Da Ancestralidade, Afetividade E Intelectualidade De Mulheres Negras Lésbicas E Bissexuais	2019	Doutorado Em Psicologia	Universidade Federal De Minas Gerais	Ciências Humanas	Sim	Sim
Bissexualidade E Identidade De Gênero	2019	Mestrado Em Psicanálise, Saúde E Sociedade	Universidade Veiga De Almeida	Saúde	Sim	Sim
Assumindo Em Família: Homossexualidade E Família De Origem No Brasil Contemporâneo	2019	Mestrado Em Antropologia Social	Universidade Federal De Mato Grosso	Ciências Humanas	Sim	Sim
Percepções De Clima Dos Campi Brasileiros E Saúde Mental De Estudantes Lésbicas, Gays E Bissexuais	2019	Mestrado Em Psicologia	Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	Ciências Humanas	Sim	Sim
Personalidades Foscas Sexualidade E Roteiro Em Jovens Universitários No Rio De Janeiro	2019	Mestrado Em Ciências Sociais	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Ciências Sociais Aplicadas	Sim	Sim
Putas Narrativas: Territórios Da Prostituição E Putafeminismo	2020	Mestrado Em Psicologia Institucional	Universidade Federal Do Espirito Santo	Ciências Humanas	Não	Não
Quem Vê Close – Não Vê Corre: Porosidade De Um Corpo Em Viagens Com Drag Queens	2020	Mestrado Em Psicologia Institucional	Universidade Federal Do Espirito Santo	Ciências Humanas	Não	Não
Política De Saúde Para A População Lgbt: Reflexões E Aproximações Da Gênese No Estado Da Bahia	2020	Mestrado Em Saúde Coletiva	Universidade Federal Da Bahia	Saúde	Sim	Não
Gênero E Sexualidade Na Educação: Uma Análise Sobre Vivências Lésbicas E Bissexuais	2020	Mestrado Profissional Em Ensino E Relações Étnico-Raciais	Universidade Federal Do Sul Da Bahia	Ciências Humanas	Sim	Sim
Gênero Em Festa: Uma Etnografia Da Participação De Lésbicas E Mulheres Bissexuais Em Festas Lgbtqi+ De Recife	2020	Mestrado Em Antropologia	Universidade Federal De Pernambuco	Ciências Humanas	Sim	Sim

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Processos De Resiliência Em Adolescentes Lésbicas, Gays E Bissexuais (Lgbs)	2020	Mestrado Em Psicologia	Universidade De Fortaleza	Ciências Humanas	Sim	Sim
Estigma Sexual Entre Mulheres Lésbicas, Bissexuais E Que Não Se Identificam Sexualmente (Lb+): Estudos Em Psicometria, Saúde E Sociedade	2020	Doutorado Em Psicologia Social	Universidade Federal Do Rio De Janeiro	Ciências Humanas	Sim	Sim
Experiência De Mulheres Lésbicas E Bissexuais Com O Cuidado De Sua Saúde Sexual E Reprodutiva	2020	Mestrado Em Saúde Coletiva	Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho	Saúde	Sim	Sim
Professoras Lésbicas E De Sexualidades Monodissidentes: Fabulações, (Des)Rostificação, Devires E Resistências'	2020	Mestrado Em Educação	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Ciências Humanas	Sim	Sim
“Quem Quer Saber Das Lésbicas?”: Experiências E Práticas Em Saúde De Mulheres Lésbicas E Bissexuais	2020	Mestrado Em Psicologia	Universidade Federal De Minas Gerais	Ciências Humanas	Sim	Sim
“A Gente Existe!”: Ativismo E Narrativas Bissexuais Em Um Coletivo Monodissidente	2020	Mestrado Em Antropologia Social	Ufsc	Ciências Humanas	Sim	Sim
Interseções Entre A Notificação De Violências E A Política Nacional De Saúde Integral De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais: O Olhar De Atores Do Sistema Único De Saúde	2020	Mestrado Em Saúde Coletiva	Ufpr	Saúde	Sim	Sim
A Escola Como Espaço De Problematização De Gênero E Sexualidades Dissidentes: Contribuições E Olhares De Mulheres Lésbicas, Bissexuais E Pansexuais	2020	Mestrado Em Educação	Centro Universitário Salesiano De São Paulo	Ciências Humanas	Sim	Sim
A Omissão Do Estado De Rondônia Em Relação À Vida De Homossexuais, Bissexuais E Demais Pessoas Exclusionárias Que Assim Se Declaram, Durante O Cumprimento Da Pena	2020	Mestrado Profissional Em Direitos Humanos E Desenvolvimento Da Justiça	Universidade Federal De Rondônia	Ciências Sociais Aplicadas	Sim	Sim

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Identidades E Economia: Valorizando O Papel De Subjetividades Não-Hegemônicas Na Pesquisa Acadêmica E Nas Vivências Cotidianas De Trabalhadoras Lésbicas E Bissexuais	2020	Mestrado Em Economia	Universidade De Brasília	Ciências Sociais Aplicadas	Sim	Sim
“A Gente Existe!”: Ativismo E Narrativas Bissexuais Em Um Coletivo Monodissidente	2020	Mestrado Em Antropologia Social	Universidade Federal De Santa Catarina	Ciências Humanas	Sim	Sim
Representação Cultural E Reconhecimento Da Bissexualidade: Uma Análise De Minha Mãe É Uma Peça 2 E The Bisexual	2020	Mestrado Em Comunicação Social	Pontifícia Universidade Católica De Minas Gerais	Ciências Sociais Aplicadas	Sim	Sim
“Quem Quer Saber Das Lésbicas?”: Experiências E Práticas Em Saúde De Mulheres Lésbicas E Bissexuais	2020	Mestrado Em Psicologia	Universidade Federal De Minas Gerais	Ciências Humanas	Sim	Sim
Julgamentos (Im)Possíveis Em A Maçã No Escuro De Clarice Lispector	2021	Doutorado Em Letras	Universidade Federal Do Rio Grande	Linguística, Letras E Artes	Sim	Não
A Liberdade Feminina Como Força Criadora: Natália Correia, O Matrismo E O Pós-Matrismo	2021	Doutorado Em Estudos Literários	Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho	Linguística, Letras E Artes	Sim	Não
Violência Por Parceiro Íntimo Nas Relações Entre Homens	2021	Doutorado Em Psicologia	Universidade Federal De Santa Catarina	Ciências Humanas	Sim	Não
Saúde Sexual De Mulheres Lésbicas E Bissexuais No Brasil: Prevenção, Acesso E Trajetórias	2021	Mestrado Em Psicologia	Puc Rs	Ciências Humanas	Sim	Sim
Maternidades Lésbicas E Educação: 'rabiscar' Como Produção De Sentidos	2021	Doutorado Em Educação	Universidade Federal De Juiz De Fora	Ciências Humanas	Sim	Sim
Somos De Todas As Cores: Narrativas De Acesso A Saúde De Mulheres Lésbicas, Bissexuais E Homens Transexuais	2021	Mestrado Profissional Em Saúde Da Família	Universidade Federal De Ouro Preto	Saúde	Sim	Sim

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(continuação)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
A Política Nacional De Saúde Integral De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais: Um Estudo De Revisão Preliminar	2021	Mestrado Em Serviço Social	Universidade Federal De Juiz De Fora	Ciências Sociais Aplicadas	Sim	Sim
Saúde Integral De Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis E Transexuais No Brasil: Um Estudo À Luz Da Ciência Da Informação	2021	Mestrado Em Ciência Da Informação	Universidade Federal De Alagoas	Ciências Sociais Aplicadas	Sim	Sim
Avaliação Das Estratégias De Recrutamento De Homens Cis Gays, Bissexuais E Outros Homens Que Fazem Sexo Com Homens (Hsh), Travestis E Mulheres Trans Que Fazem Sexo Com Homens Para Prevenção Combinada Do Hiv	2021	Mestrado Profissional Em Pesquisa Clínica	Fundacao Oswaldo Cruz (Fiocruz)	Saúde	Sim	Sim
Nós Que Mudamos, Eles Não”: A Importância Do Suporte Familiar, Da Idade E Do Gênero Na Análise Do Desenvolvimento Da Identidade Sexual E Da Saúde Mental De Lésbicas, Gays E Bissexuais Em Minas Gerais	2021	Doutorado Em Demografia	Universidade Federal De Minas Gerais	Ciências Sociais Aplicadas	Sim	Sim
Feminilidade Líquida: A Escolha De Objeto Não Binária Entre As Adolescentes Contemporâneas	2021	Mestrado Em Psicologia (Psicologia Clínica)	Pontifícia Universidade Católica De São Paulo	Saúde	Sim	Sim
Fronteiras E Travessias: A Influência De Gênero E Sexualidade Na Negociação Subjetiva De Homens Bissexuais	2021	Mestrado Em Sociologia	Universidade Federal Do Paraná	Ciências Humanas	Sim	Sim
Militância Enquanto Convite Ao Diálogo: O Caso Da Militância Monodissidente	2021	Mestrado Em Psicologia (Psicologia Experimental)	Universidade De São Paulo	Ciências Humanas	Sim	Sim
Caracterização Da Binegatividade Na Comunidade Lgbti+	2021	Mestrado Em Análise Do Comportamento	Universidade Estadual De Londrina	Saúde	Sim	Sim

**APÊNDICE D - TABELA DA PESQUISA EXPLORATÓRIA NO PORTAL DA
CAPES, 2022**

(conclusão)

Título	Ano	Programa	Universidade	Grande Área	Título, Resumo E Palavras-Chave	Direcionamento Em Bissexualidade
Tecendo Identidades Nas Fronteiras: O Vestir Em Narrativas De Mulheres Bissexuais	2021	Mestrado Em Psicologia (Psicologia Social)	Pontifícia Universidade Católica De São Paulo	Ciências Humanas	Sim	Sim
Somos De Todas As Cores: Narrativas De Acesso A Saúde De Mulheres Lésbicas, Bissexuais E Homens Transexuais	2021	Mestrado Profissional Em Saúde Da Família	Universidade Federal De Ouro Preto	Saúde	Sim	Sim
Quem Cuida Da Criança Viada? Uma Análise Dos Currículos Médicos No Âmbito Da Integralidade No Cuidado Em Saúde Da Criança E Do Adolescente Cisgêneros Do Sexo Masculino Na Construção Da Sua Homossexualidade E Bissexualidade	2021	Mestrado Em Saúde Coletiva	Universidade Federal Fluminense	Saúde	Sim	Sim
Inseminação Caseira (Ic): Reflexões Sobre Saúde Reprodutiva Da Mulher Cis Lésbica E Bissexual No Brasil!	2021	Mestrado Em Saúde Coletiva	Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro	Saúde	Sim	Sim
Abandono De Profilaxia Pré-Exposição De Hiv (Prep) Entre Homens Gays, Bissexuais, Demais Homens E Travestis/Mulheres Trans Que Fazem Sexo Com Homens No Período Entre 2014 E 2020	2022	Mestrado Em Pesquisa Clínica Em Doenças Infecciosas	Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)	Saúde	Sim	Sim
Abandono De Profilaxia Pré-Exposição De Hiv (Prep) Entre Homens Gays, Bissexuais, Demais Homens E Travestis/Mulheres Trans Que Fazem Sexo Com Homens No Período Entre 2014 E 2020	2022	Mestrado Em Pesquisa Clínica Em Doenças Infecciosas	Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)	Saúde	Sim	Sim

ANEXO A - AUTORIZAÇÃO PADRÃO ASSINADA PELOS ENTREVISTADOS**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO****TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO DE ENTREVISTA COM IDENTIFICAÇÃO**

Eu, _____, portador(a) da cédula de identidade nº _____, autorizo registro, uso e publicação da entrevista concedida para a pesquisa BISSEXUALIDADE EM PAUTA: CAMINHOS PARA PRÁTICAS JORNALÍSTICAS MONODISSIDENTES, com a devida identificação da minha pessoa.

Eu, Jessica Danielle de Carvalho, portador do RG nº 10.567.767-7, recebo a autorização para armazenar, utilizar e publicar a entrevista acima citada e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a entrevista do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, _____ de _____ de 20____.

Autorizante

ANEXO B - REPORTAGENS MENCIONADAS NO CAPÍTULO 5

14/04/2024, 22:30

Ser bissexual é uma tendência para o futuro? - Estadão

Buscar...

ASSINE ESTADÃO Notícia ⓘ Estadão / [Comportamento](#)

Ser bissexual é uma tendência para o futuro?

É comum que pessoas que sentem atração por mais de um sexo sejam vistas como 'indecisas' e 'libidinosas'

PUBLICIDADE

Por Anita Efraim

03/06/2016 | 15h38 Atualização: 19/08/2023 | 02h04



ATUALIZAMOS NOSSA POLÍTICA DE COOKIES

Nós utilizamos cookies e outras tecnologias semelhantes para melhorar sua experiência em nossos serviços, personalizar nossa publicidade e recomendar conteúdo de seu interesse.

Ao utilizar nossos serviços, você aceita a política de monitoramento de cookies. Para mais informações, consulte nossa [Política de cookies](#).

CIENTE

prepara melhor para seus desafios

R\$ 1,70 / MÊS



É comum que os bissexuais se sintam pouco representados dentro da comunidade LGBT Foto: Creative Commons

A bissexualidade é um tema que está cada vez mais em pauta e isso se deve ao fato de que o número de pessoas que se identifica com essa sexualidade aumentou. De acordo com uma pesquisa feita pela J. Walter Thompson, 65% da geração Y (pessoas entre 21 e 30 anos) se identifica como heterossexual, contra 48% da geração Z (13 e 20 anos). A porcentagem de homossexuais continuou a mesma (6%). A mudança está no número de pessoas que afirmam ter algum grau de bissexualidade. Será que essa é uma tendência para o futuro?

"A bissexualidade, enquanto desejo e comportamento sexuais com pessoas independente do sexo genital é comum em toda a história do ser humano. Graus intermediários e diferentes de bissexualidade já foram demonstrados em pesquisas das décadas de 1930 e 1940, embora muitos tendam a deixar estes conhecimentos históricos de lado", explica o psicólogo Oswaldo Rodrigues Jr., diretor do Instituto Paulista de Sexualidade.

Com informação em dia você se prepara melhor para seus desafios

**6 MESES POR
R\$1,90/MÊS**

"Um dos fatores coerentes com este aumento é a percepção de que se pode ou até se deve experimentar mais as vivências sexuais, portanto, muitos podem se encontrar num rótulo bissexual neste momento, porém, podem mudar daqui a 5 ou 10 anos", opina. Na pesquisa, 60% dos entrevistados da geração Z acham que as pessoas exploram mais sua sexualidade hoje, 7% a mais do que a geração Y.

Na opinião do psicólogo, "não se trata de uma mudança de comportamento das mesmas pessoas, mas de grupos etários diferentes, que estiveram expostos a formas diferentes de informações e conceitos".

Preconceito. A estudante Cláudia Piazza Costa, 21 anos, é bissexual e afirma que existem duas grandes vertentes de intolerância com essa sexualidade: serem indecisos e libidinosos.

"Por alguns anos, ainda ouvi: 'você já decidiu se gosta de homens ou mulheres?'. Não era uma pergunta feita na malícia, ou pra me machucar necessariamente. Era apenas que eles [amigos e família] não entendiam direito a bissexualidade. Hoje entendem e aceitam tranquilamente e não temos mais problemas com isso", relata.

PUBLICIDADE

Com informação em dia você se
prepara melhor para seus desafios

**6 MESES POR
R\$1,90/MÊS**

Luiz Filipe Motta, 22 anos, concorda que são os dois aspectos os maiores focos do preconceito com bissexuais. "Sempre me pergunto: a quem diz respeito, além de mim, se eu for sexualmente indeciso ou tiver muitos parceiros? Por que é algo visto como ruim? Como afeta quem não se relaciona sexualmente comigo, a não ser atingindo o âmago dos seus preconceitos, ou reforçando-os? Eu acho que é direito de cada um ser como é, e não vou deixar de ser quem sou só para contrariar um clichê criado por gente preconceituosa."

Sobre a falsa ideia de que bissexuais são pessoas indecisas, o psicólogo é incisivo: "Não é uma fase de transição. Nunca foi. E para os que se identificam assim nunca será uma transição. O bissexual não é um homossexual que não saiu do armário. O bissexual é bissexual."

Descoberta e aceitação. Tanto para Cláudia quanto para Luiz Filipe a descoberta da bissexualidade aconteceu de forma natural. "Acredito que me descobri bissexual mesmo quando passei a conhecer mais sobre o movimento e entender minha própria sexualidade - até porque antes da adolescência, não pensava nisso. Eu só era bem aberta em falar quem eu achava que era bonito, mesmo que fosse uma menina", relembra a estudante.

Com informação em dia você se
prepara melhor para seus desafios

6 MESES POR
R\$1,90/MÊS

uma amiga, decidi que era hora de provar um beijo e ver o que eu sentia 'ao vivo'. E não deu outra: gostei desse outro lado", relata.

Há uma diferença entre a percepção da bissexualidade entre homens e mulheres. Cláudia nota que há mais mulheres que se assumem do que homens, e que isso acontece por causa do machismo. "Homens bissexuais frequentemente são lidos como 'gays enrustidos', que não querem assumir que são gays e usam a bissexualidade para se esconderem, ao contrário de mulheres que são lidas como aventureiras e que estão passando por uma fase antes de se casarem com um homem", interpreta.

"É como se, ao beijar outro homem, o homem perdesse a masculinidade, que é encarada por uma fatia da sociedade como algo essencial para se gostar de mulheres (a mesma fatia que restringe sua percepção de lésbicas às masculinizadas). Então, há um certo confinamento dos bissexuais", complementa Luiz Filipe.

Representatividade. É comum que os bissexuais se sintam pouco representados dentro da comunidade LGBT. Oswaldo afirma que eles ainda se sentem excluídos, especialmente por causa das acusações de serem "indecisos". Luiz Filipe concorda com a análise e diz que quem se identifica com essa sexualidade é, no máximo, abrigado.

PUBLICIDADE

Com informação em dia você se prepara melhor para seus desafios

**6 MESES POR
R\$1,90/MÊS**

"Representação inclui criar ídolos de fácil identificação, inclui tornar uma possibilidade, inclui buscar segurança social para essas pessoas, inclui correr atrás de políticas específicas para esse público e, principalmente, incluir ter valores que sejam saudáveis para esse grupo. E nada disso tem sido interesse da comunidade LGBT, já há muitos anos", opina.

Futuro. Para Cláudia, o movimento para o futuro é que os rótulos de sexualidade deixarão de ser necessários. "No fim, acredito que a liberdade é a sexualidade do futuro, onde todos serão como querem, terão as experiências que querem e não serão julgados e reprimidos por isso", diz.

Luiz Filipe acredita que, no futuro, a tendência é assumir a própria bissexualidade. "A medida que vamos tendo círculos mais amistosos aos 'bis', onde as consequências sociais sejam amenizadas em meio a uma recepção mais amorosa, e principalmente à medida que os 'bis' vão se empoderando e se assumindo e, com isso, ganhando representatividade, acho que mais 'bis' tenderão a se assumir e batalhar para viver sua vida e sua orientação sexual de forma digna e completa."

Com informação em dia você se prepara melhor para seus desafios

6 MESES POR
R\$1,90/MÊS

ASSINE ESTADÃO

	após cancelar show em festa de Lua; entenda
	Beatriz eliminada do BBB 24: saiba quanto a sister faturou no reality
	Klara Castanho na Dança dos Famosos: como foi apresentação no reality do Domingão com Huck

Artistas que se assumiram bissexuais

1 / 6



Com informação em dia você se prepara melhor para seus desafios

6 MESES POR R\$1,90/MÊS

14/04/2024, 22:42

Bissexuais usam cannabis com mais frequência para lidar com adversidades, diz estudo | CNN Brasil

[Ao vivo](#) [Política](#) [Economia](#) [Esportes](#) [Pop](#) [Viagem & Gastronomia](#)

Bissexuais usam cannabis com mais frequência para lidar com adversidades, diz estudo

Pessoas que estão em grupos de minorias sexuais enfrentam estresse adicional, apontam pesquisadores



Estudo norte-americano examina quantitativamente os motivos para o uso de cannabis entre minorias sexuais
Foto: Sudheir Kumar/Pixabay

Lucas Rocha, da CNN
em São Paulo

24/01/2023 às 11:33

Compartilhe:



ouvir notícia

0:00 1.0x



Ao vivo Política Economia Esportes Pop Viagem & Gastronomia



Um estudo recente realizado nos [Estados Unidos](#) examina quantitativamente os motivos para o uso de cannabis entre minorias sexuais. Liderados por psicólogos da Washington State University, os especialistas analisaram dados de pesquisa de quase 4.700 estudantes universitários de todo o país. Dos participantes, 23% foram classificados como bissexuais após indicarem que não se sentiam atraídos exclusivamente por apenas um gênero.

“O grupo classificado como bissexual foi mais propenso a relatar o uso de cannabis para lidar com adversidades, o que é um pouco surpreendente”, disse Kyle Schofield, primeiro autor do [estudo](#) publicado na revista científica Cannabis and Cannabinoid Research. “O motivo de enfrentamento foi menos surpreendente porque também vimos que o grupo classificado como bissexual relatou níveis mais altos de todos os problemas de saúde mental que analisamos no estudo”.

O grupo bissexual relatou níveis mais altos de transtorno por uso de cannabis, [ansiedade social](#), ansiedade generalizada, depressão e tendências suicidas do que os grupos classificados como exclusivamente “heteros” ou “gays” – achados que estão de acordo com pesquisas anteriores.

“Pessoas que estão em grupos de minorias sexuais não apenas enfrentam o [estresse](#) normal da vida, mas também uma coluna adicional de estresse relacionada a ser uma minoria sexual”, disse Schofield. “Para pessoas bissexuais, pode haver ainda mais tipos diferentes de estresse, uma vez que podem enfrentar discriminação de comunidades gays e heterossexuais, e estresse adicional pode levar a resultados negativos de saúde mental”, completa.

14/04/2024, 22:42

Bissexuais usam cannabis com mais frequência para lidar com adversidades, diz estudo | CNN Brasil



Ao vivo Política Economia Esportes Pop Viagem & Gastronomia

Leia mais



Direito à vida da população invisibilizada é demanda urgente, diz especialista



CNN no Plural+: Invisível aos olhos da própria comunidade



Justiça de Minas concede direito ao tratamento com canabidiol de criança com epilepsia

Para os autores, os resultados do estudo podem ajudar a melhorar as intervenções de [saúde mental](#) para indivíduos bissexuais. Para este estudo, Schofield trabalhou com a professora Carrie Cuttler para analisar dados de arquivo de uma pesquisa da Addictions Research Team, que combina grupos de participantes de 10 universidades nos EUA.

Os pesquisadores se concentraram em entrevistados com idades entre 18 e 30 anos. Eles se basearam em uma pergunta que pedia aos participantes que classificassem sua atração por [gênero](#) em uma escala, agrupando aqueles que relataram ser “principalmente heterossexuais” e “principalmente homossexuais” como bissexuais junto com aqueles que reivindicaram os dois tipos de atração. Isso resultou em 3.483 que estavam no grupo “hetero”, outros 1.081 no



Ao vivo Política Economia Esportes Pop Viagem & Gastronomia

desenvolvida para o álcool, para avaliar cinco possíveis razões para o uso: aprimoramento, conformidade, expansão, enfrentamento e sociabilidade. Embora alguns dos motivos, como enfrentamento, tenham questões negativas associadas a eles, o aprimoramento não.

Embora o estudo não pudesse dar uma razão para esse motivo ser tão forte no grupo bissexual, Cuttler especulou que poderia ter a relação com estar aberto a novas experiências.

“O aprimoramento é expandir a própria consciência, ser mais aberto à experiência e mais criativo, então talvez tudo isso tenha relação”, disse Cuttler, professor assistente de psicologia e autor sênior do estudo.

A partir desta amostra, os pesquisadores também identificaram que as pessoas no grupo bissexual não eram apenas mais propensas a relatar o uso de cannabis e usá-la com mais frequência, mas também eram mais propensas a usar todos os três tipos de cannabis listados na pesquisa: flor, comestíveis e concentrados.

Para o pesquisador, os achados são preocupantes porque os concentrados normalmente contêm um nível mais alto de THC ou tetrahydrocannabinol, o componente psicoativo da cannabis.

Os autores reconheceram que o estudo foi limitado pelo uso de dados de atração sexual em vez de identidade sexual, mas esperam que os resultados estimulassem novas investigações. Os autores também observaram que tinham poder limitado para detectar diferenças no grupo classificado como gay, dado o tamanho relativamente pequeno do grupo avaliado.

“Espero que esta pesquisa ajude a instigar futuros estudos em larga escala, onde as pessoas possam se identificar como [gays](#), bissexuais ou heterossexuais, bem como aqueles com grandes amostras de outros grupos menos estudados, como indivíduos transgêneros e não-binários”, disse Cutler.

Tópicos

Ansiedade Bissexualidade Cannabis Comportamento Estados Unidos Estresse
Estudos EUA Gênero LGBTQIA+ Maconha Psicologia Relacionamentos
Saúde Saúde mental Sexualidade Sociedade

Compartilhe:



Bissexuais namoram menos pessoas do mesmo gênero do que outros LGBT+

Relatório de namoro LGBTQIAPN+ do aplicativo de namoro Hinge ouviu mais de 14 mil pessoas da comunidade em novembro de 2022



Home > Queer > Bissexuais namoram menos pessoas do mesmo gênero do que outros LGBT+

Por **IG Queer** | 02/02/2023 15:26 - Atualizada às 03/02/2023 17:19

O IG utiliza cookies e outras tecnologias semelhantes para melhorar a sua experiência em nossos serviços, personalizar publicidade e recomendar conteúdo de seu interesse. Ao utilizar nossos serviços, você concorda com tal monitoramento. Confira nossa [Política de Privacidade](#) e [Termos de Uso](#).

Continuar

14/04/2024, 22:32

Bissexuais namoram menos pessoas do mesmo gênero do que outros LGBT+



Pexels/Tim Samuel

Relatório aponta que bis têm três vezes mais chances de nunca terem tido um namoro queer.

Bissexuais têm três vezes mais chances de nunca terem tido uma experiência de namoro queer do que outros membros da comunidade LGBTQIAPN+, segundo o primeiro relatório de namoro LGBT+ do Hinge, um aplicativo de relacionamento.

Os pesquisadores do software atribuíram o resultado parcialmente à [bifobia](#). Mais de duas em 10 (21%) das pessoas bissexuais que responderam à pesquisa afirmaram que nunca tiveram uma experiência de namoro queer por não terem se assumido para a família e/ou amigos.

“Passei boa parte da minha vida sentindo vergonha e culpa em relação ao tema da sexualidade, e não quero deixar que isso afete minhas escolhas de namoro no futuro”, disse o músico Grant Knoche ao Gay Times. “Ter minha sexualidade ‘visível’ no meu perfil me ajuda e evita possíveis confusões em meus encontros.”

O músico ainda contou que deixar a informação sobre sua sexualidade de forma clara nos [aplicativos de relacionamento](#) pode, às vezes, dificultar possíveis conexões, mas ele prefere manter dessa forma porque “gera confiança no início do relacionamento”, o que ele considera ser “super importante.”

“Colocar tudo na mesa significa que estou me conectando com alguém que realmente me entende e quer estar comigo por completo”, diz.

Outros dados

A pe
aplic
rom

O aplicativo utiliza cookies e outras tecnologias semelhantes para melhorar a sua experiência em nossos serviços, personalizar publicidade e recomendar conteúdo de seu interesse. Ao utilizar nossos serviços, você concorda com tal monitoramento. Confira nossa [Política de Privacidade](#) e [Termos de Uso](#).

No entanto, a grande maioria (80%) dos LGBTQ+ do aplicativo estão abertos a ser a primeira experiência de namoro queer de al

provavelmente apresentam

14/04/2024, 22:32

Bissexuais namoram menos pessoas do mesmo gênero do que outros LGBT+

para o sucesso. Oferecemos ainda dicas para que essas pessoas melhorem suas experiências de namoro já neste ano que se inicia”, disse Justin McLeod, CEO da Hinge.

A equipe de pesquisadores do aplicativo e especialistas em namoro realizaram pesquisas em novembro de 2022, com mais de 14.000 entrevistados da comunidade LGBTQIAPN+ para compor o relatório.

Leia também

- 1 Ex-Malhação se assume como pessoa trans não-binária e adota novo nome
- 2 Casal gay faz ensaio fotográfico com camisa de time e sofre homofobia
- 3 'Perder um parceiro em relações LGBT é mais intenso', aponta psicóloga

Agora você pode acompanhar o iG Queer também no Telegram! [Clique aqui](#) para entrar no grupo. Siga também o [perfil geral do Portal iG](#).

bissexualidade bissexual namoro namoro queer LGBT namoro LGBT bifobia

MAIS RECENTES



Dia do Beijo: 5 beijos LGBTQIA+ que marcaram história no audiovisual



Hopi Pride Festival: Pablo Vittar anuncia turnê do Batidão Tropical 2



Influencer revela escola exclusiva para pessoas trans na Argentina

COMENTÁRIOS

[Clique aqui e deixe seu comentário!](#)

O iG utiliza cookies e outras tecnologias semelhantes para melhorar a sua experiência em nossos serviços, personalizar publicidade e recomendar conteúdo de seu interesse. Ao utilizar nossos serviços, você concorda com tal monitoramento. Confira nossa [Política de Privacidade](#) e [Termos de Uso](#).